Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

**REPRESENTAÇÃO, PALAVRA E PERSUAÇÃO:
O DISCURSO RELIGIOSO DA IGREJA APOSTÓLICA RENASCER EM CRISTO**

MÁRCIA SELIVON

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, na área de Filologia e Língua Portuguesa, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lineide do Lago Salvador Mosca

VERSÃO REVISADA

**São Paulo
2015**

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

**REPRESENTAÇÃO, PALAVRA E PERSUAÇÃO:
O DISCURSO RELIGIOSO DA IGREJA APOSTÓLICA RENASCER EM CRISTO**

MÁRCIA SELIVON

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, na área de Filologia e Língua Portuguesa, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lineide do Lago Salvador Mosca

VERSÃO REVISADA

São Paulo

2015

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Dr^a Lineide do Lago Salvador Mosca

Universidade de São Paulo

Assinatura:_____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

São Paulo, _____

À minha mãe, Deise, singelo sorriso

(in memoriam)

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Lineide do Lago Salvador Mosca, presença afável e competente, pelas enriquecedoras contribuições para a minha formação pessoal e profissional.

Ao Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos e à Profa. Dra. Marisa Grigoletto pelas valiosas sugestões no Exame de Qualificação.

À Banca Examinadora, pela colaboração em meus estudos acadêmicos.

Aos professores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), pelo conhecimento partilhado durante a graduação e a pós-graduação.

Aos colegas do GERAR (Grupo de Estudos de Retórica e Argumentação), pelo convívio e pelo diálogo constante.

Aos meus alunos, em especial Camila, pela comunhão de ideias.

Aos meus amigos Ary, Magda, Osmar, em especial Thereza Cristina, pela paciência e pelo apoio.

Aos familiares, em especial Denise, Júlia e Victor, pelo aconchego.

Aos meus pais, Deise e Paulo, pela vida.

No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas. E Deus disse: Exista a luz. E a luz existiu.

(Gênesis 1:1-3)

RESUMO

Surgem, no contexto da sociedade brasileira atual, várias denominações religiosas que disputam a adesão do indivíduo, adequando sua mensagem aos diversos grupos sociais. Considera-se que o escopo da argumentação é reforçar crenças e valores presentes em um indivíduo ou em um grupo específico para agir sobre o outro, provocando uma mudança de atitude. Nesta pesquisa, o *corpus* de análise será composto por textos de vários gêneros extraídos de *sítes* institucionais da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, no período de 2011 a 2014, a fim de mostrar como, por meio da palavra profética, tanto o líder religioso quanto seus seguidores adquirem autoridade para plasmar realidades. Assim como esse discurso religioso adapta-se a diferentes gêneros, verifica-se que o *ethos* institucional da Igreja adapta-se a diferentes contextos. Além desse *corpus* específico, serão selecionados alguns textos relacionados a outras instituições religiosas neopentecostais, inserindo o estudo em um cenário mais amplo. Para tanto, a pesquisa será fundamentada nas teorias da Retórica e da Nova Retórica, com contribuições das teorias discursivas e pragmáticas. Com este trabalho, espera-se compreender melhor o processo argumentativo do discurso religioso neopentecostal e apontar caminhos para o avanço do caráter interdisciplinar dos estudos discursivos e retóricos.

Palavras-chave: Retórica/argumentação. Gêneros. *Ethos*. Neopentecostal. Profetizar.

ABSTRACT

In the context of the current Brazilian society, many religious denominations that compete for individuals' adherence arise, adjusting their message to diverse social groups. It is considered that the scope of argumentation is to reinforce beliefs and values existing in an individual or in a specific group to act upon the other, causing a change in attitude. In this research, the *corpus* for analysis will be composed of texts from varied genres taken from institutional websites by "Reborn in Christ" Apostolic Church, from 2011 to 2014, in order to show how, through the Prophetic Word, the religious leader and his followers acquire authority to shape realities. As this religious discourse adjusts to different genres, it is verified that the institutional *ethos* of the Church adjusts to different contexts. Alongside this specific *corpus*, a few texts related to other Neo-Pentecostal religious institutions will be selected, inserting this study in a broader scenario. In order to do so, this research will be founded on Rhetoric and New Rhetoric theories, with contributions from discursive and pragmatic theories. With this work, a better understanding of the neo-Pentecostal religious discourse argumentative process and the possibility of suggesting ways for the advance of the interdisciplinary character of the discursive and rhetoric studies are expected.

Keywords: Rhetoric/argumentation. Genres. Ethos. Neo-Pentecostal. Prophecy.

RÉSUMÉ

Il survient, dans le contexte de la société brésilienne actuelle, plusieurs dénominations religieuses qui disputent l'adhésion de l'individu, en aménageant son message adressé aux divers groupes sociaux. On considère que le scope de cette argumentation consiste à renforcer les croyances et valeurs présentes chez un individu ou un groupe spécifique pour agir ensuite l'un sur l'autre, en provoquant un changement d'attitude. Dans la présente recherche le *corpus* de l'analyse sera composé par des textes de plusieurs genres, extraits de sites institutionnels de l'*Église apostolique renaissance en Christ* dans la période de 2011 à 2014, afin de démontrer comment le leader religieux, aussi bien que ses disciples, acquièrent l'autorité pour mouler des réalités possibles, à travers la parole prophétique. Ainsi comme ce discours religieux s'adapte aux différents genres, on constate que le *ethos* institutionnel de l'*Église* s'adapte, lui aussi, aux différents contextes. D'outre ce *corpus* spécifique, seront encore sélectionnés quelques textes ayant rapport à d'autres institutions religieuses néopentecôtistes, en insérant l'étude dans un scénario plus vaste. Pour ce faire, la recherche sera fondée sur les théories de la *Rhétorique* et de la *Nouvelle rhétorique*, avec quelques contributions issues des théories discursives et pragmatiques. Avec ce travail l'auteur attend qu'on puisse mieux comprendre le processus argumentatif du discours religieux néopentecôtiste et déceler les chemins pour le développement du caractère interdisciplinaire des études discursives et rhétoriques.

Mots-clés: Rhétorique/argumentation. Genres. Ethos. Néopentecôtiste. Prophétiser.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	p.114
Imagem 2	p.115
Imagem 3	p.119
Imagem 4	p.125
Imagem 5	p.128
Imagem 6	p.131
Imagem 7	p.132
Imagem 8	p.137
Imagem 9	p.142
Imagem 10	p.143
Imagem 11	p.143
Imagem 12	p.144
Imagem 13	p.145
Imagem 14	p.146
Imagem 15	p.149
Imagem 16	p.152

LISTA DE IMAGENS

Imagem 17	p.153
Imagem 18	p.154
Imagem 19	p.157
Imagem 20	p.160
Imagem 21	p.177
Imagem 22	p.198
Imagem 23	p.199
Imagem 24	p.200
Imagem 25	p.202
Imagem 26	p.211
Imagem 27	p.214
Imagem 28	p.215
Imagem 29	p.216
Imagem 30	p.218
Imagem 31	p.219

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p.14
CAPÍTULO I – CONTEXTO RELIGIOSO PENTECOSTAL	p.29
1.1 O surgimento do pentecostalismo	p.29
1.1.1 O pentecostalismo na Inglaterra	p.30
1.1.2 O pentecostalismo nos Estados Unidos	p.31
1.1.3 O pentecostalismo no Brasil	p.36
1.2 A Igreja Apostólica Renascer em Cristo	p.44
CAPÍTULO II – O PERCURSO DA RETÓRICA E CONEXÕES COM OS ESTUDOS DISCURSIVOS	p.59
2.1 As origens da Retórica	p.59
2.2 A nova Retórica e os estudos argumentativos na atualidade	p.73
2.3 Os estudos discursivos e as teorias pragmáticas	p.81
2.4 Gêneros discursivos retóricos	p.88
2.4.1 Gênero epidítico	p.89
2.4.2 Gênero deliberativo	p.91
2.4.3 Gênero judiciário	p.92
2.5 Os gêneros na atualidade	p.93
2.6 A Retórica e o discurso religioso	p.96
CAPÍTULO III- O discurso da IARC	p.103
3.1 Análise dos textos do site oficial da IARC	p.103
3.1.1 Bênçãos apostólicas de dezembro	p.103
3.1.2 Profetiza: gravação do Renascer Praise	p.108
3.1.3 Bispa Sônia fala sobre o desafio de ser mãe	p.111
3.1.4 “Na Páscoa, seja a ressurreição”	p.116
3.1.5 Fiéis marcham para Jesus com pedidos de oração nos pés	p.122

3.1.6 Conheça o novo livro do Apóstolo Estevam Hernandes	p.128
3.1.7 O poder da palavra quebra a infantilidade	p.133
3.1.8 Aniversário do Apóstolo é comemorado com muita festa	p.140
3.1.9 Igreja Renascer realiza culto para empresários	p.147
3.1.10 Vigília nacional de O2 Renascer reúne milhares de jovens	p.152
3.1.11 Ceia Apostólica	p.157
3.2 O poder das palavras e a visão profética	p.167
3.3 A reversibilidade do discurso religioso	p.180
3.4 a relação de reversibilidade no discurso religioso Neopentecostal	p.187
3.5 O ethos da Igreja Apostólica Renascer em Cristo	p.191
3.6 Ethos institucional e mídia	p.195
3.7 Ethos institucional e internet	p.199
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.218
BIBLIOGRAFIA	p.225
ANEXO A – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO – NURC	p.237

INTRODUÇÃO

A partir da leitura do livro *Templo, Praça, Coração*, comecei a refletir sobre o contexto social das religiões no Brasil. Conforme já apontado em minha dissertação de Mestrado, este foi o trecho que mais chamou minha atenção: “Crer tornou-se uma questão de opinião” (BENEDETTI, 2000, p.14).

Considerando o contexto religioso brasileiro, optei por estudar o discurso da Igreja Apostólica Renascer em Cristo (IARC), por se tratar de uma comunidade religiosa que apresentava cada vez mais visibilidade, até mesmo em virtude de algumas denúncias na mídia.

Durante o Mestrado, o *corpus* analisado foi composto pela transcrição de dois cultos realizados em maio e junho de 2002, após terem sido divulgadas irregularidades da Igreja Renascer em Cristo (denominada “neopentecostal”), apuradas por uma jornalista da revista *Época*. A dissertação de Mestrado estudou, no contexto religioso brasileiro, os valores que subjazem ao discurso da IARC, verificando algumas estratégias argumentativas. A elaboração desse trabalho fundamentou-se nas teorias retórico-argumentativas e nas teorias sêmio-discursivas.

Nessa perspectiva, são bem pertinentes as reflexões de Carranza a respeito desse cenário religioso:

Forma parte desse quadro histórico a expansão de uma nova faceta do pentecostalismo, que, independentemente do pentecostalismo tradicional de migração, proliferou por toda América Latina, com apoio econômico de grupos políticos de corte conservador dos EUA. Acompanhando os processos de acelerada urbanização e industrialização, os movimentos migratórios do campo para a cidade e a formação da sociedade de massas, esse pentecostalismo introduziu outras formas de relacionamento com as esferas política, econômica e cultural dos países em “vias de desenvolvimento”. Diferente do catolicismo-ibérico, essa expressão religiosa consolidou diversos modos de intervenção nos modelos de transformação social, especificamente na maneira como se utilizaram dos meios de comunicação de massa, ganhando a denominação de “igrejas eletrônicas”. Deve-se a elas, por seu fervor proselitista e sua ofensiva maciça de expansão, um traço decisivo no redesenho da paisagem religiosa do Brasil, na segunda metade do século XX (CARRANZA, 2011, p.34).

Há um crescente interesse nesse campo de estudo e se nota, cada vez mais, a presença das igrejas pentecostais e neopentecostais no cenário nacional. Observa-se a grande quantidade de políticos relacionados a essas instituições por todo o Brasil, por exemplo, os cargos no Legislativo ocupados por pastores e bispos - a conhecida bancada evangélica.

É notória também a participação do setor evangélico na disputa das eleições, por exemplo, o candidato a governador do Rio de Janeiro, Bispo Crivella, e o Pastor Everaldo (PSC), candidato ao cargo de presidente da República. Destaca-se a relação entre a candidata a presidente da república, Marina Silva (PSB) e os evangélicos, muito explorada pela mídia, como se constata por meio de notícia veiculada pelo *O Estado de S. Paulo online*¹

Se o 2.º turno da eleição fosse hoje, Marina Silva (PSB) seria eleita presidente graças, sobretudo, ao voto dos eleitores evangélicos. É o que revela a pesquisa Ibope, divulgada pelo jornal O Estado de S. Paulo.

Há empate técnico entre Marina e Dilma Rousseff, candidata do PT à reeleição, entre os católicos: 42% a 40%, respectivamente, na simulação de 2.º turno. A diferença de dois pontos está dentro da margem de erro. Ou seja, apesar de serem o maior contingente do eleitorado (63%), os católicos teriam impacto quase insignificante no resultado da eleição, pois dilmistas católicos anulariam marinistas da mesma fé.

O voto decisivo seria dos evangélicos. Com 22% do eleitorado, eles têm praticamente o dobro de preferência por Marina. Na média, 53% dos eleitores pentecostais, de missão e de outras denominações evangélicas declaram voto na candidata do PSB, ante apenas 27% que dizem preferir a atual presidente.

Os 15% de eleitores que não são católicos nem evangélicos (ateus, agnósticos, outras religiões) também pendem mais para o lado de Marina. Mas, além de terem um peso menor, a distância que separa Dilma da sua principal adversária é menor entre eles: 27% a 45%. É um grupo heterogêneo e, entre eles, não há líderes com a influência de pastores e bispos entre os evangélicos.

¹ Notícia extraída do jornal *O Estado de S. Paulo online* em 28 de agosto de 2014. Acesso em: 12.out. 2014.

Não é novidade a preferência do eleitorado evangélico por Marina. Em 2010, Dilma não venceu no 1º turno por causa de campanha movida por pastores e seguida por padres. O motivo: a hipotética defesa da legalização do aborto pela petista. A maior parte dos eleitores que abandonaram Dilma migrou para Marina, dobrando seu eleitorado na reta final.

Dilma negou defender o aborto, mas não adiantou. Só foi recuperar parte dos eleitores evangélicos quando se revelou que a mulher de seu adversário no 2.º turno, José Serra (PSDB), fizera um aborto quando jovem.

[...]

A candidata do PSB trocou a Igreja Católica pela Assembleia de Deus em 1997. Ela costuma evitar a mistura religião e política no seu discurso, mas às vezes derrapa. Questionada no Jornal Nacional sobre seu fraco desempenho eleitoral no Estado de origem, o Acre, Marina disse: "Ninguém é profeta em sua própria terra"².

Os nove partidos da coligação de Dilma criaram um comitê específico para a aproximação com os evangélicos. Em julho de 2014, Aécio Neves reuniu-se com o pastor José Wellington Bezerra da Costa, presidente da Convenção-Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Outros líderes evangélicos reuniram-se em torno da candidatura do pastor Everaldo Dias Ferreira (PSC), explicitamente contra a descriminalização do aborto, defensor da redução da maioria penal e contra a união civil entre casais do mesmo sexo. Silas Malafaia (líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo) atuou como cabo eleitoral do pastor Everaldo, utilizando bastante as redes sociais para influenciar os eleitores.

Durante o culto de inauguração do Templo de Salomão, construído pela Igreja Universal do Reino de Deus, a presidenta Dilma Rousseff chegou acompanhada de

² A candidata Marina Silva faz uma alusão ao trecho bíblico, para justificar seu fraco desempenho político no Acre: "Jesus saiu dali e foi para a sua cidade, acompanhado dos seus discípulos. Quando chegou o sábado, começou a ensinar na sinagoga, e muitos dos que o ouviam ficavam admirados. De onde lhe vêm estas coisas? perguntavam eles. Que sabedoria é esta que lhe foi dada? E estes milagres que ele faz? Não é este o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, José, Judas e Simão? Não estão aqui conosco as suas irmãs? E ficavam escandalizados por causa dele. Jesus lhes disse: Só em sua própria terra, entre seus parentes e em sua própria casa, é que um profeta não tem honra. E não pôde fazer ali nenhum milagre, exceto impor as mãos sobre alguns doentes e curá-los. E ficou admirado com a incredulidade deles. Então Jesus passou a percorrer os povoados, ensinando". (Marcos 6:1-6).

seu vice, Michel Temer, e do ministro da Casa Civil, Aloizio Mercadante. O governador paulista Geraldo Alckmin, do PSDB, e o vice-presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia, do PT, também estiveram presentes nesse culto religioso.

Entrevistado a respeito da liberação do dia da “Marcha para Jesus”, Bispo Geraldo Tenuta (Bispo Gê) aponta claramente as relações entre pentecostais e política. O bispo pertence à IARC e já foi deputado estadual e deputado federal:

Começou por meio do ministro da Pesca, Marcelo Crivella. O processo ficou tramitando por dois anos e meio no Senado. O ministro Marcelo Crivella me escolheu como relator do projeto na Câmara dos Deputados. Graças a Deus, em dois meses e meio, eu consegui que fosse feita a aprovação do projeto. Logo em seguida, ele foi levado para a Casa Civil, para o governo, e o Lula, presidente na época, sancionou o projeto e hoje ele é lei. [...] É uma grande conquista para nós que somos evangélicos, porque por muito tempo nós fomos discriminados e perseguidos. A data, por ser federal, já abre um precedente pra que outras Marchas sejam realizadas em todos os estados brasileiros e também em todos os municípios. Hoje, se você quiser que haja em um determinado município essa lei, fica mais fácil, pelo fato de que ela já existe em ordem federal. Por exemplo, no estado do Amapá já ocorre a Marcha para Jesus em todas as cidades.³

Romeiro (1995) aponta que, diante da atuação de muitos religiosos na política, deve haver preocupação com a crise na integridade e na ética. Segundo o autor, a CPI do Orçamento em 1993 revelou o comportamento incorreto de muitas organizações e políticos evangélicos. Freston (1994) verificou que há uma forte tendência de um candidato oficializado por uma igreja, uma vez eleito, corromper-se, porque, em muitos casos, a Igreja que lança um candidato próprio busca extrair benefícios dos Estados para seu fortalecimento institucional.

Pode-se verificar, nesse cenário de evidente presença evangélica, a incipiente atuação do ateísmo no Brasil. A Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos

³ Texto disponível em: <www.marchaparajesus.com.br/2013> Acesso em: 12.ago.2014.

(ATEA), que pretende diminuir o preconceito contra ateus⁴, procurou contratar a exibição de painéis na traseira de ônibus urbanos de Porto Alegre e Salvador, mas a veiculação foi recusada. Na capital gaúcha, a alegação para a recusa foi a de que a Legislação municipal veda a divulgação de peças de conteúdo religioso. A seguir, alguns exemplos de frases que apareceriam na traseira dos veículos:

Diga não ao preconceito contra ateus

Charles Chaplin: não acredita em Deus. Adolf Hitler: acredita em Deus

Religião não define caráter

A fé não dá respostas. Só impede perguntas

Por meio dessas frases a ATEA pretende mostrar que o ateísmo e o agnosticismo são caminhos filosóficos viáveis e morais, promover a laicidade do Estado e possibilitar o pensamento crítico e o método científico.

Existem muitos eventos relacionados ao campo religioso, como a anual *Marcha para Jesus*, em São Paulo, idealizada pela Igreja Apostólica Renascer em Cristo. Ainda na cidade de São Paulo, de 3 a 6 de maio de 2012, houve a primeira edição da Feira Literária Internacional Cristã (FLIC), com a participação de 40 editoras que produzem a maior parte das obras lidas pelos evangélicos. Segundo dados da Câmara Brasileira do Livro, a categoria de livros religiosos vem crescendo e foi responsável por 14,7% do faturamento do mercado em 2011. Segundo dados da Associação de Editores Cristãos (ASEC), somente em livros foram vendidos R\$ 479 milhões no ano passado.

Dentre esses livros, destaca-se o sucesso *Ágape*, de autoria do Padre Marcelo Rossi, ícone da Renovação Carismática Católica no Brasil.

⁴ Em novembro de 1985, em debate na Rede Globo de candidatos à prefeitura de São Paulo, o jornalista Boris Casoy perguntou a Fernando Henrique Cardoso (PMDB) se acreditava em Deus. O candidato não se posicionou em relação a isso. Jânio Quadros, candidato do PTB, afirmava que FHC era ateu e essa foi uma das possíveis causas da derrota do concorrente. Em 2007, a presidente Dilma Rousseff afirmou não ter religião, mas durante a campanha à presidência em 2010 declarou ser primeiramente cristã e, em segundo lugar, católica.

Nesse contexto da sociedade brasileira atual, surgem cada vez mais denominações religiosas que disputam a adesão do indivíduo, adequando sua mensagem aos diversos grupos sociais. Além de toda a competição entre as igrejas evangélicas já existentes no Brasil, embora ainda sem caráter oficial, há rumores de que dirigentes da Hillsong Church têm procurado parceiros no Brasil para fundar uma igreja até 2015.

Desde o final dos anos 1990, uma igreja que começou na periferia de Sydney passou a influenciar o louvor em todo o mundo. A igreja tem um relacionamento complicado com a imprensa australiana. O ministério já foi acusado de ser uma “máquina de fazer dinheiro”. Divulgadores da teologia da prosperidade, o livro mais famoso de Brian chama-se “You need more Money”. Tanya Levin, que foi parte da igreja escreveu um “livro denúncia” em 2007, chamado “People in Glass House”, mostrando o que considera os abusos dos líderes da Hillsong. O fato é que o ministério de louvor da Hillsong, que inclui o grupo United, é o grupo evangélico que mais vende CDs e música digital no mundo. [...]

Fundada em 1983 em Sydney pelo casal Brian e Bobbie Houston, o ministério tem hoje igrejas espalhadas em diversos países do mundo como Reino Unido, Ucrânia, Rússia, França, África do Sul, Suécia e muitos outros. [...]

Nos Estados Unidos a igreja de Nova York tem feito muito sucesso atraindo milhares de pessoas a cada culto. Entre a multidão de fiéis da filial novaiorquina está o cantor Justin Bieber que tem procurado ajuda espiritual para vencer seus problemas com drogas e álcool.⁵

No ponto de vista de Mariano, tem havido uma grande mudança no campo religioso brasileiro:

Os dados do Censo 2010 sobre religião confirmam as tendências de transformação do campo religioso brasileiro, mutação que se acelerou a partir da década de 1980, caracterizando-se, principalmente, pelo recrudescimento da queda numérica do catolicismo e pela vertiginosa expansão dos pentecostais e dos sem religião. [...]. De 1980 para cá, portanto, prosperou a diversificação da pertença religiosa e da religiosidade no Brasil, mas se manteve praticamente intocado seu caráter esmagadoramente cristão. (MARIANO, 2013, p.119).

⁵ Disponível em:< www.gospelprime.com.br/hillsong-church-brasil.htm> Acesso em: 22 jul.2014.

Isso indica que muitos não seguem mais a religião de sua família, dissolvendo as fronteiras religiosas. Na visão do ex-papa Bento 16, estamos vivenciando “um supermercado da fé”. Essa diversificação pode ser observada na tabela a seguir:

Tabela de Religiões no Brasil

Religião	Pessoas	%
Católica Apostólica Romana	123.280.172	64,63
Evangélicas	42.275.440	22,16
Sem religião	15.335.510	8,04
Espírita	3.848.876	2,02
Outras religiosidades cristãs	1.461.495	0,77
Testemunhas de Jeová	1.393.208	0,73
Não determinada e múltiplo pertencimento	643.598	0,34
Umbanda e Candomblé	588.797	0,31
Católica Apostólica Brasileira	560.781	0,29
Budismo	243.966	0,13
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	226.509	0,12
Não sabe	196.099	0,10
Novas religiões orientais	155.951	0,08
Católica Ortodoxa	131.571	0,07
Judaísmo	107.329	0,06
Tradições esotéricas	74.013	0,04
Tradições indígenas	63.082	0,03
Espiritualista	61.739	0,03
Sem declaração	45.839	0,02
Islamismo	35.167	0,02
Outras religiosidades	11.306	0,01
Hinduísmo	5.675	0,00

Fonte: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010

As ideias de Bauman sobre a sociedade de consumo corroboram a expressão utilizada por Bento 16.

Se comprar significa esquadrinhar as possibilidades, examinar, tocar, sentir, manusear os bens à mostra, comparando seus custos com o conteúdo da carteira ou com o crédito restante nos cartões de crédito, pondo alguns itens no carrinho e outros de volta às prateleiras – então vamos às compras na rua e em casa, no trabalho e no lazer, acordados e em sonhos. O que quer que façamos e qualquer que seja o nome que atribuamos à nossa atividade, é como ir às compras, uma atividade feita nos padrões de ir às compras. O código em que nossa “política de vida” está inscrito deriva da pragmática do comprar. (BAUMAN, 2001, p.87).

Segundo a *Folha de S.Paulo* (2011),⁶ casos de “religiosos genéricos”, ou seja, aqueles que não se prendem a uma denominação específica, aumentam cada vez mais. Entrevistado na matéria, o pesquisador Ricardo Mariano reconhece que vem ocorrendo aumento de protestantes e pentecostais sem vínculos institucionais, ainda que ele tenha dúvidas da intensidade do crescimento revelado pelo IBGE. Como uma possível causa, ele aponta que a “desinstitucionalização” é resultado do individualismo e da busca de autonomia diante de instituições que exigem elevados custos de seus fiéis. Ainda de acordo com o pesquisador, parte dos evangélicos adota o “*Believing without belonging*” (crer sem pertencer), expressão criada pela socióloga britânica Grace Davie sobre o esvaziamento das igrejas ao mesmo tempo em que se mantêm as crenças religiosas na Europa Ocidental.

O jornal entrevistou Verônica de Oliveira, de 31 anos, batizada na Igreja Católica e assídua frequentadora de missas. Perguntou-lhe por que ela participava também de cultos das igrejas evangélicas “Deus é Amor” e “Nova Vida”. Em resposta ela disse: “Nem sei explicar direito. Acho que Deus é um só”. Acrescentou que, em cada igreja, lhe agrada um aspecto. Na “Deus é Amor”, gosta de “um pastor que fala uma língua meio doida”. Já na “Nova Vida”, aprecia o fato de lerem bastante a Bíblia.

Em seu trabalho sobre as relações entre a mídia e o catolicismo, Carranza analisa a diminuição de fiéis da Igreja Católica, aponta algumas possíveis causas e afirma que

[...] outras podem ser apontadas como responsáveis pelo declínio: as do trânsito religioso questionando para onde migram as percentagens que saem do catolicismo; as dos processos de declaração de exclusividade filial, pois outrora o católico, ao se declarar como tal, não renunciava a outras filiações religiosas, falava-se em dupla pertença; e evidentemente a perda

⁶ Fonte: <www1.folha.uol.com.br/fsp> em 15 de agosto de 2011. Acesso em: 8.set.2013.

real de fiéis que não se reconhecem mais católicos, portanto, não se declaram como tais, isto é, não se filiam verbalmente à instituição religiosa de origem, à qual, por qualquer razão, não acreditam pertencer mais (CARRANZA, 2011, p.98).

Aliás, é de se notar que, na primeira página da *Folha Universal*⁷ (2012, p.1), está escrito: “Fogueira Santa de Israel terá como meta fim do sofrimento. É hora de acabar com angústias, dores e incerteza. **A campanha é aberta a todos e independe de religião dores e incertezas (grifo nosso)**. Pode-se ler também na matéria de capa da Revista ISTOÉ⁸: “*Como vivem os Astros da Fé*” - a rotina e a intimidade dos líderes religiosos que vendem milhões de discos, arrastam multidões e atraem a seus shows católicos, evangélicos e **mesmo os que não creem**” (grifo nosso).

Isso mostra um caminho inverso dessas instituições em relação àquele seguido pelas instituições mais rígidas. Segundo Martino (2003), quanto mais rígida for a instituição, mais custoso é o direito de entrada e, por isso, mais nítidas são as fronteiras simbólicas entre os que pertencem à instituição e os que não pertencem a ela.

Justifica-se o tema escolhido para o presente trabalho pela relevância de todo esse novo contexto religioso e sua relação com a Retórica, cuja importância vem-se consolidando nos estudos das técnicas argumentativas em diversos gêneros textuais. Considera-se que a razão de ser da argumentação é alcançar consenso sobre divergências em determinado ponto de vista, confirmando e reforçando crenças e valores presentes em um indivíduo ou em um grupo específico para, por meio de um discurso eficaz, obter a adesão do auditório: fazer crer para persuadir o outro. Para a construção de nossas hipóteses, partimos de um conhecimento prévio do *corpus* e do contexto no qual esses discursos surgiram.

Há uma tendência mundial de as diversas igrejas criarem *sítes*. No caso da Renascer, há vários *sítes* em que podem ser encontrados conteúdos relacionados à

⁷ Folha Universal de 9 a 15 de dezembro de 2012, p.1.

⁸ Revista ISTOÉ em 30 de maio de 2012.

Igreja. Eles servem para divulgar agendas de cultos, agenda do Apóstolo Estevam Hernandes e da Bispa Sônia, a história da igreja e sua atuação no Brasil.

O objetivo da presente pesquisa é estudar a estrutura e o funcionamento do discurso da Igreja Apostólica Renascer em Cristo que se apresenta em diferentes gêneros textuais em *sites* dessa instituição. Uma das marcas desse discurso é a palavra profética, que se evidencia em diversos gêneros. O aspecto de não pertencimento e o de migração de uma religião para a outra ou de uma igreja para a outra pode ser relacionado ao discurso religioso, que cada vez mais perde seu caráter institucional, atravessado por outros gêneros de outras esferas discursivas. Pretendemos verificar como isso ocorre na Igreja Apostólica Renascer em Cristo, que se utiliza cada vez mais da mídia para atrair adeptos, valendo-se, para isso, de vários gêneros textuais. Assim, os vários gêneros se prestam à evangelização, ao lado do gênero “sermão”. Ademais, os fiéis da Igreja cada vez mais podem evangelizar, por meio da Internet, compartilhando conteúdos nas redes digitais.

O intuito do trabalho não é classificar os diversos gêneros e sim apontar como o discurso religioso da Renascer, ao mesmo tempo que ultrapassa cada vez mais as fronteiras dos gêneros religiosos tradicionais, mantém uma unidade semântica a partir das marcas discursivas .

Partimos da hipótese de que, nesse discurso, baseado na Teologia da Prosperidade, o homem ocupa o lugar de Deus, pois, por meio da palavra profética, emana o poder divino (para discutir esse assunto nos utilizaremos principalmente das teorias de Eni Orlandi, da década de 1980, em relação ao discurso católico) e, em seguida, apresentaremos um posicionamento em relação ao discurso da IARC. Embora não seja escopo do trabalho, cremos que, com as devidas ressalvas, essas observações possam suscitar reflexões a respeito dos discursos de outras instituições neopentecostais.

Em um terceiro momento, verificaremos como o *ethos* institucional da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, assim como os gêneros pertencentes ao domínio neopentecostal, apresentam flexibilidade, adaptando-se a diversos contextos. O *ethos* da autoridade religiosa se mistura com *ethos* de celebridade dos seus

representantes, potencializando a credibilidade que o representante da Igreja exerce sobre o seu auditório. Além disso, há uma tensão na relação entre a IARC e a mídia, na construção e na desconstrução da imagem da instituição perante a opinião pública.

Em um objetivo mais amplo, esta pesquisa pretendeu mostrar que os estudos discursivos podem contribuir para a compreensão de um discurso inserido em um determinado contexto social. Nesse sentido, as reflexões sobre a Igreja Renascer vão dialogar com reflexões sobre o discurso de outras igrejas, para que se possa alargar a discussão sobre o assunto.

Levando-se em conta ainda os conceitos bakhtinianos, cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados de um determinado campo; nessa concepção, é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado dialoga com outros enunciados de uma determinada esfera da comunicação discursiva. No caso do campo religioso, nosso estudo vai verificar o *corpus* discursivo da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, porém sem deixar de fazer relações com o discursivo religioso e, evidentemente, com o discurso religioso neopentecostal.

A nossa pesquisa desenvolveu fundamentalmente:

a) aplicação de conceitos das teorias da Retórica, Nova Retórica e Análise do Discurso em uma perspectiva pragmática, conforme apresentado nos Pressupostos Teóricos.

b) análise de vários gêneros textuais presentes nos sites da Igreja Renascer.

Um dos primeiros pontos a considerar na análise é a constituição do *corpus*. O nosso *corpus* será composto por diversos gêneros textuais, no período de 2011 a 2014, que serão extraídos dos *sites* oficiais da instituição de acordo com os objetivos de nossa pesquisa.

O *corpus* não pode ser um conjunto aleatório de textos que existem de forma estruturada previamente à ação do analista de discurso sobre ele; ao contrário, é o trabalho do analista, com base nas suas hipóteses de pesquisa, que constitui o *corpus*. [...] A exaustividade almejada - que

chamamos vertical - deve ser considerada em relação aos objetivos da análise e à sua temática. Em grande medida o *corpus* resulta de uma construção do próprio analista (ORLANDI, 1984, p.62).

Além desse *corpus* específico, como “pano de fundo” serão selecionados outros textos produzidos pela igreja em estudo, por outras instituições religiosas ou por empresas midiáticas. Isso porque, por definição, todo discurso se estabelece com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo mas um discurso está sempre inserido em um processo discursivo complexo e dialógico. Quando se tratarem de textos da oralidade, será feita a transcrição de acordo com as normas do Projeto NURC/SP⁹.

Segundo Orlandi (1984, p.64), “também não dizemos da análise que ela é objetiva mas que ela deve ser o menos subjetiva possível, explicitando o modo de produção de sentidos do objeto em observação” (ORLANDI, 1984, p.64). O que nos interessa não são as marcas e sim o seu funcionamento no discurso. É este funcionamento que procuramos descrever e compreender.

Em nossas análises, consideramos o discurso em um contexto determinado, em uma determinada interação, como prática social. Dessa forma, é necessário levar em conta outros aspectos relevantes desses eventos comunicativos, tais como a situação espacial ou temporal, os participantes e seus papéis comunicativos e sociais. Antes de se analisar o discurso, é preciso mencionar o quadro enunciativo, com suas condições de produção. De acordo com Maingueneau (1997), ao se examinar o *corpus* sob a perspectiva pragmática, deve-se considerar a linguagem como uma forma de ação. A pragmática inscreve a atividade da linguagem em espaços institucionais. Um sujeito, ao enunciar, presume uma espécie de ritual social de linguagem implícito, partilhado pelos interlocutores. Van Dijk salienta a importância da relação entre produção textual e contexto.

Isso significa que, dessa perspectiva, o texto não é um objeto autônomo, nem como texto nem como gênero textual. É um objeto múltiplo, um objeto que envolve sujeitos múltiplos e que, para a produção de sentidos, exigem que esses sujeitos assumam determinados lugares discursivos e façam circular diferentes discursos a partir desses lugares. O sujeito da recepção -

⁹ Consultar regras do NURC no Anexo A.

o leitor, o espectador, o destinatário - tanto quanto o sujeito da produção é necessariamente um participante ativo da esfera discursiva em que isso acontece. (VAN DIJK, 2008, p.12).

Para atingirmos nossos objetivos, além dos fundamentos teóricos relacionados à Retórica e à Argumentação, recorreremos às teorias da Análise do Discurso e Pragmática. Quanto à relação entre Análise do Discurso e Pragmática, seguiremos o ponto de vista de Marcuschi

Acredito que a pragmática é compatível com alguns tipos de análise do discurso, embora alguns defendam que a pragmática seja o “inimigo número um” da análise do discurso francesa (ADF), como o faz, por exemplo, Sírío Possenti (2004). Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: Anna Christina Bentes & Fernanda Mussalim (orgs.). Introdução à Linguística. Vol.III: Fundamentos Epistemológicos. São Paulo: Cortez, pp. 353-392. Contudo, creio que a ADF não pode negar a noção de contexto nem a noção de cognição e intencionalidade, embora não trabalhe com elas tendo em vista a noção de sujeito e da língua que tem. O problema da pragmática de um modo geral é que ela não lida com o inconsciente e a psicanálise de um modo geral. Já a análise do discurso crítica (ADC) opera com a maioria desses conceitos por não ter a ideia de “sujeito assujeitado” e não estar atravessada pela psicanálise. Concordo, no entanto, com Eni Orlandi que a visão psicologizante dos estudos pragmáticos com um sujeito intencional e sem inconsciente é um problema para os estudos pragmáticos. Seja como for, não creio que as mais diversas ADs que forem propostas possam se dar bem no futuro se não incorporarem algum tipo de pragmática e cognição. (MARCUSCHI, 2009, p.37).

Assim, na perspectiva retórico-discursiva, quando analisarmos os vários gêneros discursivos, consideraremos essenciais as análises referentes a escolhas lexicais, levando-se em conta o valor semântico-pragmático das frases do discurso. Verificaremos também quais são os argumentos mais presentes nos textos selecionados.

Não é possível ultrapassar os limites da Linguística da língua (ou imanente) só pela análise das marcas formais, ainda que sejam as marcas da enunciação. Isto porque os diferentes discursos podem apresentar-se formalmente da mesma maneira: por exemplo, tanto o discurso religioso quanto o discurso da publicidade podem apresentar-se formalmente da mesma maneira. Pode-se dizer que o modo como o imperativo constitui o discurso religioso é diferente do discurso da publicidade na medida mesma em que suas propriedades são diferentes. Nelas, portanto, as marcas não têm o mesmo sentido. (ORLANDI, 1984, p.46).

Ao fazermos uma análise passamos da superfície linguística (o *corpus*) para, após uma primeira etapa analítica, o objeto discursivo (em que se remete o discurso às

formações discursivas) e, após uma segunda etapa de análise, chegamos ao processo discursivo (em que são determinadas as relações entre a formação discursiva e a ideológica). Deve-se levar em conta, portanto, a totalidade do discurso em relação às suas condições de produção. As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos relação de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam.

Segundo as teorias discursivas, a consequência dessas diferenças é que só pelo linguístico não dá para distinguir um discurso do outro. Para distingui-los é preciso levar em consideração a sua exterioridade, uma vez que os discursos são objetos ao mesmo tempo linguísticos e históricos. Nessa perspectiva, é importante verificar não só o produto da enunciação mas também o processo da produção de sentidos.

Nos Estudos do Discurso e do Texto, o recorte é uma unidade discursiva que se constitui de fragmentos correlacionados de linguagem e situação. O princípio segundo o qual o recorte se efetua varia segundo os diferentes tipos de discurso, segundo a configuração das condições de produção e se faz de acordo com o objeto de análise. O recorte resulta de teoria e é uma construção. Não é automático, nem predeterminado. Através dos recortes se chega à representação das relações textuais referidas às condições em que foram produzidas. Dessa forma, procura-se não perder de vista a relação com a totalidade do discurso, sua unidade.

Embora nosso trabalho seja tratado sob o ponto de vista dos estudos discursivos, a fim de verificarmos as condições de produção, é necessária uma perspectiva interdisciplinar, agregando a contribuição de outras áreas de conhecimento, como a Sociologia e a História. Embora o discurso religioso se caracterize por uma relação com o transcendente, nossa reflexão visa desvendar aspectos linguístico-discursivos.

É preciso levar em conta, ainda, os avanços já obtidos nos estudos do GERAR¹⁰ a respeito da retórica do discurso religioso, além do caráter interdisciplinar desse grupo de pesquisa. Outro aspecto que vem à tona com essa interação interdisciplinar é a superação da visão fragmentada do conhecimento. Nessa perspectiva o conhecimento científico é, na realidade, inter-relacionado com as várias áreas e sua fragmentação ocorre apenas com a finalidade de facilitar o estudo.

Seguindo essa perspectiva, esta pesquisa pretendeu investigar aspectos da argumentação e da persuasão no discurso religioso neopentecostal, especialmente o da Igreja Apostólica Renascer em Cristo. Para tanto, o estudo será fundamentado nas teorias da Retórica, da Nova Retórica e em teorias discursivas e pragmáticas. O trabalho será organizado de acordo com a seguinte estrutura: no primeiro capítulo, abordaremos o contexto religioso pentecostal; no segundo capítulo, percorreremos a retórica e suas conexões com os estudos discursivos; no terceiro capítulo, o discurso e o *ethos* da Igreja Apostólica Renascer em Cristo (IARC).

¹⁰ O GERAR (Grupo de Estudos de Retórica e Argumentação), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), foi fundado em 1994 pela Profª Drª Lineide do Lago Salvador Mosca. Nesses 20 anos de existência, formou vários doutores e mestres, contando com a colaboração de professores e pesquisadores nacionais e do exterior. Seminários de Pesquisa do GERAR são organizados, tendo em vista a interdisciplinaridade, tal como ocorreu com os três últimos, cujos enfoques foram relativos às contribuições dos Estudos do Discurso para as Ciências da Religião, as Ciências Jurídicas e as Ciências da Educação, respectivamente, com destaque para a Argumentação e a Retórica. Acesso em: www.gerar.fflch.usp.org

CAPÍTULO I - CONTEXTO RELIGIOSO PENTECOSTAL

Neste primeiro capítulo serão apresentados diversos estudos sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo, para situar, no contexto religioso, a Igreja Apostólica Renascer em Cristo. Considera-se também necessário informar como se estrutura a Igreja Apostólica Renascer em Cristo com o intuito de facilitar a compreensão da análise do *corpus* no Capítulo III. Para explicar as origens do pentecostalismo, seguiremos principalmente Synan (2009).

1.1 O surgimento do pentecostalismo

O termo *evangélico* relaciona-se ao campo formado pelas denominações cristãs descendentes da Reforma Protestante. Portanto, o termo *evangélico* designa tanto as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Episcopal, Metodista e Batista) quanto as pentecostais e neopentecostais. A doutrina protestante¹¹ tem como princípio a liberdade religiosa, defendendo a ideia de que cada fiel é salvo pela opção de fé de cada um em Jesus e não pela mediação da instituição.

O pentecostalismo, antes de ser a religião da palavra, seguindo a tradição da Reforma, acima de tudo é a religião da experiência mística, na qual o fiel recebe a capacidade de falar línguas estranhas, de operar curas e de pregar o Evangelho. Prega-se com base em Atos 2: 1 a 4:

[...] e quando se completaram os dias de Pentecostes, estavam todos juntos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um estrondo, como de vento que soprava impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. E apareceu-lhes repartidas umas como línguas de fogo, pousando sobre cada um deles. E foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em várias línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.

¹¹ Em sua obra, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Max Weber mostra que a ânsia pelo lucro e empresas capitalistas já existiam desde muito tempo em várias partes do mundo. Sugere que o capitalismo moderno pode ser caracterizado como um complexo de instituições interligadas que trabalham com base na racionalidade. Reflete sobre quais princípios éticos estão na base do capitalismo e verifica que tais princípios são encontrados na teologia protestante, mais especificamente na teologia calvinista.

Synan (2009), com base nos estudos de Ernest Sandeen, observa que o fato histórico que levou os cristãos a contemplar a profecia e os outros dons do Espírito foi a Revolução Francesa. Na década de 1780 os radicais impuseram um “reinado de terror”. As convulsões ocorridas na França pareciam sinais de que o fim dos tempos estava próximo, conforme os registros do Apocalipse. Passagens obscuras da Bíblia tornaram-se aplicáveis ao contexto da época. Em Daniel 7, o profeta menciona quatro animais que emergem no mar : um leão, um urso, um leopardo e uma besta que possuía dez chifres. Um “chifre pequeno” cresceu por último no meio dos dez e arrancou três deles. Esse chifre menor representava um governante, o qual iria oprimir os seus santos e tentar mudar os tempos e as leis. Em Apocalipse 13.1-5 é descrita uma besta semelhante cujo poder duraria quarenta e dois meses. Quando a Revolução Francesa eclodiu, os estudiosos da Bíblia consideravam que essas passagens estavam sendo literalmente cumpridas.

Para os estudiosos protestantes, essa interpretação significava que eles estavam vivendo os últimos dias antes do Apocalipse. A segunda vinda de Cristo era iminente. A qualquer momento os “carismas” se manifestariam outra vez na terra como no dia de Pentecostes. Como consequência, houve um novo interesse pelo retorno de Israel à Palestina e a espera da segunda vinda de Cristo. Delas resultou também ênfase sobre o estudo das profecias bíblicas, de modo que pudessem discernir “os sinais dos tempos”. Entre os líderes dessa nova onda de interesse profético estavam teólogos britânicos como Edward Irving. Nos Estados Unidos, um de seus maiores expoentes era o estudioso luterano J.Seiss.

1.1.1 O pentecostalismo na Inglaterra

Por volta de 1830 alguns pregadores começaram a investigar todos os relatos de milagres ocorridos em várias partes das Ilhas Britânicas. À frente dessa investigação estava Edward Irving, pastor presbiteriano em Londres. Irving foi até Port Glasgow, na Escócia, onde se dizia que tinham acontecido milagres de cura e de glossolalia. Nessa cidade, Mary Campbell, uma dona de casa, falava em línguas, e Irving a considerava uma “profetisa”. Dois jovens amigos dela não só falavam em línguas

como as traduziam para o idioma inglês. As mensagens diziam que Jesus voltaria em breve e todos deveriam se preparar para ir ao seu encontro. Irving considerava que essas línguas eram um sinal externo da graça conferida pelo batismo no Espírito Santo.

Ele foi um dos pregadores mais conhecidos na sua época. O templo onde pregava tinha espaço para duas mil pessoas, que ouviam seus sermões sobre a restauração dos dons apostólicos, principalmente os dons de cura e do falar em línguas. O presbitério de Londres julgou e condenou Irving por heresia. Ele então fundou a Igreja Apostólica Católica, pregando que todos os carismas e o ofício apostólico haviam sido restaurados. Em 1856, um pregador britânico da Igreja Metodista, William Arthur, publicou uma obra de grande influência, que continuou a ser impressa por mais de um século, ressaltando a importância dos dons de cura, dons de língua e de qualquer manifestação miraculosa do Espírito Santo.

1.1.2 O pentecostalismo nos Estados Unidos

As primeiras igrejas pentecostais americanas, segundo Synan, estavam muito relacionadas ao movimento de santidade wesleyano, o qual se espalhou pela América do Norte no século XIX. Durante décadas, os mestres e pregadores *holiness* ensinaram que havia duas “bênçãos” disponíveis aos crentes. A primeira, a justificação pela fé, era também chamada “novo nascimento”. Os wesleyanos, entretanto, sustentavam a ideia de uma “segunda bênção”, a qual, de acordo com a terminologia de Wesley, era chamada de “santificação plena”, uma experiência instantânea que concedia ao crente vitória sobre o pecado e “perfeito amor” em relação a Deus e aos homens.

O primeiro acampamento realizado no país, de acordo com Synan, começou espontaneamente entre presbiterianos e metodistas, no ambiente rural da Igreja presbiteriana de Cane Ridge. Iniciou-se como um culto de comunhão, com 25 mil pessoas, mas depois houve a conversão de milhares, e muitos apresentavam manifestações: “cair no poder” (após um grito, a pessoa caía e ficava como morta); “tremores” (atingiam a cabeça ou outras partes do corpo); “riso santo” (uma risada

alta e espontânea); “dança do Espírito” (a pessoa apresentava um sorriso celestial, fazia movimentos rápidos ou lentos, inclinava-se para trás e depois caía prostrada.¹²

Mais centenas de acampamentos foram organizados por presbiterianos, batistas e metodistas. Depois da Guerra de Secessão, houve declínio e fechamento de vários acampamentos. Uma das características marcantes nos acampamentos que tiveram origem nos Estados Unidos foi o movimento *holiness*. Todos os que chegavam eram convidados a unirem-se num batismo pentecostal do Espírito Santo.

A história dos pentecostais, no sentido moderno da palavra, tem seu ponto de partida na escola bíblica de Parham, em Topeka, Kansas, em 1901, quando o mundo adentrava o século XX. Charles Fox Parham (1873 – 1920) influenciou os fatos que ocorreriam na rua Azusa, em 1906, e a criação do movimento pentecostal em todo o mundo. Quando era jovem, sofria com a saúde debilitada, chegando a ficar na cama durante meses. Aos treze anos, após a morte de sua mãe, se convenceu de que havia recebido um chamado para o ministério e começou a ler e a estudar a Bíblia com muita dedicação.

Parham ingressou em uma escola identificada com o metodismo, a faculdade Sudoeste, em Winfield, no Kansas em 1889. Depois decide cursar medicina e adquire uma febre reumática. Começa a estudar as passagens bíblicas que relatavam as curas realizadas por Jesus, crendo que Jesus também poderia curá-lo. Ele achava que o Diabo, tentando impedi-lo de ingressar no ministério, o induzira a fazer medicina, desviando-o dos propósitos de Deus, e por isso Deus o tinha castigado com aquela doença. Renuncia à carreira de medicina e conta que Deus o curou das sequelas causadas pela febre .

¹² Em 2011, houve no Brasil uma polêmica levantada pelo Bispo Edir Macedo da Igreja Universal do Reino de Deus sobre manifestações nas igrejas pentecostais. O Bispo chamou essas manifestações de “cai-cai”, comparando o que acontece em alguns cultos evangélicos com o terreiro de macumba. Isso gerou muita indignação por parte dos cristãos evangélicos pentecostais de todo o Brasil. Alguns pentecostais, como o Pastor Silas Malafaia e o Pastor Feliciano, se manifestaram contra o Bispo Edir Macedo. É curioso notar que, como vários estudiosos já observaram, a própria Igreja Universal adota elementos dos cultos afros.

Parham desenvolveu o argumento teológico de que as línguas são sempre a evidência inicial de que uma pessoa recebeu o batismo com o Espírito Santo. Ensinava que o batismo no Espírito Santo era o único meio de escapar à tribulação do final dos tempos e que o falar em línguas era a única garantia desse livramento. Pelo fato de ensinar que as línguas eram uma concessão divina de idiomas humanos com vistas à evangelização mundial, Parham também defendia a ideia de que os missionários não precisariam estudar nenhum idioma estrangeiro, uma vez que estariam miraculosamente capacitados a pregar em línguas em qualquer lugar do mundo. Ele implantou um movimento eclesiástico denominado “Fé Apostólica” e realizou um turnê pelos Estados Unidos com o intuito de promover a nova experiência.

De acordo com Dreher (2009), o líder negro William Joseph Seymour, filho de ex-escravos, nasceu em Centerville, Louisiana. Autodidata, frequentou por certo tempo a escola bíblica de Charles Fox Parham (1873-1929), localizada em Topeka, no Kansas. Parham simpatizava com a Ku-Klux-Klan e por isso excluiu Seymour de suas aulas. Seymour só podia assistir às aulas da porta entreaberta. Apesar dessa exclusão, ele aceitou os ensinamentos do branco, que falava do batismo com o Espírito Santo, e passou a pregá-los numa igreja de santificação em Los Angeles.

Synan (2009) explica que os pentecostais priorizavam a conversão radical, uma vida santa de separação do mundo após a conversão e o “batismo no “Espírito Santo” com a evidência inicial do falar em línguas. Enfatizava-se a cura divina por meio da oração, assim como a segunda vinda de Cristo, que poderia ocorrer a qualquer momento. Outra característica era a adoração alegre e expressiva, marcada por muito barulho e emoção. Havia mãos levantadas, louvor em voz alta, cura de enfermidades e ocasionais expulsões de demônios, dando destaque à salvação, à santidade, à cura e às bênçãos materiais concedidas pelo Senhor àqueles que viessem até o altar. A sua doutrina afirmava que os dons do Espírito (“carismas”) estavam presentes na Igreja do século XX.

O pentecostalismo, no entanto, não chamou a atenção do mundo até 1906. Isso aconteceu com o avivamento da Rua Azusa, em Los Angeles, liderado pelo pastor William Joseph Seymour. Na Rua Azusa, em Los Angeles, em 1906, um menino de

cor negra falou em línguas estranhas. Esse fato ocorreu durante uma reunião de um pastor batista com o objetivo de alcançar algum sinal sensível externo do batismo no Espírito Santo. Esse grupo era formado por negros aos quais se associaram evangélicos de cor branca. Acreditavam que um novo Pentecostes iria unir negros e brancos numa época em que nos Estados Unidos havia a semente da luta racial.

Em 1906, Seymour foi convidado a liderar uma igreja *holiness* negra em Los Angeles. As famosas reuniões começaram em abril de 1906, no antigo prédio da Igreja Episcopal Metodista Africana, situada na Rua Azusa, 312, no centro de Los Angeles.

A Missão de Fé Apostólica da Rua Azusa realizava três cultos por dia, sete dias por semana, durante três anos e meio. Milhares de pessoas receberam o batismo do Espírito Santo e a partir daí o pentecostalismo foi disseminado por todo o mundo. Esses cultos evidenciavam-se também pela harmonia inter-racial.

O movimento da Rua Azusa, no ponto de vista de Synan, parece ter sido uma fusão da religião branca *holiness* com os estilos de adoração da tradição cristã negra dos Estados Unidos, que se iniciou nos tempos da escravidão no Sul. O louvor e a adoração, nesses cultos, eram caracterizados por danças e clamores, eram comuns tanto entre os brancos quanto entre os sulistas negros. A mistura de línguas e outros dons carismáticos, música de brancos e negros e variados estilos de adoração deu origem a uma forma local de pentecostalismo.

Essa nova expressão de vida cristã ia ao encontro dos anseios das pessoas discriminadas nos Estados Unidos e em outras nações. O fenômeno que reunia brancos e negros para adoração sob a liderança de um pastor negro parecia inacreditável para quem estava de fora. Parham e Seymour são diferentes em muitos aspectos, conforme aponta Dreher (2014). Um viu a glossolalia como fundamental; para o outro, o mais importante era a concepção ecumênica de pentecostes, que supera raças e classes.

Segundo Dreher (2009), a imprensa registrou o fato mas não o compreendeu. Era revolucionário mas foi ridicularizado pois era obra de um “profeta negro”.

Depois as igrejas ditas históricas ridicularizaram o movimento por causa do *status* social de seus integrantes. A pressão social levou a que internamente o reavivamento de Los Angeles fosse travado. O resultado foi o desenvolvimento de igrejas negras e brancas. Por causa das raízes negras e brancas muitos historiadores pentecostais resolveram citar Seymour e Parham como fundadores concomitantes do pentecostalismo.

O sofrimento de Seymour e de seus irmãos negros era muito grande. 3.426 negros foram linchados durante sua vida adulta. As brutalidades eram incontáveis. E é bom lembrar que, em boa medida, eram cristãos os que matavam e violentavam cristãos. Mesmo assim, Seymour pôde desenvolver uma espiritualidade que provocou reavivamento na Los Angeles de 1906. Mais e mais, os historiadores situam nesse avivamento o berço do pentecostalismo. Por trás dele, porém, devemos perguntar pelas raízes da espiritualidade de Seymour. Elas têm origem africana. Essa origem está documentada no fato de ele introduzir música africana e *negro spiritual* em sua liturgia. O fato merece destaque em uma época em que tal tipo de música era considerado impróprio para o culto cristão. Em sua atuação, além disso, Seymour expôs sua compreensão de pentecostes: amor em meio ao ódio. Sua pregação é uma opção diferente da do *American way of life*. (DREHER, 2009 p.65).

Quando o movimento pentecostal eclodiu, de acordo com Synan, os “pentecostais holiness” apenas acrescentaram o batismo no Espírito Santo com a “evidência inicial” do falar em línguas como uma “terceira bênção”, que concedia ao crente poder para testemunhar àqueles que já haviam sido santificados. Com a nova experiência das línguas, a santificação era vista como pré-requisito para qualificar o crente a receber a “terceira bênção” do batismo do Espírito Santo.

Com a expansão do movimento, surgiram novas agências missionárias norte-americanas. Elas representavam diferentes grupos pentecostais, como as Assembleias de Deus, A Igreja de Deus de Cleveland e as Assembleias pentecostais do Canadá.

Synan (2009) esclarece que, durante muitas décadas, os pentecostais eram os párias da sociedade. Uma das razões para essa rejeição era que a maioria das igrejas pentecostais surgia entre as classes mais pobres e marginalizadas. Apesar disso, os pentecostais rapidamente começaram a enviar missionários por todo o

mundo, e seu crescimento foi mais veloz do que o observado em qualquer outra denominação e passou a ter maior aceitação social.

Campos (2014) tece reflexões sobre as origens do pentecostalismo, afirmando que não se pode esquecer das forças criadoras dos movimentos de avivamento e de santificação surgidos no campo religioso norte-americano e inglês entre o século 18 e o século 19, nem da influência da herança puritana dos avivamentos na redescoberta dos dons do espírito. Nesse contexto, Campos (2014, p. 224) afirma que “é preciso, portanto, manter a ideia de complexidade quando nos referimos até mesmo às origens do pentecostalismo”. E o autor questiona a novidade do movimento pentecostal

Há analistas que procuram ressaltar ter o pentecostalismo surgido como um movimento cristão ativista já nos primeiros dois séculos., nas comunidades carismáticas do tempo de Paulo. Mas as raízes mais próximas do novo “protestantismo em gestação” estavam em Topeka (1901) ou em Los Angeles (1906). Mas esse movimento do Espírito teria surgido como algo radicalmente novo ou nele teria ressurgido tão somente o velho fervor, que somente em certos momentos históricos são retomados? (CAMPOS, 2014,p.221).

1.1.3 O pentecostalismo no Brasil

O catolicismo conseguiu manter-se hegemônico nos três primeiros séculos de história. Isso ocorreu até que, no decorrer dos séculos XIX e XX, houve uma mudança de cenário.

O protestantismo de Imigração aqui chegou como parte da bagagem cultural dos imigrantes europeus a partir das primeiras décadas do século XIX. Acompanhou as vicissitudes dos grandes conjuntos de imigrantes, notadamente os alemães no sul do país, não revelando nenhum interesse proselitista em relação ao conjunto da população. O Protestantismo de Missão resultou do trabalho conversionista realizado pelos missionários norte-americanos durante toda a segunda metade do século XIX. Pretendia converter os católicos brasileiros à sua proposta anticatólica e notabilizou-se pela criação de escolas e colégios. (DIAS, 2014).

Campos (2014) considera que a mudança de direção no campo religioso brasileiro foi a transferência da família real para o Brasil, que em 1808 fugiu da Europa com o apoio da marinha inglesa. “Desde então o cenário não parou de se alterar até se tornar diversificado, pluralista e concorrencial” (CAMPOS, 2014, p.211). A Constituição do Brasil garantiu, em 1824, a liberdade de culto e a propagação de novas ideias e práticas religiosas no país. A Igreja Católica iria se tornar para o protestantismo a responsável pelas misérias e atrasos do Brasil em todos os setores. Portanto, a salvação para o país estava em combater o catolicismo e em adotar pela conversão a nova ordem social, espiritual e cultural proposta pelos protestantes. Em reação, o catolicismo encarava os recém-chegados como perigosos hereges destruidores da tradição católica.

No início da segunda década do século XX, chegou ao País o pentecostalismo, iniciando-se com seus primeiros pregadores um novo cenário religioso brasileiro. Prandi (1996) esclarece que, para facilitar a compreensão da história do pentecostalismo brasileiro, recentemente pesquisadores passaram a ordenar esse campo religioso em três ondas que não são estanques, pois há uma influência mútua. Elas são uma forma de classificar este movimento religioso, a partir de critérios históricos do surgimento de igrejas e de diferenças teológicas.

Mariano explica como se iniciou a primeira onda:

A primeira onda, chamada de *pentecostalismo clássico*, abrange o período de 1910 a 1950, que vai de sua implantação no país, com a fundação da Congregação Cristã no Brasil (em 1910, em São Paulo) e da Assembleia de Deus (1911, Pará), até sua difusão pelo território nacional. Desde o início essas igrejas caracterizaram-se pelo anticatolicismo, pela ênfase no dom de línguas, por radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo. Não obstante suas oito décadas de existência, ambas mantêm bem vivos esses traços. A Congregação Cristã mantém-se irremovível. Já a Assembleia de Deus, desde 1989 cindida em dois blocos, mostra-se mais flexível diante das mudanças que estão se processando no movimento pentecostal ao seu redor e na sociedade abrangente. (MARIANO, 1996, p.25).

Em 1910, desembarcou no porto de Santos, vindo de Chicago, Luís Francescon (1886-1964), que iniciou em São Paulo e Paraná o que viria a ser mais tarde conhecido como a Congregação Cristã no Brasil.

Em 1911 chegaram a Belém dois suecos, Adolph Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1884-1963), pentecostais batistas que deram origem à Missão de Fé Apostólica, que resultou no núcleo oficial da Assembleia de Deus. O crescimento pentecostal se tornaria público e notório somente após 1930, quando houve um aumento do êxodo rural, do processo de industrialização e de modernização do país. Assim, novas sociedades religiosas foram surgindo, com novas identidades. (CAMPOS, 2014, p.212).

Alencar (2014) explica que a Congregação Cristã do Brasil e a Assembleia de Deus não possuem nenhuma ligação com o *american way of life*. Desde as primeiras décadas haverá dois pentecostanismos diferentes. Segundo o autor, a Congregação Cristã do Brasil é uma igreja étnica, predominantemente do sudeste, de origem presbiteriana, homogênea, ultracalvinista, oral, apolítica (pentecostalismo italiano), com poucas alterações em seu modelo original; predominantemente no Nordeste há o pentecostalismo sueco, de origem batista, heterogêneo, que se diversificou bastante.

Segundo o *site* oficial da Igreja, a Congregação Cristã no Brasil continua se propagando pelas redes sociais pessoais e pelo culto como únicas estratégias de marketing. Ela mantém a regra segundo a qual lideranças da instituição não podem ser candidatos políticos, e que nos cultos não se pode fazer propaganda para nenhum candidato ou partido. Foerster (2006) conclui que esses fatos demonstram que a CCB se mantém fora de algumas dinâmicas religiosas, culturais e sociais que atingiram praticamente todos os grupos religiosos contemporâneos.

Ao contrário de outros grupos religiosos, segundo Foerster (2006), a Congregação Cristã no Brasil (CCB) parece ter sofrido poucas mudanças diante do avanço da concorrência e do pluralismo religiosos. Enquanto quase todos os outros grupos estão se *gospelizando* em termos musicais, a CCB não modificou seu hinário nos últimos quarenta anos. O rito com suas propriedades, que praticamente não mudaram desde os dias iniciais até hoje, e a evangelização pelo testemunho nas redes sociais pessoais constituem as únicas formas de *marketing* da CCB.

No Brasil, os primeiros adeptos da Assembleia de Deus, fundada em Belém, no Pará, em 1911, eram dissidentes de uma igreja batista de Belém. Os habitantes da periferia de Belém eram, em sua maioria, originários da área rural e tinham práticas religiosas carregadas de magia. Para a doença, a morte e contratempos, procuravam o remédio nas rezas aos santos, em promessas e em orações do rezador. Isso se espalhou por outras cidades e Estados brasileiros.

No entanto, os operários italianos que no Brasil participavam de greves empenhavam-se em um projeto social oposto ao da religião. Inclusive um movimento assistencialista organizado pela Igreja Católica declarava ações anarquistas e as graves como perniciosos aos operários. Contra isso, o segundo Congresso Operário, em 1913, realizado no Rio de Janeiro, recomendava que os operários deveriam se afastar de associações religiosas e do chamado “sindicalismo cristão.”

Mariano faz reflexões sobre a dinâmica do pentecostalismo, explicando a segunda onda:

A segunda onda, que nomeio *neoclássica*, teve início na década de 50 com a chegada em São Paulo de dois missionários norte-americanos da *International Church of The Foursquare Gospel*. Aqui, criaram a Cruzada Nacional de Evangelização e iniciaram, com grande êxito, o evangelismo baseado na cura divina, provocando a fragmentação denominacional e acelerando a expansão do pentecostalismo no país. Logo, fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951, São Paulo). No seu rastro, surgiram Brasil Para Cristo (1955, São Paulo), Deus É Amor (1962, São Paulo), Casa da Bênção (1964, Minas Gerais) e inúmeras outras de menor porte. Essa onda caracterizou-se pela ênfase na cura divina, pelo intenso uso do rádio (que, por sectarismo, até a década de 50 não era usado pelas igrejas pentecostais aqui existentes e pelo evangelismo itinerante em tendas de lona. (MARIANO, 1996, p.25).

A Igreja do Evangelho Quadrangular surgiu no interior de São Paulo e originou-se de uma igreja fundada no sul dos Estados Unidos. Essa Igreja trouxe para o Brasil as tendas ambulantes, que se deslocavam pelas periferias das cidades paulistas e onde, conforme relatos, ocorriam muitos milagres e curas divinas. A canadense Aimee Elizabeth Kennedy converteu-se aos dezessete anos e foi casada com o evangelista Robert Semple, com o qual seguiu como missionária para a China. Seu marido foi acometido de malária e pouco tempo depois Aimee foi obrigada a voltar aos Estados Unidos. Em 1917, iniciou sua maratona pelos Estados Unidos com

várias campanhas em diversas cidades do país. Em 1922, durante um culto na cidade de Oakland, ela recebeu a visão do “evangelho quadrangular”, que daria nome à igreja por ela fundada em janeiro de 1923, em Los Angeles, Califórnia e que mais tarde se disseminou pelo mundo.

De acordo com o *site* oficial da Igreja do Evangelho Quadrangular, cujo nome é baseado na Bíblia, é uma das igrejas pentecostais pioneiras do avivamento carismático do início do século XX. Jesus Cristo é o Salvador enviado por Deus (Romanos 3:23); Jesus Cristo é o médico, que cura os enfermos (Mateus 8:17); Jesus Cristo é o Batizador, dando poder e unção do Espírito Santo (Atos 1:5 e 8); Jesus Cristo é o Rei, que voltará como o Rei dos reis (I Tessalonicenses 4: 16 a 18).

Ainda segundo o *site*, o pernambucano Manoel de Mello, pedreiro e mestre de obras, fundou a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo. Ele pertencia à Assembleia de Deus, e, curado de um problema de saúde, decidiu dedicar-se somente ao trabalho missionário. Em 1955 reuniu um grupo de pessoas em sua casa para contar-lhes que tivera uma visão espiritual na qual recebeu ordem para começar, no Brasil, um movimento de reavivamento espiritual, evangelização e cura divina “O Brasil Para Cristo”.

Em 1956, Manoel passou a dirigir um programa de rádio chamado “A Voz do Brasil Para Cristo”, em uma época que se considerava o rádio algo profano. A denominação era chamada de “Jesus Betel” e realizava campanhas em tendas, atraindo multidões para curas e milagres. Em 1956 a denominação registrou-se com o nome de Igreja Evangélica Pentecostal, tendo por lema a frase “O Brasil Para Cristo”, que só passou a fazer parte do nome em 1974. Na década de 60, durante o regime militar, não se omitia em relação aos abusos de poder por parte do governo. Por conta disso, foi preso muitas vezes com a acusação de charlatanismo e curandeirismo. Em 1979 foi construído um enorme templo no bairro da Pompeia, que durante muitos anos foi considerado o maior templo evangélico do mundo. Em 1981, foi o primeiro líder evangélico a ser capa da revista “Veja”, tendo grande repercussão na mídia nacional. A denominação foi se expandindo por várias partes do mundo, sendo reconhecida internacionalmente. Essa igreja abriu as portas para as camadas médias e burguesas.

Por fim , a terceira onda vai se expandindo cada vez mais na sociedade brasileira:

A terceira onda, que designo de *neopentecostal* , vertente que mais cresceu na última década, começa na segunda metade dos anos 70, cresce e se fortalece no decorrer dos anos 80 e 90. Universal do Reino de Deus (1977, Rio de Janeiro), Internacional da Graça de Deus (1980, Rio de Janeiro), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, Goiás) e Renascerem Cristo (1986, São Paulo), fundadas por pregadores brasileiros, constituem as principais igrejas neopentecostais¹³. (MARIANO, 1996, p.26).

Ainda segundo Mariano (1999), a terceira onda demarca o corte histórico-institucional da formação de uma corrente pentecostal que será designada de “neopentecostal”. Segundo o pesquisador, termo praticamente já consagrado pelos estudiosos brasileiros para designar as novas igrejas neopentecostais, dentre esses: Mendonça (1992; 1994); Oro (1992; 1996); Azevedo Júnior (1994); Jardimino (1993;1994); Mariano (1995); Mariz (1995), Domingues (1995), Barros (1995), Pierrucci & Prandi (1996); Machado (1996), Campos (1996), Birman (1997).

Mas Mariano (1999) observa a imprecisão do termo *neopentecostal* no Brasil, que é utilizado há vários anos nos EUA. Lá, na década de 70, ele designou as dissidências pentecostais das igrejas protestantes. O estudioso ressalta também que há diversas classificações a respeito das igrejas da terceira onda, conforme os pontos de vista dos pesquisadores da área.

De acordo com Matos (2008), a Teologia da Prosperidade é também conhecida como “Confissão Positiva”, “Palavra da Fé”, “Movimento da Fé” e “Evangelho da Saúde e da Prosperidade”. Ainda segundo o autor, os fundamentos da Confissão Positiva não surgiram no pentecostalismo, mas sim em algumas seitas sincréticas da Nova Inglaterra, no início do século 20. Entretanto, por causa de algumas afinidades com o pentecostalismo, como a crença em profecias, revelações e visões, foi em círculos pentecostais e carismáticos que a Confissão Positiva teve maior acolhida,

¹³ Essas denominações caracterizam-se por pregar e difundir a Teologia da Prosperidade, segundo a qual o cristão está destinado a ser próspero materialmente, saudável, feliz e vitorioso em todos os seus empreendimentos terrenos, além de promover a guerra espiritual contra os espíritos demoníacos, identificados muitas vezes com os cultos afro-brasileiros. (MARIANO, 1996, p. 37).

tanto nos Estados Unidos como no Brasil¹⁴, sendo reconhecida como doutrina constituída somente nos anos 70.

Sob a liderança de Kenneth Hagin, nascido no Texas, em 1917, a Confissão Positiva difundiu-se para inúmeros países. Evangelista batista, porém, crente na cura divina, Hagin logo aproximou-se dos pentecostais, recebendo o batismo do Espírito Santo em 1937. Nesse mesmo ano foi licenciado pastor na Assembleia de Deus, na qual permaneceu por doze anos. No período pós-II Guerra Mundial participou das campanhas de cura divina nos EUA. Em 1962 fundou seu próprio ministério, caracterizado por transes, visões, profecias, revelações e experiências sobrenaturais. (MARIANO, 1996, p.28).

Embora os adeptos da Teologia da Prosperidade considerem Kenneth Hagin o pai desse movimento, pesquisas feitas por vários estudiosos, como D. R. McConnell, segundo Matos (2008), demonstraram conclusivamente que o verdadeiro criador da confissão positiva foi Essek William Kenyon (1867-1948) de origem metodista. Nasceu no Estado de Nova York e em 1892 mudou-se para Boston, onde estudou no Emerson College, conhecido por ser um centro do movimento “transcendental”, que deu origem a várias seitas.

Kenyon pregou diversas vezes no célebre Templo Angelus, em Los Angeles, da evangelista Aimee Semple McPherson, fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular e foi um pioneiro do evangelismo pelo rádio, com sua “Igreja do Ar”. As transcrições gravadas de seus programas serviram de base para muitos de seus escritos. Criou muitas expressões populares do movimento da fé, como “O que eu confesso, eu possuo”. Antes de morrer, em 1948, encarregou a filha Ruth de dar continuidade ao seu ministério e publicar seus escritos.

O grande divulgador dos ensinamentos de Kenyon, a ponto de ser considerado o pai do movimento da fé, foi Kenneth Erwin Hagin (1917-2003). Ele nasceu em McKinney, Texas, com um grave problema cardíaco. Pouco antes de completar 16 anos, sua saúde piorou e ele ficou confinado a uma cama. Divulgou algumas experiências

¹⁴ O evangelicalismo brasileiro apresenta características apreciáveis e preocupantes. Entre estas últimas está o gosto por novidades. Líderes e fiéis sentem que, para manter o interesse pelas coisas de Deus, é preciso que de tempos em tempos surja um ensino novo, uma nova ênfase ou experiência. Geralmente tais inovações têm sua origem nos Estados Unidos. Assim como outros países, o Brasil é um importador e consumidor de bens materiais e culturais norte-americanos. Isso ocorre também na área religiosa. (MATOS, 2008, p.47).

espirituais marcantes e converteu-se a Cristo. Refletindo sobre Marcos 11.23-24, chegou à conclusão de que era necessário crer, declarar verbalmente a fé e agir como se já tivesse recebido a bênção (“creia no seu coração, decreta com a boca e será seu”). Pouco depois, obteve a cura de sua enfermidade.

Em 1934, Hagin começou seu ministério como pregador batista e três anos depois se associou aos pentecostais. Recebeu o batismo com o Espírito Santo e falou em línguas. Em 1962, fundou seu próprio ministério. Finalmente, em 1966, em Oklahoma, estabeleceu a sede de suas atividades. Ao longo dos anos, o Seminário Radiofônico da Fé, a Escola Bíblica por Correspondência Rhema, o Centro de Treinamento Bíblico Rhema e a revista “Word of Faith” (Palavra da Fé) alcançaram um imenso número de pessoas. Outros recursos utilizados foram fitas cassete e mais de cem livros e panfletos.

Hagin dizia ter recebido a unção divina para ser mestre e profeta. Alegou ter tido oito visões de Jesus Cristo nos anos 50, bem como outras experiências fora do corpo. Segundo ele, os ensinamentos lhe foram transmitidos diretamente pelo próprio Deus por meio de especiais revelações. Entretanto, muitos afirmam que ele se inspirou em Kenyon, a ponto de copiar grande parte dos livros desse antecessor. A explicação dada por Hagin, para isso, é que o Espírito Santo havia revelado as mesmas coisas aos dois.

O termo Confissão Positiva refere-se literalmente à crença de que os cristãos detêm o poder - prometido nas Escrituras e adquirido pelo sacrifício de Jesus - de trazer à existência, para o bem ou para o mal, o que declaram, decretam, confessam ou determinam com a boca em voz alta. [...]. Isto é, as palavras proferidas com fé encerram o poder de criar realidades, visto que o mundo espiritual, que determina os acontecimentos no mundo material, é regido pela palavra. (MARIANO, 1996, p.29).

Ainda segundo Mariano (1999), os que seguem a Teologia da Prosperidade se defendem, alegando que não determinam as ações de Deus, mas sim que exercem autoridade sobre o Diabo, em nome de Jesus, para que as promessas divinas se cumpram:

Nesta sociedade, a parte que cabe aos homens consiste em pagar o dízimo, ter fé em Deus e na sua Palavra e profetizar as bênçãos divinas em sua vida. Enquanto a parte de Deus reside no pronto cumprimento de suas promessas (repreender o “devorador” e conceder bênçãos em abundância), das quais Ele, desde que satisfeitas as condições contratuais,

em hipótese alguma pode se furtar. Nesta relação contratual em que Deus tem obrigações a cumprir, os homens, se têm deveres para com Ele, igualmente têm direitos. Na medida em que tem consciência de seus direitos, o fiel pode exigir de Deus o cumprimento deles. (MARIANO,1996,p.34).

Embora não seja objetivo de nosso trabalho nos aprofundarmos na discussão de todas essas classificações das diversas denominações, vários estudos sociológicos ressaltam que hoje todas as categorias (protestante, evangélico, pentecostal ou neopentecostal) são questionáveis, levando-se em conta o complexo contexto religioso brasileiro.

1.2 A Igreja Apostólica Renascer em Cristo

As informações sobre a IARC, a seguir, foram retiradas principalmente do *site* oficial da Igreja.

A Igreja Apostólica Renascer em Cristo foi fundada em 1986 pelo casal Estevam Hernandes Filho e sua esposa, Sônia Hernandes. Aos 20 anos, Estevam ingressou na Pentecostal da Bíblia do Brasil. Além dela, frequentou a Cristo Salva e a Evangélica Independente da Vila Mariana. Já Sônia Hernandes frequentava a Presbiteriana Independente.

Estevam trabalhou como gerente de marketing da Xerox durante 12 anos. Começou trabalhando em feiras livres, depois em um açougue e num abatedouro de frango. De família de espanhóis, do bairro da Aclimação, em São Paulo, a avó foi a primeira a converter-se ao protestantismo. Logo sua mãe começou a frequentar a igreja Pentecostal da Bíblia no Brasil. Estevam, na sua adolescência, passou a frequentar essa mesma igreja e, mais tarde, aos vinte anos de idade, teve uma experiência de conversão religiosa. Em pouco tempo, devido ao seu dinamismo, se tornou líder dos jovens dessa igreja.

Os pais da Bispa Sônia eram donos de uma confecção, ela estudou francês na Aliança Francesa e inglês na Cultura Inglesa. Fez aulas de natação, balé, regência, canto e coral. Estudou ainda piano no Conservatório Musical Carlos Gomes e tomou aulas de teatro no Colégio Mackenzie. Formou-se em nutrição pela Faculdade São

Camilo, em São Paulo, e, antes de dedicar-se às atividades da Renascer, possuía a boutique *La Belle Femme*. Sua família era de tradição evangélica e seu pai ocupava posição de liderança na igreja que frequentavam. O bisavô foi missionário no Líbano; o avô, no interior do Paraná; Aos 15 anos, Sônia já era diaconisa. Tornou-se pastora na Igreja Renascer em Cristo, fundada pelo marido, o apóstolo Estevam Hernandes, seu primeiro namorado.

O casal tem 3 filhos: Felipe Daniel (bispo Tid) pregava e apresentava programas evangélicos no rádio e na televisão (desde 1999 encontra-se em estado vegetativo em um hospital em virtude de complicações advindas de uma cirurgia bariátrica). Fernanda, a bispa Fê, também apresenta programas de rádio e faz pregações. O mais novo, Gabriel, é adotado e atualmente participa de evangelizações principalmente nos Estados Unidos. O casal tem ainda três netos.

Estevam e Sônia conheceram-se na sede da Igreja Pentecostal da Bíblia no Brasil, onde, na banda da igreja, ele tocava saxofone. Ela tinha 12 anos de idade e ele, 16. Um ano depois começaram a namorar e, tempos depois, no início de 1978, quando ela estava com 20 anos, casaram-se. Segundo ela, experimentaram grave crise nos três primeiros anos de casamento e, em junho de 1981, com o nascimento da filha Fernanda, angustiada e confusa, considerou a possibilidade de suicídio e de homicídio dos filhos.

Nesse mesmo período, seu marido, que era diretor comercial, passava por dificuldades financeiras. Conforme Spierski (2003, p 32), tendo a assinatura falsificada pelo patrão, Estevam precisou desfazer-se do patrimônio para quitar dívidas feitas em seu nome. Nessa época, seu pastor faleceu e a nova liderança retirou-os da posição de líderes dos jovens, motivando-os a abandonar a Igreja e a ingressarem na Evangélica Independente de Indianópolis, que já frequentavam, conhecida na época como Igreja do “tio Cássio”.

De acordo com o *site* oficial da Igreja Renascer, o Apóstolo foi o responsável pelo sucesso da música gospel na década de 80 e introduziu na Igreja outras formas de manifestação artística, como o teatro e a dança. Foi também o primeiro a implantar no país uma rede de rádio e televisão com programação totalmente de conteúdo

cristão, a Rede Gospel de Televisão e a Rede Gospel de Rádio. E, para ampliar a cobertura do sinal da televisão, construiu na região da Av. Paulista, em São Paulo, a maior torre de televisão da América Latina.

Estevam é o único apóstolo brasileiro membro do Conselho Internacional de Apóstolos, é autor de diversos livros como "A Caminho da Felicidade", "O Caminho da Oração", "Como Não Morrer no Deserto", "Desafiando o Impossível", "A Fumaça do Inferno" e "As 7 leis espirituais da colheita". Em setembro de 2009, lançou a "Coleção Fundamentos Apostólicos."

O site oficial da Igreja destaca que o mais recente trabalho editorial do Apóstolo Estevam é o livro "Milagres". Todo o conteúdo gira em torno desse tema, e vários capítulos se iniciam com uma história da vida do autor. O primeiro capítulo descreve a cura vivida por ele quando recebeu o diagnóstico de que deveria ser submetido a um transplante de coração, mas isso não aconteceu, pois, segundo ele, houve um milagre. O autor descreve sua trajetória espiritual desde que tinha 10 anos, tecendo reflexões a respeito de sua passagem pelo catolicismo, da conversão de seus pais ao protestantismo e da própria conversão. Conta como, em sua caminhada rumo ao "mover apostólico", teve que lutar para poder pregar o Evangelho de Jesus Cristo, sua maior missão.

No capítulo "Meu melhor amigo", Estevam revela alguns dos desafios vividos pelo seu filho Felipe, o Bispo Tid, desde que nasceu, incluindo os dois transplantes de rim, a cirurgia bariátrica e os erros médicos que o levaram a um quadro grave. A esse respeito, o Apóstolo comenta em uma passagem do livro: "Você pode achar que alguma situação é a maior desgraça da sua vida, só que não é. Por incrível que pareça a situação do nosso filho tem um propósito e procuramos compreender. Se você me perguntar se eu entendo tudo 100%, eu vou responder que não, mas eu sei que esse propósito existe."

O livro apresenta ainda 12 testemunhos que vão da cura de câncer e esterilidade até a libertação das drogas e ressurreição.

Além de escritor de livros, Estevam é compositor de várias canções que atingiram o topo das paradas gospel como "Revolução", gravada pela banda Katsbarnea, "Águas", gravada pela banda Troad, e de vários sucessos do grupo de louvor Renascer Praise como "Sopra", "Há uma Unção", "O poeta", "Adorador" e "Andando sobre as Águas", entre outras.

Ainda segundo o *site* oficial da Igreja, a Bispa Sônia foi a primeira mulher a ministrar em programas de TV e rádio no país, a mostrar que era possível servir a Deus e ao mesmo tempo ser uma mulher realizada e bela. Depois de preparo e atividade ministerial, foi ungida bispa. Entre outras atividades, foi uma das primeiras mulheres a pregar a Palavra no país, seja no altar, na TV, no rádio. Tornou-se a responsável pelas áreas de "Assistência Social", "Ministério com Mulheres", "Louvor e Adoração" e "Crianças e Adolescentes". Está à frente do grupo Renascer Praise, maior grupo de louvor na América Latina, além de ser a principal compositora (em 2014, o Renascer Praise foi indicado para disputar o Grammy).

Recentemente lançou o livro "Pensamentos que te deixam de Bem com a Vida", que reúne pregações realizadas ao longo de sua vida ministerial. Em 2011, quando a Igreja Renascer em Cristo completou 25 anos, ela lançou a "Bíblia da Mulher de Bem com a Vida", a primeira com comentários de uma mulher não só no país, mas na América Latina.

A Renascer originou-se de reuniões na casa do Apóstolo Estevam, durante as quais havia apresentações musicais criadas por jovens. O casal, na vida profissional, não tinha ainda intenção de formar uma igreja. Nessa casa, o casal chegou a abrigar 12 pessoas, dependentes químicos, que durante anos foram acompanhados, convertidos e tratados. Esse trabalho é desenvolvido há 20 anos tanto com jovens quanto com adultos.

A Igreja não nasceu de uma divisão, como explica a bispa Sonia Hernandez. Ela e Estevam escolheram os jovens como público-alvo, atraindo-os por meio de bandas no estilo gospel.

Não somos fruto de divisão. Fazíamos parte de uma igreja e, quando nosso pastor faleceu, o pastor que assumiu a igreja nos chamou e disse que achava que devíamos procurar outra igreja, pois ele não estava de acordo com o trabalho que fazíamos com os jovens... Sempre fizemos trabalhos com os jovens. Ficamos cerca de um ano sem igreja até decidirmos fazer uma primeira reunião. Nunca convidamos ninguém da outra igreja também, algumas pessoas espontaneamente vieram nos procurar, como o bispo Gê. Também nunca falamos mal de uma autoridade espiritual, nem deixamos de entregar o dízimo. No período em que ficamos sem igreja, depositávamos o dízimo em uma poupança, para entregar quando estivéssemos em uma igreja¹⁵ (igospel, 2011).

De acordo com os fundadores da Igreja, a instituição nasceu da “visão” dada ao Apóstolo Estevam baseada no livro de Neemias, que se encontra no Antigo Testamento. Neemias foi um hebreu que viveu na Pérsia como copeiro do rei, porém decidiu abandonar sua posição confortável no palácio para voltar e reconstruir os muros de Jerusalém. Assim como Neemias reconstruiu o que estava destruído em Jerusalém (em 52 dias), a missão da Igreja Renascer é a de reconstruir as vidas destruídas pelas malignidades deste mundo.

O Apóstolo teve um sonho com o nome “Renascer em Cristo”, que se tornou o nome da Igreja (Igreja Apostólica Renascer em Cristo (IARC). O aspecto principal dessa Igreja é a restituição, pois, segundo a Igreja, o Senhor deseja restituir aos homens tudo aquilo que lhes foi roubado por Satanás e pela deformação de alma. A Visão Apostólica Renascer é de ousadia para realizar o impossível.

O movimento gospel consolidou-se no Brasil, com as bandas “Renascer Praise” e “Katsbarnéia”, de reconhecimento internacional. Outros eventos ocorreram: SOS da Vida, encontros de homens e mulheres, conferências proféticas e apostólicas, viagens missionárias e abertura de igrejas em outros Estados e países. A primeira Marcha para Jesus aconteceu em 1993 na Avenida Paulista.

¹⁵ Texto disponível em: < www.igospel.org.br > Acesso em: 5.abr.2011.

Rapidamente a Igreja se expandiu. No final de 1998, a Renascer contava com mais de 300 templos, a maioria em São Paulo, embora já estivesse presente em metade dos estados brasileiros e ainda no exterior.

A IARC organiza eventos anuais como as gravações do “Renascer Praise”, que já lançou 16 CDs e 10 DVDs. Nas últimas edições gravadas no estádio municipal do Pacaembu, em São Paulo, a plateia superou as 60 mil pessoas. Dentre esses eventos, a instituição organiza ainda o 'Encontro Nacional de Homens', 'Encontro Nacional de Mulheres', 'A Conferência Apostólica Internacional' e o 'SOS da Vida Gospel Festival', evento de música com 2 dias de shows com atrações da música cristã.

Além disso, desde que foi fundada, a Igreja Renascer vem investindo em projetos de rádio, televisão, internet e mídia impressa. O canal da geradora tem o sinal distribuído para a região de São Paulo por meio da alta torre 'Deus é Fiel', construída em 2004 entre as avenidas Paulista e Consolação. A Rede Gospel alcança outras regiões do país por meio de transmissoras afiliadas e da programação a cabo. Essa tecnologia pretende evangelizar o Brasil e outras regiões do mundo (através da internet, do Portal igospel e da banda de satélite). Liderando o movimento gospel, a IARC utiliza desde 1990 a mídia eletrônica :

Ingressou na TV no final de 1992, com um programa semanal. Logo passou a veicular quatro programas: *Tribo Gospel*, *Clip Gospel*, *De Bem com a Vida* e *Espaço Renascer*. No final de 1996, a Igreja passou a utilizar o canal 53 UHF, controlando a programação da TV Gospel, cujo sinal é captado pelos canais pagos Multicanal, NET e TVA. (MARIANO, 1999, p.103).

Em 1992, a IARC alugava espaços na antiga Manchete e na CNT, cujo carro chefe da programação foi “De Bem com a Vida”, até hoje no ar. Com uma mentalidade de empreendimentos empresariais descentralizados, em pouco tempo, a Igreja chegou a ter mais de 70 horas de programação semanal (SIEPIERSKY, 2001, p. 230). Posteriormente, em 1996, consegue a concessão de um canal de TV de sinal aberto, o canal 53 UHF, chamado o Gospel TV, sob a fundação Rede Gospel Comunicações (RGC), de propriedade do casal Bispa Sônia e Apóstolo Estevam Hernandes.

Siepierski (2003) observou que a IARC mobiliza-se por meio de megaeventos, apresenta um discurso voltado para jovens e empresários de classe média, com uma estética que mistura o sagrado com elementos da indústria do entretenimento e da comunicação de massa. Os cultos da IARC, centrados na música Gospel, proporcionam um ambiente propício ao contato divino induzidos pela música, o canto, a danças, as coreografias, as posturas de oração.

Klein (1999) apresenta como esse processo de ressignificação é engendrado pela Igreja Apostólica Renascer em Cristo por meio do culto, que obedece a três códigos: o representacional, a espetacularização ambiental e a utilização de uma mensagem teológica dual. Esse caráter dual - seguindo a cosmovisão da Igreja Universal do Reino de Deus - considera que o mundo está dividido em dois e exprime-se nas imagens divinas e diabólicas, propondo a cena de uma batalha, na qual a magia e a mediação da Igreja são relevantes.

Na área política, seguindo a tendência atual dos grupos evangélicos, a Renascer fez várias alianças tanto com candidatos evangélicos como não evangélicos, dentre eles Collor, Quéricia, Francisco Rossi, Pitta e Paulo Maluf. Muitos pastores da Igreja também disputam cargos políticos.

Em maio de 2013, a IARC criou uma nova maneira de incentivar os fiéis a ofertarem na instituição : o fiel que oferta no Clube Gideão da Igreja concorre a 5 mil reais pela Loteria Federal. O dinheiro obtido destina-se ao Projeto Gideão da Conquista, que, dentre outras atividades, atende a cerca de 150 crianças em idade escolar e aos centros de recuperação para dependentes químicos.

A cada ano, durante o culto da “virada”, o apóstolo Estevam anuncia a palavra profética que servirá como base nas bênçãos e ministérios para o ano que se inicia.

Eis as palavras proféticas e os respectivos anos, desde 1997:

1997: Ano das Portas Abertas

1998: Ano da Porção dobrada

1999: Ano da Grande Pesca

2000: Ano da Ressurreição

2001: Ano da Restituição

2002: Ano da Promessa

2003: Ano de José

2004: Ano de Neemias

2005: Ano de Josué

2006: Ano de Isaque

2007: Ano de Elias

2008: Ano de Ester

2009: Ano de Davi

2010: Ano de Pedro

2011: Ano de Abraão

2012: Ano de Mateus

2013: Ano de Joel

2014: Ano de Calebe

A IARC tem estado muito presente na mídia em virtude de matérias sensacionalistas. Na edição 209, de 20 de maio de 2002, na Revista *Época*, a matéria “O lado sombrio da Renascer” teve grande repercussão. A chamada de capa era “Os caloteiros da fé”¹⁶. Segundo a revista, muitas pessoas afirmaram terem sido lesadas pela Igreja. A maior parte das acusações relacionava-se ao calote em dívidas contraídas por elas como fiadoras da Igreja Renascer no aluguel de templos e compra de propriedades. A revista apurou ainda que o apóstolo e a Bispa respondiam a 51 processos na justiça. A repercussão foi tão grande, que o casal Hernandez passou os dias seguintes tentando se explicar em programas de TV.

Uma semana depois, nova matéria da revista mostrou outros supostos casos de calote e apresentou propriedades que pertenciam aos líderes, inclusive uma casa cinematográfica na Flórida (EUA) e uma fazenda no Estado de São Paulo. Essas matérias geraram um processo na justiça e o Superior Tribunal de Justiça (STJ) condenou a Editora Globo a pagar uma indenização de 410 mil reais à IARC.

¹⁶ Para mais detalhes, consultar a dissertação de mestrado de Márcia Selivon - *O Discurso da Igreja Renascer em Cristo: uma abordagem dos valores e das estratégias argumentativas*, 2004.

Em 2006, a justiça brasileira bloqueou os bens dos fundadores, acusados de estelionato, falsidade ideológica e lavagem de dinheiro. No entanto, os líderes da Igreja foram considerados inocentes no processo movido contra eles.

Entre 2007 e 2008, a Bispa e o Apóstolo ficaram presos nos EUA, condenados por desembarcar com US\$ 56,4 mil escondidos em uma bolsa, dentro de uma Bíblia, em um porta CDs e em uma mala. Pela lei, eles deveriam ter informado, na alfândega, que portavam mais de US\$ 10 mil. Na Flórida, em decorrência desse fato, sete templos foram fechados. Uma das acusações da justiça americana é a de que o casal usava os templos como “fachada” para um esquema de lavagem de dinheiro proveniente do Brasil.

Outro acontecimento que abalou a instituição foi o desabamento do teto da sede da Igreja, em 18 de janeiro de 2009, no Cambuci, com 9 mortos e 106 feridos. O Ministério Público já vinha fazendo acompanhamento do prédio da Igreja desde 1998, pois vizinhos haviam reclamado da estrutura do local. Em 1999, a Igreja tinha sido fechada a pedido do Ministério Público. Em 16 de dezembro, o IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) atestou a segurança do local. Em julho de 2008, foi permitido o funcionamento com validade de um ano.

Segundo o *site* oficial da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, a instituição atua em vários campos:

Renascer kids: ministério para as crianças, com o objetivo de formar as gerações futuras. Além de cuidar das crianças enquanto os pais assistem aos cultos, procura dar-lhes formação espiritual, utilizando uma linguagem adequada ao universo infantil. Para tanto a Igreja elaborou um material adequado ao ministério Kids. As aulas lúdicas ocorrem não apenas durante os cultos dos adultos mas também em atividades extras . As crianças são divididas por idade, de 0 a 10 anos, com lições apropriadas a cada faixa etária, que apresentam o valor da oração, louvor, oferta e dízimo, conceitos de cidadania e respeito mútuo, com foco na formação espiritual e moral.

Renascer Teens: é direcionado aos adolescentes. O ministério realiza reuniões durante os períodos de culto, nas quais, usando a linguagem adequada ao adolescente, aproxima-se de seu universo para que se sintam incluídos nos planos de Deus e no contexto do ministério. Além disso, são realizadas atividades monitoradas fora dos templos, visando ampliar a formação dos *teens*. Todos os temas são tratados em campanhas e ministrações: família, trabalho, comportamento, namoro, sentimentos, corpo, sempre levando os adolescentes a aprender a se relacionar com Deus.

O2 Church : ministério que nasceu no coração de Deus com o propósito de atingir os jovens, utilizando sua linguagem e aproximando-se de seu universo, a fim de proporcionar-lhes um encontro com Cristo e a consequente transformação de suas vidas.

Ministério da Intercessão: tem como objetivo a utilização de todas as armas espirituais em benefício do Corpo de Cristo. Ele atua nos cultos, garantindo o bom andamento da Palavra e do Louvor por meio de oração e de batalha espiritual, para que não haja bloqueios. Intercede-se pela vida do pregador e dos que estão à frente dirigindo o culto; nos bairros, atua-se realizando intercessão, súplicas e unções, com identificação dos principais pontos de comprometimento existentes; nos eventos, há intercessão e unção com óleo ao redor das localidades onde acontecerão os eventos do ministério. Enfim, intercede-se pela Igreja, por seus propósitos e desafios, orando para a proteção de seus líderes.

Ministério do Louvor e da Adoração: A Bispa Sonia Hernandez compõe letras e músicas. Além disso, músicos têm-se juntado ao ministério, cujo objetivo é resgatar os verdadeiros e perfeitos louvores e adoração descritos no Salmo 150, para que Deus receba a honra e a glória devidas, exclusivamente, ao seu Nome. Deus habita em meio aos louvores, portanto, eles curam, libertam e transformam.

Ministério de Dança: faz parte dos ministérios criativos e tem por objetivo adorar ao Senhor por meio da expressão corporal. Podem participar dançarinos profissionais e aqueles que sentirem desejo de louvar ao Senhor por meio da dança. O grupo se apresenta em todos os cultos durante os louvores e faz apresentações especiais,

muitas vezes combinadas com teatro. O Ministério de Dança também tem participação marcante na gravação do Renascer Praise, apresentando, a cada ano, coreografias inovadoras.

Ministério da Palavra: todos os ministérios da Igreja devem estar envolvidos com ações de evangelismo. Existe, no entanto, um ministério voltado especificamente para este trabalho. Essa equipe atua fora da Igreja, em locais públicos como ruas, parques, hospitais, cemitérios, escolas, eventos, shows. Após a ministração da Palavra, as vidas são acompanhadas e direcionadas aos outros ministérios da Igreja.

Ministério Volta Logo: procura resgatar e ajudar as pessoas que estão voltando aos caminhos do Senhor. Esse público normalmente conhece um pouco da Palavra e já teve experiências com Deus. O Volta Logo atua, dentro da liturgia do culto, no Chamamento, em que os oficiais estão identificados. Após o Chamamento, é entregue um exemplar do Novo Testamento e um DVD com testemunhos, para evangelização. Os telefones de contato das pessoas são anotados para que tudo seja acompanhado.

Ministério do Batismo: responsável por acompanhar, juntamente com o Projeto Adote e os R12, as pessoas que receberam Jesus a fim de que elas caminhem, batizem-se e se fixem na Igreja. É função desse ministério ensinar sobre o batismo com base na Palavra de Deus. Ele cuida de encaminhar e acompanhar as pessoas até os locais de batismo, onde há presbíteros e pastores habilitados a batizá-las.

A Igreja Renascer tem sua visão baseada e fundamentada na missão de Jesus Cristo, pois Ele deixou aos apóstolos um modelo perfeito para formação, desenvolvimento e crescimento da Igreja Apostólica: o discipulado. O R12 é um ministério de discipulado em que o ministro leva o povo a ter crescimento pessoal e espiritual, lembrando a formação dos discípulos de Jesus. Consiste em zelar pelo crescimento pessoal, familiar, profissional, ministerial e espiritual das pessoas. O ministério funciona com reuniões semanais ou quinzenais. Cada pessoa ensina outras 12 pessoas que transmitem a Palavra para mais 12, e assim sucessivamente.

Em geral, as ministrações são passadas pelos líderes aos seus discípulos, que as retransmitem, com possibilidade de estreitar os relacionamentos.

Ministério da Cura e do Aconselhamento: durante ministrações individuais ou coletivas, as pessoas têm possibilidade de falar de sua vida, marcas, problemas, dificuldades. Todo aconselhamento passa por temas de cura e libertação e todo processo de libertação passa pelo procedimento de um aconselhamento comum. A tendência natural desses atendimentos é serem incorporados como atividades dos R12, pois fazem parte do acompanhamento pessoal de cada indivíduo dentro do Corpo. As orientações vão desde problemas familiares até distúrbios emocionais e libertação de comprometimentos espirituais. Por isso, todos os ministros devem ser, no mínimo, diáconos e ser experimentados, além de formados pelo curso de Ministros de Cura e Aconselhamento da Igreja Renascer.

As visitas seguem o mesmo curso dos atendimentos. São realizadas por um grupo habilitado, constituído geralmente por diáconos e/ou presbíteros, para realizar as visitas aos lares, empresas, hospitais, presídios . Elas têm o objetivo de colocar o local e a pessoa visitados sob a autoridade da Igreja, libertando de toda cadeia emocional, física e espiritual. As visitas também têm um objetivo de comunhão para que as pessoas possam se fortalecer na aliança com Deus e com a Igreja.

Ministério Renascer a Dois: tem por objetivo produzir na família qualidade de relacionamento que, gerado pelo amor, produzirá vitória, concordância e prosperidade. Considera-se que não existe família e casamento sem Jesus, pois ele é a base de toda aliança. Existem algumas estratégias que podem produzir os objetivos de restauração e estruturação da família, como a terapia e o encontro de casais.

Ministério das Mulheres: pretende-se atender, tanto por meio de Palavras específicas quanto por aconselhamento e acompanhamento, o público feminino com suas particularidades, voltadas às necessidades pessoais, familiares, financeiras, físicas e emocionais.

Ministério de Assistência Social: criado para socorrer o pobre e o necessitado. Destina-se a prestar ajuda, principalmente, doando provisões materiais e, como o próprio nome indica, assistência social às pessoas necessitadas. Há várias frentes sociais: Núcleo Assistencial Heliópolis; Centros de recuperação para dependentes químicos; Casa Lar Abrigo Franco da Rocha; Casa Calebe .

Gauf (Grupo de Apoio a Usuários e Familiares) pretende libertar os viciados das drogas ou de qualquer outra dependência química. Seu propósito é prestar assistência espiritual e psicológica não só ao dependente, como também a sua família. O objetivo é orientar a família para que passe a ajudar o dependente no processo de libertação. O Gauf realiza reuniões semanais com os dependentes e suas famílias. Muitas vezes, o Gauf agenda reuniões separadas para os familiares e usuários. Através deste ministério, o dependente pode ser encaminhado para o Centro de Recuperação Renascer.

Arepe (Associação Renascer de Empresários e Profissionais Evangélicos) visa formar, motivar e assessorar profissionais das mais diversas áreas. Consiste na realização de um culto semanal, na Sede Internacional e também em todas as Igrejas regionais. Além disso, a associação oferece aperfeiçoamento, cursos profissionalizantes e interage com outros profissionais pertencentes à associação, além de promover eventos sociais, como cafés da manhã, almoços e jantares, e encontros nacionais, nos quais são proferidas palestras referentes à vida profissional e financeira. Os cultos são ministrados por bispos e pastores. Além das próprias Igrejas que servem de local para as reuniões, acontecem ainda eventos em restaurantes, hotéis, centros de convenções e outros. A Fundação controla também o *Gospel News*, jornal mensal, que circula desde 1994, com tiragem de mais de 60 mil exemplares, e uma editora, com muitos títulos publicados, alguns deles de autoria do próprio Estevam Hernandes.

O **Ministério do Ensino** é responsável pela formação de servos para viverem a Palavra e o Poder de Deus, e pela unificação da Visão Apostólica da Igreja Renascer em Cristo com padronização de materiais, ministérios, aulas e procedimentos da Igreja. Esse Ministério é composto por: Escola de Profetas Estrutural, Formação de Aspirantes, Formação de Diáconos, Formação de

Presbíteros, Formação de Pastores, Formação de Mestres, Formação Pessoal, Formação Ministerial.

Escola de Profetas Estrutural (EPE) : cursos de formação básica nos conceitos da Palavra de Deus e da Visão de Restauração da Igreja Renascer.

Formação de Aspirantes: curso destinado a todos que desejam ingressar na vida ministerial. Também está aberto a qualquer cristão que almeje aprender mais da Visão Renascer.

Formação de Diáconos: o propósito desse curso é auxiliar todos que já são aspirantes na Igreja Renascer em Cristo a dar continuidade a sua caminhada ministerial. Por meio de subsídios práticos, leva o aluno a compreender o papel do diácono dentro do Corpo de Cristo e amplia sua visão do funcionamento de alguns ministérios.

Formação de Presbíteros: prepara o oficial para a função de pastor, incluindo gestão administrativa e cuidados com os membros. Tem também o objetivo de aproximar o oficial do altar e de seu papel de pregador da Palavra com excelência, seja no conteúdo ou na forma.

Formação de Pastores: voltado para os presbíteros que buscam o aperfeiçoamento e desejam chegar ao pastorado. É composto por módulos que levam o aluno a compreender o papel de pastor na Igreja Renascer em Cristo e as melhores práticas para desempenho de sua função.

Formação de Mestres: acontece antes do início de cada semestre com o objetivo de aprimorar e reciclar os mestres para que estes sejam formadores da visão para as próximas gerações de ministros, em todos os níveis do Ministério de Ensino.

Formação Pessoal: cursos voltados para membros que buscam ampliar o conhecimento com o propósito de crescimento pessoal e de aprofundar seu relacionamento com Deus.

Formação Ministerial: prepara ministros para atuarem em seus ministérios específicos com amplo conhecimento da área para benefício do Corpo.

Na IARC há vários cultos, cada um com uma finalidade diferente:

CELEBRAÇÃO DA FAMÍLIA - domingo

Reunião em 5 horários: 8h, 10h, 15h, 17h e 19h

Reunião da AREPE - 20h - segunda-feira

(Associação Renascer de Empresários e Profissionais)

CULTO DE GUERRA ESPIRITUAL - 20h - terça-feira

CULTO DE MULHERES - 14h30min - quarta-feira

CULTO DAS ANAS - 14h30 (Mães que Oram) - quinta-feira

CULTO DO ESPÍRITO SANTO - 20h - quinta-feira

CURA INTERIOR E LIBERTAÇÃO - 20h - sexta-feira

Foram apresentados, neste capítulo, aspectos relacionados ao contexto religioso neopentecostal e pentecostal, especificamente a respeito da Igreja Apostólica Renascer em Cristo. O próximo capítulo vai delinear o percurso dos estudos retóricos até os estudos discursivos na atualidade.

CAPÍTULO II - O PERCURSO DA RETÓRICA E CONEXÕES COM OS ESTUDOS DISCURSIVOS

Este capítulo vai tratar das origens e das principais vertentes de teorias relacionadas à retórica e à argumentação. Essas vão fundamentar a análise do capítulo III, cujo objeto de estudo será principalmente os aspectos relacionados ao discurso da Igreja Apostólica Renascer em Cristo. Outras teorias mais recentes, como as pragmáticas, também serão apresentadas, pois se deve levar em conta o percurso dos estudos discursivos no decorrer do tempo.

2.1 As origens da Retórica

Há, na mitologia grega e latina, uma divindade da Persuasão que integra o cortejo de Vênus-Afroditê, simbolizando o poder persuasivo da beleza. No julgamento de Páris, Vênus vence Juno e Minerva, não pela beleza, mas pela eloquência. Mas a retórica se atribui a Hermes-Mercúrio. Como embaixador e mensageiro de Zeus-Júpiter identifica-se com o *logos*, a palavra divina. E foi ele quem ensinou os homens a falar bem para persuadir. Marciano Capela, no século V de nossa era, faz o casamento de Mercúrio (Eloquência) com a filologia (Sabedoria). Dante Alighieri, já nos fins da Idade Média, subordinará a Retórica ao planeta Vênus.

De acordo com Plebe (1988), a origem da Retórica relaciona-se, principalmente, a disputas judiciais. Por volta de 485 a.C., na Magna Grécia, tiranos expropriaram terras de cidadãos de Siracusa, distribuindo-as a mercenários. Os cidadãos, espoliados de suas propriedades, procuraram recuperá-las. Para isso, abriram processos que mobilizaram grandes júris populares. Tornou-se, assim, necessário um discurso eficaz e eloquente para convencer os jurados e vencer a causa. Tringali (1988) também aponta o surgimento da retórica na Magna Grécia, na Sicília. O primeiro tratado de retórica de que se tem notícia se deve a Córax e a seu discípulo Tísias (século V a.C.). Coincidentemente a Retórica desponta, depois da queda da ditadura de Siracusa (em 465 a.C.), por injunções de ordem prática. A Retórica, portanto, surge como instrumento reivindicatório de direitos espoliados.

Reboul (2000) observa que os homens sempre utilizaram a linguagem para persuadir. Na Grécia Antiga, sem a presença de advogados, a “arte retórica” (*tekhné rhetoriké*) apresentava mecanismos argumentativos e persuasivos capazes de convencer os indivíduos e vencer as causas. Porém, os sofistas, cujo objetivo era vencer a qualquer custo, apropriaram-se dessas técnicas.

A retórica teve início em Siracusa em 465 a.C. e foi divulgada na Grécia por intermédio dos sofistas. Defendia-se uma retórica com base no verossímil. Considerava-se a importância do exercício do ataque e da defesa de uma mesma tese no intuito de adquirir mais recursos para bem desenvolver uma argumentação.

Protágoras, o mais antigo dos sofistas, foi o primeiro a enviar a retórica siciliana para a Grécia. De maneira geral, os sofistas tinham o maior interesse pelo ensino da retórica, mas não deixavam de mostrar certa curiosidade no que dizia respeito à moral e à filosofia. Mas era uma atitude diferente da dos socráticos porque estes se preocupavam em chegar a proposições morais de uma verdade universal (FONSECA, 1997).

Ainda segundo Fonseca (1997), Protágoras, autor de obras filosóficas, deixou uma célebre fórmula: “o Homem é a medida de todas as coisas, das que são, das que não são enquanto não são”. Reboul (2000, p.8) expõe assim a doutrina de Protágoras: “Não existe verdade em si, mas uma verdade de cada indivíduo, de cada cidade; e o importante é aquilo que lhe permite fazer-se valer e impor-se, que é precisamente a retórica”. Já Platão considerava que a verdade estava em Deus e não no Homem, opondo-se, portanto, às ideias de Protágoras.

Essas posições interpretadas das mais diversas maneiras já eram vistas pelos antigos como uma afirmação de relativismo considerado perigoso, pois se prestava a aplicações em outros campos como o ético e o político. Como os sofistas afirmavam que sobre qualquer argumento há dois discursos que se contrapõem e que eles podem converter a causa mais fraca em mais forte, essa declaração só pode ser entendida como uma indiferença moral e provocar o descrédito nos sofistas daquela época e posteriores.

Uma teoria que alcançou muito sucesso na Magna Grécia era o *kairós* retórico, ou seja, o uso oportuno e adequado da palavra com eficácia no âmbito da sociedade e da educação. Já para Protágoras o *kairós* deveria ser considerado mais no plano semântico-expressivo que moralista. A mais importante doutrina da Magna Grécia utilizada por Protágoras foi a das antíteses, mostrando que, em torno de cada questão, há sempre dois discursos reciprocamente opostos.

Considerando que a retórica pretende persuadir diversos grupos sociais, não se pode deixar de relacioná-la aos atuais estudos pragmáticos, que visam apreender a língua enquanto fato, realização concreta. Ela visa à utilização da linguagem por um enunciador que se dirige a um coenunciador em um contexto determinado. Portanto, preocupa-se com a linguagem como ação, atividade humana e as relações de interlocução estabelecidas. Assim, o *ethos* e o *pathos* constituem fatores importantes na preparação do auditório, com o objetivo do orador de torná-lo favorável à sua exposição.

Vejamos o posicionamento de Perelman, um dos fundadores da Nova Retórica, em relação ao ponto de vista dos antigos retóricos:

Contrariamente a Platão e mesmo a Aristóteles e a Quintiliano, que se empenham em encontrar na retórica raciocínios como os da lógica, não cremos que a retórica seja apenas um expediente menos seguro, que se dirija aos ingênuos e aos ignorantes. Há áreas da argumentação religiosa, a da educação moral ou artística, a da filosofia, a do direito, em que a argumentação tem de ser retórica. (PERELMAN, 1999 ,p.87).

Segundo Tringali (1988), coube a Górgias (487-380 a. C.), discípulo de Tísias, levar a Retórica a Atenas, para onde fora como embaixador dos sicilianos. Em Atenas, a Retórica se consolida definitivamente por obra dos sofistas, que abrem as primeiras escolas de Retórica, onde ensinam, entre outras coisas, a fazer belos discursos, sobre qualquer assunto. E como professam o ceticismo (não acham que se pode chegar à certeza), daí considerarem a verdade, a justiça, relativas e, como consequência, treinarem seus alunos a defender qualquer dos lados de uma questão, não importando se justo ou injusto, cobiçando apenas ganhar a causa, sem levar em conta os aspectos éticos.

Górgias¹⁷ preocupou-se tanto com a forma quanto com o conteúdo do discurso. Ele tratará da persuasão psicológica, irracional, com base na eloquência, não vendo nesta uma ciência demonstrativa como estabelecida pela retórica do verossímil, que depois será desenvolvida nas teorias retóricas de Aristóteles. Baseia-se na sedução que a palavra habilmente usada exerce sobre a alma do ouvinte, sem convencer o ouvinte pela precisão do raciocínio. Esse racionalismo das provas e dos argumentos está na base dos silogismos utilizados pela retórica. Mas esses silogismos retóricos (entimemas) são refutáveis, diferentemente dos silogismos da lógica.

A sofística utiliza-se, portanto, de argumentos enganosos e ilusórios. Reboul (2000) desaprova a atitude dos sofistas em relação à Retórica, pois faziam crer que o discurso humano não teria outro objetivo senão o próprio sucesso.

Platão se opunha declaradamente aos sofistas. Para esse filósofo, com a intenção de atingir seus objetivos, os sofistas procuravam persuadir utilizando-se de falsos silogismos. Assim, por meio de um raciocínio dedutivo lógico e partindo de uma proposição dada como “verdadeira” ou já aceita, os retóres sofistas demonstravam racionalmente o verossímil, chegando a uma premissa conclusiva lógica. No seu ponto de vista, a retórica deveria ter um cunho filosófico, com a finalidade de atingir o verdadeiro, a justiça e a virtude política.

Platão sugere uma retórica ideal. Ele acha que a retórica não se justifica como mera atividade formal de persuadir, não importa sobre o quê, versando indiferentemente sobre o justo e o injusto diante de uma multidão ignara.[...]. A seu ver o orador não pratica outra coisa a não ser bajular e lisonjear as multidões, daí porque a oratória não consegue se elevar ao nível de uma ciência ou arte. Não passa de uma atividade rotineira, vulgar e infundada. Mas o ponto mais vulnerável da Retórica decorre de seu conteúdo: o justo e o injusto. Não se pode defender indiferentemente o justo e o injusto. A retórica, sob pena de se negar, deve ser justa, não pode em hipótese alguma praticar a injustiça, aliás é preferível sofrer a cometer a injustiça.

¹⁷ O sofista Górgias estabeleceu o vínculo entre a retórica da Magna Grécia e a da Grécia continental. Discípulo do filósofo siciliano Empédocles, revelou ao ateniense uma prosa que obtinha os mesmos efeitos da poesia no que tange à sedução e à persuasão atraente e absorvente. E com a introdução do ritmo, do uso de termos da linguagem poética e de figuras retóricas, a prosa de Górgias ganhou maior força e beleza. Além da eloquência como persuasão, esse sofista adotou em sua doutrina o conceito tomado da educação pitagórica recebida de Empédocles, mas enquanto os adeptos do pitagorismo se preocupavam em curar o corpo e a alma, o que importava para Górgias era o admirável desvio operado pela palavra poética, ou para obter uma cura ou para provocar uma agradável doença. (FONSECA, 1997, p. 52).

O criminoso deve ser punido e nunca inocentado através de mentiras. Não deve ser defendido, simplesmente deve ser punido. A justiça é a suprema felicidade do homem. A retórica só terá direitos de cidadania quando se sujeitar totalmente ao império da “Dialética” no sentido platônico da felicidade suprema do Bem, da Justiça, da Verdade, do Amor. (TRINGALI, 1988, p.39).

Em 393 a.C., Isócrates abriu uma escola de onde saíram formados oradores, historiadores e estadistas. Segundo Fonseca (1997), desinteressado da eloquência judiciária, o objetivo de Isócrates era tornar-se mestre de retórica e conselheiro político. Em seu ponto de vista, a eloquência é uma cultura completa, designada por ele como filosofia, que tem o sentido amplo de cultura intelectual e não o de retórica. No seu ponto de vista, os estudantes deveriam ter, em primeiro lugar, uma aptidão natural, que depois seria desenvolvida pela prática e pela teoria. Opõe-se, portanto, à filosofia platônica, porque não admite estudos puramente especulativos. Isócrates discorda de Platão nas ideias sobre a formação do espírito, mas concorda com ele na crítica aos sofistas, pois Isócrates condenava o orador sem convicção profunda e apenas interessado em exhibir suas habilidades na eloquência, como habitualmente acontecia com os sofistas, que proclamavam conhecer os meios infalíveis de tornar eloquente qualquer indivíduo.

Tringali (1988) afirma que Isócrates tenta conciliar os sofistas com Platão. Sócrates separara a sabedoria da Retórica: o filósofo não deve ser orador. Mas Isócrates une, de novo, a retórica à sabedoria. Nas mãos de Isócrates, a retórica se faz uma arte de bem pensar, bem viver, bem falar. Com ele a elocução conhece dias de glória. Ele se dedica à elaboração da prosa artística e cria o “número oratório”, isto é, os fins de períodos metrificadas. Cícero chega a dizer que Isócrates se constitui num verdadeiro laboratório de eloquência “*officina dicendi*”.

No ponto de vista de Perelman (1999), Platão nos indica a razão por que o diálogo lhe parece convir melhor para a apresentação de teses filosóficas: o longo discurso visa essencialmente persuadir os ouvintes por meio de um amontoado dos mais diversos procedimentos, que se sustentam uns aos outros e impressionam mais pelo efeito de conjunto do que pela solidez de cada um dos argumentos enunciados. Não ocorre isso no diálogo conforme o método da dialética platônica. Nela o raciocínio

avança passo a passo, e cada passo deve ser testado e confirmado pela concordância do interlocutor. Só se passa de uma tese para a seguinte quando a adesão daquele a quem se dirige garante a verdade de cada elo da argumentação.

Perelman (1999, p.48) apresenta a seguinte questão: “Mas não será esse interlocutor apenas um mero títere cujos fios o autor puxa da forma que lhe parece ser a mais apropriada? Qual seria, nesse caso, não só para os leitores mas para o próprio Platão, o valor do método dialético? Complementando suas reflexões, Perelman apresenta consistentes observações a respeito da dialética platônica¹⁸:

Se a interpretação de Globot é correta, se o desenrolar do diálogo não é em nada influenciado pela personalidade de quem responde, pois este só encarna as reações de uma mente normal perante a evidência, a forma dialogada não passa de um engodo que apresenta o risco, como mostra o exemplo de Pareto, de nos induzir em erro, ao permitir atribuir ao interlocutor do diálogo um papel que ele não tem. Ao contrário, nessa perspectiva, a dialética platônica constitui um esboço do sistema dedutivo, no qual as teses decorreriam umas das outras [...] (PERELMAN, 1999, p.48).

E mais adiante:

O método dialético, correlativo, em nossa mente, de um pensamento dialogado, se transformaria num sistema dialético, monolítico, no qual, a partir das teses iniciais, as consequências se desenvolveriam de uma forma automática que não deixaria nenhum espaço à personalidade não só de quem responde, mas também ao próprio dialético. Dialética e lógica analítica coincidiriam. O procedimento dialético seria tão coercivo quanto a demonstração formal e, para consegui-lo, deveria beneficiar-se da mesma univocidade dos termos aos quais se aplica e do mesmo caráter indiscutível de suas regras operatórias. Tornando-se uma lógica, a dialética se torna um sistema de encadeamentos necessários, mas à custa do abandono de qualquer conformidade com um diálogo real, cujo desenrolar é condicionado tanto à personalidade dos interlocutores quanto às intenções que os animam. (PERELMAN, 2004, p.48).

Já a respeito do diálogo, Perelman (2004) considera que se trata de examinar as diversas formações admissíveis de seus princípios, de pesar-lhes as vantagens e os inconvenientes, e essa investigação, seja feita por várias pessoas ou se limite a uma

¹⁸ Pareto escreve, ironizando esse modo de proceder: O excelente Platão tem uma maneira simples, fácil, eficaz, de obter o consentimento universal ou, se preferirmos, o dos sábios: faz que um interlocutor de seus diálogos o conceda, fazendo-o dizer o que quer; de modo que esse consentimento é, no fundo, apenas o de Platão e somente é admitido sem dificuldade por aqueles cuja imaginação ele lisonjeia. (Perelman citando Pareto, 1999).

deliberação íntima, assumirá a forma de diálogo, em que se pergunta e se responde, em que se objeta e se replica. Por exemplo, no diálogo erístico – o confronto de teses opostas num diálogo pode ocorrer de várias maneiras essencialmente distinguidas pelas intenções dos participantes. Quando o desejo de vencer, de deixar o adversário embaraçado e de fazer o ponto de vista pessoal triunfar constitui o único móbil dos interlocutores, encontramos-nos diante do gênero mais afastado das preocupações filosóficas. No torneio erístico, trata-se unicamente de vencer o adversário, o que implica uma completa indiferença pela verdade.

Coube a Aristóteles sistematizar a Retórica, apresentando várias técnicas de que o orador eficaz deveria ter conhecimento. Em sua época, a “arte de bem falar” era parte fundamental da educação aristocrática. Para Aristóteles, a retórica é a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir. De acordo com o Livro I de *Retóricas*, a retórica é a outra face da dialética, uma vez que ambas se ocupam de questões ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular.

Tanto a Retórica quanto a Dialética geram uma área de conhecimentos prováveis, o mundo da opinião. Em que diferem? Diferem do plano formal. A Retórica se realiza por meio de um texto contínuo, ininterrupto. Um discurso se contrapõe a outro discurso. A dialética opera através da conversação, do diálogo. O diálogo se desenrola com falas alternadas, com relativa brevidade.

Segundo Muhana (1997), Aristóteles afirma que a poesia está próxima da filosofia por se referir ao universal. Na poética, a constituição da verossimilhança dá-se pela coerência interna de suas partes, de modo que a unidade da obra poética corresponda a uma unidade de sentido, que, não sendo verdadeira, é verossímil ou semelhante à verdade. Muhana acrescenta que a coalizão proposta por Platão entre a retórica, a poesia e a sofística, de um lado, e a filosofia, de outro, é o solo a partir do qual Aristóteles ergue sua Retórica, para nela estabelecer, contudo, as condições que a dignificam como uma retórica “dialética”, em contraposição à sofística.

Nesse sentido, todos os tipos de provas (argumentativas e ético-patéticas) expostas nos livros I e II da Retórica aparecem como o conjunto de meios persuasivos

legítimos de que o orador se vale para se distinguir de um poeta ou de um sofista. Aristóteles afirma que é preciso não só estar de posse das provas mas também saber apresentá-las pelas palavras de modo que elas tenham tal ou qual caráter, isto é, afetem de tal ou qual maneira (Retórica, III, 1, 1403b 11-12).

O problema aristotélico, conforme destaca Muhana (1997), parece não estar tanto em que uma palavra signifique várias coisas. O problema reside em que uma palavra possa ter vários sentidos, independentes uns dos outros, e que estes possam se encadear sintaticamente, pelos sons ou pelas imagens, suscitando afetos que ignorem a lógica. Ao contrário da elevada poesia, o sofista faz com que a sonoridade não se fixe em uma coisa, mas a faz transitar entre todas as coisas possíveis e produzir sentidos que suscitam deleites vãos. Considera a aliteração, a paranomásia, a rima como infrações ao sentido porque nelas haveria proximidade de sons sem que houvesse semelhanças de ordem lógica:

[...] há discursos escritos que obtêm muito mais efeito pelo enunciado do que pelas ideias. Os poetas foram os primeiros, como seria natural, a dar um impulso a esse aspecto. Efectivamente, palavras são imitações, e a voz é de todos os nossos órgãos, o mais apropriado à imitação [...] E uma vez que os poetas, embora dizendo coisas fúteis, pareciam obter renome graças à sua expressão, por esta mesma razão foi um tipo de expressão poética o primeiro a surgir como a de Górgias. E ainda agora muitas pessoas sem instrução pensam que são estes oradores os que falam de forma mais bela. Isto, porém, não é assim, pois a expressão própria da poesia é diferente da do discurso. [Retóricas, III,1 1404^a 26].

Em suma, a diferença entre o poeta e o sofista, para Aristóteles, não está nem das figuras de linguagem e de expressão nem em promover o falso nem em ir contra a ética e a política mas está na sua finalidade: a finalidade do sofista é dizer que o falso pode ser verdadeiro .

Aristóteles apresenta duas ordens, diferenciadas. A ordem da demonstração lógica apresenta silogismos verdadeiros e irrefutáveis. Já a ordem da retórica ou dialética apresenta silogismos convincentes, mas refutáveis. Nesse caso, o *logos* recupera o contingente, o hipotético, o possível, o provável, a opinião, uma vez que a retórica vale-se dos entimemas, ou seja, silogismos convincentes, porém refutáveis. Além

disso, enfatizava que ela deveria ser considerada uma rigorosa técnica de argumentar.

A seguir, veremos como Aristóteles concebia o sistema retórico. Esse sistema era dividido em quatro partes: *inventio*, *dispositio*, *elocutio* e *actio*. Aristóteles trata da *inventio* no estudo dos lugares de onde se tiram os argumentos, as provas relacionadas à temática do discurso. Num sentido amplo, invenção se define pela coleta de material, o que quer que seja, provas ou não e que vai constituir o conteúdo de um texto. É tudo que se diz. Depois de tomar posição diante de uma questão controversa, o orador procura provas, inventa as provas porque elas servem de instrumento de realização do objetivo último da retórica, a saber, persuadir. A persuasão só se efetiva através de provas. Em essência, as provas se reduzem a raciocínios.

Tópica é a disciplina proposta por Aristóteles para cuidar da invenção, ao mesmo tempo, na Dialética e na Retórica. Ela ensina a encontrar os lugares de onde se tiram as provas. A palavra *lugar* tem aqui sentido figurado. As listas de lugares provinham do vocabulário filosófico de Aristóteles: definição, divisão, etimologia, gênero, espécie, diferença, propriedade, acidente, causalidade, circunstâncias.

A *dispositio* é a organização interna do discurso e, por sua vez, apresenta a divisão a seguir: exórdio, narração, provas e a peroração. Depois de reunir o material, de juntar as provas, é preciso organizar as ideias. A disposição consiste na distribuição das partes dentro do todo, ordenando-as de forma a constituir uma unidade complexa em que nada fique a esmo. Quem fala sobre o assunto deve saber de onde vai partir, qual caminho a percorrer e aonde pretende chegar.

O início do discurso é o exórdio, que procura captar a atenção do ouvinte e prepará-lo para ouvir o discurso que será proferido logo a seguir. A narração compõe-se da argumentação propriamente, da apresentação dos fatos. É necessário que ela valorize o caráter do orador, ou seja, sua credibilidade perante o auditório. Para atingir seus objetivos, não deve ser nem concisa demais nem prolixa demais. Cabe ao orador encontrar o equilíbrio a fim de apresentar uma explanação clara.

Retomando a estrutura do discurso, a finalidade da peroração ou epílogo é dispor o ouvinte em favor do orador, realizar uma recapitulação, ampliar ou atenuar o que foi dito, provocar as paixões no ouvinte. Outro elemento retórico importante é a *elocutio* ou as escolhas que podem ser feitas no plano da expressão para que haja coerência entre forma e conteúdo.

As provas selecionadas pelo orador precisam ser consistentes e bem fundamentadas. O orador as utiliza para refutar os argumentos do adversário e confirmar o seu próprio ponto de vista e intenções.

Em sua obra, Aristóteles divide as provas retóricas em extrínsecas ou extratécnicas e intrínsecas ou técnicas. Estas dependem das habilidades do orador, das técnicas argumentativas; já as outras são os testemunhos, as confissões, as leis que necessitam apenas de elaboração adequada do orador. As provas técnicas podem ser lógicas. Nesse caso, procuram convencer por meio do intelecto e, posteriormente, levar a uma ação. Para isso, utiliza-se o entimema, ou seja, um silogismo que procura parecer verdadeiro por sua coerência interna, sem compromisso com a verdade.

Aristóteles chama o silogismo usado na Retórica de entimema, que significa argumento retórico ou silogismo retórico. O silogismo pode ser, segundo Aristoteles, apodítico, dialético, sofístico. O apodítico é quando o silogismo consta de premissas verdadeiras e certas e chega a uma conclusão verdadeira e certa. O critério de verdade de uma premissa deriva da evidência, por exemplo, é evidente que o todo é maior que sua parte. O dialético ou provável é o raciocínio que parte de premissas prováveis, isto é, premissas admitidas pela maioria do comum dos homens e geram uma conclusão não certa, mas provável. Tanto as premissas como a conclusão são prováveis, isto é, objeto de crença, de opinião. Não é verdadeiro mas se assemelha à verdade, se parece com a verdade, é verossímil. O silogismo é sofístico e ocorre quando, por meio de truques formais e materiais, pretende-se enganar a fim de fazer passar o falso por verdadeiro.

Pode-se provar também por meio de exemplos. A prova por meio do exemplo é indutiva, ou seja, vai do particular para o geral. Em última instância, a exemplificação se baseia em um raciocínio analógico.

Há também as provas psicológicas, que pretendem comover o público para que aceite mais facilmente a proposição do orador, levando a uma ação analogamente às provas lógicas. Para emocionar o auditório, os oradores utilizam as provas patéticas e as provas éticas.

Os argumentos patéticos¹⁹ utilizam a paixão para persuadir os ouvintes. As paixões agem diretamente no auditório porque, como bem aponta Aristóteles, elas influenciam nos juízos, que variam conforme se experimenta um sentimento como a alegria ou o ódio. As paixões, portanto, levam o auditório a aderir à proposição do orador pela emoção.

Os argumentos ou provas éticas apoiam-se na impressão favorável que o orador transmite de si para o auditório. Aristóteles ressalta a importância desses argumentos. Segundo ele, o caráter moral do orador é “a prova determinante por excelência”, pois sua probidade em muito influi no ânimo e na disposição do público quando este é convocado a se pronunciar a respeito de uma questão sobre a qual não se pode ter certeza mas somente opiniões.

Ético do grego *ethos* significa costume, caráter. É a imagem que o orador transmite de si mesmo aos ouvintes. O orador varia a própria imagem de acordo com a conveniência da causa. Pela imagem de si, ele revela seu caráter. Como consequência da imagem que desperta nos ouvintes, desperta, ao mesmo tempo, os sentimentos correspondentes. Não basta, contudo, ao orador cuidar da própria imagem durante o discurso, apresentar-se ora humilde, ora austero, ora tranquilo, ora autoritário. O que realmente conta é a imagem do orador que deriva de toda sua

¹⁹ *Pathos* em grego quer dizer paixão, o que provoca paixão. E tanto a oratória como o teatro provocam as paixões, produzem o patético. E assim como existe uma reação contra a exploração das paixões no teatro, Brecht criou um teatro de distanciamento, sem apelo às paixões, para permitir a reflexão por parte dos espectadores, assim também na retórica, há uma linha antipatética de raiz estoica que condena as paixões. Quintiliano, em oposição, afirma: “o espírito e alma da eloquência consiste principalmente nos afetos, isso é propriamente a obra do orador, o seu verdadeiro trabalho”. (TRINGALI, 1988, p.77).

vida moral. Há uma ligação profunda entre a vida e o discurso, o discurso reflete a vida do orador. Sem uma vida honrada, o discurso não persuade. Teoricamente se começa um processo de incorporar à definição do orador, a honestidade. O orador se constitui pela perícia em falar e pela honestidade. Ele é um homem honrado capaz de falar bem.

As provas extratécnicas ficam fora da arte, da oratória. Elas são extrínsecas, pois, à retórica. Elas têm sua fonte num fato, numa circunstância externa, são eventuais e variáveis e dependem de outras esferas de conhecimento.

É enriquecedora a observação de Charaudeau em relação a esses elementos da retórica. Segundo esse autor, a questão de saber se a persuasão está relacionada à razão ou aos sentimentos é antiga, porque, além de apresentar as ideias, “é preciso ‘tocar’ os juízes, os jurados”:

Tocá-los quer dizer colocá-los em uma disposição de espírito tal que seu julgamento possa ser mais orientado nessa ou naquela direção. Desde então, passando por Cícero, Pascal, Rousseau e, chegando à Nova Retórica, admite-se que não se pode descartar os sentimentos em nenhum processo linguageiro que tenda a influenciar o interlocutor, mas ao mesmo tempo, que convém distinguir “convicção” de “persuasão”. A primeira pertenceria ao puro raciocínio, fundar-se-ia sobre as faculdades intelectuais e estaria voltada para o estabelecimento da verdade. A segunda pertenceria aos sentimentos (hoje em dia, diríamos “ao afeto”), fundar-se-ia sobre as faculdades intelectuais e estaria voltada para o auditório. O *logos* de um lado e o *pathos*, de outro, a que é preciso acrescentar o *ethos*, que diz respeito à imagem daquele que fala e que é igualmente suscetível de tocar o auditório pela possível identificação deste à pessoa do orador. (CHARAUDEAU, 2011, p.81-82).

Charaudeau (2011) ainda questiona se essas categorias convicção/persuasão existem e agem independentemente uma das outras e se elas estão ligadas por uma relação. Ele afirma que alguns, ao estudar, de fato, a argumentação como processo interacional em uma perspectiva “pragmadialética”, defendem a ideia de que existe uma lógica argumentativa e que, portanto, nessas condições a expressão da paixão só poderia ser uma origem de deturpação dessa atividade. Para outros, em contrapartida, conviria categorizar as paixões e integrá-las ao processo argumentativo, pois estas participam da construção dos julgamentos. Na elaboração do discurso, tanto as paixões quanto a razão seriam importantes.

Meyer (2007), em seu prefácio para a *Retórica das Paixões*, de Aristóteles, escreveu “A paixão é, portanto, relação com o outro e representação interiorizada da diferença entre nós e esse outro. A paixão é a própria alteridade.” No mesmo prefácio, elencam-se as catorze paixões consideradas por Aristóteles: “cólera, calma, temor, segurança (confiança, audácia), inveja, impudência, amor, ódio, vergonha, emulação, compaixão, favor (obsequiosidade), indignação e desprezo.” (MEYER, 2007, XLI).

Da Grécia, a Retórica vai para Roma que a transmite como herança ao mundo ocidental. Os romanos conquistam militarmente a Grécia. Roma começa a se helenizar. A Retórica grega seduz os romanos, vem a calhar com a sua vocação. Entretanto, em 161 a.C. os retores, os professores gregos de retórica, são expulsos de Roma junto com os filósofos gregos. E imediatamente os discípulos romanos os substituem e a Retórica se converte em um dos mais insinuantes instrumentos de poder.

De acordo com Tringali (1988), *A Retórica a Herênio (Rhetorica ad Herennium)*, que hoje se atribui a Cornifício, já se atribuiu falsamente a Cícero, foi escrita no século I a.C. É um tratado puramente técnico que vai exercer uma imensa influência em Roma e a seguir em toda a Idade Média. Ainda segundo Tringali, o 41º advento de Cícero marca outro momento capital da Retórica. Não se trata de medir valores mas Cícero exerce uma das mais potentes influências sobre a civilização retórica ocidental. Um dos maiores oradores de todos os tempos, foi um original divulgador da retórica grega e latina. *De oratore (Sobre o orador)* se destaca entre seus tratados teóricos. Independente sem se subordinar a nenhuma escola, sua obra *Instituição Oratória* consolida toda a Retórica Antiga. Sem negar a importância da persuasão, define a retórica como arte de bem dizer, o que acarretará um desvio em seu curso.

A finalidade da Retórica aristotélica é persuadir, e, ao mesmo tempo esta finalidade especifica o discurso retórico em oposição ao discurso não retórico. Entretanto, no século I da era cristã. Quintiliano, em nome da lógica, critica a validade desta definição. Para ele, persuadir não faz parte integrante do conceito de Retórica

porque nem todo discurso persuade e, além do discurso retórico, por exemplo, o dinheiro, o poder, a virtude também persuadem. Logo, a definição da retórica, como arte de persuadir, não a especifica.

Quintiliano não se afasta do quadro geral da Retórica Antiga de que se tornou o mais admirável divulgador, em todo caso, sua definição de retórica representa um desvio que acaba levando, um dia, a separar e dar autonomia à elocução como parte única e fundamental da Retórica, o que se consuma na Renascença.

A persuasão fica em primeiro lugar porque, sem ela, a Retórica se desvirtua, se desnatura. Ora para persuadir, o discurso necessita de ser bem feito. Dizer bem é uma propriedade inegável da Retórica mas não a define. Um texto bem escrito ou pronunciado pode não ser retórico e um texto mal escrito e pronunciado pode ser retórico.

Cícero chama de “*Tria officia*” as três funções essenciais da Retórica. A primeira se diz lógica, a segunda afetiva, a terceira estética.

- 1) Convencer (vem de “cum + vincere” = vencer o opositor com a participação dele). Tecnicamente denota persuadir a mente através de provas lógicas: indutivas (exemplos) ou dedutivas (argumentos).
- 2) Comover (vem de “cum + movere” = comover, persuadir através da emoção). Pela excitação da afetividade, a vontade arrasta o intelecto a aderir ao ponto de vista do orador. Essa oposição entre persuasão intelectual e persuasão afetiva permite distinguir, historicamente, dois tipos de Retórica: a que vigora nas épocas de classicismo e a que vigora nas épocas do romantismo.
- 3) Agradar – corresponde na terminologia latina a “placere” = agradar; “delectare” = seduzir, encantar, deleitar. O discurso retórico, deleitando ajuda a persuadir. Agrada à faculdade do gosto, principalmente pelas louçanias de estilo. Esse objetivo faz da Retórica uma arte de bem falar.

2.2. A nova Retórica e os estudos argumentativos na atualidade

Em razão de ter sido tão criticada no decorrer do tempo, a Retórica foi perdendo, cada vez mais, prestígio perante a opinião pública. Assim, na França, na passagem do século XIX para o século XX, a retórica não era considerada um método válido para a produção do saber e, ainda, relacionada a grupos clericais antirrepublicanos, o que levou à exclusão da retórica dos currículos universitários.

Nos dias de hoje, a partir dos estudos da Nova Retórica e do chamado Grupo de Liège, na Bélgica, a Retórica foi muito valorizada. A partir dos anos 60, foi complementada por outras ciências como a Linguística, a Semiótica, a Pragmática e a Análise do Discurso. Em nossos dias, a Retórica vem ganhando prestígio crescente porque, no mundo em que a mídia está presente, diariamente os elementos verbais e não verbais exercem uma grande influência na sociedade.

Alguns dos estudiosos da Retórica e da argumentação consideram Chaïm Perelman o criador da retórica moderna ou, mais especificamente, da Nova Retórica. Assim, Perelman, em coautoria com Lucie Olbrechts-Tyteca, publicou o *Tratado da Argumentação: a nova retórica*, cujo conteúdo ultrapassa os limites da retórica tradicional. As pesquisas que geraram essa obra, apresentada em 1958 em dois volumes, resultaram na redescoberta de uma parte da lógica aristotélica que há muito fora esquecida ou ignorada. Essa “parte da lógica” é resultado de análises considerando o raciocínio informal, opondo-se ao formal, matemático. Perelman (2000, p. 70) afirma que “a retórica, em nosso sentido da palavra, difere da lógica pelo fato de se ocupar não com a verdade abstrata, categórica ou hipotética, mas com a adesão.”

Voltando à Retórica de Aristóteles, Perelman desenvolve a teoria da argumentação, que, segundo ele, complementaria a teoria da demonstração, ampliando a concepção de razão. Nessa perspectiva, Perelman (2000) questiona se o método bem sucedido em lógica poderá ser utilizado pela Retórica. A retórica não tem como objeto o verdadeiro mas o opinável, que Aristóteles confunde, segundo Perelman (2000), com o verossímil. Em síntese, não há uma lógica específica dos juízos de valor, pois não são deduções formais corretas nem induções do particular para o

geral, mas argumentações de toda espécie. Os juízos de valor não são verdadeiros nem falsos, apenas podem ser mais ou menos fundamentados ou justificados.

A Nova Retórica afasta-se ligeiramente da Retórica Clássica; nesta predominava a razão, com suas estruturas matemáticas advindas dos entimemas, aceitando, com tais estruturas, as evidências claras de uma “verdade” racional; aquela rompe com as estruturas da razão cartesiana e revela-se com o plausível, com dados e fatos da realidade. Dessa forma, Perelman e Tyteca colocam em destaque a importância da adesão do auditório e aproximam-se da Retórica de Aristóteles.

Assim, tendo assinalado o vínculo entre as nossas preocupações e a retórica tal qual Aristóteles a via, utilizaremos daqui para frente o termo “retórica” para designar o que poderia ter sido chamado também a lógica do preferível. Especificaremos, como dissemos anteriormente, que não julgamos útil atualmente interessar-nos por todos os fatores que influenciam o assentimento e que nossa meta será, em certos aspectos, mais limitada que a da Retórica de Aristóteles. [...] gostaríamos, vamos repetir, de estudar as argumentações pelas quais somos convidados a aderir a uma opinião e não à outra. (PERELMAN ; TYTECA, 2000, p.25).

Com Perelman (1999), em nossos dias, ocorre de novo um retorno a Aristóteles. Nas suas investigações sobre o raciocínio, sobre os meios de provar, nas ciências humanas, sobretudo no direito, sente necessidade de recobrar a distinção entre analítica e dialética. A Lógica não pode ser limitada ao campo dos raciocínios científicos. Existe o mundo das opiniões e das crenças, que faz parte da vida do homem. Não se pode excluir a distinção dos valores prováveis. Com Perelman renasce a Dialética aristotélica só que com o nome de Retórica.

É de se notar a observação de Plantin (2008) sobre a expressão “Nova Retórica” relacionada aos estudos de Perelman. Plantin concorda que ela deve ser utilizada, uma vez que ela faz contínuas referências aos retóricos antigos e clássicos. Por outro lado, ele critica Perelman, por excluir o gesto e a voz em seus estudos e não tratar especificamente das paixões.

Para Perelman e Tyteca (2000), cada orador deve pensar naqueles que procura influenciar e que constituem o auditório ao qual dirigem seus discursos. Os autores afirmam ainda que os ouvintes podem ser divididos de acordo com os valores a que

aderem. Propõem chamar persuasiva a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e levar a uma ação e chamar convincente àquela cujo propósito é obter adesão de todo ser racional.

Um contrato deve ser firmado previamente para a plena *adesão dos espíritos* (PERELMAN; TYTECA, 2000, p.17). Para que essa comunicação seja eficaz, é necessário obter, manter e fortalecer a adesão. Persuadir por meio do discurso, portanto, é procurar a adesão de um auditório específico, considerando os valores desse auditório.

O discurso é um texto que um orador pronuncia diante de um auditório, para persuadi-lo a respeito de uma questão provável. O auditório entra como elemento essencial na atividade retórica, sem ele não se constitui o discurso retórico. A retórica é uma prática significativa e comunicativa que só se efetiva na relação entre dois termos interdependentes: o orador e o auditório. Sem um elemento não há outro.

O orador de seu lado se esforça por influenciar os ouvintes, persuadindo a aceitar a sua opinião como a mais provável, neste empenho se concentra toda a atividade do orador. O auditório, de seu lado, determina as linhas mestras da feitura do discurso e, por suas reações, condiciona a execução.

De acordo com Breton (2003), a Nova Retórica articula-se essencialmente em torno de uma análise das “técnicas argumentativas” que, por sua vez, se desenvolvem segundo dois eixos principais: por um lado, o do próprio discurso e, nomeadamente, das estruturas argumentativas que são empregadas, e, por outro lado, o do efeito desse discurso no auditório, em relação com a intenção do autor. No primeiro caso, estudam-se os argumentos e a sua tipologia, ao passo que, no outro, se estuda a situação de comunicação que constitui o ato de argumentar.

Perelman e Tyteca (2000) realizam, na obra *Tratado de Argumentação: a Nova Retórica*, um levantamento e análise das estratégias argumentativas que levam à adesão, limitando-se à análise das técnicas verbais utilizadas nesse processo. Com relação aos processos argumentativos, Perelman crê que, ao se argumentar, criam-

se vários juízos sobre os mais diversos valores. No entanto, o que mais contribui para a eficácia da argumentação é o modo de hierarquizar tais valores.

Quatro grandes técnicas argumentativas são apontadas por Perelman e Tyteca (2000). A primeira, em conformidade com a tradição de entimemas em Aristóteles, é a dos chamados argumentos quase lógicos que são, como o nome indica, construídos com base no modelo do raciocínio lógico e matemático. As duas que se seguem são técnicas de ligação que aproximam elementos distintos, quer a ligação já exista no real, quer seja totalmente criada para a ocasião, como acontece na analogia. A quarta respeita às técnicas de dissociação que separam e dissociam elementos inicialmente considerados como fazendo parte de um todo.

As três técnicas argumentativas apoiam-se na construção, na invenção ou no realce de uma ligação existente no real. A quarta técnica proposta por Perelman parte de outro ponto de vista, o da dissociação de uma ligação primitivamente presente num termo ou num enunciado, que se apresenta inicialmente sob o aspecto de uma unidade. Por conseguinte, para argumentar é necessário quebrar essa unidade e destacar as noções distintas que ela encobre. Para Perelman, a dissociação das noções permite geralmente resolver um problema de incompatibilidade. Por conseguinte, irá esforçar-se ao ponto de lhe consagrar o essencial do desenvolvimento deste assunto, a apresentar um tipo de dissociação que é, para ele, o protótipo de qualquer dissociação nocional, a dissociação entre aparência e realidade. (BRETON, 2003 p.72).

Argumentos quase lógicos: incompatibilidade, identidade, definição, regra de justiça, transitividade e comparação. Esses argumentos aproximam-se da demonstração e do raciocínio formal. É este parentesco entre argumentação e demonstração, sendo esta última um raciocínio incontestado, que confere ao argumento quase lógico o seu poder persuasivo.

Enquanto o argumento quase lógico supõe certa racionalidade, o argumento a que Perelman denomina “baseado na estrutura do real” implica uma solidariedade entre elementos do real, que irá servir de base à argumentação. O seu emprego consiste, pois, em evidenciar uma ligação entre a causa que se pretende defender e um elemento já aceite pelo auditório. Esta ligação já deve ter sido estabelecida e, portanto, não ser criada para a ocasião. Perelman e Tyteca (2000) distinguem duas grandes categorias de argumentos baseados na estrutura do real, consoante se

apoiam numa ligação de sucessão, como a relação de causa e efeito, ou numa ligação de coexistência, como o argumento de autoridade.

Perelman e Tyteca (2000) analisam também uma categoria de argumentos nos quais são formuladas as ligações que fundamentam a estrutura do real como é o caso do exemplo e da analogia. Trata-se de uma situação hipotética em que a argumentação irá propor uma conexão entre elementos do real que não surgem imediatamente como tendo entre si uma relação, portanto, cabe ao orador correr o risco de inventar e de propor uma ligação pertinente. A ligação estabelece uma ponte entre o auditório e a opinião proposta. Distinguem-se dois tipos de ligações que fundamentam a estrutura do real: por um lado, o apelo ao caso particular (o exemplo, a ilustração, o modelo) e por fim o raciocínio por analogia (analogia e metáfora).

Parte-se, considerando os dados argumentativos, para uma demonstração do papel desempenhado por certas operações verbais relacionadas ao processo argumentativo. Verifica-se a forma pela qual ocorrem, por exemplo, as ligações entre as funções sintáticas, léxicas, morfológicas e semânticas da língua e que passam a ter relevante papel argumentativo. Perelman propõe algumas modalidades argumentativo-persuasivas, dentre as quais se destacam: modalidade assertiva - a que melhor se adapta a toda argumentação, pois impede a discussão sobre o que foi dito; a modalidade injuntiva, representada linguisticamente pelo uso do imperativo que, conforme opinião geral, traz, em si, forte valor persuasivo. Uma última modalidade seria a interrogativa, sutil e hábil, pois procura levar o interlocutor a aderir às ideias do orador.

Perelman e Tyteca (2000) destacam que, desde a Antiguidade, se reconheceu a existência de certos modos de expressão que não se enquadram no comum, cujo estudo foi em geral incluído nos tratados de retórica. Em decorrência de a retórica ter se limitado aos problemas de estilo e de expressão, as figuras foram cada vez mais consideradas simples ornamentos, que contribuem para deixar o estilo artificial.

Partindo de uma concepção diferente, Perelman e Tyteca (2000) consideram a função retórica das figuras e as classifica em figuras da escolha, da presença e da

comunhão. Esses termos não designam gêneros dos quais certas figuras tradicionais seriam as espécies. Significa que o efeito de certas figuras é, na apresentação dos dados, impor ou sugerir uma escolha, aumentar a presença ou realizar a comunhão com o auditório.

Como figuras de escolha, encontram-se a perífrase, a sinédoque e a metonímia, a metáfora, a prolepse e a retificação. Destacam-se como figuras de presença, que têm por efeito tornar presente na consciência o objeto do discurso, a onomatopeia, a repetição, a sinonímia.

Por meio das figuras de comunhão, o orador empenha-se em criar ou confirmar a comunhão com o auditório. Essa comunhão pode ser obtida por referências a uma cultura, a uma tradição, a um passado comuns. Dentre elas, estão as citações, os clichês, as máximas, os provérbios. As figuras utilizadas pelo orador aumentam a comunhão com o auditório.

Mosca (2007) explica, no prefácio à obra *A Retórica* de Michel Meyer, como as figuras podem ser eficazes para a diminuição das distâncias e do reconhecimento das diferenças:

Nesse contexto, o impacto, o agradar/desagradar podem ser fatores de negociação e influem nos resultados esperados no confronto. Por este prisma, a questão das figuras e dos procedimentos argumentativos em geral passa a ser vista em função de critérios como os de familiaridade, comunhão, de presença e não como aquilo que se constitui num desvio, num estranhamento. (MOSCA, 2007, p.15).

Os modelos dialogais foram desenvolvidos a partir de 1970, com Hamblin, na perspectiva da lógica do diálogo. Van Eemeren e Grootendorst propuseram uma síntese dos modelos pragmático-conversacionais em um modelo normativo da argumentação, a pragmadialética. O grupo da pragmadialética, da Universidade de Amsterdã, indica os desequilíbrios causados pelas violações dos princípios durante uma discussão. Por exemplo, a *falácia ética*, que consiste no fato de o orador abusar da autoridade, vangloriando-se de suas próprias qualidades, e a *falácia patética*, que apela indevidamente aos sentimentos alheios.

Breton inscreve-se na tradição iniciada pela escola de Bruxelas e Olivier Reboul tem uma importante obra *Introduction à la Rhétorique* (1991). Para Reboul a retórica deve fazer uma síntese e articular a argumentação e o estilo numa mesma função. O autor separa as três funções do discurso - demonstrativa, argumentativa e oratória (o estilo) - agrupando-as ao mesmo tempo, em dois grandes campos – o racional (demonstrativo e argumentativo) e o retórico (argumentativo e oratório). Consagra capítulos às figuras de estilo e à tipologia de argumentos e, neste ponto, aproxima-se dos trabalhos de Perelman.

Para Breton (2003), em uma perspectiva próxima de Reboul, encontra-se Gilles Declerq, autor de um manual intitulado *L'art d'argumenter. Structures rhétoriques et littéraires* (1993). Ele propõe uma obra de iniciação metodológica às estruturas da argumentação e a observação da sua aplicação na literatura. O manual compõe-se de duas grandes partes, a primeira sobre a *Retórica* de Aristóteles e sobre a Nova Retórica de Perelman. E a segunda consagrada à argumentologia como método de análise de textos literários. Seguindo uma linha semelhante, há o manual de Jean-Jacques Robrieux, *Éléments de rhétorique et d'argumentation*, que apresenta de forma pormenorizada as figuras de estilo e os argumentos, partindo de um desenvolvimento histórico sobre a retórica a partir de Aristóteles.

Philippe Breton, na linha de pensamento iniciada por Aristóteles e Perelman, insere a análise da argumentação na perspectiva comunicacional. A argumentação demarca-se nitidamente da manipulação, variedade do ato de convencer que não respeita a liberdade de recepção do auditório. A obra apoia-se numa tipologia de argumentos que inclui o argumento de autoridade, o argumento analógico (associação, analogia, metáfora), o apoio dos argumentos nos pressupostos comuns (valores, crenças e lugares), os argumentos de enquadramento (a definição, a qualificação, a amplificação, a dissociação). Argumentar resume-se a modificar o contexto de recepção do auditório. A argumentação limita-se, contudo, aos debates do espaço público (judicial, político, debates da sociedade) e a racionalidade argumentativa não diz respeito ao mundo das ciências, da informação, da religião ou dos sentimentos. A obra compreende numerosos exemplos retirados dos debates atuais da sociedade.

Em uma perspectiva interacional, Plantin (2008) defende o modelo dialogal, que tem antecedentes na dialética antiga, e propõe considerar a argumentação de uma forma ampliada, com a enunciação relacionada ao diálogo. A atividade argumentativa é desencadeada quando se põe em dúvida um ponto de vista. Assim, há dois pontos de vista em contradição em resposta à mesma pergunta. Nesse sentido, o diálogo pressupõe a sequência de réplicas entre os interlocutores. Mas e o discurso de um só locutor? O estudioso afirma que os conceitos de intertextualidade e polifonia permitem ampliar a concepção dialogada da argumentação ao discurso monolocal. A argumentação pode ser entendida como uma operação enunciativa por meio da qual um locutor tenta transformar o sistema de crenças e de representações do seu interlocutor ou do seu auditório.

Na teoria da polifonia o “foro” interior é visto como um espaço dialógico, no qual uma proposição é atribuída a uma “voz”, diante da qual o locutor se situa. Disso resulta um diálogo interior, liberado das restrições do face a face, mas que segue sendo um discurso biface, que articula argumentações e contra-argumentações. (PLANTIN, 2008, p.65-66).

Mosca (1999) ressalta o ponto em comum entre as diversas teorias argumentativas na atualidade para se chegar a um modelo integrador sem perda de identidades:

O que há de comum entre essas diversas tendências está, sobretudo, em considerar o fato de que a enunciação supõe um locutor e um ouvinte e a intenção de influenciar o outro de alguma maneira. Os modelos interacionistas trazem também a sua contribuição, partindo do pressuposto de que todo ato discursivo deve ser compreendido em sua situação comunicacional. Nossas representações do mundo estão estreitamente ligadas aos modos de sua expressão e são o resultado da criação de relações intersubjetivas no discurso. (MOSCA, 1999, p. 44).

Para Meyer (2007), a concepção problematológica da linguagem, base de todo seu sistema de ideias, tem como centro a questão da figuratividade, que se encontra na origem de toda e qualquer textualidade e, portanto, do *logos*, que traz consigo o *ethos* e o *pathos*.

A retórica, segundo Meyer (2007), é sempre a escolha do discurso contra a força e, na definição que dará dela, não se distingue em nada da argumentação. Trata-se de um procedimento racional. A partir da constatação de que a retórica é sempre encontro de homens e da linguagem na exposição das suas diferenças e das suas

identidades, Meyer define a retórica como a negociação da distância entre os sujeitos no que respeita a uma questão, a um problema. Assim ele concede um grande espaço ao pensamento, introduzindo e sistematizando o que chama “problematicidade”. É necessário diminuir as distâncias, minimizando as diferenças e fazendo concessões mútuas, resguardando, porém, as identidades presentes nessa interação. Para tanto, deve haver disposição que leve a superar as divergências, procurando resultados satisfatórios para as partes envolvidas.

Nesse sentido, a mediação ocorre pela competência argumentativa e a consideração das identidades do outro:

Se hoje já não falamos de *adversários*, tal como os velhos manuais e dicionários de retórica e de estilo apontavam, mas em *oponentes* e até mesmo em *parceiros*, isto se deve ao fato de as negociações serem vistas como interlocuções ou como argumentações do tipo colaborativo, em que não há perdedores ou ganhadores, mas soluções a encontrar (MOSCA, 2003, p.158-159).

2.3 Os estudos discursivos e as teorias pragmáticas

Benveniste (1989) insere como objeto da Linguística o estudo das marcas pelas quais o falante, apropriando-se da língua, transforma-a em discurso. A teoria da enunciação nasce em grande parte da natureza dos pronomes pessoais, das relações do tempo e pessoa nos verbos, que Benveniste constata em todas as línguas naturais. Segundo o estudioso, os pronomes da pessoa (eu, tu), distinguem-se dos pronomes da não pessoa (ele, ela). São os pronomes “eu” e “tu” os instauradores da intersubjetividade na linguagem.

O discurso para Benveniste (1989) é produzido a cada ato de fala. Por isso, a enunciação se caracteriza por colocar em funcionamento a língua por um ato de produção de um enunciado. Disso decorre que a relação do locutor com a língua determina as marcas linguísticas da enunciação. Essa concepção de enunciação como ato individual leva a considerar o locutor como condição indispensável no aparelho enunciativo. O falante enuncia sua posição de locutor por meio de marcas específicas durante a interação comunicativa. É dessa forma, por meio das marcas

de pessoa (a relação eu-tu) produzidas na e pela enunciação, que é identificado aquele que elabora a enunciação e aquele que recebe a mensagem, o alocutário.

Em virtude da multiplicidade de recursos que a língua oferece no momento da enunciação, Benveniste relaciona algumas marcas, escolhidas pelo locutor. Assim, a enunciação, caracterizada pela relação discursiva com o outro, faz com que o falante utilize determinados elementos sintáticos e semânticos no momento em que fala. Assim, o locutor, considerando a situação em que fala e tendo em vista os efeitos de sentido que quer produzir, escolhe, dentre os recursos linguísticos a sua disposição, aqueles que lhe parecem mais adequados.

A análise do discurso desenvolveu-se na França com base em um *corpus* especificamente político. Novas noções como as de contexto, de condições de produção permitiram aos estudos linguísticos descobrir e determinar um novo campo de análise da linguagem. Esses estudos não remetiam mais à língua, mas ao discurso, isto é, aos atos de linguagem que circulam no mundo social, considerando as condições de produção, condições históricas e as interações subjetivas.

De acordo com Mazière (2007), aquela que foi chamada de a “Escola Francesa de Análise do Discurso” adquire consistência por meio de uma série de produções de 1969 a 1971, impõe objetos de análise, estabelece métodos, se difunde amplamente. Nesse contexto, os estudos discursivos tornam-se mais consistentes pelos conceitos de produção teórica de Pêcheux. Esse teórico não considera a língua um sistema homogêneo com regras organizadas, e há necessidade de se utilizar a ideologia na relação com a produção de sentidos. A ideologia se produz no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história.

Essencial para os estudos discursivos, é compreender o conceito de formação discursiva. Essas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso, ou seja, a “memória” do dizer e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados constituem sentidos diferentes. Na perspectiva discursiva, a língua não apresenta transparência mas sim opacidade, pois deve ser considerada em sua materialidade linguística, ou seja,

onde se encontra a manifestação das relações de forças e de sentidos que refletem os confrontos ideológicos.

Nos anos 80, surgiu a Análise Crítica do Discurso, defendida e desenvolvida por Teun A. Van Dijk. Esta, segundo o autor, inscreve-se em diversas filiações: na neomarxista de Adorno e Habermas, na Escola de Chicago, na sociolinguística inglesa com Bernstein e Halliday, na análise do discurso francesa sob a influência de Foucault e Pêcheux e no pensamento de Gramsci, na Itália. Van Dijk iniciou suas pesquisas, interessando-se pelo discurso racista em todas as formas, até as mais dissimuladas.

Dessa maneira, a Análise Crítica do Discurso ou Estudos Críticos do Discurso, como Van Dijk propõe, estuda como as características do contexto definem as situações comunicativas.

Embora o rótulo *Critical Discourse Analysis* (CDA) ou, em português, Análise Crítica do Discurso (ACD) seja agora amplamente adotado, gostaria de propor uma mudança dessa expressão para Estudos Críticos do Discurso. A principal razão é que ECD não são, como frequentemente se presume – especialmente nas ciências sociais –, um método de análise do discurso. Não existe esse tipo de método. Os ECD usam qualquer método que seja relevante para os objetivos dos seus projetos de pesquisa e tais métodos são, em grande parte, aqueles utilizados em estudos de discurso em geral. De fato, e pela mesma razão, também a análise do discurso em si não é um método; antes, constitui um domínio de práticas acadêmicas, uma transdisciplinar distribuída por todas as ciências humanas e sociais. Pela mesma razão, prefiro usar o rótulo *Discourse Studies* (DS), ou seja, Estudos do Discurso (ED) para essa disciplina. (VAN DIJK, 2008, p.10).

Mazière (2007) considera que um encontro com a tipologia dos atos de fala (dizer é fazer), iniciada pelos trabalhos sobre a linguagem comum do filósofo J. Austin fortalece uma redefinição da língua por suas funções, dentre as quais a função de comunicação, que se torna essencial. A ação do sujeito pela fala, a pragmática, abre um novo campo de estudo dos atos comunicativos. Como resultado da visão intersubjetiva da linguagem, de um lado encontra-se a Teoria da Enunciação e de outro, segundo o autor, a Teoria dos Atos de Fala.

A pragmática (MAZIÉRE, 2007) prolonga outra linguística: a linguística da enunciação inaugurada por Benveniste. A distinção maior não se dá mais entre

língua e fala, mas entre enunciado, entendido como o que é dito, e a enunciação, o ato de dizer. O ato de dizer é também um ato de presença do falante. E esse ato é marcado na língua: ao instituir uma categoria de signos móveis e um aparelho formal de enunciação, a linguagem permite a cada um se declarar como sujeito. Percebe-se que a linguagem não serve só para representar o mundo, mas ela serve para realizar ações, agir sobre outrem.

A questão do “uso” da linguagem foi muito discutida por Wittgenstein. Uma pragmática das modalidades da enunciação, cuja criação é marcada pelos jogos de linguagem de Wittgenstein, pelo conceito austiniano de força ilocutória e pelo conceito de ato de fala de Searle. O objeto da pragmática formal seria tratar as relações mais gerais entre o enunciado e a enunciação, entre as frases e seus contextos.

A teoria dos atos de linguagem foi desenvolvida inicialmente por Austin (1962) como um método para a análise linguística de problemas filosóficos. Ele parte do estudo de certas dificuldades criadas pela linguagem comum, por exemplo, quando uma palavra não expressa um conceito preciso ou uma frase não expressa um conceito claro, ou seja, não há uma adequação entre a palavra e o conceito e entre a palavra e o pensamento, certas dificuldades criadas pela linguagem comum. Austin parte da consideração da linguagem enquanto ação, ou seja, a linguagem utilizada para realizar atos. Distinguem-se os enunciados constativos – que descrevem somente o acontecimento - e enunciados performativos – que realizam a ação do sujeito que fala. Assim, ao se dizer “eu passeio” descreve-se um acontecimento; ao se enunciar “eu prometo” o enunciado e o ato são coincidentes.

Essa pragmática considera também como fundamental a questão da intenção do locutor, seu reconhecimento pelo ouvinte. É, portanto, uma Pragmática da relação locutor-ouvinte.

As enunciações constativas tratam do dizer, isto é, são usadas para constatar fatos, descrever objetos, descrever estados, relatar ocorrências e podem ser classificadas como verdadeiras ou falsas, ou seja, se correspondem ou não à realidade referida.

Já as enunciações performativas tratam do fazer, pois não podem ser definidas em termos de verdadeiro e falso, mas sobre o eixo felicidade/infelicidade. Produzir uma enunciação performativa é realizar uma ação pelo fato de proferir certas palavras (prometer, agradecer, avisar, advertir, jurar), sempre na primeira pessoa do presente do indicativo.

Mas, para que essas ações se desenvolvam, é necessário que certas condições (condições de felicidade) sejam preenchidas. Nessas condições, as pessoas e as circunstâncias envolvidas no ato devem ser apropriadas e as pessoas devem ter a intenção de assumir o comportamento implicado, além de que a enunciação performativa acarreta consequências como obrigações e sanções. Se essas condições não forem preenchidas, o ato de enunciação será considerado infeliz. Austin (1970) os classifica de insucesso.

Austin (1970), descrevendo os enunciados performativos, considera a existência de performativos explícitos e os performativos primários. Os performativos explícitos são iniciados ou incluem uma expressão clara e significativa como: eu juro, eu te batizo, eu prometo. Por exemplo, um imperativo “saia” pode identificar o enunciado e o ato: eu ordeno que saia, mas há a hipótese de que, ao dizer “saia”, o falante esteja aconselhando, ordenando ou pedindo. Dessa forma, “saia” é um performativo primário.

No decorrer de suas reflexões sobre os performativos, Austin descobre que a marca da ação pode, de certa forma, estar em todos os usos da linguagem. E esclarece que, em proposições como “Ele jura”, há de modo implícito um ato do falante: “eu afirmo que ele jura”, por exemplo. Com isso Austin quer mostrar que relatos, descrições, constatações são também atos semelhantes aos performativos.

A partir disso, Austin recomeça a análise da questão, considerando de forma mais geral o problema, classificando os enunciados em atos: locucionários, ilocucionários e perlocucionários. O ato locucionário é essencialmente linguístico e é identificado de língua para língua com regras e convenções fonéticas, sintáticas e semânticas. O ato ilocucionário é o ato praticado na enunciação de determinada proposição. Trata-

se de um ato convencional. O ato perlocucionário é produzido pelo fato de se dizer alguma coisa (por exemplo, convencer, persuadir, impedir).

Austin percebeu mais tarde que os critérios para diferenciar as enunciações constativas e performativas não eram consistentes. Verificou que as enunciações constativas apresentam certa dimensão performativa na medida em que, ao constatarem um estado de coisas, o fazem de um certo modo, que é definido por uma convenção que é socialmente estabelecida. Assim, as enunciações constativas servem também para estabelecer um modo de interação ou comunicação entre locutor e alocutário na medida em que pressupõe a crença deste. Por sua vez, as enunciações performativas também carregam uma dimensão constativa, uma vez que, muitas vezes, precisam ser avaliadas na escala verdadeiro ou falso como um juiz que diz “declaro-o culpado”.

Koch afirma que

Não é razoável estabelecer uma oposição entre o que é locucionário e o que é ilocucionário, chamando de ilocucionário ao valor pragmático, ligado às circunstâncias da enunciação e de locucionário ao que subsiste em todos os casos. Só se poderia denominar de locucionários certos caracteres semânticos de um enunciado, se eles pudessem ser definidos independentemente dos resultados produzidos, na situação do discurso, pela enunciação do enunciado (KOCH, 2000, p. 87).

Na análise dos atos de linguagem, Austin faz a distinção entre significado e a força ilocucionária. O significado está no âmbito do ato locucionário, logo linguístico, enquanto a força ilocucionária forma o centro do ato ilocucionário, portanto elemento fundamental para compreensão da linguagem como ação.

O conceito de ato ilocucionário, bem como a divisão proposta por Austin não teve adesão unânime dos estudiosos da linguagem e originou controvérsias e várias tentativas de reformulação e redefinição.

O ato ilocucionário, caracterizado pelas convenções extralinguísticas (sociais e institucionais) resulta de determinada prática da qual este ato é parte integrante. O sucesso do ato ilocucionário decorre de sua execução conforme regras institucionais

de uma dada sociedade. Estes atos vão desde os informais até os formais e ritualizados, como, exemplo, os rituais religiosos.

É importante notar que esses atos dependem, no exemplo, da fórmula por meio da qual se realizam. O falante concretiza esta fórmula e coloca-a em uso na situação apropriada. A origem e a força ilocucionária do ato ilocucionário não está basicamente no falante, em sua intencionalidade, mas na existência de práticas e convenções que possibilitam estas situações e a execução deste ato na instituição.

Searle (1969), baseando-se nos trabalhos de Austin, trata a linguagem como uma forma de ação, porque para ele falar é uma forma de comportar-se, governada por regras, e estabelece uma teoria dos atos de fala. Seu pressuposto fundamental é que a comunicação linguística envolve atos linguísticos: de proferir palavras; de referir e predicar; de perguntar, afirmar, prometer. Portanto, todo ato de fala é, ao mesmo tempo, locucionário, ilocucionário e perlocucionário.

2.4 Gêneros discursivos retóricos

Os gêneros oratórios distinguiam-se quanto ao papel cumprido pelo auditório a quem se dirige o discurso. Os gêneros oratórios tais como os definiam os antigos - gênero deliberativo, judiciário, epidítico -, correspondem respectivamente, segundo eles, a auditórios que estavam deliberando, julgando ou sendo espectadores durante o discurso. Tanto Perelman quanto Aristóteles refletem sobre os gêneros discursivos e, assim, trabalham a descrição dos gêneros argumentativos e seus efeitos.

Aristóteles classificou os três gêneros do discurso: o judiciário, o deliberativo e o epidítico. Esses gêneros podem ser visualizados no quadro de Mosca (2004, p. 32):

	Finalidade	Tempo	Categoria	Auditório	Avaliação	Argum.tipo
Judiciário	Acusar/ defender	Passado	Ética	juiz/jurados	justo/ injusto	Entimema (dedutivo)
Deliberativo	Aconselhar/ desaconselhar	Futuro	Epistêmica	assembleia	útil/ prejudicial	exemplo (indutivo)
Epidítico	Elogiar/ Censurar	Presente	Estética	espectador	belo/feio	amplificação

Para Aristóteles, o orador se propõe atingir, conforme o gênero do discurso, finalidades diferentes: no deliberativo, aconselhando o útil, ou seja, o melhor; no judiciário, pleiteando o justo; no epidítico, tratando do elogio ou da censura, tendo apenas de ocupar-se com o que é belo (equivalente à ideia do bom) ou o seu oposto, o feio.

A divisão dos discursos em gêneros se fundamenta na atitude que o auditório assume em relação à questão discutida, depois de ouvido o discurso. De fato, ou o auditório apenas aprecia o discurso, gosta ou não (gênero laudatório) ou delibera através de um voto (gênero político) ou julga através de uma sentença (gênero judiciário). (TRINGALI, 1988, p.31).

2.4.1 Gênero epidítico

Segundo os autores da Nova Retórica, os discursos *epidíticos* eram compostos por um orador solitário que se contentava em fazer circular sua composição escrita e, sem aparecer em público, “apresentava um discurso ao qual ninguém se opunha, sobre matérias que não pareciam duvidosas e das quais não se via nenhuma consequência prática.” (PERELMAN ; TYTECA, 2000, p. 53).

Perelman (2000) questiona o gênero epidítico. Enquanto os gêneros deliberativos e judiciários supunham um adversário, portanto, um combate, visavam a obter uma decisão sobre uma questão controvertida, e o uso da retórica se justificava pela incerteza, o gênero epidítico era referente a coisas certas, incontestáveis. Afirma que os antigos só podiam achar que esse gênero se referia não ao verdadeiro, mas aos juízos de valor aos quais as pessoas aderem com intensidade variável. Logo, sempre é importante confirmar essa adesão, recriar uma comunhão sobre o valor admitido.

O autor ainda afirma que o combate travado pelo orador, nesse gênero, é um combate contra objeções futuras: é um esforço para manter o lugar de certos juízos de valor na hierarquia. Assim, o gênero epidítico é central na retórica. Além disso, não vendo claramente um objetivo para o discurso epidítico, os antigos estavam inclinados a considerá-lo unicamente uma espécie de espetáculo, visando ao prazer dos espectadores e à exaltação do autor, com a valorização das sutilezas de suas técnicas.

O próprio Aristóteles parece apreender apenas o aspecto de ornato, de aparato, do discurso epidítico. Não percebe que as premissas nas quais se apoiam os discursos deliberativos e judiciários, cujo objeto lhe parece tão importante, são juízos de valor. Ora, essas premissas, é preciso que o discurso epidítico as sustente, as confirme. (PERELMAN ; TYTECA, 2000, p.53).

De acordo com Tringali (1988, p.52), há o discurso laudatório quando o ouvinte apenas se manifesta. O discurso laudatório pode exercer uma profunda influência no ouvinte, pondo em crise seus valores, mas não implica que o ouvinte decida nada depois do discurso.

O discurso laudatório ou louva ou vitupera alguma coisa. Não nos engane o nome realmente inadequado, pois, tanto compreende o discurso de enaltecimento, exaltação, glorificação como o discurso de vilipêndio, de censura, de injúria. Daí outros nomes do gênero laudatório: demonstrativo, epidítico. Note-se, de passagem, que quem vitupera, louva pelo avesso. O objeto do discurso é o belo ou o feio, particularmente a beleza da virtude, a feiúra do vício. No que se refere ao tempo, notamos que, enquanto o discurso laudatório versa sobre um tema presente no sentido de atual, o que interessa hoje e agora. (TRINGALI, 1988, p. 53).

Em seguida Tringali (1988, p.53) cita algumas formas do gênero laudatório: a oração fúnebre que louva o morto por ocasião dos funerais. O panegírico é o discurso que louva as obras e virtudes de um homem. Apologia é um discurso misto de louvor e defesa, mas em que o louvor sobressai. Dos três gêneros oratórios, o laudatório é o que mais afinidades mantém com a literatura, funciona como ponte de passagem entre a literatura e a retórica. Na literatura, há formas poéticas que se enquadram no gênero laudatório, por exemplo, o poema genealógico, que celebra um aniversariante; o epitalâmio, que dirige loas aos recém-casados e a sátira, que difama.

Para Perelman e Tyteca (2000), não há dúvida de que pode ser atribuída alguma glória para o orador. Porém, os autores afirmam que, para pronunciar o discurso epidítico que poderá conferir-lhe essa glória, o orador já deverá ter prestígio prévio, devido à sua pessoa ou à sua função.

Nesse gênero, procura-se criar uma comunhão em torno de certos valores reconhecidos. Por isso será praticado de preferência por aqueles que, numa sociedade, defendem os valores tradicionais, os valores aceitos, os que são objeto da educação e não os valores revolucionários, os valores novos que suscitam polêmicas e controvérsias ao auditório, valendo-se do conjunto de meios de que a retórica dispõe para isso. Assim, é por meio do discurso epidítico, especialmente *louvando* ou *elogiando*, que o enunciador mobiliza os ânimos do enunciatário-leitor. Isócrates é considerado o mais importante autor de discursos do gênero epidítico ou demonstrativo da Grécia Clássica. Seu estilo é caracterizado pela disposição de frases em períodos longos, harmoniosamente dispostos. Em seus discursos, ele se empenhava na busca da união entre gregos para combater os inimigos externos.

2.4.2 Gênero deliberativo

Aristóteles, ao refletir sobre uma aplicação específica da oratória deliberativa,²⁰ considerada do bom e do útil, ensinava que o orador precisa mostrar que algo é mais ou menos importante e vantajoso e, ainda, que é possível de obter. Essa obtenção está, portanto, projetada no futuro. Em sua obra *Retórica*, afirma que “os discursos deliberativos ou são exortações ou dissuasões e visam mostrar a vantagem ou desvantagem de uma determinada ação (1996, p.38). Mostrar vantagem ou desvantagem alinha-se ao *argumento pragmático*, “aquele que permite apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis.” (PERELMAN; TYTECA, 2000, p. 303).

²⁰ Pernot (1997) considera, em seu artigo “Aristóteles e seus percursores - para uma arqueologia do discurso deliberativo,” que Aristóteles conceptualizou a deliberação, apresentando-a sob o nome de gênero deliberativo, como uma classe de discursos retóricos, distinta de outras classes e definida por características técnicas. O autor apresenta dados para compreender como Aristóteles construiu uma classificação nova sobre a base de elementos que já preexistiam no pensamento grego dos séculos V e IV a. C.

Pernot (1997) aponta que se admite que a retórica foi composta no curso do segundo terço do IV século. Aristóteles traça uma divisão dos discursos retóricos em três gêneros: o deliberativo, o judiciário e o epidítico. Cada um desses gêneros é definido por uma série de critérios: o ouvinte ao qual ele se dirige, seu conteúdo, o tempo que ele tem em vista, a sua finalidade. Procedendo por raciocínios e afirmações, Aristóteles reduz somente a três categorias todos os discursos possíveis. Mas da maneira como Aristóteles a apresenta, a classificação não se refere a nenhuma doutrina anterior sobre a questão. Após suas inúmeras pesquisas, Pernot (1997) chega à conclusão de que se deve deixar de lado a ideia simplista de que há “um primeiro inventor”. Deve-se então observar que Aristóteles fez uma síntese e uma sistematização, propondo uma reclassificação das noções e dos critérios que haviam sido debatidos em Atenas durante pelo menos duas gerações. Para compreender bem a Retórica, é necessário reconstituir esse contexto.

Assim, mostra-se que a Retórica de Aristóteles era o resultado tanto como uma criação e, para além de Aristóteles, que a teoria retórica do meio e do fim do IV século, em vez de construir uma novidade radical, inscrevia-se num processo de elaboração gradual e num sistema de ecos e debates que remontava ao início do IV século. Para quem se interroga sobre o desenvolvimento da retórica grega, o exemplo do gênero deliberativo é esclarecedor. Pernot (1997) conclui que a inovação não abarca todos os aspectos, que não convém exagerar a parte das rupturas e que é preciso procurar, a cada momento, retrair o encaminhamento dos problemas, em sua continuidade e complexidade, ou seja, que convém considerar a retórica na sua plena evolução histórica.

2.4.3 Gênero judiciário

O discurso judiciário acusa ou defende, tem como valores o justo e o injusto. O auditório convertido em juiz ou condena ou absolve, pois há sempre réu declarado culpado ou inocente. Esse gênero de discurso volta-se para um fato passado, pois só se absolve ou acusa alguém de um fato passado.

Quintiliano já advertia que, em um mesmo discurso, os gêneros se misturam. Na prática, não há um discurso “puro”, só epidítico, judiciário ou deliberativo. Os valores

dos três gêneros se interpenetram, o justo, o bem, o útil. Em um discurso judiciário ocorre louvor ou vitupério, num discurso laudatório, se aconselha ou desaconselha. Convém, porém, saber qual é o gênero predominante. Mas não há razão para confundir os gêneros: o judiciário termina pela condenação ou absolvição de um réu, o político pela votação de uma decisão, o laudatório por um julgamento subjetivo sobre o valor do discurso.

Pela perspectiva de Meyer (2007), os três grandes gêneros retóricos correspondem a uma gradação no tratamento das respostas. No gênero deliberativo ou político, tem-se uma questão, portanto, uma alternativa, ou inúmeras, e nenhum meio de decidir, dessa forma, o debate ganha entusiasmo, o *pathos* é muito forte, com paixões que se desencadeiam. Já no discurso jurídico, a problemática diminui, mas há os meios de resolvê-lo. Por fim, no gênero epidítico, o discurso é belo e eloquente, e não há problema. Além disso, a distância entre os indivíduos precisa ser negociada, e o epidítico, porque visa anulá-la, cumpre sua função com perfeição.

Meyer (2007) afirma ainda que, segundo o próprio Aristóteles, frequentemente esses três gêneros se sobrepõem. O justo é invocado em política, o que é útil ao bem comum em direito, tornando pouco defensável essa tipologia das questões retóricas. Meyer aponta um caminho para a questão dos gêneros retóricos. Propõe, em vez de isolá-los em gêneros distintos, falar de *ethos*, de *logos* e de *pathos* como fonte de respostas: o *ethos* para o direito, o *pathos* para a política e o *logos* para o raciocínio argumentativo ou para as figuras retóricas.

2.5 Os gêneros na atualidade

Vários estudiosos têm-se dedicado ao tema *gênero*. Observa-se, contudo, certo desacordo na denominação entre *gênero discursivo* e *gênero textual*. “Não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado.” (BAKTHIN, 2003, p. 263).

A riqueza e a diversidade dos gêneros de discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso,

que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica [em] um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Bakhtin afirma que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Na mesma obra, Bakhtin menciona gênero de discurso ao tratar das breves réplicas do diálogo do cotidiano, o relato do dia a dia, os gêneros literários (do provérbio ao romance), as breves saudações cotidianas, despedidas, felicitações etc. Nota-se que, nesses gêneros, ele considera, além da temática e estilo, a forma composicional de produção. “Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo” (BAKHTIN, 2003, p. 266).

Verifica-se que Bakhtin faz distinção entre gêneros discursivos simples (primários) e secundários (complexos). Os complexos seriam os romances, dramas, pesquisas científicas etc. Os gêneros complexos, segundo o autor, “surtem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (BAKHTIN, 2003, p. 263). No processo de formação, os gêneros complexos incorporam e reelaboram gêneros primários (simples) – os quais se formam nas condições da comunicação discursiva imediata e que, uma vez incorporados nos complexos, adquirem um caráter especial, tornando-se parte integrante do gênero complexo. O autor cita como exemplo um diálogo cotidiano e uma carta, que são incorporados ao enunciado secundário (complexo) *romance* e que, por isso, integram-se à realidade concreta por meio do conjunto do romance, perdendo o caráter de texto da vida cotidiana.

Para Bakhtin (1987), portanto, a noção de gênero está mais relacionada a um *ponto de vista comunicacional*, inserido numa esfera discursiva em que prevalece a troca verbal interativa entre sujeitos, considerando as relações dialógicas:

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do

símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1987, p.33).

Maingueneau (1997) explica que enunciados formalizam determinados *gêneros do discurso*. Segundo o autor, há dificuldades de relacionar, de forma criteriosa e precisa, todos os gêneros que circulam em determinada formação discursiva: “Em lugar de elaborar uma lista impossível de gêneros do discurso, é melhor nos questionarmos sobre a maneira de conhecer as próprias coerções genéricas.” (MAINGUENEAU 1997, p.35).

Maingueneau (1997) desvincula a noção de *gênero* da forma composicional, especificamente, optando por uma categorização mais ampla, ou seja, englobando discursos em esferas midiáticas delimitadas.

Assim, afirma que

[...] essa noção [de gênero] também está presente na análise das mídias, acompanhada de qualificativos que a especificam segundo o suporte midiático: os gêneros jornalísticos (entenda-se a imprensa escrita), os gêneros televisivos, os gêneros radiofônicos. (MAINGUENEAU, 2006, p.203).

Segundo Marcuschi (2009,p.150), “todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma”. Marcuschi utiliza a terminologia *gênero textual* em detrimento de *gênero discursivo*. Pode-se relacionar essas reflexões à perspectiva teórica de Bakhtin, ou seja, privilegia-se mais a função do gênero: “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (BAKHTIN,2003, p. 154).

Os diversos gêneros mantêm relações intertextuais no que diz respeito à forma composicional, ao conteúdo temático e ao estilo, permitindo ao falante, devido à familiaridade com eles, empregá-los de acordo com suas intenções comunicativas.

É a *intertextualidade genérica*, denominada também por Marcuschi (2002) de *configuração híbrida*, ou seja, um gênero que exerce a função de outro gênero. De acordo com Marcuschi (2002), considerando a penetração e o papel da tecnologia digital na sociedade contemporânea e as novas formas comunicativas aportadas, afigura-se relevante pensar essa tecnologia e suas consequências numa perspectiva menos tecnicista e mais sócio-histórica.

Marcuschi (2009, p.4) afirma que o estudo da comunicação virtual na perspectiva dos gêneros é particularmente interessante porque “a interação *online* tem o potencial de acelerar enormemente a evolução dos gêneros”, tendo em vista a natureza do meio tecnológico em que ela se insere e os modos como se desenvolve. Esse meio propicia, ao contrário do que se imaginava, uma “interação altamente participativa”, o que nos obrigará a rever algumas noções já consagradas.

O texto na Internet é multimodal, mas Marcuschi ressalta que

[...] a Internet²¹ e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na Internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e de som. Por outro lado, a ideia que hoje prolifera quanto a haver uma “fala por escrito” deve ser vista com cautela, pois o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas (MARCUSCHI, 2009, p.9).

É inegável que a tecnologia do computador, ainda segundo Marcuschi, em especial com o surgimento da Internet, criou uma imensa rede social (virtual) que liga os mais diversos indivíduos pelas mais diversificadas formas com velocidade espantosa e na maioria dos casos em relação síncrona. Isso modifica o conceito de interação social. Surgem daí ‘*comunidades virtuais*’ cujos membros interagem de forma rápida e eficaz. Esse é um novo foco para a reflexão; não necessariamente um novo objeto linguístico, mas uma nova forma de uso da língua enquanto prática interativa.

²¹ O conceito de Internet, segundo o Dicionário Aurélio – Século XXI, é “Qualquer conjunto de redes de computadores ligadas entre si por roteadores e gateways, como, p. ex., aquela de âmbito mundial, descentralizada e de acesso público, cujos principais serviços oferecidos são o correio eletrônico, o chat e a Web, e que é constituída por um conjunto de e computadores interconectadas por roteadores que utilizam o protocolo de transmissão TCP/IP.

Assim, para Marcuschi, enquanto “construção retórica”, uma comunidade seria uma projeção discursiva “constituída por atribuições de ações retóricas comuns características, gêneros de interação, modos agir, incluindo a própria reprodução”.

2.6 A Retórica e o discurso religioso

Aristóteles distingue três áreas de conhecimento: uma área de conhecimentos demonstrativos, uma área de conhecimentos falsos e uma área de conhecimentos dialéticos ou prováveis. Os conhecimentos científicos se adquirem por meio de raciocínios científicos e se chega à certeza. O texto retórico busca persuadir; no texto científico, o objetivo principal não é persuadir mas sim expor ideias.

Nessa perspectiva, o conhecimento demonstrativo é o apodítico. Os raciocínios analíticos estão de acordo com as leis lógicas do pensamento e conclusão decorre inevitavelmente das premissas. Mas do ponto de vista do conteúdo, eles geram a certeza, porque são evidentes. A verdade lógica reside no juízo, que é uma proposição que afirma ou nega alguma coisa (predicado) de outra (o sujeito). Portanto, a demonstração baseia-se em evidências e levam a uma conclusão certa. Os raciocínios dialéticos baseiam-se em probabilidades ou crenças.

Já os sofismas se obtêm por meio de raciocínios falsos. Este modo de conhecer se inclui na “sofística”, que é a parte da lógica de Aristóteles que estuda os raciocínios sofísticos por meios dos quais se chega a falsos conhecimentos mas que simulam ser verdadeiros e com aparência de verdadeiros, visando ao engano.

Fundamentando-se em Cícero - que não admite uma Analítica, pois não acredita que se possa chegar à verdade, mas apenas a probabilidades, - Tringali (1988) desconsidera os raciocínios demonstrativos. “Antilogia” significa, em grego, resposta, réplica, contestação”. (TRINGALI, 1988, p.23). Ela é uma propriedade fundamental da retórica, segundo a qual todo discurso se contrapõe a outro discurso, portanto, não há discurso retórico sem resposta, sem réplica, sem contestação:

À medida que nos afastamos do dogmatismo ou de um certo dogmatismo e nos aproximamos do ceticismo, que duvida de tudo, desaparecerá a distinção entre raciocínios analíticos ou científicos e dialético-retóricos. Se tudo é duvidoso, tudo é dialético-retórico. (TRINGALI, 1988 , p.27).

Grácio (1998) apresenta a diferença entre o discurso demonstrativo e o discurso que pretende persuadir e convencer:

Foi, aliás, esta incompatibilização entre o discurso prenhe de intenções (quem sabe boas, quem sabe más) e o discurso branco da verdade (insusceptível de ser maculado na sua independência) que esteve na base da distinção platónica entre os discursos que *apenas procuram, ou têm como finalidade*, persuadir e convencer — ou seja, o *discurso retórico-argumentativo*, que lida com opiniões ou teses questionáveis e discutíveis e que depende, por isso, dos auditórios e da admissão dada por estes a tais teses — e o *discurso auto-suficiente da verdade* — o discurso que apresenta a verdade na necessidade e unicidade da sua natureza, discurso que *efectivamente* convence, independentemente do auditório a que se possa dirigir pois consiste, em última análise, na *revelação* (e é esse o significado do método dialético de destruição de hipóteses que opera a passagem para o plano antipoético) da própria verdade.

Ou seja, a exigência da necessidade absoluta e, consequentemente, da universalidade do discurso só pode ser assegurada recorrendo a um *momento de revelação ontológica* — ou, mais rigorosamente, à promessa do seu acontecer — no qual a verdade do ser *se impõe* ao espírito purgado pelo *trajecto dialéctico* (GRÁCIO, 1988, p.112).

Perelman e Tyteca (2000) ressaltam que a argumentação visa provocar a “adesão dos espíritos” às teses apresentadas ao seu assentimento, caracterizando-se, portanto, como um ato de persuasão. Assim, procura-se atingir a vontade, o sentimento do interlocutor por meio de argumentos plausíveis e verossímeis e tem carácter subjetivo, dirigindo-se a um auditório particular. Tem-se, portanto, que considerar a presença do auditório, em relação ao qual o princípio básico é o de adequação, com a finalidade não apenas de convencer pelos raciocínios, mas persuadir com base na emoção, nas crenças e na ideologia. Mudando o auditório, mudam-se os recursos argumentativos para que o discurso aja eficazmente sobre os interlocutores. Já o ato de convencer se dirige à razão, por meio do raciocínio lógico para atingir um público universal, é demonstrativo. Este conduz a certezas ao passo que o ato persuasivo pode levar esse auditório ou parte dele à adesão dos argumentos apresentados.

E quanto ao discurso religioso cristão, como pode ser considerado nessa polêmica? Conforme Tringali (1988), na Idade Média, com o cristianismo, a teoria da Retórica como arte de falar bem sofre um constrangimento. Mas a teoria da persuasão ganha reforço porque Cristo ordenou aos apóstolos e discípulos que fossem pelo mundo a pregar a boa-nova, para converter as almas para o reino de Deus.

Santo Agostinho adverte que o orador cristão primeiro deve assimilar a sabedoria das Escrituras e depois divulgá-la por meio da Retórica que não se separa da Sabedoria. Na Idade Média, com a ascensão do cristianismo, houve a assimilação da retórica pagã aos objetivos evangélicos e o texto mais influente neste sentido foi o livro quarto da obra de Santo Agostinho, *De Doctrina Christiana*, que trata da Retórica. Nessa época, no currículo escolar havia o *Trivium* - o estudo da Gramática, da Lógica e da Retórica. A Gramática ensinava a escrever e a falar corretamente; a Lógica ensinava a pensar; a Retórica ensina a escrever e a falar bem. As técnicas retóricas também serão muito utilizadas nas contendas entre católicos e protestantes, proporcionando um novo vigor à oratória cristã.

É evidente que as denominações religiosas, no Brasil, estão explorando cada vez mais as técnicas retóricas, em diversas mídias, para intensificar a eficácia em seus discursos. Dentre as católicas, destacam-se os carismáticos e o movimento “Canção Nova” e, dentre as evangélicas, as igrejas neopentecostais. Esse contexto evidencia o ápice de mudanças consideráveis, ao longo do tempo, em relação ao uso das técnicas de persuasão, pois no seu início a retórica não era bem considerada pelo cristianismo, como observa Fábio Ulhoa Coelho no prefácio à edição brasileira no

Tratado de Argumentação:

[...] o conhecimento acerca dos processos mentais, que foram mais tarde denominados persuasão ou convencimento – nascidos com os sofistas, a partir das necessidades práticas de discussão e deliberação política no seio da organização democrática grega -, a despeito do refinamento aristotélico, passa a ser considerado um saber menor e é desprezado pela tradição filosófica. Inicialmente, o desprezo vem com o cristianismo, que não poderia, em suas formulações iniciais, conviver com a ideia de multiplicidade de premissas, igualmente aproveitáveis como ponto de partida para a argumentação.

Com efeito, se a verdade fundamental do conhecimento humano nos é revelada por Deus, não há como atribuir igual importância a um raciocínio fundado em meras opiniões de homens que, por mais sábios, notáveis e ilustres que sejam, estão contaminados pelo pecado original. (PERELMAN ; TYTECA, 2000, p.12-13).

Porém, o cristianismo passou a utilizar, cada vez mais, as técnicas retóricas para a evangelização. Perelman afirma que

Um dos fatores essenciais da propaganda, tal como ela se desenvolveu, sobretudo no século XX, mas cujo uso era bem conhecido desde a Antiguidade e que a Igreja Católica aproveitou com incomparável mestria, é o condicionamento do auditório mercê de numerosas e variadas técnicas que utilizam tudo quanto pode influenciar o comportamento. Essas técnicas exercem um efeito inegável para preparar o auditório, para torná-lo mais acessível aos argumentos que se lhe apresentarão. (PERELMAN; TYTECA, 2000, p.9).

Miklos (2012), ao estudar as relações entre discurso religioso e tecnologia, afirma que a questão religiosa passa a ser opcional, de acordo com as preferências do indivíduo, uma vez que assistimos ao desaparecimento das verdades de fé e ao crescimento da emergência da subjetividade para normatizar a experiência religiosa, que passa a ser privatizada oferecendo ao fiel-consumidor no mercado religioso bens como: cura de doenças, realização no amor, sucesso nos negócios, cotidiano sem angústias, superação de problema por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis.

No discurso religioso cristão, parte-se de premissas válidas, já consagradas, na crença em Jesus Cristo. Mas, em meio à multiplicidade de opções religiosas na atualidade, o papel da retórica é essencial para atrair adeptos. Nessa perspectiva, consideramos que o discurso religioso cristão no contexto brasileiro torna-se cada vez mais um discurso retórico, ainda que tecido no dogmatismo. Na dinâmica do processo argumentativo, portanto, o enunciador cria discursos que pretendem fazer o enunciatário crer naquilo que é transmitido. As escolhas que são feitas pelo enunciador, que busca a adesão, variam de acordo com as crenças e valores do auditório: o enunciador procurará levar o enunciatário à aceitação do enunciado proposto.

Selivon (2004) já havia apontado as características de alguns gêneros presentes nos cultos da IARC. Constataram-se traços do gênero deliberativo, pois propõe um novo modelo de vida, uma nova conduta e desqualifica o que é prejudicial ao auditório. Ao mesmo tempo, tece elogios a Deus e censuras ao Diabo, relacionando-se ao gênero epidítico. Tringali afirma que “a publicidade, com seu discurso propagandístico, inclui-se, sem dúvida, no gênero laudatório” (TRINGALI, 1988, p.53).

Além disso, nosso estudo mostrou que o discurso da Renascer apresenta um objetivo mais educativo quando se dirige àqueles que já são fiéis da Igreja. Conforme Reboul (1980), a doutrinação visa, antes de mais nada, a crença a que se dirige, pois há um só ou a um número restrito de indivíduos, para resultado a longo prazo. Fazer votar em tal partido é propaganda; inculcar a ideologia do partido é doutrinação. Portanto, a propaganda mobiliza, enquanto a doutrinação visa fazer crer.

Por outro lado, verificamos também que o discurso da IARC aproxima-se da propaganda quando pretende, mudando hábitos e crenças, cativar futuros fiéis em meio à pluralidade religiosa atual:

As características da propaganda elencadas por Reboul (1980) enquadram-se muito bem no discurso da Igreja Renascer: repetições de palavras, uso de slogan, estereótipos, seleção de valores e ponto de vista apresentado como único. Como na propaganda política e militar, é necessária a imagem de um inimigo (no caso da Igreja Renascer, os oponentes são os demônios e, muitas vezes, a mídia). (SELIVON, 2004, p.75-76).

Mas é também Reboul (1980, p.54) que adverte que a propaganda pode se tornar doutrinação:

[...] A propaganda pode tornar-se doutrinação quando durável e monolítica. Seja a publicidade, pelo fato de ser concorrencial, parece deixar a escolha ao público, que pode consumir tal produto de preferência a tal outro; com o tempo, porém, ela lhe tira até a escolha de não consumir; doutra parte, instaura um tipo de comunicação unilateral que deixa o público passivo e quase sem defesa. Nesse sentido, a publicidade constitui, realmente, doutrinação: “A escola dos consumidores”.

Essa dissolução das fronteiras entre gêneros textuais pode ser constatada em esferas relacionadas a outras práticas sociais. Charaudeau (2012, p.210) aponta semelhanças entre discurso jornalístico e discurso publicitário:

Mas é verdade que as manchetes de certos jornais e sobretudo de revistas assemelham-se cada vez mais aos apelos dos slogans publicitários, principalmente aqueles que, sob a forma interrogativa, interpelam o leitor. A manchete de uma revista semanal “Como resistir à crise?” assemelha-se fortemente a um apelo do tipo “Como eliminar suas rugas numa noite?” para promover um creme antirrugas. A diferença reside no fato de que a manchete só pretenderia ao status de “conselho” enquanto o apelo publicitário se apresenta como vendedor de um sonho. (CHARAUDEAU, 2012, p.210).

De acordo com Marcuschi (2009, p.175), os discursos emergentes de uma esfera trazem inevitavelmente as marcas e as finalidades dos domínios discursivos²² dos quais procederam. À medida que tais esferas se tornam mais complexas, os gêneros tendem a reformatar-se, pois estes entram em um processo de formatação e de hibridização para suprir as novas necessidades instauradas nas esferas que também tendem a se hibridizar, como no caso da web.

Seguindo Marcuschi (2009, p.176), consideraremos a Internet não como um gênero, mas sim como um suporte²³ que apresenta gêneros dos mais diversos formatos, caracterizando-se como ambiente específico para localizar uma série de informações. Marcuschi (2002) afirma que o *hipertexto* não pode ser tratado como um gênero, e sim como um modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros, dando-lhes neste caso algumas propriedades específicas.

²² Marcuschi usa a expressão *domínio discursivo* para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Considerando os domínios, há o discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular mas dão origem a vários deles.

²³ Suporte de um gênero é um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação de gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. (MARCUSCHI, p. 174).

Jungblut (2010) afirma que os evangélicos empenham-se numa gigantesca mobilização pela expansão de seu “rebanho” e a Internet, como já havia acontecido com o rádio e a TV, se tornou um *front* onde estes religiosos gastam muito de sua “energia conversionista”. Cada grupo ou indivíduo evangélico potencializa, ao máximo, na Internet, sua missão evangelizadora.

Verificaremos a seguir as estratégias argumentativas presentes nos diversos gêneros textuais extraídos do *site* institucional da IARC e escritos por jornalistas pertencentes à Igreja. A seguir, faremos reflexões sobre a palavra profética e o ethos da Igreja Apostólica Renascer em Cristo.

CAPÍTULO III – O discurso da IARC

Antes de iniciarmos este capítulo, é necessário ressaltar que um discurso é constituído de escolhas, remetendo à subjetividade do enunciador e até mesmo o discurso direto é um simulacro da enunciação, criando um efeito de sentido da realidade, pois dá a impressão que o enunciador está apenas repetindo fielmente o que foi dito por alguém. Embora escritos por diversos jornalistas, consideraremos, em todos os textos analisados, um *enunciador institucional*, pois todos pertencem à mesma Formação Discursiva, que traz subjacente os aspectos ideológicos da IARC.

3.1 Análise dos textos do site oficial da IARC

3.1.1 Bênçãos apostólicas de dezembro

1-Deus vai te dar o milagre da reversão

2-Deus vai transformar escassez em abundância

3-De maneira sobrenatural, você vai atrair milagres de prosperidade

4-Deus vai te diferenciar em tudo em relação ao ímpio

5-Você vai colher muitas sementes que você nem se lembra mais e outras que você pensava que a semente tinha morrido. Até 31 de dezembro o senhor vai te dar uma colheita que não adquiriu o ano inteiro

6-Muitos vão adquirir carro novo, casas novas, muitos vão trocar de carro, muitos negócios virão até suas mãos de forma milagrosa

7-Deus vai transferir o que está nas mãos dos ímpios para as tuas mãos

8-O senhor vai dar viagens de final de ano que muitos sempre planejam e nunca conseguiram

9-Você vai dar o maior dízimo da história da sua vida e Deus vai te surpreender com valores que você nunca recebeu

10 - Muitos irão iniciar em empregos temporários e esses empregos vão se transformar em definitivos numa honra que você nem imagina

11- Pessoas que estavam com bloqueios, pessoas que estavam sem créditos e pessoas que haviam perdido suas contas bancárias e cartões de crédito o Senhor vai colocar nas suas mãos e você vai receber um chamado para isso

12- Este será o melhor final de ano da história da minha vida, Deus vai te dar o melhor final de ano da tua vida. Vocês vão terminar o ano com débitos zerados.

De acordo com a Teologia da Prosperidade, a miséria, a pobreza e as doenças são resultados de forças malignas e a superação disso ocorrerá espiritualmente, por meio da atitude dos fiéis. O mal se encontra no passado e não no futuro de transformação: *Deus vai te dar o milagre da reversão / Deus vai transformar escassez em abundância.*

Este é o principal argumento presente no discurso em estudo: *Você vai dar o maior dízimo da história da sua vida e Deus vai te surpreender com valores que você nunca recebeu.* Para que o fiel seja transformado pelo poder de Deus, deve renunciar ao dinheiro, fazendo a doação para alcançar o objeto de valor: prosperidade. O pastor propõe, como recompensa, algo de valor positivo, com a finalidade de levar o fiel a realizar o que deseja.

Como parte dos argumentos-quase lógicos, Perelman (2000) apresenta o argumento pelo sacrifício, que está na base de todo sistema de troca. Para obter felicidade, o fiel deve atuar por meio da sua luta, com sua fé e sacrifício (*“você vai dar o maior dízimo da tua vida”*). A igreja aparece como aquela que proporciona salvação, mas, para ser aliado de Deus e vencer o Mal, é necessário oferecer algo em troca. O sacrifício é um rito essencial à religião, uma oferenda, uma abertura de espaço para o divino.

O sacrifício é que faz a mediação entre aquele que sacrifica e a divindade à qual o sacrifício é oferecido. Na argumentação pelo sacrifício este deve medir o valor atribuído àquele por que se faz o sacrifício. Todavia, se o objeto do sacrifício é conhecido e o seu valor é fraco, o prestígio daqueles que se sacrificaram sairá diminuído.

A importância do sacrifício pode ser observada também em outras denominações neopentecostais, como na mensagem do Bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus na FOLHA IURD²⁴.

[...] A fé é algo pessoal, individual. A decisão tem de ser sua. Deus chamou Gideão justamente porque ele estava humilhado e revoltado. Enquanto você se acomodar ou se acostumar com essa vida que leva, nada vai mudar. A mudança só vai acontecer quando você aplicar toda a sua revolta, que é a fé. O sacrifício é o segredo.

A sua oferta expressa a sua fé. Da mesma forma que o meu amor é expresso através da minha entrega

Quem crê vai, quem não crê fica. É você quem decide. O sacrifício é o caminho mais curto entre o que você quer e o que Deus prometeu.

Deus abençoe a todos

Relacionados ao argumento de sacrifício, estão os lugares. Aristóteles distinguia os lugares comuns, que podem servir indiferentemente a qualquer ciência, e os lugares específicos, que estão relacionados a uma ciência particular ou a um gênero oratório bem definido. Já Perelman e Tyteca (2000) elaboram outra classificação. Distinguem os tipos de objeto de acordo referentes ao real daqueles que se referem ao preferível. Chamam de lugares as premissas de ordem geral que permitem fundar valores e hierarquias. Dentre esses lugares, encontra-se o da quantidade.

O lugar de quantidade afirma que alguma coisa é superior a outra por razões quantitativas. É a superioridade do que é admitido em maior número. Nota-se o destaque para abundância apresentada metaforicamente, no contexto da agricultura, aumentando a persuasão:

²⁴ Texto extraído da Folha IURD. Acesso em: 3.abr.2012.

Você vai colher muitas sementes que você nem se lembra mais e outras que você pensava que a semente tinha morrido . Até 31 de dezembro o senhor vai te dar uma colheita que não adquiriu o ano inteiro

Para intensificar a adesão do auditório, o lugar de quantidade é realçado pela repetição lexical “muitos” e pelo paralelismo sintático (*muitos vão adquirir/ muitos vão trocar*).

Muitos vão adquirir carro novo, casas novas, muitos vão trocar de carro, muitos negócios virão até suas mãos de forma milagrosa

Já o lugar de qualidade valoriza o raro, o único. Afirmar a superioridade do único, do raro, do excepcional, do difícil, do original. Note-se ainda a repetição lexical: “melhor”, “ano”, “vida”, enfatizando a superioridade do que é único. A repetição constitui a técnica mais simples, de acordo com Perelman (2000), para tornar o argumento presente na consciência.

Este será o melhor final de ano da história da minha vida, Deus vai te dar o melhor final de ano da tua vida. Vocês vão terminar o ano com débitos zerados

Embora haja, como apontado neste trabalho, a diluição das fronteiras que reforçam a identidade de uma determinada denominação, o caráter identificador se manifesta em relação aos crentes e aos não crentes, ou seja, os ímpios não recebem o mesmo favorecimento que os crentes recebem.

Deus vai te diferenciar em tudo em relação ao ímpio

Deus vai transferir o que está nas mãos dos ímpios para as tuas mãos

Nas profecias apresentadas pelo enunciador, nota-se principalmente o uso do tempo presente. Segundo Perelman (2000), há grande influência dos tempos verbais sobre o auditório, e o tempo presente proporciona mais facilmente o que se chama de “sentimento de presença”. Isso é reforçado pela repetição da palavra “muitos”:

*Muitos **vão** adquirir carro novo, casas novas, muitos **vão** trocar de carro, muitos negócios virão até suas mãos de forma milagrosa*

*O senhor **vai** dar viagens de final de ano que muitos sempre planejam e nunca conseguiram*

O caráter profético também é destacado quando o apóstolo diz que o fiel “vai receber um chamado para isso”. Nesse caso, adentra o fiel na relação com Deus:

Pessoas que estavam com bloqueios, pessoas que estavam sem créditos e pessoas que haviam perdido suas contas bancárias e cartões de crédito o Senhor vai colocar nas suas mãos e você vai receber um chamado para isso

É de se notar que as profecias são apresentadas em forma de doze itens como se fossem máximas. Perelman (2000) afirma que o orador, por meio das figuras de comunhão, empenha-se em criar empatia com o auditório. Essa comunhão pode ser obtida por meio de referências à tradição ou a uma cultura comum. Dentre elas, encontram-se as máximas, as citações, os provérbios e os clichês.

Embora os itens apresentados pelo apóstolo não remetam a provérbios ou máximas de uma determinada cultura, eles, em sua estrutura de certeza e sua organização textual - em forma de itens - remetem a um tom proverbial, de autoridade, reforçado pelo predomínio dos tempos verbais no presente.

Além disso, a estrutura dos itens assemelha-se à organização sintagmática proverbial. Conforme Discini (2005), na construção do gênero provérbio, são comuns ritmo, rima e paralelismo sintático. Essa organização sintática contribui para o efeito de fixar as representações no plano do conteúdo.

3.1.2 Profetiza: gravação do Renascer Praise

Profetiza²⁵

*Profetiza no vale, profetiza na dor,
Porque sobre ti está a mão do senhor
Profetiza com lágrimas, mas não deixe de acreditar
Que tudo aquilo que Deus prometeu ele cumprirá...*

*Profetiza no vale da escuridão,
Profetiza no vale da humilhação,
Profetiza tua bênção, levanta a tua mão
E profetiza que novos ventos vão soprar
E os sonhos que morreram vão ressuscitar;
Profetiza, que o milagre acontecerá*

*Profetiza sobre o teu deserto
Que chegou o fim da sequeidão,
Profetiza que o impossível
É possível quando Deus estende a mão.
Profetiza que a tua vida vai mudar,
E a porta que está fechada se abrirá.
Escravos serão livres, doentes vão sarar
Se você profetizar...*

(Profetiza)

Sobre a tua casa

(Profetiza)

Sobre a enfermidade

(Profetiza)

Tua bênção, levanta a tua mão!

E profetiza, sobre os teus sonhos.

(E os sonhos...)

Eles vão ressuscitar.

Profetiza, que o milagre acontecerá...

²⁵ Para escutar a gravação de **Profetiza**, buscar: <www.igospel.org.br> Acesso em:12.jun.2013.

Uuh uuh, oh ooh...

Uh ooh, oh ...

Profetiza no vale da escuridão,

Profetiza no vale da humilhação,

Profetiza tua bênção, levanta a tua mão

E profetiza que novos ventos vão soprar

E os sonhos que morreram vão ressuscitar;

Profetiza, que o milagre acontecerá

(Acontecerá...)

É hoje! Pode ser agora!

Perelman e Tyteca (2000) apresentam alguns argumentos baseados na estrutura do real. Esse real é concebido com base no senso comum. É um real plasmado por um conjunto de opiniões, mas que, muitas vezes, não passam de meras suposições. Há um conjunto de opiniões dominantes, sob a ótica dos valores do senso comum.

Na canção, predomina o argumento pragmático, um argumento baseado na estrutura do real, que permite apreciar um ato por suas consequências positivas ou negativas, não exigindo, para ser admitido pelo senso comum, qualquer justificativa.

Segundo o autor, o aspecto afetivo, emotivo, é um forte componente desse tipo de argumento, que tem no fator sucesso seu mais forte ponto de apoio. Perelman e Tyteca (1996, p.305) consideram-no um argumento de consequências favoráveis ou desfavoráveis.

É importante para esse tipo de argumento o aspecto afetivo, emotivo, que tem no fator sucesso o seu mais forte ponto de apoio, e muitas vezes o sucesso como solução. Para muitas filosofias e religiões, a felicidade se apresenta como a última justificação de suas teorias. (PERELMAN; TYTECA, 2000, p.305).

De acordo com a ideologia da Igreja configurada no discurso, o Diabo é o responsável pelo Mal que atinge o homem. O presente de insucessos é resultado daqueles que estão espiritualmente desprotegidos. Na canção, esse presente de insucessos é constatado pelos versos com itens lexicais negativos:

[...] Profetiza na dor
Profetiza com lágrimas [...]
Profetiza no vale da escuridão
Profetiza no vale da humilhação
Profetiza sobre o teu deserto

Dentre os argumentos baseados na estrutura do real, o argumento de superação (PERELMAN, 2000) insiste na possibilidade de ir sempre mais longe num certo sentido, sem um limite nessa direção. Pode-se valer da superação para desvalorizar uma situação, com que alguém poderia se contentar, mas à qual um estado mais favorável pode suceder. Pode-se verificar que os males podem ser revertidos pela força da palavra profética, ultrapassando-se a precária situação em que se está inserido:

Profetiza que o impossível
É possível quando Deus estende a mão.
Profetiza que a tua vida vai mudar,
E a porta que está fechada se abrirá.
Escravos serão livres, doentes vão sarar
Se você profetizar...

[...] E profetiza que novos ventos vão soprar
E os sonhos que morreram vão ressuscitar;
Profetiza, que o milagre acontecerá.

Em um estudo sobre os aspectos proféticos no discurso de Padre Vieira, Mosca afirma

[...] a profecia requer um crer da parte do destinatário, razão do trabalho persuasório que ela envolve. Uma vez aceita, dela decorre um dever ou deveres (modalidade deontica) [...] No discurso profético, tais construções adquirem valor performativo, uma vez que fazem parte dos discursos proferidos por quem tem o poder de fazê-lo, conferindo-lhes a necessária validade. A sua voz de autoridade depende de quem pode dizê-las e em que circunstâncias tais palavras são legitimadas. (MOSCA, 2004, p.16-17).

Um ponto considerado essencial por Perelman (1993) é a ideia de presença. E o que seria essa presença? Seria a capacidade de manter vivos para a consciência certos elementos (objetos, pessoas, emoções - reais ou não -) mesmo que não haja qualquer base em demonstrações formais e provas. A evidência e o presente mantêm-se basicamente em função da estimulação da sensibilidade e da emoção do receptor (do ouvinte). A “repetição”, enquanto figura argumentativa, acentua, duplica a sensação de presença do objeto, pessoa ou da situação. A repetição de itens lexicais e de estruturas sintáticas na canção contribuem para essa ideia de presença.

3.1.3 Bispa Sonia Hernandes fala sobre o desafio de ser mãe

*Nos estudos da "Bíblia da Mulher com a vida", ela deixou registrada suas experiências como mãe e algumas dicas também. Confira:*²⁶

Imagem 1

²⁶ Fonte: as imagens de 1 a 20 foram extraídas do site: < www.igospel.org.br > Acesso em: 7.maio.2014.

Não existe curso de ser mãe. Como você aprendeu?

Quanto ao ambiente familiar, para que você tenha uma ideia, minha filha casou-se, achando que eu e meu marido não brigávamos, porque ela não presenciava nossos momentos de discordância. Sempre fui muito amiga dos meus filhos. Nossos filhos sempre participaram de tudo. Estar com os nossos filhos sempre é muito bom. Eles sempre puderam contar conosco, sempre acreditamos neles, sempre os defendemos. Sempre souberam que não haveria limites para a gente sair para brigar por eles e que também o Senhor Jesus seria prioridade em nosso lar.

Na Bíblia está escrito que devemos usar a vara para a correção.

Você usava?

A parte da vara ficava com o Apóstolo. Fui uma mãe exigente, enérgica. Eu não aceitava chantagens emocionais e argumentos. Certa vez, o Tid (Bispo Tid) precisava de 0,1 para não ficar de recuperação e eu deveria ir à escola para conversar com a professora dele, mas eu não fui e expliquei: “Você deveria ter pensado nisso antes, no primeiro bimestre, quando você tinha pouca matéria para estudar. A vida é assim: por 0,1, você pode perder o emprego; por 0,1, você não é o escolhido. Por 0,1, você vai perder suas férias, vai ficar estudando e vai ter que tirar uma nota bem alta”.

Para mim, 9 era uma nota razoável, 10 era uma meta. O resto não existia. Mas isso Deus também me ensinou, porque meu filho, com 13 anos, perdeu os dois rins e eu entendi que quem tira 9 e 10 passa de ano, assim como quem tira 5, ou 7, dependendo da média estipulada pela escola, passa de ano também.

Hoje, eu entendo que ser o melhor aluno não significa que você será o melhor profissional, nem bem sucedido. Comecei a tratar meus filhos de uma forma diferente nesta questão e parei de me torturar. Procurava identificar aquilo que eles tinham de virtudes e dons. Naquilo que eles não eram tão bons eu procurava ajudá-los.

Imagem 2

O equilíbrio é buscar soluções, não iguais as que as “suas amigas” praticam, mas as que Deus tem personalizadas para cada um de nós e de nossos filhos. Esse é o segredo! Quando você tem um filho, você não dá a luz a um outro “eu”, você dá a luz a um ser totalmente diferente.

E quando os filhos não querem ir à igreja? Até que ponto os pais são responsáveis por isso?

Existem mulheres que sonham que suas filhas sejam modelos... Sonham com coisas que só têm no mundo, sabe? Inconscientemente, às vezes, a gente planta junto com o trigo uma semente diferente. Muitas vezes, em nome de uma liberdade, você leva sua filha para uma balada, mas não a leva para uma Marcha para Jesus e nem a inscreve para participar de um acampamento da igreja, nem muito menos fala com ela sobre as coisas de Deus.

Porém, não posso culpar os pais pelas escolhas de seus filhos. Davi era um homem segundo o coração de Deus e, nem por isso, seus filhos optaram por seguir o mesmo caminho de amar e seguir a Deus como ele. Aliás, na família de Davi, havia muitos filhos “fora da igreja”, que faziam todos os tipos de barbaridades. Por exemplo, um irmão

violentou a irmã; um filho tramou a morte de outro... Sem contar Absalão, que queria usurpar seu reinado. Realmente, ninguém é culpado pelas escolhas dos outros. Eu posso ajudar meu filho a escolher melhor, se mostrar para ele o quanto é bom. A Bispa Fernanda, minha filha, sempre fala que acordava ao som da minha oração, do louvor, da adoração, das Palavras que eu ficava ouvindo durante o dia por meio da Rádio Gospel FM.

No nosso caso, nossos filhos viram que nós realmente éramos felizes em toda e qualquer situação e também quiseram isso para eles. Nos tornamos referenciais.²⁷

O *pathos* é explorado logo de início com a frase “deu um depoimento emocionante”. Mostra-se que toda a educação foi baseada na Palavra e na profecia sobre eles, afirmando o poder da Palavra na educação e a seriedade do processo até com rigidez.

*A gente, muitas vezes, está mais preocupada com o que os outros vão pensar do que preocupada em ser mãe. Eu aprendi a ser mãe com o Espírito Santo, sabia? **Aprendi a falar a Palavra, profetizar sobre eles**, ensiná-los no caminho em que devem andar e, eles até hoje, dão até testemunho de que até minhas broncas eram bíblicas. Usei a Palavra para educá-los!*

Delineia-se o *ethos* da bispa como uma mãe rígida mas justa:

Fui uma mãe exigente, enérgica. Eu não aceitava chantagens emocionais e argumentos.

Utiliza-se o argumento pragmático, em que o vínculo causal é enfatizado:

“Você deveria ter pensado nisso antes, no primeiro bimestre, quando você tinha pouca matéria para estudar. A vida é assim: por 0,1, você pode perder o emprego; por 0,1, você não é o escolhido. Por 0,1, você vai perder suas férias, vai ficar estudando e vai ter que tirar uma nota bem alta”.

O argumento de qualidade realça as virtudes dos filhos:

²⁷ Texto de Raquel Tenuta – Redação iGospel em 10 de maio de 2013.

Hoje, eu entendo que ser o melhor aluno não significa que você será o melhor profissional, nem bem sucedido. Comecei a tratar meus filhos de uma forma diferente nesta questão e parei de me torturar. Procurava identificar aquilo que eles tinham de virtudes e dons. Naquilo que eles não eram tão bons eu procurava ajudá-los.

O argumento pelo exemplo destaca-se na entrevista. Segundo Perelman e Tyteca (2000), quando são evocados fenômenos particulares uns em seguida dos outros, principalmente se oferecem alguma similitude, ficamos inclinados a ver neles exemplos, ao passo que a descrição de um fenômeno isolado seria tomada mais por uma simples informação. O exemplo invocado deverá, para ser tomado como tal, usufruir estatuto de fato, pelo menos provisoriamente. A rejeição ao exemplo, seja porque é contrário à verdade histórica, seja porque é possível opor razões convincentes à generalização proposta, enfraquecerá consideravelmente a adesão à tese que se queira promover. Por meio da multiplicação de exemplos se chega à generalização. A Bispa generaliza a importância de os pais serem exemplos para seus filhos e termina detalhando um exemplo específico: como sua filha Fernanda (hoje Bispa Fê) foi influenciada positivamente pelos hábitos adquiridos em casa:

Eu posso ajudar meu filho a escolher melhor, se mostrar para ele o quanto é bom. A Bispa Fernanda, minha filha, sempre fala que acordava ao som da minha oração, do louvor, da adoração, das Palavras que eu ficava ouvindo durante o dia por meio da Rádio Gospel FM.

No nosso caso, nossos filhos viram que nós realmente éramos felizes em toda e qualquer situação e também quiseram isso para ele. Nos tornamos referenciais.

De acordo com Declerq (1992), o exemplo se assemelha às provas subjetivas, pois sua evidência se funda no poder sensorial da imagem, ele serve facilmente à mobilização oratória das paixões.

Paralelamente à importância do bom exemplo, a Bispa apresenta o antiexemplo de alguns pais que criam hábitos inadequados em seus filhos. Enquanto o exemplo aproxima comportamentos por meio da imitação, o antiexemplo suscita o

afastamento da imitação de condutas.

Enquanto os pais são exemplos para os filhos, a bispa, em razão de seu carisma e prestígio perante os fiéis, torna-se um modelo para que os outros pais imitem a educação que ela deu aos seus próprios filhos.

Para reforçar o “exemplo feminino” que a Bispa Sônia representa, prevalecem nas duas fotos tons de rosa e vermelho, cores relacionadas ao sexo feminino e flores. Além disso, as imagens sorridentes indicam felicidade e satisfação, alguém que está de “bem com a vida”.

3.1.4 “Na Páscoa, seja a ressurreição”

Imagem 3

Queridos internautas, eu separei um tempinho para deixar uma palavra especial para vocês! É tempo de Páscoa e de celebrarmos a ressurreição de Cristo, aquele que nasceu em nossas vidas e nos trouxe um caminho de salvação!

Será que é isso que você tem transmitido para as pessoas? Faça uma reflexão sobre as atitudes que você tomou durante a semana. Será mesmo que elas refletiram o amor de Cristo? Jesus precisa nascer em nós todos os dias, nunca podemos perder a alegria da salvação, a nossa maior herança!

Estamos em um período de comemoração, tempo em que as pessoas se reúnem com suas famílias. Não perca este tempo fofocando, murmurando, brigando ou cobrando certas atitudes. Seja um manancial de vida! Para você ser um manancial de vida, a sua fonte precisa ser a Palavra de Deus!

*Por isso, hoje, eu quero te convidar a meditar comigo em **Provérbios 10:11** “A boca do justo é manancial de vida, porém a boca dos ímpios esconde a violência.”*

Deus deu um poder para os nossos lábios. O poder de profetizar. O poder da vida e da morte está na língua. O verbo que se fez carne, Jesus Cristo, trouxe existência ao que não existia. Esse mesmo poder, por sermos filhos, Deus nos deu.

A tua boca tem que ser um manancial de vida. Então, não perca o potencial que Deus colocou nas tuas palavras, que podem salvar uma vida, transformar uma história, consolar uma família, usando isso para blasfemar, murmurar, propagar o ódio e para amaldiçoar.

Muitas vezes, os lábios doces camuflam a violência, que é a violência que o inimigo planta nos corações contra aqueles que são os escolhidos de Deus.

Guarde a tua boca. Aquele velho ditado que diz que o peixe morre pela boca é uma verdade! Guarda teu coração, fale o que edifica. Lembre-se sempre que você é uma fonte de vida. Exercite isso. A Páscoa é um bom começo, não é mesmo?

Sabe o que é um manancial? É aquilo que mata sede no deserto. Que sempre que alguém chegar perto de você, em vez de ouvir palavras de ódio, ou de fofoca, saia edificado e declare para os quatro cantos do mundo “nessa pessoa, eu encontro palavras de vida!”. Esse é o seu chamado: ser uma bênção na terra dos vivos, assim como foi Jesus Cristo.

Ele quer te usar também para fazer obras maiores ainda!

Quero finalizar o post de hoje com um convite! Nesta sexta-feira (18/4), a partir das

*20 horas, vamos apresentar uma linda Cantata de Páscoa no Ginásio do Ibirapuera!
O evento é gratuito! Leve sua família, seus amigos e aqueles que você sente que
precisam de uma Palavra de vida! É uma excelente estratégia de evangelismo e
comunhão! Eu e toda a minha família te esperamos lá! Vamos celebrar a
ressurreição!*

A expressão *blog* surgiu a partir de duas palavras: *web* (rede de computadores) e *log* (uma espécie de diário de bordo dos navegadores que anotavam as posições do dia.). Daí a expressão *weblog* que se popularizou, um diário eletrônico. A diferença essencial de um *blog* em relação a um *site* ou uma página pessoal é o fato de poder ser facilmente atualizado na forma de um diário datado e circunstanciado. Suas primeiras versões eram apenas para registrar as leituras que as pessoas faziam em suas navegações pela rede mundial (MARCUSCHI, 2009).

A linguagem dos *blogs* pessoais é informal na maioria dos casos. Os *blogs* são datados, comportam fotos, música e outros materiais. Apresentam estrutura leve, textos em geral breves, descritivos e opinativos.

No *blog* da Bispa Fê, explora-se muito o *pathos*, pois já se inicia com *Queridos internautas*, sugerindo afetividade, intimidade e proximidade. Isso é reforçado pelas várias exclamações, a emoção partilhada a conversão pessoal presentes ao longo do texto. A linguagem emotiva, subjetiva, também é adequada ao gênero *blog* cujas características são pessoalidade e espontaneidade:

uma palavra especial para vocês !

Nos trouxe um caminho de salvação !

a nossa maior herança !

seja um manancial de vida !

a sua fonte precisa ser a palavra de Deus !

*Aquele velho ditado que diz que o peixe morre pela boca é uma verdade!
vamos apresentar uma linda Cantata de Páscoa no Ginásio do Ibirapuera!*

O evento é gratuito!

Leve sua família, seus amigos e aqueles que você sente que precisam de uma Palavra de vida!

É uma excelente estratégia de evangelismo e comunhão!

Eu e toda a minha família te esperamos lá!

Vamos celebrar a ressurreição!

A identificação também é criada pela aproximação das famílias, ou seja, da família de bispa e da família dos internautas:

Leve sua família, seus amigos e aqueles que você sente que precisam de uma Palavra de vida!

É uma excelente estratégia de evangelismo e comunhão!

Eu e toda a minha família te esperamos lá! Vamos celebrar a ressurreição

Além dos efeitos de subjetividade de aproximação na enunciação, próprios do uso de primeira pessoa, explora-se o efeito de identificação com o destinatário, de anulação de distância entre a bispa e os frequentadores da igreja, ratificando os que pertencem à mesma instituição. Esse procedimento reforça a comunhão, indicando que tanto o enunciador quanto o enunciatário têm o mesmo quadro de referências e mesmos interesses.

Perelman e Tyteca (2000) reportam-se ao que denominam “comunicação oratória”, cuja finalidade é o estabelecimento de uma identificação entre orador e o auditório. Aparece aí, em geral, um nós persuasivo, no qual o orador se inclui para se identificar com o auditório. Assim, ocorre uma homogeneização de sentimentos, de sensações e de opiniões das pessoas.

Por meio do lugar de qualidade *Palavra especial*, valoriza-se o enunciatário, pois essa palavra diferenciada é transmitida a ele. Em *separei um tempinho*, há o

argumento de sacrifício, pois ela está abrindo mão de momentos preciosos de suas atividades como bispa para enviar a mensagem aos internautas.

No conteúdo do *blog*, a ênfase é dada à ressurreição de Cristo (*nascer em nossas vidas*), que é a tônica da Igreja Renascer, que prega “o renascer em Cristo” para ter uma nova vida, uma vida transformada.

A modalidade indica a atitude do enunciador face ao que diz, portanto, parte da atividade ilocucionária, ou seja, da relação que o enunciador estabelece com o enunciatário por meio da enunciação. A modalidade interrogativa pretende, de forma sutil, levar o interlocutor a aderir às ideias do orador. As interrogações dão a impressão de que o internauta participa efetivamente da elaboração da argumentação e, assim, o orador afasta-se do tom imperativo.

A Páscoa é um bom começo, não é mesmo?

Será que é isso que você tem apresentado às pessoas?

Sabe o que é um manancial?

Já a modalidade injuntiva tem forte valor persuasivo, utilizando-se do imperativo. Segundo Perelman (2000), contrariamente às aparências, a modalidade injuntiva não tem força persuasiva, pois seu poder decorre da ascendência da pessoa que ordena sobre a que executa. No caso, a autoridade da bispa como representante da Igreja:

Faça uma reflexão

não perca esse tempo

seja um manancial de vida

guarde a tua boca

guarda o teu coração

fala o que edifica

declare para os quatro cantos do mundo

Exercite isso

O argumento de autoridade caracteriza-se pela apresentação de uma voz que representa uma verdade geral. Nesse tipo de argumento, o emissor utiliza atos ou julgamentos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como prova de uma tese.

No entanto, para que esse argumento seja acatado pelo ouvinte, essa voz única deve ser valorizada positivamente pelos receptores (PERELMAN e TYTECA, 2000). A bispa utiliza as palavras da Bíblia para sustentar o sermão, para conferir-lhe veracidade, criando, assim, o efeito de sentido de verdade: quanto mais importante é a autoridade, mais indiscutíveis parecem ser suas palavras. Nesse sentido, é citado um trecho do Antigo Testamento.

Por isso, hoje, eu quero te convidar a meditar comigo em Provérbios 10:11 “A boca do justo é manancial de vida, porém a boca dos ímpios esconde a violência.”

A repetição da palavra *poder* dá ênfase à força das palavras para trazer à existência o que não existe (argumento do existente).

Deus deu um poder para os nossos lábios. O poder de profetizar. O poder da vida e da morte está na língua. O verbo que se fez carne, Jesus Cristo, trouxe à existência ao que não existia. Esse mesmo poder, por sermos filhos, Deus nos deu.

A escolha lexical apresenta valores disfóricos (*blasfemar/ murmurar/ propagar o ódio/ amaldiçoar*) e eufóricos (*salvar uma vida, transformar uma história, consolar uma família*):

A tua boca tem que ser um manancial de vida. Então, não perca o potencial que Deus colocou nas tuas palavras, que podem salvar uma vida, transformar uma história, consolar uma família, usando isso para blasfemar, murmurar, propagar o ódio e para amaldiçoar.

Os efeitos cromáticos da fotografia assemelham-se aos da Bispa Sônia, remetendo à feminilidade e à felicidade, com a presença de flores, as tonalidades de vermelho e rosa e o sorriso da Bispa Fê.

3.1.5 Fiéis marcham para Jesus com pedidos de oração nos pés

“Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei sua terra.” - 2 Crônicas 7: 14

“Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali eu estarei” - Mateus 18: 20.

A Marcha para Jesus é muito mais que uma manifestação pacífica, é um ato profético, marcado por louvores e pelo clamor de um povo que acredita no poder transformador do evangelho.

Há mais de 20 anos, milhões de pessoas saem às ruas da capital paulista, com seus pedidos de oração debaixo dos pés.

“A oração é um instrumento poderoso. Esse clamor tem um resultado espiritual, que não é imediato, mas acontece no decorrer do tempo. Nós vemos isso se manifestando no povo, com cura e libertação”, declarou Apóstolo Estevam, presidente da Marcha para Jesus no Brasil.

“Eu tenho o costume de marchar com os pedidos no tênis. Todos os anos, eu vivo experiências especiais e liberações de milagres. Um dos pedidos que sempre faço é pelo crescimento do meu ministério e eu tenho vivido isso todos os dias. Para mim, a Marcha para Jesus é um pedacinho do céu na terra”, declarou a cantora gospel Soraya Moraes.

Para a edição deste ano, que acontece no próximo sábado, 7 de junho, a organização do evento desenvolveu uma palmilha para as pessoas escreverem seus pedidos e colocarem nos calçados, antes do evento. Veja abaixo:

Imagem 4

Conheça a história da pequena Luiza, fruto de um milagre da Marcha para Jesus

Tatiane Oliveira aceitou Jesus aos 12 anos de idade. No período de faculdade, se afastou dos caminhos do Senhor. Ela voltou para a igreja, quando conheceu seu marido. Hoje, eles têm cinco anos de casados.

Durante três anos, o casal tentou ter um bebê. Ao descobrir que suas trompas eram fechadas e que não poderia gerar um filho, naturalmente, Tatiane decidiu colocar sua fé em prática e participou da Marcha para Jesus, com o pedido do seu milagre, debaixo dos pés.

O diagnóstico a deixou muito chateada, mas, em nenhum momento, ela se virou contra Deus, pelo contrário, esperou n'Ele, confiadamente. Enquanto a promessa não se cumpria, decidiu viajar, se dedicar ao marido, ao trabalho e a outros sonhos.

Como já era esperado, para aqueles que têm fé, a esperança de Tatiane e de seu esposo não foi frustrada. Em 2013, ela engravidou, sem precisar fazer nenhum tratamento. A gestação foi tranquila. No dia 16 de dezembro de 2013, nasceu a pequena Luiza, marcando uma nova fase na vida do casal.

No ano passado, Tatiane marchou grávida, como uma forma de gratidão a Deus e, neste sábado (7/6), ela participará do evento, com toda a família.

Está chegando o grande dia!

A Marcha para Jesus acontece neste sábado (7/6), em São Paulo (SP).

Para mais informações, acesse:< marchaparajesus.com.br>²⁸

²⁸ Outras informações da Redação iGospel - Redes Sociais da Marcha - Twitter e Instagram: @MarchaParaJesus; Facebook: facebook.com/MarchaParaJesusOficial.

Nos testemunhos, os exemplos são selecionados do cotidiano. Depoimentos de fiéis que alcançaram bênçãos com as estratégias preconizadas pela Igreja são o modelo a ser imitados por outros fiéis. Segundo Perelman (2000) os exemplos selecionados pelo orador deverão usufruir estatuto de fato, pois os testemunhos partem de relatos concretos que o auditório não tem nenhum motivo para colocar em dúvida.

Segundo Contins (s/d.,p.277), entre os pentecostais, o testemunho é muito importante. É nesse momento que o crente revela aos outros, incluindo-se mesmo os “não salvos”, seu comprometimento com Deus e com a congregação. Pelo testemunho, o crente se converte e ao mesmo tempo espera convencer os outros de sua crença. No ponto de vista de Contins (s/d.p.277), o testemunho é um dos momentos em que a conversão realmente ocorre. A verdadeira questão sobre a conversão, de acordo com essa esta autora, é de como a ordem sobrenatural (a existência de Deus), a experiência do Espírito Santo se torna “real”, “conhecida”, “experimentada” por pessoas.

Tais testemunhos são constantes no discurso das religiões neopentecostais, que adaptam aos dias de hoje os exemplos bíblicos, apresentando pessoas comuns capazes de causar identificação com o auditório. Os retóricos já afirmavam que a arma mais poderosa do orador é a capacidade de manipular as emoções de seu público e de atraí-las para o seu lado. Quintiliano sugeria que se deveria despertar na plateia sentimentos de benevolência, atenção e disposição de ser instruída. Para Aristóteles, uma das maneiras pela qual um orador pode obter a confiança dos ouvintes é apelar para suas paixões.

Bauman (2001) afirma que a autoridade da pessoa que compartilha sua história de vida pode fazer com que os espectadores observem o exemplo com atenção e aumenta os índices de audiência.

Mas a falta de autoridade de quem conta sua vida, o fato de ela não ser uma celebridade, sua anonimidade pode fazer com que o exemplo seja mais fácil de seguir e assim ter um potencial adicional próprio. As não celebridades, os homens e mulheres comuns que aparecem na telinha apenas por um momento passageiro (não mais do que o necessário para contar a história e receber o aplauso merecido, assim como alguma crítica por esconder partes picantes ou gastar tempo demais com as partes desinteressantes) são tão desvalidas e infelizes quanto os espectadores,

sofrendo o mesmo tipo de golpes e buscando desesperadamente uma saída honrosa e um caminho promissor para uma vida mais feliz. E assim, o que elas fizeram eu também posso fazer; talvez até melhor. Posso aprender alguma coisa útil tanto com suas vitórias quanto com suas derrotas. (BAUMAN, 2001, p.80-81).

Charaudeau também faz reflexões sobre a validade de testemunhos de pessoas que não sejam celebridades:

Diferentemente do que ocorre com a notoriedade, ele não é suspeito de utilizar alguma estratégia de ocultamento, pois é considerado completamente ingênuo, isto é, desprovido de qualquer tipo de cálculo, quanto à utilização de seu testemunho: ele só poderia dizer a verdade, a menos que seja manipulado ou que produziu voluntariamente um falso testemunho (mas então sua identidade deixa de ser a de uma testemunha). (CHARAUDEAU, 2012, p.53).

Na estratégia discursiva da especificação – um aspecto mais específico de uma realidade atrai mais que uma visão geral (PERELMAN; Tyteca, 2000). Para criar emoção, é indispensável a especificação. As noções gerais de esquemas abstratos não atuam muito sobre a imaginação. Sempre que possível, deve-se considerar o termo concreto em vez do abstrato. Nesse caso a concretização se dá mais que por palavras, profecias, decorre de um **ato profético**, que tem como base as passagens bíblicas: Êxodo 14, Josué 6 e João 13:35. O objetivo é a disseminação do evangelho, em sua essência, com união, alegria, amor.

De acordo com a IARC, o primeiro objetivo da marcha é a evangelização. O segundo objetivo é o ato profético, porque no momento em que milhões de pessoas estão declarando o nome de Jesus, o mundo espiritual é totalmente alterado. Em virtude desse “mover profético”, vários milagres acontecem. E o terceiro objetivo é o crescimento da própria Igreja no contexto de música gospel

A Marcha para Jesus é um ato profético porque é um “mover” em direção a uma transformação. Na concepção da Igreja, tudo que é morto é sem ação, sem movimento, e tudo que é vida transborda movimento.

Essa especificação e esse “mover” são concretizados também na palmilha utilizada para a marcha:

Imagem 5

O argumento de autoridade aparece na citação de um trecho do Antigo Testamento e na citação de um texto do Novo Testamento:

Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei sua terra.” - 2 Crônicas 7: 14

Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali eu estarei - Mateus 18: 20.

O lugar de quantidade é utilizado para realçar o tempo de existência da Marcha e exaltar o grande número de pessoas que comparecem a ela:

Há mais de 20 anos, milhões de pessoas saem às ruas da capital paulista, com seus pedidos de oração debaixo dos pés.

O poder da palavra (oração) é destacado pelo Apóstolo:

“A oração é um instrumento poderoso. Esse clamor tem um resultado espiritual, que não é imediato, mas acontece no decorrer do tempo. Nós vemos isso se manifestando no povo, com cura e libertação”, declarou Apóstolo Estevam, presidente da Marcha para Jesus no Brasil.

Verifica-se que os testemunhos apresentam sempre os mesmos temas: problemas na infância, relação familiar deteriorada, situação financeira precária, dependência das drogas, depressão. Assim, os testemunhos servem também para criar a ideia de

presença, repetindo situações para fixar no fiel os pontos principais da argumentação. Um dos principais recursos para criar presença é a repetição: “a repetição constitui a técnica mais simples para criar essa presença” (PERELMAN; TYTECA, 2000,p.198).

O argumento pragmático, que se baseia em causas e consequências, está subjacente aos testemunhos. Quem participa da Marcha com fé obterá resultados satisfatórios em relação aos seus pedidos.

Observa-se, no testemunho abaixo, também a natureza metonímica da Marcha para Jesus: *é um pedacinho do céu*.

Eu tenho o costume de marchar com os pedidos no tênis. Todos os anos, eu vivo experiências especiais e liberações de milagres. Um dos pedidos que sempre faço é pelo crescimento do meu ministério e eu tenho vivido isso todos os dias.

Para mim, a Marcha para Jesus é um pedacinho do céu na terra, declarou a cantora gospel Soraya Moraes.

Na estrutura dos testemunhos é evidente a superação de um passado disfórico (pré-milagre) e um presente eufórico (pós-milagre). A credibilidade dos testemunhos decorre também da ancoragem dos fatos em um espaço e tempos determinados:

Durante três anos, o casal tentou ter um bebê. Ao descobrir que suas trompas eram fechadas e que não poderia gerar um filho, naturalmente, Tatiane decidiu colocar sua fé em prática e **participou da Marcha para Jesus**, com o pedido do seu milagre, debaixo dos pés.

O diagnóstico a deixou muito chateada, mas, em nenhum momento, ela se virou contra Deus, pelo contrário, esperou n’Ele, confiadamente. Enquanto a promessa não se cumpria, decidiu viajar, se dedicar ao marido, ao trabalho e a outros sonhos. Como já era esperado, para aqueles que têm fé, a esperança de Tatiane e de seu esposo não foi frustrada. **Em 2013**, ela engravidou, sem precisar fazer nenhum tratamento. A gestação foi tranquila. **No dia 16 de dezembro de 2013**, nasceu a pequena Luiza, marcando uma nova fase na vida do casal (grifos nossos).

3.1.6 – Conheça o novo livro do Apóstolo Estevam Hernandes

Imagem 6

Apóstolo Estevam Hernandez lançou na ExpoCristã mais uma grande obra, o “Colheita e Prosperidade”. A sessão de autógrafos foi realizada no último dia 19 de setembro no stand da editora “Edições Amanhecer”.

Centenas de pessoas apareceram no local para terem seus livros autografados e tirar fotos com o autor, que como sempre, atendeu carinhosamente todo o público. “Tenho certeza de que esta publicação trará um caminho de prosperidade para todas as áreas de nossas vidas. Vamos viver a plenitude das promessas descritas na Bíblia”, declarou Apóstolo Estevam.

No livro “Colheita e Prosperidade”, há estudos, citações bíblicas e conceitos que abrangem todas as áreas, mostrando que a semeadura começa no mundo espiritual, por meio de atitudes proféticas.

Além da questão espiritual, o autor dá dicas sobre comportamento, administração pessoal, financeira e temporal para que a prosperidade e a colheita sejam plenas. Ao todo, são 207 páginas de ensinamentos de um homem pioneiro que fez da Bíblia a sua fonte de inspiração e seu manual de empreendedorismo.

O livro *"Colheita e Prosperidade"* está disponível no portal de artigos evangélicos [Gospel Bay](#).

Conheça outras obras de Apóstolo Estevam

Não é a primeira vez que Apóstolo Estevam Hernandes participa como escritor da ExpoCristã. Em 2009, ele lançou a série "Fundamentos Apostólicos", coletânea composta por nove volumes gerados a partir de ministrações e de acordo com profecias reveladas no início de cada ano. O líder da Renascer ficou mais de quatro horas fazendo dedicatórias nas publicações e abençoando o público. Em apenas uma tarde, mais de dois mil livros foram autografados.

Além da coleção Fundamentos Apostólicos, Apóstolo Estevam edificou muitas pessoas por meio dos livros: "A Caminho da Felicidade", "O Caminho da Oração", "Como Não Morrer no Deserto", "Desafiando o Impossível", "A Fumaça do Inferno", "O Homem segundo a Vontade de Deus", além de ter seus estudos registrados na primeira Bíblia Apostólica do mundo.

Sobre o autor

Imagem 7

É o fundador e líder da Igreja Apostólica Renascer em Cristo. Com atuação profissional nas áreas de Marketing e Vendas, trabalhou como executivo em importantes companhias da área de tecnologia por cerca de 20 anos.

No final dos anos 80, recebeu um chamado de Deus e fundou a Igreja Renascer, juntamente com a Bispa Sonia Hernandez. Abrindo mão da bem sucedida carreira, dedicou-se exclusivamente ao trabalho ministerial.

Hoje, a Renascer em Cristo possui cerca de 800 igrejas abertas no Brasil, América Latina e diversos países como EUA, Itália, Canadá, Japão e Angola.

Além de estar à frente do ministério Renascer, é presidente da Marcha para Jesus e da CIEAB (Confederação das Igrejas Apostólicas do Brasil).²⁹

Logo no início da resenha, exalta-se o *ethos* do escritor, qualificando o livro que está sendo lançado como “mais uma grande obra”. O argumento de quantidade está presente na informação de que já foram publicadas várias obras relevantes, além disso, ressalta-se que centenas de pessoas apareceram no local, ou seja, o evento foi muito prestigiado.

²⁹ Texto de Raquel Tenuta –Redação iGospel. Acesso em: 14.mar.2014.

A afirmação “atendeu carinhosamente todo o público” ratifica a imagem paternal do Apóstolo, que é chamado pelos fiéis, muitas vezes, de “nosso pai”.

O discurso direto indica a convicção do Apóstolo “tenho certeza”, mostrando que a obra realmente cumpre as promessas divinas. A modalidade da certeza relaciona-se com as promessas bíblicas, ou seja, o livro é um meio para que todos atinjam a prosperidade na saúde, na vida econômica e na vida pessoal:

“Tenho certeza de que esta publicação trará um caminho de prosperidade para todas as áreas de nossas vidas. Vamos viver a plenitude das promessas descritas na Bíblia”, declarou Apóstolo Estevam.

Nota-se na figura o cacho de uva que é colocado em evidência e apresenta o aspecto de pujança, remetendo à fertilidade, à prosperidade. Na capa do livro também é lançada uma pergunta: “Como é possível haver tanto fracasso na área financeira?” A resposta: isso acontece porque princípios espirituais importantes são quebrados e, assim, as portas são abertas para destruidores e ladrões invisíveis. Ressalta-se a vulnerabilidade daqueles que não se resguardam e se protegem por meios espirituais, ficando à mercê de malignidades espirituais. Há uma luta espiritual entre o Bem e o Mal que pode apenas ser vencida com a proteção divina.

O lugar de quantidade ressalta que havia muitas pessoas presentes no lançamento do livro. Esse argumento aparece também no grande número de obras já escritas pelo Apóstolo e no tempo gasto na seção de autógrafos, além da quantidade de livros que foram autografados.

Centenas de pessoas apareceram no local para terem seus livros autografados e tirar fotos com o autor, que como sempre, atendeu carinhosamente todo o público.

*Em 2009, ele lançou a série “Fundamentos Apostólicos”, coletânea composta por **nove volumes gerados** a partir de ministrações e de acordo com profecias reveladas no início de cada ano.*

O líder da Renascer ficou **mais de quatro horas** fazendo dedicatórias nas publicações e abençoando o público. Em apenas uma tarde, **mais de dois mil livros foram autografados**.

Além da coleção *Fundamentos Apostólicos*, Apóstolo Estevam edificou muitas pessoas por meio dos livros: “A Caminho da Felicidade”, “O Caminho da Oração”, “Como Não Morrer no Deserto”, “Desafiando o Impossível”, “A Fumaça do Inferno”, “O Homem segundo a Vontade de Deus”, além de ter seus estudos registrados na primeira Bíblia Apostólica do mundo. (grifos nossos).

Percebem-se também semelhanças da obra evangélica com os livros de autoajuda: há aspectos característicos desse tipo de obra: “dicas sobre comportamento, administração pessoal, administração do tempo, administração financeira.” Os livros de autoajuda procuram apresentar “dicas” para satisfazer as necessidades humanas.

É evidenciado o caráter empreendedor do apóstolo, “homem pioneiro”, para quem a bíblia é “um manual de empreendedorismo”, com enfoque na prosperidade, na riqueza material e no sucesso. O termo *empreendedorismo* é muito utilizado no mundo empresarial em relação à criação de produtos novos ou de empresas, identificar oportunidades e transformá-las em negócios criativos, com novos métodos de produção e novas formas de organização. Nessa perspectiva, o leitor da obra do Apóstolo deverá agir de forma pró-ativa, fazendo tornarem-se realidade os seus desejos, alcançando seus objetivos. Assim, não se deve deixar abater pelos fracassos, que são alavancas para outras oportunidades, acreditando em seu potencial.

Além da questão espiritual, o autor dá dicas sobre comportamento, administração pessoal, financeira e temporal para que a prosperidade e a colheita sejam plenas.

Ao todo, são 207 páginas de ensinamentos de um homem pioneiro que fez da Bíblia a sua fonte de inspiração e seu manual de empreendedorismo.

A visão profética está presente na retomada de suas publicações anteriores “Fundamentos Apostólicos”, segundo as profecias reveladas pelo Apóstolo no início

de cada ano (todo início de ano, o apóstolo apresenta suas profecias com bênçãos em todos os aspectos da vida).

No livro “Colheita e Prosperidade”, há estudos, citações bíblicas e conceitos que abrangem todas as áreas, mostrando que a semeadura começa no mundo espiritual, por meio de atitudes proféticas.

O *ethos* do autor também é colocado em evidência ao se constatar, ao final da resenha crítica, uma pequena biografia:

É o fundador e líder da Igreja Apostólica Renascer em Cristo. Com atuação profissional nas áreas de Marketing e vendas, trabalhou como executivo em importantes companhias da área de tecnologia por cerca de 20 anos.

No final dos anos 80, recebeu um chamado de Deus e fundou a Igreja Renascer, juntamente com a Bispa Sonia Hernandez. Abrindo mão da bem sucedida carreira, dedicou-se exclusivamente ao trabalho ministerial.

Hoje, a Renascer em Cristo possui cerca de 800 igrejas abertas no Brasil, América Latina e diversos países como EUA, Itália, Canadá, Japão e Angola.

Além de estar a frente do ministério Renascer, é presidente da Marcha para Jesus e da CIEAB (Confederação das Igrejas Apostólicas do Brasil).

3.1.7 O poder da palavra quebra a infantilidade

Na Celebração da Família, ele ministrou como a Palavra pode nos transformar em verdadeiros profetas.

Com a igreja lotada no Renascer Hall, na Mooca, em São Paulo, o apóstolo Estevam Hernandez ministrou neste domingo (16/03), às 19hs, sobre o poder da palavra que sai da boca dos servos de Deus. Ele iniciou a ministração com Atos 26.19-29. Explicou que o verdadeiro cristianismo é marcado por experiências profundas.

"Muitas pessoas entendem a caminhada com Cristo de maneira errada, achando que Jesus é apenas uma maneira de resolver os problemas, ou que Jesus é apenas uma proteção contra o mal. Mas o principal objetivo é nossa salvação; a salvação que nos diferencia do ímpio e me faz uma pessoa à parte deste mundo sujo e tenebroso. Paulo sofreu uma transformação. O nosso nascimento no Espírito faz com que tenhamos resgatado em nós a nossa condição original como Deus nos criou", ensinou. E homem original criado por Deus usa sua boca e suas palavras para profetizar, para construir e para trazer à existência o que não existe.

Ele afirmou que o apóstolo Paulo se apresentou ao rei Agripa sem família, perseguido, em grande luta, mas nem por isso ele entrou na presença daquele rei de forma tímida e acabado, mas como um homem cheio do Espírito Santo. O rei Agripa ficou espantado com a autoridade de Paulo, porque ele tinha o poder da Palavra e o poder de transmitir o que estava no seu interior. (Pv 20.21).

O apóstolo exortou: "Temos usado erradamente o poder da palavra. Temos deixado o inimigo usar nossa língua e não usamos esse poder glorioso que há em nós e que o Senhor tem nos dado, que é a autoridade para profetizar. Às vezes falamos tantas coisas que não deveríamos, porque estamos cheio de temor e malignidades. Do que sua boca está falando? Encha-se do Espírito Santo e do poder da fé e fale das suas convicções.

Quando você tem convicções, a Palavra de Deus é poderosa na sua vida. Nesta noite, esvazie-se de toda as mentiras do teu interior e de tudo o que você fala contra você mesmo! Encha-se do poder da verdade do Espírito Santo. Use a sua boca como Deus quer que você a use. Pelo poder da Palavra, Deus vai te dar grandes livramentos."

Veja a seguir os principais trechos da ministração:

Imagem 8

1) O poder da Palavra quebra a imaturidade e infantilidade e nos faz profetas (Isaías 6.1-5).

"Deus vai te levantar como um profeta. Assim como Ele fez com Isaías, fará com a tua vida. A brasa viva que tocou os lábios de Isaías e o purificou foi o próprio Jesus."

Ore assim: *Senhor me perdoa por todas as vezes que não fui obediente à tua voz, falei o que não devia, falei palavras torpes, negativas, e por todas as vezes que não cri suficientemente para profetizar milagres e bênçãos. Limpa-me e nesta noite me dá o poder da Palavra profética.*

2) O poder do clamor faz o impossível acontecer

"Quando recebo esse poder, tenho autoridade para clamar (Jr 33.3). Tem gente morrendo porque não tem o poder do clamor. Jesus tinha o poder da ressurreição em sua boca. A Palavra destrói o poder da morte e vai invadir o que está destruído. Quebre com toda a mentira de Satanás que fica te dizendo que Deus não está te ouvindo. Clama ao Senhor e Ele vai te ouvir e o impossível vai acontecer"

3) Não se cale diante das dificuldades

"Se aparecer um gigante nesta segunda-feira, não se cale. O diabo quer calar sua boca e quer que você seja uma pessoa omissa quando deveria estar ativa e cheia do poder do Espírito Santo" (Atos. 9 -11).

Repita: *Satanás, você não vai calar a minha boca. Eu vou continuar dizendo que meu Deus pode. Toda tendência carnal de introspecção, omissão e silêncio por intimidação, eu quebro na minha vida, em nome de Jesus. Eu não vou me calar, eu não vou temer, eu vou profetizar!*³⁰

O lugar de quantidade já aparece no início *com a igreja lotada*, o que é corroborado pelas imagens em que aparecem os muitos fiéis presentes durante o culto.

Com a igreja lotada no Renascer Hall, na Mooca, em São Paulo, o apóstolo Estevam Hernandes ministrou neste domingo (16/03), às 19hs, sobre o poder da palavra que sai da boca dos servos de Deus. Ele iniciou sua ministração com Atos 26.19-29. Explicou que o verdadeiro cristianismo é marcado por experiências profundas.

Em seguida, o Apóstolo faz explicações de caráter didático sobre a salvação que Jesus pode proporcionar. Enfatiza que Jesus não é só para resolver problemas ou proteger mas também para salvar as almas. Esse argumento aparece também em vários cultos da Igreja, talvez para mostrar que a relação entre Deus e o fiel não é só uma troca, como muitos críticos da Teologia da Prosperidade afirmam.

*Muitas pessoas entendem a caminhada com Cristo de maneira errada, achando que Jesus é apenas uma maneira de resolver os problemas, ou que Jesus é apenas uma proteção contra o mal. **Mas o principal objetivo é nossa salvação; a salvação que nos diferencia do ímpio** e me faz uma pessoa a parte deste mundo sujo e tenebroso.*

Paulo sofreu uma transformação. "O nosso nascimento no Espírito faz com que tenhamos resgatado em nós a nossa condição original como Deus nos criou",

³⁰ Texto de Mônica Vendrame- Redação iGospel. Fotos de Gilberto Teles.

ensinou. E homem original criado por Deus usa sua boca e suas palavras para profetizar, para construir e para trazer à existência o que não existe (grifo nosso).

O argumento de autoridade é citado em discurso indireto com o exemplo do apóstolo Paulo, em que se enfatiza a submissão do rei Agripa a um poder maior, o poder do Espírito Santo, com a autoridade da Palavra de Paulo.

Ele afirmou que o apóstolo Paulo se apresentou ao rei Agripa sem família, perseguido, em grande luta, mas nem por isso ele entrou na presença daquele rei de forma tímida e acabado, mas como um homem cheio do Espírito Santo. O rei Agripa ficou espantado com a autoridade de Paulo, porque ele tinha o poder da Palavra e o poder de transmitir o que estava no seu interior. (Pv 20.21).

Em seguida o Apóstolo, por meio do discurso direto, apresenta a relevância de não se dar o poder ao Diabo, ao Mal para que fale por nós, mas sim que esse poder venha do Espírito Santo.

O apóstolo exortou: "Temos usado erradamente o poder da palavra. Temos deixado o inimigo usar nossa língua e não usamos esse poder glorioso que há em nós e que o Senhor tem nos dado, que é a autoridade para profetizar. Às vezes falamos tantas coisas que não deveríamos, porque estamos cheio de temor e malignidades. Do que sua boca está falando? Encha-se do Espírito Santo e do poder da fé e fale das suas convicções.

Quando você tem convicções, a Palavra de Deus é poderosa na sua vida. Nesta noite, esvazie-se de todas as mentiras do teu interior e de tudo o que você fala contra você mesmo! Encha-se do poder da verdade do Espírito Santo. Use a sua boca como Deus quer que você a use. Pelo poder da Palavra, deus vai te dar grandes livramentos.

Os retóricos romanos já afirmavam que a arma mais poderosa do orador é a capacidade de influenciar as emoções do seu público. O argumento *ad personam* (PERELMAN, 2000) é um ataque contra o adversário, visando desqualificá-lo. Nesse caso o inimigo é Satanás, o que pretende intimidar o ser humano, diminuindo sua coragem ao enfrentar os problemas cotidianos. O Apóstolo alerta para a ação

demoníaca que procura calar o homem para que ele não possa usufruir do poder da palavra para que se tenha uma atitude positiva perante a vida.

"Se aparecer um gigante nesta segunda-feira, não se cale. O diabo quer calar sua boca e quer que você seja uma pessoa omissa quando deveria estar ativa e cheia do poder do Espírito Santo" (Atos. 9 -11).

A importância de falar em voz alta é evidente no uso do imperativo “repita” ao ordenar que o crente deve desafiar Satanás invocando o nome de Jesus. A vida terrena, sem o apoio divino, está sujeita à ação demoníaca que provoca o medo, a falta de atitude para se impor aos desafios. O contrário de se calar é a ação de declarar com fé, como se constata no enunciado performativo “eu vou profetizar”. Assim, o diabo vai fracassar diante da autoridade do nome de Jesus e do poder do Espírito Santo.

Repita: *Satanás, você não vai calar a minha boca. Eu vou continuar dizendo que meu Deus pode. Toda tendência carnal de introspecção, omissão e silêncio por intimidação, eu quebro na minha vida, em nome de Jesus. Eu não vou me calar, eu não vou temer, eu vou profetizar!*

Nessa luta do Bem contra o Mal, Satanás age enganando os homens, com atitudes mentirosas. Todo o Mal, portanto, é personificado na figura de Satanás, como é típico nos discursos neopentecostais. Por meio da estratégia argumentativa da especificação, “um aspecto mais específico de uma realidade atrai mais que uma visão geral” (PERELMAN;TYTECA, 2000). Explora-se melhor o *pathos* por meio da especificação, pois as noções gerais e os esquemas abstratos não atuam eficazmente sobre a imaginação. Assim, é preferível o termo concreto ao termo abstrato.

“Quebre com toda a mentira de Satanás que fica te dizendo que Deus não está te ouvindo”.

Os principais momentos da ministração estão colocados na forma de “máximas”, isto é, preceitos que exprimem regras de conduta. É comum, nos cultos, tanto a Bispa

Sônia quanto o Apóstolo Hernandes destacarem alguns aspectos importantes em formato de máximas em uma determinada sequência.

- 1) *O poder da Palavra quebra a imaturidade e infantilidade e nos faz profetas. (Isaías 6.1-5)*
- 2) *O poder do clamor faz o impossível acontecer*
- 3) *Não se cale diante das dificuldades.*

O argumento de autoridade também está presente e justifica o poder das profecias, o poder da palavra profética. Os milagres e as bênçãos só podem ser concretizados se houver fé suficiente e se houver palavras edificantes, que se harmonizem com o divino, livres de máculas e de negatividade, que não sejam “palavras torpes, negativas”.

"Deus vai te levantar como um profeta. Assim como Ele fez com Isaías, fará com a tua vida. A brasa viva que tocou os lábios de Isaías e o purificou foi o próprio Jesus."

Ore assim: Senhor me perdoa por todas as vezes que não fui obediente à tua voz, falei o que não devia, falei palavras torpes, negativas, e por toda as vezes que não cri suficientemente para profetizar milagres e bênçãos. Limpa-me e nesta noite me dá o poder da Palavra profética.

A palavra torna-se poderosa, “destrói o poder da morte”, tem “o poder da ressurreição”. O “clamor” faz com que o impossível torne-se realidade.

"Quando recebo esse poder, tenho autoridade para clamar (Jr 33.3). Tem gente morrendo porque não tem o poder do clamor. Jesus tinha o poder da ressurreição em sua boca. A Palavra destrói o poder da morte e vai invadir o que está destruído.

“Clama ao Senhor e Ele vai te ouvir e o impossível vai acontecer”

3.1.8 Aniversário do Apóstolo é comemorado com muita festa

A celebração aconteceu neste domingo, na sede internacional da Renascer em Cristo.³¹

Imagem 9

O clima de festa tomou conta da sede internacional da Renascer em Cristo, na noite deste domingo (23/3). A igreja estava decorada com balões, faixas e um bolo. A alegria era contagiante. Todos estavam na expectativa para receber Apóstolo Estevam Hernandes, que no último sábado (22/3), completou 60 anos de vida e 40 de ministério.

Depois da oração de abertura, o aniversariante recebeu homenagens dos ministérios Kids, Teens e dos jovens do O2 Renascer, que alegraram o coração do Apóstolo com apresentações musicais e de dança.

³¹ Evento ocorrido em 16 de maio de 2014.

Imagem 10

Em seguida, Bispa Sonia e o Renascer Praise, maior grupo de louvor da América Latina, emocionaram o líder da Renascer em Cristo, com uma canção composta especialmente para ele. “Apóstolo e pai, nós te amamos”, dizia o refrão.

Depois das homenagens, Apóstolo Estevam e sua família receberam uma oração dos Bispos, Pastores, oficiais e membros da igreja.

Imagem 11

“Às vezes, fica muito difícil falar tudo que está no nosso coração. Estou muito emocionado e grato pelo carinho de todos vocês. A coisa mais importante da nossa

vida são os frutos. Os frutos que vêm do Senhor são vivos, verdadeiros e jamais poderão ser arrancados. Todos vocês são frutos! Sou um homem feliz por ter amigos, família e vocês que me dão forças para seguir em frente. O amor é, verdadeiramente, o vínculo da perfeição. Na casa do Senhor, nós podemos encontrar tudo o que não existe no mundo: amor, dignidade, compaixão, momentos como este e, acima de tudo, a proteção do sangue de Cristo”, declarou o aniversariante, emocionado.

“Eu gosto muito de ganhar presentes, mas os melhores presentes são os testemunhos que eu tenho ouvido e vivido. Curas e milagres que o Senhor tem realizado no meio do povo de Deus”, disse antes de cortar o bolo. O primeiro pedaço foi entregue para sua esposa, Bispa Sonia Hernandes.

Imagem 12

“O meu maior desejo é poder abraçar cada um de vocês”, declarou o Apóstolo, que desceu do altar e distribuiu abraços e mensagens de carinhos aos membros da igreja.

Imagem 13

Ministração

*“Esta noite é definitiva”, declarou Apóstolo Estevam, após ler **Atos 16: 16 a 26**.*

“Nós vivemos em uma sociedade cercada por injustiças e incoerências. Paulo e Silas estavam pregando em Filipos. Todos os dias, uma moça possessa de demônios perturbava seus momentos de consagração. Paulo orou e expulsou aquele demônio. Só que aquela mulher tinha um espírito de adivinhação, que era uma fonte de renda para seus senhores. No meio dessa situação, Paulo e Silas foram acusados, injustamente. Eles foram açoitados, em praça publica, e foram jogados em uma prisão”, introduziu.

Imagem 14

“Paulo e Silas, no meio dessa loucura, poderiam ter ficado revoltados, mas a reação deles foi outra. Diferente de nós, em situações de aflição, eles buscaram ao Senhor”, explicou.

“Eles sabiam que naquela situação havia um propósito muito maior. À meia noite, eles começaram a orar e louvar. Eles buscaram ao Senhor no momento mais difícil. Sabe o que eles encontraram? Paz e livramento!”, disse após ler **Isaías 55: 6** e **Salmo 63**.

Em seguida, ele citou atitudes que, assim como Paulo e Silas, devemos ter:

1-Louve, mesmo quando não há motivos (Isaías 53:9)

2-Tenha em sua boca um som profético (Josué 6: 12 a 16)

“Eles louvaram, oraram, profetizaram e as cadeias caíram! Este vai ser seu comportamento, diante das lutas, a partir de hoje! Você não é um derrotado! Deus vai te tirar desta situação em honra”, finalizou.³²

No Livro II da *Retórica*, Aristóteles trata do *pathos* (as emoções desencadeadas no auditório). O orador deve possuir um saber psicológico relativo às causas da paixão de seu auditório, devendo provocá-la.

³² Texto de Raquel Tenuta - Redação iGospel. Fotos de Gilberto Teles. Acesso em: 23. maio.2014.

Nessa perspectiva, as emoções são a expressão da contingência, da qualidade que vai se atribuir ao sujeito, mas que ele não possui por natureza, por essência. A paixão é a alternativa: o lugar do Outro, da possibilidade diferente: o individual por oposição ao universal indiferenciado.

Nas imagens 12 e 13, o *pathos* é explorado na relação familiar, pois são destacados os familiares do Apóstolo presentes na comemoração do seu aniversário. Na imagem 13 o abraço com uma participante do culto mostra a proximidade do Apóstolo com os seus fiéis, remetendo à ideia da “família Renascer em Cristo”, que é sempre muito destacada na mídia nos cultos e nos comentários de jornalistas que trabalham na instituição.

A fala do Apóstolo identifica a sua família com a “família Renascer”. Há um argumento de comparação implícito: da mesma forma que sua família frutifica por meio dos filhos e netos, “a família Renascer” frutifica por meio da Palavra. Perelman e Tyteca (2000) destacam o papel da analogia na argumentação, pois origina a metáfora. Nessa perspectiva, não se considera a metáfora apenas uma imagem, um fenômeno meramente lexical, mas discursivo, podendo funcionar como estratégia argumentativa. Assim, as expressões de efeito metafórico atuam eficazmente sobre a sensibilidade do auditório. Perelman ressalta, entretanto, que não se pode esquecer que a metaforicidade de um enunciado está vinculada à interpretação de uma determinada comunidade, produzindo sentido apenas em um determinado contexto.

Às vezes, fica muito difícil falar tudo que está no nosso coração. Estou muito emocionado e grato pelo carinho de todos vocês. A coisa mais importante da nossa vida são os frutos. Os frutos que vêm do Senhor são vivos, verdadeiros e jamais poderão ser arrancados. Todos vocês são frutos! Sou um homem feliz por ter amigos, família e vocês que me dão forças para seguir em frente.

A oposição entre o mundo profano e o mundo espiritual evidencia-se

O amor é, verdadeiramente, o vínculo da perfeição. Na casa do Senhor, nós podemos encontrar tudo o que não existe no mundo: amor, dignidade, compaixão,

momentos como este e, acima de tudo, a proteção do sangue de Cristo”, declarou o aniversariante, emocionado.

Na imagem 15, o Apóstolo aparece em uma posição superior ao auditório, que o exalta, destacando a figura carismática de um líder. As homenagens realizadas pelos membros da Igreja - crianças e jovens - , também confirmam a consagração do Apóstolo.

Depois da oração de abertura, o aniversariante recebeu homenagens dos ministérios Kids, Teens e dos jovens do O2 Renascer, que alegraram o coração do Apóstolo com apresentações musicais e de dança.

A imagem 18 apresenta a figura do Apóstolo com o braço esticado acompanhado dos números 60 anos e 40 anos. Além da idade (60), destaca-se o tempo de compromisso com a evangelização (40), reforçando o *ethos* de credibilidade e de “pai de todos”. Contribui para isso a escolha da canção do Renascer Praise, com o refrão “Apóstolo e pai, nós te amamos.” Os itens lexicais “Apóstolo” / “pai” mostram a aproximação desses dois papéis sociais desempenhados por Estevam Hernandes.

Em seguida, Bispa Sonia e o Renascer Praise, maior grupo de louvor da América Latina, emocionaram o líder da Renascer em Cristo, com uma canção composta especialmente para ele. “Apóstolo e pai, nós te amamos”, dizia o refrão.

O argumento pelo modelo aparece na frase projetada logo abaixo do retrato na imagem 18. Segundo esse tipo de argumento, se o orador tem prestígio, o seu comportamento pode servir de modelo ao auditório:

No seu cuidado vemos o amor de Deus / quando eu crescer quero ser igual a você

3.1.9 Igreja Renascer realiza culto para empresários

As palestras são ministradas todas às segundas-feiras, a partir das 20 horas.

Imagem 15

Nessa segunda-feira,(13/1), a partir das 20 horas, acontece a reunião da AREPE (Associação Renascer de Empresários e Profissionais Evangélicos),em todas as igrejas Renascer em Cristo.

Hoje será ministrado o 6º dia da campanha “12 Passos para a Prosperidade de José.”

O culto é direcionado a empresários, profissionais liberais e para pessoas que precisam de restauração e um direcionamento na área profissional.

No ministradas pelo Apóstolo Estevam Hernandes.

Renascer hall, sede internacional da Renascer em Cristo, em São Paulo, as palestras são

“O Poder da Liberdade para Prosperar” foi o tema da última reunião. Ele corresponde ao 5º dia da campanha “12 Passos para a Prosperidade de José”. Confira o resumo:

Texto base: Gênesis 37:1 a 11 - “Habitou Jacó na terra das peregrinações de seu pai, na terra de Canaã. Esta é a história de Jacó. Tendo José dezessete anos, apascentava os rebanhos com seus irmãos; sendo ainda jovem, acompanhava os filhos de Bila e os filhos de Zilpa, mulheres de seu pai; e trazia más notícias deles a seu pai.

Ora, Israel amava mais a José que a todos os seus filhos, porque era filho da sua velhice; e fez-lhe uma túnica talar de mangas compridas. Vendo, pois, seus irmãos que o pai o amava mais que a todos os outros filhos, odiaram-no e já não lhe podiam falar pacificamente.

Teve José um sonho e o relatou a seus irmãos; por isso, o odiaram ainda mais. Pois lhes disse: Rogo-vos, ouvi este sonho que tive: Atávamos feixes no campo, e eis que o meu feixe se levantou e ficou em pé; e os vossos feixes o rodeavam e se inclinavam perante o meu. Então, lhe disseram seus irmãos: Reinarás, com efeito, sobre nós? E sobre nós dominarás realmente? E com isso tanto mais o odiavam, por causa dos seus sonhos e de suas palavras. Teve ainda outro sonho e o referiu a seus irmãos, dizendo: Sonhei também que o sol, a lua e onze estrelas se inclinavam perante mim.

Contando-o a seu pai e a seus irmãos, repreendeu-o o pai e lhe disse: Que sonho é esse que tiveste? Acaso, viremos, eu e tua mãe e teus irmãos, a inclinar-nos perante ti em terra? Seus irmãos lhe tinham ciúmes; o pai, no entanto, considerava o caso consigo mesmo.”

Uma das características mais marcantes de José era a liberdade e foi para esta liberdade que Cristo nos chamou.

Gálatas 5:11 - “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão.”

Se Deus quer nos colocar em liberdade, por outro lado, Satanás quer nos manter cativos. Quer que sejamos escravos de dinheiro, vícios, costumes e carências.

Na condição de escravo, o ser humano é facilmente corruptível. Mas precisamos ter consciência de que o Senhor nos deu autoridade e domínio sobre tudo.

Para ser livre e prósperas, nós precisamos:

1) Vencer todas as sentenças que me eram contrárias

Aos 17 anos de idade, José sofreu com o ódio e a discriminação dos irmãos. Se ele cedesse às provocações e se colocasse em uma condição de inferioridade, jamais chegaria a ser o Governador do Egito.

Para prosperar, precisamos tirar do nosso coração todos os sentimentos contrários.

2) Ser liberto de todo o deserto

O deserto é apenas uma fase, não é o fim da linha.

Deuteronômio 8: 2 - “Recordar-te-ás de todo o caminho pelo qual o SENHOR, teu Deus, te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos.”

3) Vencer a escravidão do Egito

Depois de ser lançado no poço, pelos seus irmãos, e passar pelo deserto, José foi vendido como escravo. Na casa de Potifar, ele prosperou. Depois, prosperou na cadeia e tornou-se o segundo homem mais poderoso do Egito.

Cinco bênçãos daquele que é livre para prosperar:

1) Capacidade de resistir aos inimigos

Eféios 6: 13 - “Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis.”

2) Prosperidade em toda a boa obra

2 Coríntios 9:8 - “Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra”

3) Liberdade para profetizar tua vitória

2 Reis 4:25 e 26 - “Partiu ela, pois, e foi ter com o homem de Deus, ao monte Carmelo. Vendo-a de longe o homem de Deus, disse a Geazi, seu moço: Eis aí a sunamita; corre ao seu encontro e dize-lhe: Vai tudo bem contigo, com teu marido, com o menino? Ela respondeu: Tudo bem.”

Mesmo com o filho morto, aquela mulher não se deixou dominar pelo desespero. Você vai profetizar a tua vitória, pois Deus está no controle.

4) Ser livre de toda amarração e armadilhas do infernos

Salmo 91:3 - “Pois ele te livrará do laço do passarinho e da peste perniciosa”

5) Prosperidade abundante

João 10: 10 “O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.”

Os cultos da Arepe são os que tornam mais evidente a relação da instituição com a teologia da prosperidade, porque é específico para a área profissional. O logotipo na imagem 15, com o desenho de uma gravata, reafirma esse compromisso com o desenvolvimento profissional das pessoas que participam do culto:

O culto é direcionado a empresários, profissionais liberais e para pessoas que precisam de restauração e um direcionamento na área profissional.

No Renascer hall, sede internacional da Renascer em Cristo, em São Paulo, as palestras são ministradas pelo Apóstolo Estevam Hernandes.

“O Poder da Liberdade para Prosperar” foi o tema da última reunião. Ele corresponde ao 5º dia da campanha “12 Passos para a Prosperidade de José”.

A Arepe mantém uma “Bolsa de Negócios”, cujo objetivo é incentivar o intercâmbio de negócios entre as empresas associadas, e uma “Bolsa de Empregos”, que apresenta a disponibilidade de profissionais dos mais diversos segmentos para

colocação e aproveitamento dentro das empresas associadas, numa tentativa de minimizar o desemprego entre os membros da igreja.

Considerada um “ministério especial”, a Arepe é essencial na estrutura da Renascer e fundamental nas suas estratégias. Segundo a declaração do Apóstolo Hernandes no *site* oficial da Igreja, ela é fruto da revelação que lhe foi feita pelo próprio Deus, no final de 1996: *“Por ser ‘muito sensível à voz do Espírito, tudo o que o Senhor manda fazer, eu faço de imediato.’”*

O texto apresenta ainda a campanha “Os 12 passos para a prosperidade de José”. A partir da autoridade bíblica e da analogia, o Apóstolo faz uma palestra de aconselhamento para que os fiéis prosperem como José prosperou. Para que possamos prosperar, é necessário que o homem não seja escravo, libertando-se da mesma forma que o personagem bíblico se libertou.

Uma das características mais marcantes de José era a liberdade e foi para esta liberdade que Cristo nos chamou.

Gálatas 5:11 - “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão.”

Por outro lado, como é comum nas igrejas neopentecostais, as forças malignas aparecem para impedir que o homem se desenvolva plenamente, na luta do Bem contra o Mal:

Se Deus quer nos colocar em liberdade, por outro lado, Satanás quer nos manter cativos. Quer que sejamos escravos de dinheiro, vícios, costumes e carências.

Na condição de escravo, o ser humano é facilmente corruptível. Mas precisamos ter consciência de que o Senhor nos deu autoridade e domínio sobre tudo.

Como é comum em vários discursos nos cultos, os principais aspectos dos argumentos bíblicos são apresentados em forma de máximas:

- 1) *Vencer todas as sentenças que me eram contrárias*
- 2) *Ser liberto de todo o deserto*
- 3) *Vencer a escravidão do Egito*

As 5 bênçãos também são apresentadas em forma de máximas. Os itens lexicais enfatizam a luta do Bem (resistir, profetizar vitória, ser livre, prosperidade abundante) contra o Mal (inimigos, amarração, armadilhas dos infernos):

- 1) *Capacidade de resistir aos inimigos*
- 2) *Prosperidade em toda a boa obra*
- 3) *Liberdade para profetizar tua vitória*
- 4) *Ser livre de toda amarração e armadilhas do infernos*
- 5) *Prosperidade abundante*

3.1.10 Vigília nacional de O2 Renascer reúne milhares de jovens

Imagem 16

A noite da sexta-feira (20) foi muito especial para os jovens do O2 Renascer. Aconteceu a última “Vigília Nacional” do ano de 2013, com ministração do servo de Deus, Bispo Antonio Abbud.

O evento teve início com louvor do O2 Live, banda de jovens da Renascer Sede. Cantando louvores do novo CD do Renascer Praise “Canto de Sião”, eles animaram todos os presentes e levaram para um tempo de louvor, adoração e muita presença de Deus.

Logo após, Rapper JRG subiu ao altar para levar aos jovens o melhor do hip hop, com letras que fazem pensar nos problemas da sociedade, a vida com Jesus e ensinando como ter um melhor relacionamento com Deus.

Uma surpresa para a galera do O2 aconteceu quando o MC Bruninho levou a batida do funk para a vigília, todos entraram na festa fazendo a “dança do ombrinho” e cantando as rimas junto com ele.

O Bispo Abbud começou sua ministração por volta das duas da manhã, pedindo que todos dessem as mãos e explicando que todos deveriam conhecer os altos louvores, assim como está no Salmo 149.

Antes da palavra, ele levou todos a cantarem a canção “Viagem da Oração”, da Banda Inesquecível. “Você tem direito e acesso, adore em espírito e em verdade. Cante os cânticos espirituais!”, exclamou o bispo. Após essa música todos cantaram a música “Ser Conhecido de Deus”, do Renascer Praise 15.

Imagem 17

Baseado em I Samuel 16, o Bispo Abbud afirmou que não seria uma pregação formal, mas sim o bate papo com os jovens. “Quando Deus escolhe é para que possamos viver a dimensão da palavra. Existe um segredo e mistério de Deus, que você vai conhecer hoje, afirmou ele.

Imagem 18

É necessário conhecer alguns segredos:

1. Deus te fez realizador, com uma capacidade realizadora, que você ainda não conhece. O ímpeto vai acontecer, a timidez não vai te parar. “Eu creio, eu quero e eu posso”, o bispo Abbud fez todos profetizarem essas palavras;

2. Seu coração precisa se relacionar mais com os valores espirituais;

3. Tudo que você fizer faça por amor;

4. Deus vai fazer loucuras na sua vida;

5. O senhor vai te dar foco e disciplina.

Após a ministração o Bispo chamou as vidas que foram pela primeira vez à igreja, os que estavam desacreditados para ir à frente receber oração. Ele profetizou que todos iriam se mover por amor, e assim como Davi, serão homens e mulheres segundo o coração de Deus. Juntos com o Bispo Daniel Tenuta, líder nacional do O2, eles oraram por todos.

No O2, os jovens descobrem sua Paternidade Apostólica e são levados a entender propósitos de crescimento ministerial e pessoal que dirigirão sua vida, seus relacionamentos. A idade média deste ministério vai de 18 a 24 anos. As reuniões acontecem, normalmente, na Igreja local, embora algumas, de âmbito global, possam acontecer em outros locais predeterminados.

Percebe-se a intenção dos diversos ministérios da Renascer que são voltados para os jovens: não dar a ideia de imposição, de algo autoritário, mas sim de um bate papo.

As estratégias argumentativas nos ministérios ligados aos jovens exploram os aspectos lúdicos e os valores relacionados a eles, considerando a importância do auditório na interação comunicativa. Ao mudar os interlocutores, modificam-se os recursos argumentativos para agir eficazmente sobre eles. Assim, o enunciador elabora discursos que pretendem fazer o enunciatário crer naquilo que é transmitido. As escolhas que são feitas pelo enunciador, tendo em vista a adesão, vão variar de acordo com as crenças e valores do auditório. Segundo Perelman (2000), toda

argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso, supõe a relação entre enunciador e enunciatário.

Baseado em I Samuel 16, o Bispo Abbud afirmou que não seria uma pregação formal, mas sim o bate papo com os jovens.

Nesse sentido, a evangelização dos jovens é realizada nas ruas, em eventos ou em quaisquer locais nos quais seja possível abordar jovens para evangelizá-los, como casas, praças, lanchonetes etc. O ministério, por exemplo, realiza acampamentos e grandes eventos de evangelismo. Dentre as atividades que fazem parte do trabalho do ministério estão a campanha “Sou Careta, Drogas Bah!”; vigílias; festas e eventos. A música, importante elemento patético, também leva a aderir às ideias propagadas pela Igreja:

Logo após, Rapper JRG subiu ao altar para levar aos jovens o melhor do hip hop, com letras que fazem pensar nos problemas da sociedade, a vida com Jesus e ensinando como ter um melhor relacionamento com Deus.

Uma surpresa para a galera do O2 aconteceu quando o MC Bruninho levou a batida do funk para a vigília, todos entraram na festa fazendo a “dança do ombrinho” e cantando as rimas junto com ele.

As máximas também procuram levar a agir de acordo com a Palavra. Ressalta-se a importância da Palavra para trazer ao existente o que não existe:

1. *Deus te fez realizador, com uma capacidade realizadora, que você ainda não conhece. O ímpeto vai acontecer, a timidez não vai te parar. “Eu creio, eu quero e eu posso”, o bispo Abbud fez **todos profetizarem essas palavras**.*

2. *Seu coração precisa se relacionar mais com os valores espirituais;*

3. *Tudo que você fizer faça por amor;*

Procura-se adequar a linguagem ao auditório, como se verifica em algumas seleções lexicais: “fazer loucuras”/ o senhor vai te dar foco.

4. Deus vai fazer loucuras na sua vida;

5. O senhor vai te dar foco e disciplina.

A imagem 17 e a imagem 18 apresentam o grande número de jovens que comparecem às reuniões (lugar de quantidade). Na imagem 17, o Bispo fica em segundo plano, realçando a projeção da imagem com a palavra “Renasci”, talvez em virtude dos inúmeros jovens que, por influência da Renascer, são resgatados das drogas e iniciam uma nova vida. Pode ser também uma forma de atrair os jovens que ainda não aceitaram Cristo em suas vidas.

3.1.11 Ceia Apostólica

Apóstolo Estevam ministra sobre a Colheita Apostólica

Na última Ceia de Oficiais do Ano Apostólico de Joel, ele falou sobre perseverança

O Apóstolo Estevam ministrou, neste sábado (7/12), a última ceia de oficiais das igrejas Renascer em Cristo do ano de 2013; o tema foi a Colheita Apostólica, Joel 2.23-27. Ele afirmou que Deus usou o profeta Joel no momento em que parecia que aquele povo nunca mais teria abundância nas suas terras e não haveria mais chuva em Israel. Mas por que Israel estava vivendo esse tempo de assolação? Porque o salário do pecado é a morte; o que nos distancia de Deus é o pecado. “Muitas vezes não entendemos porque o céu se fecha, mas ele se fecha por causa do pecado”. O apóstolo disse que o coração do povo de Israel, na época em que Joel profetizou, estava endurecido. Então, o ciclo de destruição e roubo era constante. Eles plantavam, mas quando estava começando a florescer, vinham os gafanhotos e devoravam o fruto da colheita.

Imagem 19

Acompanhe os principais trechos da ministração:

“O que acontece na vida espiritual hoje é que as pessoas não conseguem ter uma colheita, principalmente por causa da religiosidade. A religiosidade é um mal que faz com que você não consiga progredir; quer apenas para si e não se alegra com a bênção na vida do próximo. Tudo isso faz com que a esterilidade se manifeste na vida do povo. A palavra profetizada por Joel para o povo hebreu é também para nossos dias, mas o Espírito Santo vai realizar uma obra poderosa no meio da igreja para neutralizar a ação dos gafanhotos e garantir a colheita do povo apostólico.

A intensidade da ação do Espírito Santo se manifesta, em primeiro lugar, depois de um período de grande esterilidade e sem esperança. Sarah ficou anos e anos esperando pela promessa, mas quando chegou o tempo de Deus nada pode impedir a colheita na vida dela e de Abraão. Sarah já não podia gerar, pois estava na menopausa; Abraão também já estava muito velho. Então, o que o diabo ou a carne dizem é: “Não tem jeito”. Mas um período enorme de espera não significa que Deus não possa fazer.

Deus preparou para seu povo a colheita da promessa apostólica, então, cada servo de Deus não pode permitir que seu próprio corpo roube essa verdade do seu coração pelo cansaço ou qualquer outra condição física. A despeito do longo tempo de espera, o seu milagre acontecerá e a sua colheita virá. O importante é

entendermos que a palavra de Deus não volta vazia. Há promessas que se cumprirão na sua vida, outras se cumprirão na vida dos seus filhos ou na vida dos filhos de seus filhos. Tudo o que fala contra a sua promessa deve ser descartado.

Você foi chamado para viver a colheita; aquele que crê, entra na terra. Hoje é noite para você se levantar e pedir ao Espírito Santo que venha sobre a sua vida e lhe dê um espírito diferente, um espírito apostólico, um comportamento diferente, como havia em Josué e Calebe. O diabo está esperando que você termine seus dias velho e acabado, todo atrofiado, mas ele vai ver você chegar aos 85 anos andando altaneiramente. Você deve falar contra a incredulidade e contra as obras do diabo: “eu vou profetizar a minha promessa e vou viver o meu milagre”. Um homem apostólico não abre mão da sua colheita porque crê.

Não importa o fundo do poço, não importa como você está hoje. O que importa é a promessa de colheita que você tem.

O seu nome não é o nome do problema; esse lugar em que você está não é definitivo. O meu lugar é o lugar da colheita. A promessa é maior do que os esquemas e do que a inveja; é maior do que o desejo maligno do inimigo; é maior do que todas as obras do diabo. Por causa da promessa de Deus vai acontecer na sua vida aquilo que o diabo não esperava.

Seja maduro e não se desespere!

José tinha um sonho e o sonho era uma promessa. Os sonhos de Deus são promessas, mas aquele que tem o espírito contrário às coisas espirituais não aceita os sonhos de Deus. Por causa da promessa de Deus na sua vida, o diabo quer te jogar no fundo do poço, assim como aconteceu com José, mas a colheita tem que acontecer de qualquer forma. Então, Deus tira José do fundo do poço, envergonha seus irmãos fariseus e leva José até a colheita da promessa. Você pode ter entrado nesse ginásio no fundo do poço, mas em três, seis meses, o Senhor vai mudar a tua sorte.

Depois da vergonha vem a ressurreição.

Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Nós somos a colheita de Jesus Cristo. Eu tenho uma promessa Is 61.7: “Em lugar da vossa vergonha, tereis dupla honra; em

lugar da afronta, exultareis na vossa herança; por isso, na vossa terra possuireis o dobro e tereis perpétua alegria.”

A colheita é meu direito espiritual; é a promessa do Senhor; é para a igreja apostólica. A promessa de Joel foi para aqueles dias, mas acontecerá também nos dias de hoje a grande e poderosa colheita. Pode se preparar porque nada vai anular essa palavra da sua vida. Não há demônio e nem homem capaz de anular essa colheita porque é promessa de Deus. Os dias de choro, de engano; os dias em que você foi impedido de colher estão acabando hoje.

Eu quero te preparar para colher:

1) Para colher, você precisa, em primeiro lugar, ter forças - Gl 6.7-9: “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna. E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos”.

Muitas pessoas esperam a promessa por muito tempo, mas na hora da colheita, satanás se levanta para roubar e destruir. E para ter sucesso, o diabo precisa que os filhos de Deus estejam cansados, abatidos, despreparado para o dia da colheita, que não estejam com todas as coisas prontas. Então, o fruto apodrece e cai. E preciso ter forças para não desanimar, pois quando isso acontece, as pessoas se entregam e voltam atrás.

A condição para colher, de acordo com o texto de Gálatas 6, é não desfalecermos. Os heróis da fé – como Abraão, Moisés, Josué, Davi -- tiraram força da fraqueza. Nunca mais você vai falar que é fraco e nunca mais vai se deixar levar por um sentimento demoníaco de autopiedade e se achar indigno, fraco e pequeno.

Imagem 20

2) Para colher é preciso crer que os gafanhotos estão repreendidos. Deus dá a fórmula: Alegre-se antes de acontecer. Joel 2.23 diz: “Alegrai-vos, pois, filhos de Sião, regozijai-vos no SENHOR, vosso Deus, porque ele vos dará em justa medida a chuva; fará descer, como outrora, a chuva temporã e a serôdia”. Só pelo anúncio da promessa, comece a glorificar o nome de Deus! Alegre-se porque a colheita vai acontecer. Essa história de servo de Deus ter o mesmo sentimento do mundo é inadmissível. Sabendo que seu direito espiritual é a colheita, você deve se alegrar e não se embrutecer. Os teus dias de vergonha acabaram!

3) Fique preparado porque a colheita será grande. Primeiramente, limpe os teus celeiros. Tire toda a sujeira lá de dentro, sejam as lágrimas, as mágoas, tudo aquilo que pode atrapalhar a tua colheita. Peça perdão pela incredulidade, pelas murmurações. Profetize Joel 2.24: “As minhas eiras se encherão de trigo e os lagares transbordarão de vinho e de óleo. Eu vou ganhar almas e vou ganhar a minha família. Hoje, pela fé estou colhendo as minhas promessas. Não sei quanto tempo elas vão demorar, mas pela fé já aconteceu”.

É tempo de colheita e esse tempo já chegou na tua vida pessoal. Você vai comer abundantemente, vai se fartar e vai louvar ao Senhor, porque o Senhor se ouve maravilhosamente na sua vida. É o tempo da tua colheita pessoal. Você vai colher tudo o que precisa na vida sentimental, financeira e profissional. Você vai prosperar porque vai colher grandes realizações.

Eu desafio qualquer incrédulo a anular essa palavra, pois é a palavra de Deus. O Senhor vai mudar a tua sorte diante dos teus olhos.

Você vai colher o desejo de realizar. Em Ap 2.3-4 diz: "...e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer. Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor". Muitas pessoas não estão conseguindo, mas o Senhor derramará a essência apostólica para que voltem ao primeiro amor. Você vai sentir prazer em trabalhar para Deus e não terá prazer no que não edifica. Repita: "Eu vou colher hoje o meu primeiro amor". Você vai sair completamente transformado e aquilo que o diabo te roubou e aquilo que o inferno tentou bloquear na sua vida, o Senhor está te restituindo sem religiosidade sem prisão, pois você é livre no Senhor.

Eu vou ter a grande colheita das possibilidades e do otimismo. Repita: "Todo negativismo, toda mentira e toda descaracterização que me traz medo e insegurança eu arranco da minha vida. O Senhor tira as escamas dos meus olhos e passo a enxergar pela fé; pela fé tudo é possível".

Tudo isso acontecerá antes que venha o grande e terrível dia do Senhor. Esta é a última colheita da igreja; depois disso, a igreja será colhida pelo Senhor Jesus.

O Senhor está te renovando. Você vai voltar para a sua casa levando grandes feixes. A colheita cessa as lágrimas e essa é a colheita que o Senhor está te dando. Colha os teus filhos, colha justiça, colha a tua herança. "Quem sai andando e chorando, enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes" (Salmos 126.6).

Prepare o teu cesto porque a colheita é grande. Esse ginásio hoje é o cenáculo. O povo, na época de Joel, recebeu como promessa as águas das chuvas. A igreja recebe a colheita com chuva de fogo do Espírito Santo.

A ilustração é construída pela semelhança existente entre a verdade geral e o caso particular: as figuras são necessariamente coerentes com o tema do discurso. Ela tem por objetivo conferir presença, deverá às vezes ser desenvolvida e conter detalhes contundentes e concretos. Como a ilustração visa aumentar a presença,

concretizando uma regra abstrata por meio de um caso particular, é comum a tendência de ver nela uma imagem.

Enquanto o exemplo é incumbido de fundamentar a regra, a ilustração tem a função de reforçar a adesão a uma regra conhecida e aceita, fornecendo casos particulares que esclareçam o enunciado geral e aumentem a presença deste na consciência. Para tanto, a ilustração deve impressionar vivamente a imaginação para impor-se à atenção. No caso em análise, a figuração está relacionada ao campo semântico da colheita: a semeadura e a frutificação.

Muitas pessoas esperam a promessa por muito tempo, mas na hora da colheita, satanás se levanta para roubar e destruir. E para ter sucesso, o diabo precisa que os filhos de Deus estejam cansados, abatidos, despreparado para o dia da colheita, que não estejam com todas as coisas prontas. Então, o fruto apodrece e cai. E preciso ter forças para não desanimar, pois quando isso acontece, as pessoas se entregam e voltam atrás.

As passagens bíblicas, portanto, concretizam temas abstratos. Essas passagens tornam o discurso mais concreto, contribuem para a organização e asseguram a coerência textual. As figuras encadeiam-se para manifestar um determinado tema. Esse tema permeia todo o texto por meio da reiteração, da redundância, da repetição de traços (isotopia), ampliando inclusive a presença, pois, segundo Perelman (2000), a repetição é a técnica mais simples para criá-la.

Sarah ficou anos e anos esperando pela promessa, mas quando chegou o tempo de Deus nada pode impedir a colheita na vida dela e de Abraão.

Deus preparou para seu povo a colheita da promessa apostólica, então, cada servo de Deus não pode permitir que seu próprio corpo roube essa verdade do seu coração

Você foi chamado para viver a colheita; aquele que crê, entra na terra.

Não importa o fundo do poço, não importa como você está hoje. O que importa é a promessa de colheita que você tem.

Deus tira José do fundo do poço, envergonha seus irmãos fariseus e leva José até a colheita da promessa.

Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Nós somos a colheita de Jesus Cristo.

A colheita é meu direito espiritual; é a promessa do Senhor; é para a igreja apostólica.

É tempo de colheita e esse tempo já chegou na tua vida pessoal.

Você vai colher o desejo de realizar.

A colheita cessa as lágrimas e essa é a colheita que o Senhor está te dando.

Eu vou ter a grande colheita das possibilidades e do otimismo.

Esta é a última colheita da igreja; depois disso, a igreja será colhida pelo Senhor Jesus.

Como é comum nos cultos da Renascer, a temática do discurso é resumida em três máximas:

1-Para colher, você precisa, em primeiro lugar, ter forças

2- Para colher é preciso crer que os gafanhotos estão repreendidos

3-Fique preparado porque a colheita será grande.

O argumento de autoridade e o argumento pragmático articulam-se ao se enfatizar a relevância do poder das palavras contra as forças malignas para que as promessas divinas possam ser concretizadas:

A palavra profetizada por Joel para o povo hebreu é também para nossos dias, mas o Espírito Santo vai realizar uma obra poderosa no meio da igreja para neutralizar a ação dos gafanhotos e garantir a colheita do povo apostólico.

Profetize Joel 2.24: “As minhas eiras se encherão de trigo e os lagares transbordarão de vinho e de óleo. Eu vou ganhar almas e vou ganhar a minha família. Hoje, pela fé estou colhendo as minhas promessas. Não sei quanto tempo elas vão demorar, mas pela fé já aconteceu”.

Eu vou ter a grande colheita das possibilidades e do otimismo. Repita: “Todo negativismo, toda mentira e toda descaracterização que me traz medo e insegurança eu arranco da minha vida. O Senhor tira as escamas dos meus olhos e passo a enxergar pela fé; pela fé tudo é possível”.

O Mal está figurativizado na figura do diabo e dos gafanhotos devoradores. Satanás e Deus lutam pelas almas da humanidade em uma visão maniqueísta: Deus é o bem absoluto e o Diabo é o mal absoluto, em um conflito de forças opostas.

O apóstolo disse que o coração do povo de Israel, na época em que Joel profetizou, estava endurecido. Então, o ciclo de destruição e roubo era constante. Eles plantavam, mas quando estava começando a florescer, vinham os gafanhotos e devoravam o fruto da colheita.

Então, o que o diabo ou a carne dizem é: “Não tem jeito”. Mas um período enorme de espera não significa que Deus não possa fazer.

Porém há luta entre o Bem e o Mal e o homem que não se deixa levar pelo poder de Deus acaba derrotado.

O diabo está esperando que você termine seus dias velho e acabado, todo atrofiado, mas ele vai ver você chegar aos 85 anos andando altaneiramente.

Muitas pessoas esperam a promessa por muito tempo, mas na hora da colheita, satanás se levanta para roubar e destruir. E para ter sucesso, o diabo precisa que os filhos de Deus estejam cansados, abatidos, despreparado para o dia da colheita, que não estejam com todas as coisas prontas.

“O que acontece na vida espiritual hoje é que as pessoas não conseguem ter uma colheita, principalmente por causa da religiosidade. A religiosidade é um mal que faz com que você não consiga progredir; quer apenas para si e não se alegra com a bênção na vida do próximo. Tudo isso faz com que a esterilidade se manifeste na vida do povo.

Na argumentação por comparação (PERELMAN,1993), cotejam-se vários objetos para avaliá-los um em relação ao outro. Nesse sentido, os argumentos de comparação deverão ser distinguidos tanto dos argumentos de identificação quanto do raciocínio por analogia. Observa-se uma comparação por oposição (Bem x Mal), pesando mais os benefícios trazidos pela promessa divina:

A promessa é maior dos que os esquemas e do que a inveja; é maior do que o desejo maligno do inimigo; é maior do que todas as obras do diabo.

O Poder da Palavra profética é uma eficaz arma contra as forças malignas:

Você deve falar contra a incredulidade e contra as obras do diabo: “eu vou profetizar a minha promessa e vou viver o meu milagre”. Um homem apostólico não abre mão da sua colheita porque crê.

O argumento de autoridade constitui o protótipo da ligação de coexistência, dado que uma opinião passa a ter um determinado valor porque uma autoridade, admitida como tal pelo auditório, a apoia.

Todos os gêneros textuais apresentados mostram claramente a importância da palavra profética para aquele que tem fé. Além disso, as estratégias argumentativas utilizadas repetem-se nos diversos gêneros e, por meio de diferentes formas textuais, pretendem evangelizar com argumentos que refletem a ideologia da instituição.

Charaudeau (2011), ao estudar os mais diversos discursos, afirma que há um macrodispositivo conceitual da situação de informação e microdispositivos que correspondem a gêneros (o telejornal, a reportagem, o documentário, o debate etc.). A situação é a mesma para a comunicação publicitária e suas variantes, que são os esportes televisivos, as páginas das revistas, os outdoors. É também esse o caso do discurso político, que se define ao mesmo tempo por um macrodispositivo e suas variantes como o comício eleitoral, a declaração televisiva, as promessas eleitorais, os discursos no Congresso Nacional, as entrevistas radiofônicas.

Cremos que o discurso religioso da IARC caracteriza-se também por um macrodispositivo e variantes de seu site oficial que apresentam a mesma função de evangelizar.

3.2 O poder das palavras e a visão profética

Segundo a visão cristã, as adivinhações são negativas, muitas vezes consideradas inspiração de Satanás e de seus demônios. Elas sempre são mentirosas, pecaminosas e de origem diabólica.

Na Bíblia é claro o ponto de vista sobre adivinhações: Em *Deuteronômio* 18: 9-11 está escrito: "Quando entrares na terra que o Senhor, teu Deus, te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos" (*Deuteronômio* 18.9 – 11),

A adivinhação faz afirmações vagas e genéricas, interpretando algum sinal. A profecia bíblica sustenta-se na realização dos fatos, ela é proveniente do poder de Deus:

"Lembra-vos das coisas passadas da antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade" (Is 46.9-10).

Além disso, Pedro denomina a profecia bíblica como "palavra profética": "sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana;

entretanto, homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo" (2 Pe 20-21).Tendo a profecia, os cristãos possuem um resumo do plano divino para o futuro³³.

Considerando a relação entre o mundo politeísta e o mundo monoteísta, Cassirer (2004) faz considerações sobre a ideia de tempo nessas duas concepções:

O surgimento da ideia de monoteísmo puro também constitui uma importante linha divisória para a configuração e concepção do problema do tempo no pensamento religioso. Pois, no monoteísmo, a verdadeira revelação originária do divino se efetua não naquela forma de tempo que a natureza coloca diante de nós, na mudança e no retorno periódico de suas configurações. Esta forma de vir-a-ser não pode oferecer uma imagem para o ser imutável de Deus. Por isso realiza-se, especialmente na consciência religiosa dos profetas, um brusco distanciamento da natureza e das ordens temporais do acontecimento natural. Quando os Salmos enaltecem Deus como o criador da natureza, como aquele a quem pertencem dia e noite, aquele que faz com que sol e astros tenham suas trajetórias certas, aquele que fez a lua, para assim dividir o ano, então a intuição profética, embora nela retornem essas grandes imagens, aponta não obstante um caminho completamente diferente.

A vontade divina não criou na natureza um signo seu, para que esta se tornasse indiferente para o *pathos* puramente ético-religioso dos profetas. A fé em Deus torna-se superstição quando se prende à natureza, com esperança ou medo. (CASSIRER, 2004, p.211).

Nessa perspectiva, no lugar do tempo cósmico, surge uma nova percepção do tempo, referindo-se à história da humanidade. Entretanto também esta não é tomada como história do passado, mas sim como história religiosa do futuro. Segundo Cassirer (2004), Hermann Cohen, de todos os pensadores modernos, foi o que renovou mais puramente essa ideia fundamental e originária da religião profética. Para Cohen o tempo torna-se futuro; passado e presente perdem-se nesse tempo do futuro. Ele compara a visão dos intelectuais gregos com a do monoteísmo profético, afirmando que a História, na consciência grega, significa o mesmo que saber, permanece dirigida unicamente ao passado. O profeta, ao contrário, é o visionário, não o detentor do saber. Sua vidência produziu o conceito de história como conceito do ser do futuro.

³³ Jesus Cristo, profeta judeu de Nazaré na Galileia [...] O Jesus dos Evangelhos age como emissário de uma autoridade superior à própria Torá. Mas, na época em que o cristianismo não passava de uma seita judaica, seitas como a dos ebionitas consideravam Jesus um simples profeta e não acreditavam na sua ressurreição. (Dicionário de Religião).

Ainda seguindo Cassirer (2004), a partir dessa ideia do futuro, todo o presente, tanto o dos homens quanto o das coisas, deve refazer-se, deve voltar a nascer. A natureza, assim como é e existe, não pode mais oferecer um apoio à consciência profética. Assim, a teogonia e a cosmogonia do mito e das religiões naturais foram superadas por um princípio espiritual de outra forma e origem. Se Deus não está tanto no início dos tempos, mas no seu fim, ele não é a origem de todo acontecimento, mas sim, sua realização ético-religiosa.

De acordo com as reflexões de Castro (1987) sobre o discurso religioso, a fé existe nas pessoas que acreditam no mistério de uma Revelação divina. Esta revelação não prescinde de palavras e atitudes. Pelo contrário, são elas que, através dos tempos, têm conservado o que se apresenta como característica fundamental do discurso profético: a dissimulação da sua relação com o momento histórico como possibilidade de constituir-se. Essa dissimulação ocorre por meio de seu estilo e forma específicos (por exemplo, o perfeito profético, que dá como realizado um fato futuro). A interlocução que se estabelece entre Deus e os profetas aponta para a existência de um acordo entre Deus e eles. Acordo que expõe a vontade divina e implica numa obrigação, num compromisso por parte dos escolhidos.

Castro (1987, p.32) questiona: como lidar com os conflitos da experiência humana a não ser com a “ilusão de reversibilidade”, aquela que justamente vai possibilitar esta passagem do religioso para o jurídico e vice-versa, permitindo ao profeta falar como se fosse Deus, em lugar de Deus? Assim, os acontecimentos situam-se no presente porque a revelação acontece em uma determinada data, inscreve-se na história e está em relação à situação vivida pelo profeta no seu papel mediador entre a vontade de Deus e a vontade dos homens. Mas concomitantemente os acontecimentos situam-se em um tempo em aberto, à espera de uma realização profética). Castro (1987) ressalta que os profetas entendiam que o sagrado a que davam o nome de “vontade de Deus”, tinha a ver fundamentalmente com a justiça e a misericórdia.

No entanto, apesar da palavra tender para uma monossemia – na medida em que o significado dos fatos é sempre referido à questão à atuação (discurso) de Javé que fala através dos profetas - por outro lado, a própria condição de existência da palavra profética é que ela seja sempre uma possibilidade virtual de predição e interpretação dos fatos. Neste sentido,

tornam-se importantes para caracterizar o discurso profético, não só as noções de polissemia e obscuridade, mas também a de “ilusão de reversibilidade”, capazes de confundirem profundamente as ordens religiosa e jurídica. Partindo dessas considerações, poderíamos concluir que a dialogia, no caso desse profetismo bíblico, dá-se entre o profeta (que através da “ilusão da reversibilidade” fala como se fosse Deus) e a história. Não a constituída, mas a que vai constituir-se. (CASTRO, 1987, p.35).

Nas suas reflexões sobre o discurso religioso, Orlandi (1984) mostra como a polissemia e a obscuridade da profecia são condições para que as vozes deste discurso sejam articuladas, sem romper com Deus nem com os acontecimentos reais, por intermédio da “ilusão da reversibilidade”, a ilusão da passagem de um plano a outro, de um mundo a outro.

Como já foi constatado pela análise dos vários gêneros textuais da Renascer estudados neste trabalho, a “palavra profética” do fiel tem o poder de criar realidades. Qualquer pessoa tem autoridade para profetizar, desde que tenha fé e convicção, seguindo os preceitos da Teologia da Prosperidade. Nesse sentido, aproxima-se do tempo mítico da cosmogonia, do momento de criação, ao plasmar acontecimentos. Na transcrição de um trecho de culto a seguir, ministrado pelo Apóstolo Estevam Hernandes, é clara a relação entre o poder da profecia e a realização de milagres:

[...] você veio para ser transformado ... não ser religioso e repetir ladainhas e mantras repetindo repetindo... sentir deus dentro

Jesus não é superstar... deve ser amigo de todas as horas na tristeza e na alegria

Eu sou amigo de Jesus ... eu profetizo que você vai passar por essa experiência

Quando eu busco dons...

Diga: eu quero a excelência dos dons ... quem quer falar em línguas ? quem expulsou demônios ?

Fale: eu tenho autoridade para expulsar demônios, falar em línguas fale 123... sai em nome de Jesus... o Espírito Santo está em sua vida ... você foi escolhido para derrubar potestades

Eu profetizo que você vai falar em línguas hoje

Se você tem medo... você profetiza e isso acontece... todo pensamento e lamúria deve-se amarrar em nome de Jesus para agradar a Deus (agrada -te do senhor e o mais ele fará)

Eu profetizo sobre sua vida ... você está conquistando um novo tempo... quarta-feira você vai ser surpreendido com um milagre³⁴

Nas igrejas neopentecostais, é comum os pastores se apresentarem como profetas (a própria visão do Apóstolo Estevam Hernandes em relação à fundação da Renascer, já apresentada no início deste trabalho, demonstra isso), recebendo revelações e instruções de Deus. Segundo o ponto de vista neopentecostal, profecia é uma palavra determinada na vida de alguém. Ela é específica, objetiva, e por isso não pode ser dita levianamente, porque se tornará real. Não é “prever” o que vai acontecer, mas sim “proclamar” que algo aconteça – no caso de algo bom. Por isso, ela também é uma ferramenta de Deus, enunciada por meio de um profeta, para beneficiar uma pessoa.

Vejamos a seguir como a profecia está relacionada aos acontecimentos da marcha para Jesus:

Redação Marcha para Jesus: A Marcha Para Jesus começou na Inglaterra. Como chegou ao Brasil?

Bispo Gê:³⁵ A Marcha começou em 1987 na Inglaterra. Na época, o pastor Roger Foster e outros servos de Deus começaram a desenvolver o evento. No início, a Marcha atingiu 27 cidades e com o tempo, foi tomando uma proporção maior. Nos anos 90, ela chegou ao Brasil. Um pastor que conhecia o Roger Foster estava em viagem no país e indicou o Apóstolo Estevam Hernandes, que é a pessoa mais influente nessa área de eventos, a dar continuidade à Marcha e implantá-la no país. A primeira edição em solos tropicais aconteceu em 1993 e já foi um grande sucesso. Mais de 300 mil pessoas participaram. Foi além de nossas expectativas. A ousadia do Apóstolo Estevam fez com que uma Marcha que deveria reunir em torno de 60 mil pessoas, simplesmente explodisse. O público ocupou os dois lados da Avenida Paulista; desde a Brigadeiro Luis Antônio até o MASP. Foi algo que já começou a fazer história desde sua primeira edição.

³⁴ Texto disponível em: < www.igospel.org.br > Acesso em: 10.fev.2014.

³⁵ Bispo Nacional da Igreja Renascer em Cristo, Geraldo Tenuta Filho, que acompanhou todas as edições do evento.

Redação Marcha para Jesus: Qual foi a experiência mais marcante que o Bispo teve no evento?

Bispo Gê: Todas as edições trazem para a gente experiências marcantes, porque uma Marcha é diferente da outra. Eu acho que até ficaria difícil citar. Mas uma que foi especial mesmo, foi quando o Apóstolo Estevam profetizou em frente à Casa de Detenção de São Paulo de que aquele lugar seria transformado, seria um ambiente sadio para os jovens e no ano seguinte, veio o projeto para demolir a presídio. Hoje, no lugar daquela Casa de Detenção, nós temos hoje o Parque da Juventude. Foi um impacto muito forte, porque meses depois da Marcha, a palavra profética liberada pelo Apóstolo se cumpriu.

Como se pode observar pelas palavras do Bispo Edir Macedo, a adivinhação, ao contrário da profecia, não tem nenhuma garantia de que irá se cumprir, além de ser pecado, pois é buscada em outros poderes (demônios, sinais da natureza) e não em Deus.

Eu estou na fé de... no dia onze profetizar e abençoar vocês... não só eu mas todos os meus companheiros têm autoridade pra isso porque o profeta é aquele que tem o espírito de Deus [...]

E aqui Deus fala pra ele profetizar a esses ossos secos³⁶... fale com esses ossos secos.. não é - veja que a profecia nada tem a ver com adivinhação do futuro nada disso NADA disso... esquece profecia como uma adivinhação do que vai acontecer amanhã. .. Eu por exemplo... eu tenho certeza absoluta absoluta certeza que cada dia que passa vai se tornando pior do que o anterior ... hoje é pior do que ontem e amanhã será pior do que hoje... o mês que vem vai ser pior do que esse mês.... o ano que vem vai ser pior do que esse mês do que esse ano você sabe disso... as coisas que estão acontecendo no mundo mostram isso...

³⁶ A Bíblia diz no livro de Ezequiel, capítulo 37, que o profeta Ezequiel foi levado para um vale e percebeu que havia numerosos ossos secos. Deus perguntou a ele se os ossos secos poderiam voltar à vida e pediu para que Ezequiel profetizasse, ordenando que o espírito entrasse neles para viverem. Enquanto dizia as palavras que Deus havia mandado, Ezequiel ouviu ruídos: eram ossos movimentando-se, uns batendo nos outros e formando corpos. Ele notou carnes crescerem sobre eles e Todos se colocaram de pé, formando um exército. Deus falou para Ezequiel que profetizasse assim na vida de Seu povo, porque, ainda que se considerassem como mortos, o Senhor os reviveria.

eu não preciso dizer que eu estou profetizando não... isso não é profecia isso é um discernimento espiritual o mundo está caminhando para o fim... [...] então profecia não trata do que você .. deve ou não deve fazer... se deve ou se não deve viajar... se deve ou se não deve negociar não... profecia.. profetizar significa você proclamar libertação... Jesus deu autoridade aos discípulos para o quê... curar os enfermos... liberar os oprimidos curar os cegos paráliticos expelir demônios etc deu a autoridade então à medida que eles profetizavam os doentes eram curados Você crê realmente que a fé remove montanhas?

[...]

Vou decepcioná-los. A fé não remove montanhas. Sabe o que remove montanhas? A sua palavra, a sua palavra de ordem dada com fé. [...] Quando você crê nisso, toma posse dessa verdade, o milagre começa a acontecer na sua vida... paráliticos levantavam... à medida que eles profetizavam as coisas aconteciam e é o que acontece hoje quando você chega aqui e o pastor diz seja curado... ele está profetizando... ele não está orando ele está profetizando

[...]

Assim como existem os profetas do mal existem os profetas do bem... existem os profetas cheios do Espírito Santo... Paulo falou eu gostaria que todos profetizassem... profetizar significa abençoar... determinar a bênção de Deus [...]

No exemplo a seguir, retirado da *Folha Universal*³⁷, verifica-se da mesma forma o poder da palavra profética para curar doenças:

Então, o pastor começou a visitar Ricardo no hospital – conversava com ele, proferia boas palavras e fazia orações por ele. Conforme as visitas ocorriam, Ricardo refletia sobre sua enfermidade e concluiu que as palavras do pastor estavam certas.

Em uma das visitas o pastor disse: “Na próxima vez que eu visitá-lo será na sua casa”, uma profecia. E por confiar naquelas palavras, Ricardo recebeu alta e, realmente, a visita seguinte foi no local determinado.

[...]

³⁷ Texto de 15 de março de 2013.

Em um artigo da *Folha Universal*, verifica-se a análise de um fato político sob a ótica da profecia, enfatizando os males que podem ser gerados por palavras negativas, especialmente se forem endereçadas a um povo e a um local sagrados:

Uma palavra pode mudar a vida de uma pessoa tanto para o bem quanto para o mal. É por meio delas que interagimos com os que nos cercam e, conseqüentemente, influenciemos a vida de cada um. Mas algumas palavras são ditas de maneira diferente - são profecias.

Você provavelmente já deve ter visto alguém proferir palavras desse tipo e o que há de especial nelas é que são capazes de se tornar realidade, ou seja, de mudar qualquer situação. Para se ter uma ideia desse poder, em 2010, o ex-presidente da Venezuela Hugo Chavez realizou um polêmico discurso contra o Estado de Israel, local escolhido por Deus. Nele, Chavez dizia: “São eles que patrocinam o terrorismo. Aproveito para condenar novamente, desde o fundo da minha alma e das minhas vísceras, o Estado de Israel.”

O interessante é que Chávez morreu, no dia 5 de março de 2013, vítima de um câncer na região pélvica. Nesse dia, ele perdeu a alma por causa de um câncer próximo às “vísceras”. Isso não parece irônico? ³⁸

Ressalta-se nesse texto que a crítica ao Estado de Israel teve como consequência a morte de Hugo Chaves. Nesse sentido, confirma-se o poder mágico das palavras. Parece que, ao mesmo tempo que os neopentecostais posicionam-se contra as adivinhações, aproximam-se das superstições.

Em sete de junho de 1993, um pastor da Igreja Mundial ressaltou o poder da palavra durante uma palestra a outros pastores da mesma denominação:

Igreja Mundial **Profetize que Deus faz acontecer**- Bispo Eduardo Thompson

Deus às vezes permite que enfrentemos situações difíceis para ver a nossa reação; para que através daquelas situações nós venhamos a conhecer o Seu poder. Se

³⁸ Texto extraído da *Folha Universal*. Acesso em: 4.mai.2014.

você está passando por isso agora, eu lhe digo: tenha bom ânimo, pois não é para a morte e sim para que a glória de Deus seja visto na sua vida!

[...]

Acompanhe a leitura bíblica: “Veio sobre mim a mão do senhor; ele me levou pelo Espírito do Senhor e me deixou no meio de um vale que estava cheio de ossos, e me

Fez andar ao redor deles; eram mui numerosos na superfície do vale e estavam sequíssimos (Ezequiel 37:1,2)

[...]

Quer dizer que até as situações difíceis cooperam para o nosso bem? Sim! Tão-somente permaneça fiel que o Senhor vai lhe honrar! Ele fez isso comigo e faz com todos que n’Ele creem ! Eu pergunto agora: você tem um sonho? Eu já realizei muitos sonhos. Um deles estou realizando hoje, pois há mais de 15 anos saí daqui, do Rio de Janeiro, e viajei pelo mundo pregando o Evangelho. Inglaterra, Grécia e Guiana Inglesa são alguns dos países pelos quais eu passei, e sempre com o sonho de voltar à minha terra.

[...]

Eu pergunto; Deus nos engana? Claro que não! Então, se não houvesse solução para o problema que você está passando Ele não permitiria que esta mensagem chegasse até você ! o médico disse que a doença é irreversível? O nosso Deus diz que não é ! O filho disse que não larga o crack ? O nosso Deus diz que larga sim ! O marido foi embora e disse que não volta? O nosso Deus diz que volta sim! Ele diz a você agora: Tem jeito sim!

[...]

Você está diante de uma crise? Não fique telefonando para os parentes e amigos para se lamentar; não tente buscar uma saída pelos seus próprios recursos, pedindo ajuda aos outros; não pense que o poder público vai resolver alguma coisa para você. Em vez disso, simplesmente use a fé e profetize a sua vitória! Aprenda uma coisa por toda a sua vida: Se você tem comunhão com Deus você é profeta e Ele assina embaixo o que você profetizar ! ³⁹

³⁹ Texto disponível em:< www.impd.org.br> Acesso em:13.nov.2013.

A Igreja Mundial do Poder de Deus também “profetizou” que em 2 anos seria maior que a concorrente Igreja Universal, utilizando como técnica argumentativa a comparação. A partir daí acirrou a disputa entre as duas instituições, fazendo com a IURD reagisse, e a profecia não se cumpriu. Note-se no trecho “chutou” Valdemiro a alusão ao episódio do “chute da santa” protagonizado por um bispo da Universal:

Edir Macedo “chutou” Valdemiro Santiago da TV, diz jornalista

*As programações da Igreja Mundial na Rede TV! podem estar com dias contados*⁴⁰

Imagem 21⁴¹

A Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD) chegou a ter 1.200 horas por mês na TV aberta. O apóstolo Valdemiro Santiago, fundador da denominação, tinha contrato com as emissoras CNT, Band, Rede 21, Rede TV! e Gazeta.

Hoje o religioso conta apenas com 60 horas mensais na Rede TV! por conta de uma estratégia da Igreja Universal do Reino de Deus. Segundo um jornalista escreveu em sua coluna no jornal Folha de S. Paulo, Santiago “pisou no calo” de Edir Macedo quando profetizou que em dois anos, isso em 2012, a Igreja Mundial seria maior que a Universal.

“O líder da Universal decidiu aceitar o desafio e partiu para o contra-ataque. E que contra-ataque”, comenta Feltrin, lembrando da reportagem feita pelo “Domingo

⁴⁰ Texto de Leiliane Roberta Lopes

⁴¹ Fonte da imagem disponível em: < www.iurd.org.br >

Espetacular” acusando Valdemiro Santiago de enriquecimento ilícito e mostrando as fazendas adquiridas por ele no Estado do Mato Grosso.

Além da denúncia em rede nacional, a IURD passou a investir nos canais de TV antes ocupados por Santiago, como foi o caso da Rede 21. A Igreja Mundial ocupava 22 horas diárias na emissora que faz parte do Grupo Bandeirantes. Desde o final de 2013 o mesmo período de horas exibe programas da IURD.

As madrugadas da Band também deixaram de ser da IMPD e passaram para a Universal, o contrato com a TV Gazeta e Santiago também foi encerrado e adquirido pela igreja de Edir Macedo.⁴²

A Igreja Bola de Neve⁴³, muito voltada aos jovens, organiza todos os anos a Conferência Profética:

PASTOR ANTÔNIO CIRILO MINISTRA NA IGREJA BOLA DE NEVE EM SÃO PAULO EM MAIS UMA EDIÇÃO DA CONFERÊNCIA PROFÉTICA.

Todos os anos a Igreja Bola de Neve, sede em São Paulo, organiza a Conferência Profética reunindo líderes e membros do ministério. São mais de 130 igrejas e núcleos espalhados pelo Brasil e mundo afora.

A Conferência Profética 2012 será realizada de 3 a 9 de dezembro com convidados e ministrações especiais na Rua Clélia, 1517, no bairro da Lapa, São Paulo (SP).⁴⁴

De acordo com Mariano, R. R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, ensina os fiéis a utilizarem o poder das palavras:

⁴² Dissidência da Igreja Universal do Reino de Deus, a Mundial é a menos organizada das evangélicas. Foi fundada na cidade de Sorocaba em 1988 pelo Apóstolo Valdemiro Santiago (ex-bispo da IURD). A Mundial já é considerada um grande fenômeno religioso do Brasil. Textos extraídos de < <http://noticias.gospelprime.com.br>> Acesso em: 23.maio.2014.

⁴³ O Apóstolo Rina, depois de uma hepatite, dores muito fortes e uma experiência pessoal com Deus, fundou a Igreja Bola de Neve (uma bola de neve que, começando pequena, virava uma avalanche). Em 2004, a sede foi para a Rua Turiassu, 734, em Perdizes. Em 2010, a sede mudou para o bairro da Lapa, na Rua Clélia, 1517.

⁴⁴ Texto disponível em: <www.santageracao.com.br> Acesso em: 28.nov.2012.

Somos hoje exatamente aquilo que algum tempo atrás consciente ou inconscientemente havíamos declarado que seríamos, e seremos no futuro próximo tudo que agora estamos declarando [...] São as nossas palavras que nos governam, que nos dão saúde, paz, prosperidade e felicidade. São também as nossas palavras que nos fazem derrotados, doentes e miseráveis [...] só conseguiremos aquilo que falarmos [...] temos aprendido que a parte de Deus em relação a nossa cura já foi feita. Hoje somos nós que temos que fazer a nossa parte [...] São unicamente as nossas palavras que nos dão saúde (Curso Fé, lição IX, "As palavras").(MARIANO, 1996, p.30).

O poder da palavra relaciona-se ao que Perelman e Tyteca (2000) consideram um argumento pragmático: um argumento que avalia um ato, um acontecimento, uma regra ou qualquer outra coisa, consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis; transfere-se, assim, todo o valor dessas para o que é considerado causa ou obstáculo. As consequências podem ser presentes ou futuras, certas ou hipotéticas; a influência delas se exercerá ora sobre a conduta, ora unicamente sobre o julgamento.

De acordo com Perelman, o argumento pragmático pode ser fundamentado quer numa ligação causal propriamente aceita, verificável ou não, quer numa ligação conhecida por uma só pessoa, cujo comportamento ele poderá justificar. O argumento pragmático possibilita também passar de uma ordem de realidade para outra, da apreciação dos atos para a pessoa, dos frutos para a árvore, da utilidade de uma conduta para a da regra que a inspira.

Perelman (1999) considera que é nesse mesmo espírito que o sucesso é apresentado como critério de validade. O êxito, a felicidade, a salvação constituem, em grande número de filosofias e de religiões, a justificação capital de seu sistema e de seus dogmas, o indício de uma conformidade com o real, de um acordo com a ordem universal.

A nossa mente é a mente de Cristo e nós somos libertos pelo poder de Deus e agindo Deus não há demônio que possa reter essa união em nome de Jesus é tempo de poder e tempo de liberação

*Toma posse dessa palavra para tua vida e pra tua família, toma posse dessa palavra para os teus negócios e para tua vida espiritual*⁴⁵

Para a Teologia da Prosperidade, o que é falado com fé tem o poder de criar realidades, pois o mundo espiritual, que determina os acontecimentos no mundo material, é regido pela palavra. Em suma, as palavras ditas com fé levam Deus a agir.

De acordo com Martino (2003), é a quebra da linearidade das funções e papéis sociais, dos quais o homem não pode abrir mão, que o levam a buscar a instituição religiosa. A doença, o desemprego, o alcoolismo, as drogas, enfim, todos os tipos de rupturas o levam a essa procura. Assim, a religião surge como forma de o homem adquirir novamente o *status* de “vencedor” que lhe foi tirado por fatos alheios a sua vontade. A frequência a uma instituição religiosa permite ao fiel nortear-se, adquirindo novas forças para fazer com que sua vida retorne à normalidade, superando os fatores de desequilíbrio.

A crença no poder de Deus é transferida para a crença no “poder” de determinados elementos dentro da instituição – geralmente os que tiveram uma “revelação divina”, isto é, algum contato objetivado em experiência sensorial com Deus. Essa transferência do poder – divindade, representante, fiel – permite que este último se sinta ligado a forças poderosas que permitem sua recuperação diante dos fatos acima de seu controle (MARTINO, 2003, p. 36).

Como já observava Durkheim (2003, p.459) em relação à religiosidade do homem “ o fiel que se comunicou com um deus não é apenas um homem que vê novas verdades que o descrente ignora; ele é um homem que pode mais”. Ele sente mais força para suportar e vencer as dificuldades da vida.

⁴⁵ Texto disponível em: <www.igospel.org.br> Acesso em:10.fev.2014.

3.3 A reversibilidade do discurso religioso

Podemos afirmar, com base nas teorias discursivas, que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Ao utilizar a palavra profética, os fiéis acabam ocupando o lugar do bispo ou pastor, assim, eles falam de um “lugar” em que suas palavras têm mais autoridade. Essas posições discursivas são importantes, pois as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam.

Redefinindo a noção de formação discursiva de Foucault, Pêcheux (1990) relaciona-a a uma formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determinando o que pode e deve ser dito. As formações discursivas, portanto, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente.

É preciso não pensar as formações discursivas⁴⁶ como blocos homogêneos . Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes.

Assim, na relação entre texto e discurso, um discurso é uma dispersão de textos que seu modo de inscrição histórico permite definir como um espaço de regularidades enunciativas (MAINGUENEAU, 2000). De acordo com as teorias da Análise do Discurso, o sujeito ocupa várias posições dentro de um mesmo texto, isto é, um texto é atravessado por vários discursos; em um mesmo texto podemos encontrar várias formações discursivas, ou seja, enunciados de discursos diversos. No entanto, essa heterogeneidade adquire uma unidade, em termos de suas

⁴⁶ A formação discursiva é um conjunto de regras anônimas, históricas, determinadas no tempo e no espaço, que definem em uma época e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2007).

dominantes. O locutor constrói a unidade a partir da heterogeneidade, portanto, a unidade do texto é um efeito discursivo.

De acordo com Citelli (1985), uma das formações discursivas mais explicitamente persuasivas é a religiosa:

[...] o paroxismo autoritário chega a tal grau de requinte que o eu enunciador não pode ser questionado, visto ou analisado; é ao mesmo tempo o tudo e o nada. A voz de Deus plasmara todas as outras vozes, inclusive a daquele que fala em seu nome: o pastor. Estamos diante de um discurso de autoria sabida, porém não determinada, visto que a fala do pastor se constrói como verdade não sua, mas do outro, aquele que, por ser considerado determinação de todas as coisas, engloba todas as falas do rebanho. (CITELLI, 1985, p. 39).

Nesse sentido, Citelli (1985) considera que o discurso religioso realiza uma tarefa *sui generis*, enquanto mecanismo de comunicação, pois, se os demais discursos autoritários persuasivos podem vir a revelar a voz do sujeito falante, nele resta apenas a noção de dogma. Deus não fala, dado ser uma realidade imaterial; quem fala em seu nome não é dono do discurso: o pastor é apenas um veículo, porta-voz, no máximo um “interpretador” da palavra do Senhor.

Num feliz achado, Orlandi designa esse processo com o nome de “ilusão de reversibilidade”, ou seja, enquanto no discurso dos homens se abre a possibilidade de ocorrer uma reversão no processo comunicativo (emissores e receptores podem interagir), no discurso religioso tal procedimento se torna impossível. Interagir com quem? Com Deus? Sabemos, no entanto, que isso é impossível, porém ficamos com a “ilusão” do reversível, dado que os representantes de Deus na terra parecem falar por ele. Podemos interagir na melhor das hipóteses, com entidades de segundo grau, os pastores, por exemplo, que, não sendo donos da fala (eles só reproduzem ou interpretam), dão a impressão de serem sujeitos do discurso. (CITELLI, 1985, p. 48).

O critério de reversibilidade, segundo Orlandi (1984), é o que determina a dinâmica da interlocução: conforme o grau de reversibilidade, haverá maior ou menor troca de papéis entre o locutor e o ouvinte no discurso. No discurso autoritário, a reversibilidade tende a zero.

Orlandi (1984) considera que o discurso religioso é aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre - ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu

- é a voz de Deus. Orlandi toma como referência o discurso religioso cristão - especialmente o católico - e afirma que a partir daí poderão ser observadas as formas da religião em geral, ou seja, as diversas maneiras que o homem tem de se relacionar com o sobrenatural.

A autora começa por afirmar que, no discurso religioso, há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do plano espiritual (o sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens). Isso quer dizer que locutor e ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetadas por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o mundo temporal, dotado de poder relativo.

A assimetria caracteriza a tendência para a não reversibilidade: os homens não podem ocupar o lugar de Deus. Há regras estritas no procedimento com que o representante se apropria da voz de Deus: a relação do representante com a voz de Deus é regulada pelo texto sagrado, pela igreja, pelas cerimônias. O representante, ou seja, aquele que fala no lugar de Deus, transmite suas palavras, mas não se confunde com ele. Ligam-se duas ordens diferentes de realidade, a humana e a divina. Entre o humano e o divino mantém-se uma distância que a ação ritual permite que venha a ser transposta sem que venha a ser abolida.

Interpretando-se a fé com referência à assimetria, Orlandi ressalta que a fé não a elimina, isto é, não é capaz de modificar a relação de não reversibilidade do discurso religioso: a fé é uma graça recebida de Deus pelo homem. O homem, com fé, tem muito mais poder, mas como a fé é um dom divino, ela não emana do próprio homem, vem de Deus. Na obra *As Formas do Silêncio* Orlandi reformula suas reflexões sobre a interação homem-Deus:

Ao iniciar suas análises sobre a importância do silêncio no discurso, a autora afirma que se equivocou ao definir o discurso religioso como “aquele em que fala a voz de Deus” (ORLANDI, 1984). Esta definição, segundo a autora, pode ser interessante para o teólogo, mas não para o analista do discurso:

Dessa perspectiva, a do analista do discurso, o que se pode dizer é que o que funciona na religião é a onipotência do silêncio divino. Mais particularmente, isto quer dizer que, na ordem do discurso religioso, deus é o lugar da onipotência do silêncio. E o homem precisa desse lugar, desse silêncio, para colocar uma fala específica: a da sua espiritualidade. Nem por isso a religião deixa de lhe ser fundamental: no discurso religioso, não é apenas o mesmo sempre-homem falando; o que importa é que a religião institui um outro lugar e assim dá um estatuto (e, logo, um sentido) diferente a essa fala. Diferença à qual o homem não é indiferente. Assim, reformulando a definição que havia proposto, eu diria agora que no discurso religioso, em seu silêncio, “o homem faz falar a voz de Deus”.

[...] Chegamos então a uma hipótese que é extremamente incômoda para os que trabalham com a linguagem: o silêncio é fundante. Quer dizer, o silêncio é a matéria significante por excelência, um *continuum* significante. O real da significação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede essa: o silêncio é o real do discurso. (ORLANDI, 1997, p.30,31).

Orlandi analisa a autonomia de vários tipos de discurso. Em relação ao discurso político, constata que há maior independência. O político não é só autônomo em relação à voz do povo como ele pode até mesmo criar, inventar a voz do povo que lhe for mais conveniente, desde que lhe seja atribuída legitimidade. Há, portanto, um grau de autonomia razoável. Em relação ao professor, há uma relativa autonomia, pois, ao incorporar o saber, o professor pode elaborar, manipular, modificar relativamente o saber estabelecido. Em seguida, veremos o que Orlandi afirma sobre o discurso religioso:

[...] o discurso religioso não apresenta nenhuma autonomia, isto é, o **representante da voz de Deus não pode modificá-lo de forma alguma**. Há regras estritas no procedimento com que o representante se apropria da voz de Deus: a relação do representante com a voz é regulada pelo *texto sagrado*. (ORLANDI, 1984, p. 245). (grifo nosso).

Orlandi aborda principalmente o discurso religioso católico e não nos posicionamos em relação a ele porque o escopo de nosso estudo é o discurso religioso neopentecostal. Quanto a este, cremos que apresenta certa autonomia, pois o texto sagrado pode ser utilizado da forma mais conveniente, de acordo com as intenções do produtor do discurso. Por exemplo, pastores, bispos e apóstolos neopentecostais podem colocar em evidência mais alguns aspectos do que outros, escolher certos trechos e não outros, durante o culto, além de interpretá-los de acordo com sua conveniência.

Assim, citações tomadas fora de contexto por vezes são exemplos falaciosos. A ênfase em determinados aspectos de um assunto em detrimento de outros aspectos correlacionados poderá transmitir uma falsa ideia do assunto na sua totalidade. Segundo Orlandi (1997), uma palavra apaga necessariamente outras palavras, e “para dizer é preciso não dizer”. Assim, todo processo de significação traz uma relação necessária ao silêncio; ao se dizer algo, necessariamente, não se dizem “outros sentidos”, isso produz um recorte necessário do sentido. “Dizer e silenciar andam juntos”.

Deve-se lembrar que, para Pêcheux, o discurso é efeito de sentido que se produz nas relações entre os interlocutores, que se constituem mutuamente pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas. E, citando novamente Orlandi

Falar em “efeitos de sentido” é, pois, aceitar que se está sempre em jogo, na relação das diferentes formações discursivas, na relação entre diferentes sentidos. Daí a necessidade do equívoco, do sem-sentido, do sentido “outro” e, conseqüentemente, do investimento em “um” sentido. (ORLANDI, 1997, pp.21-22).

Nascimento (1993) discorda do ponto de vista de Orlandi, que não faz distinção entre discurso teológico e discurso religioso, uma vez que para ela isso não afeta a característica de não reversibilidade. Embora reconheça que os estudos de Orlandi, na sua forma de conceber a constituição do discurso religioso e do discurso teológico tenham aberto perspectivas para a pesquisa sobre esses gêneros do discurso, crê que sua proposta deve ser avaliada e recolocada em discussão.

Nessa perspectiva, o autor considera discurso teológico como aquele em que há uma compreensão ampla de Deus e apresenta grande complexidade. Esse tipo de discurso está articulado metodologicamente com a fé, sua propriedade fundamental e com a amplitude da noção de inspiração a que se submeteu o hagiógrafo no processo de escritura dos enunciados e com as possíveis relações que se instituem entre autoria, a realidade do enunciador, a cenografia e as possibilidades de leitura, interpretação e compreensão dos acontecimentos narrados. Esse discurso não põe em cena um universo de argumentos transcendentais e de provas religiosas dogmáticas, mas como uma prática que se constrói sobre aquilo que tematiza e argumenta, suscita-nos o levantamento de novos caminhos de leitura, interpretação

e de construção de sentidos para esse gênero de discurso. A propriedade fundamental do discurso teológico é a fé. A fé funciona como mecanismo retórico da certeza e de verdade do discurso ou como diria São Paulo em sua Carta aos Hebreus, 1: 1,1 “Fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem”. Já o discurso religioso tem como propriedade fundamental a ritualização.

Esses discursos diferem não somente em termos de sua organização interna e de suas configurações discursivas, como também em relação às suas condições de produção, tendo em vista que exigem marcas linguísticas específicas e mecanismos formais que explicitem o funcionamento de cada um daqueles discursos.

Essa diferença básica deve incluir também a forma como cada um desses discursos delimita sua identidade e estabelece suas fronteiras. Além disso, tal diferença entre aqueles discursos altera uma perspectiva de leitura de cada um deles e coloca em foco pactos necessários para o leitor no processo de construção de novos sentidos.

O autor adverte, entretanto, que distinguir discurso religioso e discurso teológico não significa estar diante de discursos isolados. O discurso religioso, para se constituir, interage com o discurso teológico, constrói-se sobre ele, tomando-o como um interdiscurso, que, no interior de seu funcionamento, se ressignifica, propiciando e delimitando possíveis interações. O discurso teológico migra para o discurso religioso e, no interior desse, engendra novos efeitos de sentido, ou seja, para que o discurso religioso tenha sentido, ele precisa se constituir pelos sentidos já-ditos no discurso teológico, que, na verdade, dialoga com os enunciados que constituem o discurso religioso.

Nascimento (1993) afirma que a propriedade fundamental do discurso religioso é a ritualização. As celebrações do ritual pressupõem um momento e um lugar adequados. Fora desse momento e desse lugar apropriados, o ritual perde o sentido e com isso toda a sua sacralidade. Nessa perspectiva, discorda do ponto de vista de Orlandi, afirmando que o discurso religioso se constrói simetricamente. Pelo ritual religioso, o homem torna as coisas sagradas, reconstruindo o mito, assim, rompe-se a dicotomia e homem e Deus se misturam. O autor propõe ainda mudanças na classificação do discurso teológico e religioso. Afirma que, embora eles não se

misturem, o discurso religioso interage com o teológico, tomando-o como um interdiscurso:

Ao propor a noção de reversibilidade como condição desses gêneros de discurso, dá-nos a impressão que E. P. Orlandi (1987) nega a possibilidade de os discursos se constituírem em suas especificidades. Ainda que aceitássemos que a noção de reversibilidade sustente esses discursos, instalando uma dissemetria de planos, essa perspectiva não nos parece sustentar-se de modo algum nos dias de hoje, se considerarmos, por exemplo, o fato que para os que creem, a encarnação de Deus, por si só, quebra a dicotomia divino-humano. Nesse sentido, os direcionamentos para uma adequada caracterização do discurso religioso e do teológico, como material de leitura e interpretação, devem ser outros [...].(NASCIMENTO, 2009, p.66-67).

Podemos aprofundar essas reflexões a partir das ideias de Cassirer (2004) sobre os rituais:

O culto é a autêntica ferramenta com a qual o homem subjuga o mundo não espiritualmente, mas sim de forma puramente física – a principal provisão que o autor, que o criador do mundo encontrou para o homem, consiste em ter-lhe outorgado as várias formas de culto, através das quais ele subjuga as forças da natureza. [...] Não é mera encenação e espetáculo o que pratica o dançarino que participa de um drama mítico; o dançarino é o deus, *torna-se* deus. Especialmente em todos os ritos de fertilidade, nos quais são celebradas a morte e a ressurreição do deus, sempre volta a se exprimir esse sentimento fundamental de identidade, de identificação real.

O que acontece nesses ritos, assim como na maioria dos cultos de mistérios, não é uma mera *representação* imitativa de um processo, mas é o processo mesmo e sua *realização* imediata. (CASSIRER, 2004, p.79).

Para Cassirer, portanto, o culto é a relação que o homem tem com os seus deuses. Nele o divino não é apenas mediatemente representado e encenado, mas exerce um efeito imediato sobre ele. O sacrifício pode tomar as mais diversas formas, aparecer como oferenda ou purificação, como agradecimento e expiação. O tipo de cerimônia de sacrifício está ligado a regras bem determinadas, a uma rígida sequência de palavras e atos que deve ser mantida para que o sacrifício seja a sua meta.

Assim como o sacrifício, Cassirer (2004) considera que a oração também é destinada a eliminar o abismo entre Deus e o homem. Mas nela é pelo poder da palavra que deve ser suprimida a distância entre os dois, portanto, não mediante algo físico, mas sim simbólico ideal. No entanto, aqui também não há, para os

primórdios da consciência mítico-religiosa, qualquer espécie de limite rígido entre a esfera da existência sensível e a esfera da pura significação. E novamente se pode acompanhar a mesma visão fundamental até os primórdios do cristianismo: também para os padres da Igreja aparece como o verdadeiro objetivo da oração a união e fusão diretas do homem com Deus.

Dentre as formas de ilusão de reversibilidade apontadas por Orlandi (1984), estão a visão, a profecia, a performatividade das fórmulas religiosas, a revelação. Para que esses atos de linguagem se constituam efetivamente em performativos, devem seguir regras: as fórmulas religiosas, para ter validade, devem ser usadas em situação apropriada. Para realizar esses atos, é preciso estar investido de uma autoridade dada, ou pelo menos reconhecida, pelo poder temporal, em condições muito bem determinadas, em situações sociais bastante ritualizadas. Assim, segundo Orlandi, por meio dos performativos, dos rituais e cerimônias, Deus partilha com os homens suas qualidades divinas.

3.4 A relação de reversibilidade no discurso religioso neopentecostal

Quanto ao discurso religioso neopentecostal, especialmente o da IARC, se hoje se constata uma diversidade de gêneros em diferentes mídias cujo escopo é divulgar as ideias de uma determinada denominação religiosa, como pensar a relação de reversibilidade em relação ao homem e Deus? Verificamos que há mais autonomia nesse discursos e, no caso dos neopentecostais, cremos que as próprias mudanças trazidas pela teologia da prosperidade fazem com que as distâncias entre o homem e Deus sejam diminuídas. Dessa forma, cremos que os performativos, no discurso neopentecostal da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, não são formas de ilusão de reversibilidade, mas têm a função de “quebrar” a dicotomia divino e humano.

Segundo Klein (1999), o eixo da relação entre Deus e o homem inverte-se na Teologia da Prosperidade. As janelas do céu devem ser abertas conforme as reivindicações e determinações humanas, reduz-se a ação de Deus aos imperativos dos crentes. As bênçãos recebidas são frutos não mais da graça soberana de Deus, mas da obrigação que Ele tem para com o fiel.

Jadon (2009) aponta que no discurso neopentecostal o homem ocupa o mesmo espaço enunciativo de Deus.

Pudemos observar que o agente religioso católico se coloca não só como intermediador entre o plano espiritual (de Deus) e o plano material (dos homens) mas também como intercessor homem/Deus. Por outro lado se o discurso neopentecostal coloca o agente religioso no mesmo local enunciativo de Deus, cabe-nos registrar que o telespectador da IUIRD também se vê mais próximo do plano espiritual já que não existe o degrau intermediário (normalmente ocupado pelo agente religioso entre ele e o Criador. A ocupação do mesmo patamar enunciativo de Deus demonstra conhecimento e poder, fator que estimula no outro, em alto grau, a fé na Igreja (e em Deus). No discurso católico, no entanto, a presença do padre preenchendo o degrau da intermediação deixa o fiel em uma posição mais afastada do plano espiritual. O padre exerce um poder ambíguo, pois é um porta-voz de dupla função: leva os anseios do homem a Deus e traz a Palavra divina para o homem. Essa estratégia também resulta em um ciclo de dependência fiel/Igreja mais brando do que da IURD, uma vez que o medo, a vergonha e o desespero diante da falta dos valores materiais, paixões constantes no discurso iurdiano não se instalam de forma tão constante contundente no discurso católico. O homem pós-moderno quer ser servido por Deus e não servi-Lo. O Deus da religiões surgidas na pós-modernidade existe para servir e não para ser servido, A fidelidade tem de ser um atributo do criador em relação às suas criaturas e não o contrário, por isso, frente a tantos problemas que a vida apresenta, o homem procurará contar cada vez mais com a servidão do próprio Pai, afinal, **Deus é fiel**.(JADON, p.308,310).

Verificamos também essa mudança na relação com Deus nas próprias palavras de Kenneth Hagin, que popularizou a Teologia da Prosperidade:

Quando o homem nasce de novo, ele toma sobre si a natureza divina e **torna-se, não semelhante, mas igual, exatamente igual em natureza com Deus**. A única diferença entre o homem e Deus torna-se a magnitude , Deus é infinitamente divino e nós ainda finitamente divinos. O crente é uma encarnação de Deus exatamente como é Jesus de Nazaré” [...] **Você não tem Deus morando dentro de você. Você é Deus**. (grifo nosso). (HAGIN, s/d, p.27).

Segundo Mariano (1996), os adversários dessa teologia a acusam de tentar contra a soberania de Deus, já que seus adeptos são instruídos a estabelecer relações com o Todo-Poderoso em que os “verbos como exigir, decretar, determinar, reivindicar frequentemente substituem os verbos pedir, rogar, suplicar.

Para certos pregadores da TP, além do sacrifício de Jesus, os direitos divinos do cristão decorrem do fato de que o homem possui a mesma natureza de Deus e, portanto, igualmente a Ele, goza de autoridade ou poder de, através da palavra, chamar coisas à existência material.

Tradicionalmente, os pentecostais consideram-se vasos ou templos do Espírito Santo. Já alguns pregadores da Confissão Positiva vão bem mais longe, afastando-se muito do protestantismo da Reforma, para não dizer do cristianismo. Afirmam que quando o homem "nasce de novo", ele adquire a própria natureza divina. Logo, torna-se um deus. Mas por que muitos crentes não tomam posse das bênçãos que Deus colocou à sua disposição? Por que há sofrimento, miséria e enfermidade entre os cristãos? Prevenidos quanto às possíveis frustrações, os pregadores da Teologia da Prosperidade alegam que a responsabilidade pelo fracasso é do homem, do Diabo e das legiões de demônios. (MARIANO, 1996 p. 44).

O poder da oração e das fórmulas sagradas são observados por Cassirer:

O poder inerente à oração é de origem e natureza mágicas: ele consiste na coerção exercida pela força mágica da palavra sobre a vontade da divindade. [...] Os hinos e fórmulas sagrados, as canções e metros formam e regem o ser: de seu uso, de sua aplicação certa ou errada depende a forma do curso do mundo. [...] os textos védicos dizem expressamente que o sacerdote se torna Deus na oração e no sacrifício. (CASSIRER, 2004 p.384).

O desenvolvimento posterior da oração vai ultrapassando cada vez mais esse círculo mágico. Assim, através da oração e sacrifício, não somente se fecha o abismo existente desde sempre para a consciência religiosa, mas a consciência cria esse abismo, a fim de então fechá-lo: ela acentua cada vez mais a antítese entre Deus e o homem a fim de, justamente nela, encontrar os meios de superá-la.

Pois a unificação entre Deus e o homem, que constitui o objetivo da oração e do sacrifício, desde o início pode ser compreendida e descrita de modo duplo: nela não apenas o homem se torna deus, mas também o deus se torna homem. [...] O sentido do sacrifício não se esgota em que se faça sacrifício para o deus, mas ele parece destacar-se completamente e revelar-se em sua verdadeira profundidade religiosa e especulativa primeiramente onde o deus é oferecido em sacrifício ou como tal se oferece.

Na medida em que sofre e morre, na medida em que entra na existência física e finita, na qual é consagrado à morte, só então realiza-se, por outro lado, a elevação dessa existência ao divino e sua libertação da morte. (CASSIRER, 2004, p.365).

Entretanto, as fronteiras da Teologia da Prosperidade nas igrejas brasileiras não são rígidas. Silveira (2007) já apontava diferenças no discurso da Igreja Universal da Graça de Deus:

Deus vai me fazer muito rica... nunca faça esse tipo de declaração...se for da vontade de Deus que você seja uma pessoa rica...ele fará...se for da vontade de Deus que você seja uma pessoa famosa...ele fará...mas deixa a vontade de Deus prevalecer na sua vida...não tome nenhuma iniciativa...

Silveira comenta que, analisando o discurso anterior da igreja e esse, sendo clara a diacronia das duas declarações (década de 80 e 2007), é provável que o pregador mudou o modo como apresenta o discurso em relação a ela.

Em 2014 pode ser constatada a ênfase nesse enfoque discursivo no discurso da Igreja Universal: (*Palavra Amiga em 10.dez.2014.*)

[...] Deus sabe o que é melhor para nós [...] não é para servir a si próprio nem ao diabo [...] queremos impor a nossa vontade O que você tem que saber é a vontade de Deus [...] como você vai saber você simplesmente tem ignorado a vontade dele... Ele mesmo orou “Meu pai, se possível , passe de mim esse cálice todavia não seja como eu quero e sim como tu queres (Mateus 26 : 42)

[...] Eu queria me dirigir às pessoas que creem aos que se consideram cristãos a fé que você teve não veio de uma escola não veio por um professor de educação religiosa não veio para você de uma faculdade de teologia nem por conte da Igreja da religião e essa fé que é o poder de Deus para a salvação para uma vida melhor

Na IARC verifica-se um discurso que, ao mesmo tempo em que se baseia na Teologia da Prosperidade, evidencia a submissão à vontade divina:

Você não vai chorar, só vai profetizar comece a falar...a declarar... a profetizar Se os meus pensamentos são bons... vou produzir isso.

Vamos trazer à existência algo que não existe. A Igreja Renascer é uma igreja de milagres, não é TROCA.

Qual é a vontade de Deus? Se o meu filho não estivesse assim, menos pessoas seriam alcançadas. Às vezes a tua vontade não é a melhor vontade. O filho é uma oferta do Senhor.⁴⁷

⁴⁷ Discurso da Bispa Sônia em 8 de junho de 2014.

No encerramento do “Encontro Nacional de Mulheres”, Bispa Sônia afirmou:

*Com a chave da alegria vem a chave da fé “O melhor de Deus está por vir. Se não foi do seu jeito, vai ser do jeito de Deus e vai ser melhor. Deus vai usar aquela luta, aquele choro pra mostrar que você é uma mulher de Deus de verdade, apenas creia”, falou a líder da igreja Renascer em Cristo.*⁴⁸

Em grande parte dos cultos de Celebração da Família, aos domingos, reza-se o Pai Nosso (“seja feita a sua vontade assim na terra como no céu”). Embora se afirme muitas vezes no discurso da IARC que os males são causados pelos espíritos malignos, levando o homem à destruição, o Apóstolo já afirmou em diversos cultos: “Temos que aceitar tudo que vem para nós, mesmo o ruim é para nosso bem”. Afirma-se que os demônios impedem o fiel de ter prosperidade econômica, de alcançar o bem-estar desejado, portanto o Mal deve ser combatido. Por outro lado, procura-se pregar a aceitação da vontade divina. Isso nega a Teologia da Prosperidade, que prega que o homem pode recriar o mundo a seu modo.⁴⁹

3.5 O *ethos* da Igreja Apostólica Renascer em Cristo

A principal finalidade do discurso retórico é a persuasão. Para alcançá-la, o orador deve apresentar provas que façam a audiência aderir à tese defendida. Dentre essas provas, Aristóteles distingue as não técnicas das técnicas. As primeiras são as leis, os testemunhos, os contratos, os depoimentos e os juramentos. As provas técnicas, por sua vez, são de três espécies: a prova lógica ou *logos* (discurso), a prova pelo *ethos* (caráter) do orador e a prova pelo *pathos* (emoção) do ouvinte. Essas são elaboradas pelo orador no instante da elocução, ou seja, são construídas por meios discursivos.

A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso para apresentar uma imagem de si capaz de convencer o auditório

⁴⁸ Discurso da Bispa Sônia em 9 de julho de 2013.

⁴⁹ Discurso de Edir Macedo (Palavra Amiga) disponível em: <www.universal.org> Acesso em: 9.dez.2014.

ganhando sua confiança. O destinatário deve então atribuir certas propriedades à instância que é posta como fonte do acontecimento enunciativo. Esse *ethos* está ligado à própria enunciação e não a um saber extradiscursivo sobre o locutor.

Persuade-se pelo caráter (*ethos*) quando o discurso tem uma natureza que confere ao orador a condição de digno de fé; pois as pessoas honestas nos inspiram uma grande e pronta confiança sobre as questões em geral, e inteira confiança sobre as que não comportam de nenhum modo certeza, deixando lugar à dúvida. Mas é preciso que essa confiança seja efeito do discurso, não uma previsão sobre o caráter do orador. (ARISTÓTELES, 1356^a: p.5-6)

Para construir essa imagem positiva de si mesmo, o orador pode se valer de três qualidades fundamentais: a *phronesis* ou prudência; a *aretè* ou virtude; a *eunoia* ou *benevolência*. Isso pode ser observado logo no início do segundo livro da *Retórica*:

Três são as causas que tornam persuasivos os oradores e a sua importância é tal que por elas nos persuadimos, sem necessidade de demonstrações. São elas a prudência, a virtude e a benevolência. Quando os oradores recorrem à mentira nas coisas que dizem ou sobre aquelas que dão conselhos, fazem-no por todas essas causas ou por algumas delas. Ou é por falta de prudência que emitem opiniões erradas ou então, embora dando uma opinião correta, não dizem o que pensam por maldade; ou sendo prudentes e honestos não são benevolentes; por isso, é admissível que, embora sabendo eles o que é melhor, não o aconselhem. (ARISTÓTELES, 1378: 6-14).

Francisco (1997, p. 94) afirma que o discurso retórico se define em um quadro institucional da cidade, em cujo centro encontramos a atividade de julgar. O destinatário desse discurso assume, por sua vez, um papel bem determinado : o de juiz. Por exemplo, quando se exorta ou se dissuade alguém a fazer algo ao mesmo tempo defende-se diante dele uma opinião e se ataca a oposta. Esse alguém é colocado na condição de juiz, para analisar os dois discursos opostos e escolher a melhor forma de ação. Por outro lado, sempre que alguém fala contra uma proposição, usa o discurso para refutá-la e ao mesmo tempo defende a proposição contrária. O público que o estiver ouvindo será igualmente posto na condição de juiz, desta vez, para verificar qual proposição é a mais razoável - a defendida ou a atacada.

Cícero, na obra *De Oratore* (55 a. C.) , insiste no fato de ser necessário que o *ethos* não seja um fingimento e sim uma construção simultânea do enunciador e da pessoa fora do discurso. Aristóteles considera que, de modo geral, o *ethos* deve atender às regras de simpatia, sinceridade e de sensatez para se obter confiança. E, para isso, são necessárias estratégias eficazes, principalmente de ordem afetiva, buscando sensibilizar aqueles que escutam o orador, para os mínimos detalhes da sua fala. O orador deve causar boa impressão sobre o auditório sem que para isso tenha ligação com sua “personalidade real”. Segundo Chareadeau (2005), o *ethos* não é necessariamente coincidente com o que o destinatário percebe, pois o destinatário pode construir um *ethos* do locutor que este não desejou.

Já na perspectiva de Maingueneau (2005), o *ethos* discursivo é um comportamento e articula elementos verbais e não verbais. Nota-se também que o *ethos* visado pode não ser o *ethos* produzido. O autor ressalta três aspectos importantes: o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala; o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre os outros; é uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica. O ponto de vista defendido por ele permite refletir sobre o processo mais geral de adesão dos sujeitos a um discurso, alargando o conceito de *ethos* em relação à antiga retórica.

A retórica tradicional ligou *ethos* à oralidade em situação de fala pública, mas Maingueneau ampliou seu alcance abarcando todo tipo de texto, tanto os orais como os escritos, articulando aspectos verbais e não verbais. Esse *ethos* recobre não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas ou psíquicas dos estereótipos das representações coletivas. Maingueneau (2008) explica que o *ethos* efetivo é resultado da interação entre o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo. Portanto, para construir a imagem do sujeito que fala (*ethos* efetivo), o enunciatário deve-se apoiar em dados preexistentes ao discurso (*ethos* pré-discursivo) – o que ele sabe *a priori* do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem (*ethos* discursivo).

De acordo com Amossy,

Parece que a eficácia da palavra não é puramente exterior (institucional) nem puramente interna (linguagem). Ela acontece simultaneamente em diferentes níveis. Não se pode separar o ethos discursivo da posição institucional do locutor, nem dissociar totalmente a interlocução da interação social como troca simbólica (no sentido de Bordieu). (...) a posição institucional do orador e o grau de legitimidade que ela lhe confere contribuem para suscitar uma imagem prévia. Esse ethos pré-discursivo faz parte da bagagem dóxica dos interlocutores e é mobilizado pelo enunciado em situação. (AMOSSY, 2011,p.36).

É verdade que essas igrejas esforçam-se para diminuir o crime e a violência. No entanto, esse é um movimento tensivo, que surge, por exemplo, nas contendas relativas aos gays, que alcançam hoje os grupos neopentecostais se deve ao conjunto de todos esses fatores e também ao fato de existirem entre esses grupos aqueles que se dedicam a gerar imagens e produzir eventos políticos religiosos que valorizam a presença evangélica na sociedade. No caso do discurso religioso neopentecostal, há estereótipos que fazem parte do senso comum e que estão muito presentes na mídia: “esses pastores são ladrões”, “essas igrejas só querem cobrar dízimos.”

As marcas identitárias atribuídas aos evangélicos, no entanto, foram progressivamente se transformando. Não somente por efeito das estratégias da IURD e das outras igrejas, mas certamente como efeito de um reconhecimento social mais amplo em virtude da importância que adquiriram.

Há, certamente, várias leituras sobre o significado de ser evangélico hoje no Brasil que são veiculadas pela mídia: nesta não há unanimidade, como sabemos, mas não devemos ignorar certas orientações e tendências que se mostram mais ou menos hegemônicas. Grosso modo, podemos considerar que nos momentos iniciais de irrupção dos “evangélicos” da IURD no espaço público, estes foram objeto de discursos estigmatizantes, e assim rapidamente identificados como uma presença disruptiva, provocadora de conflitos e de desordem. As imagens produzidas pelas redes de televisão (sobretudo a Rede Globo) buscavam descrevê-los como indivíduos fanáticos, movidos pela ignorância e que promoviam a intolerância e o conflito religioso no país. (BIRMAN,s/d, p.238).

De acordo com Plebe (1982), a antiga retórica grega considerava muito mais profícuo para a invenção partir de um antimodelo do que renunciar a um ponto de partida. Uma técnica inventiva típica da escola de Górgias foi a do antimodelo. Ela parte da convicção de que se, na invenção dos nossos conceitos, nos referimos como ponto de partida a um modelo precedente, iremos espontaneamente imitá-lo e, portanto, será difícil dizer algo original.

Perelman (1996) notou como a técnica do antimodelo conjuga a vantagem de estimular a inventividade *a contrario* com a de não excluir a possibilidade de derivar alguma ideia ou algum procedimento parcial precisamente do próprio modelo: “É sabido que a competição desenvolve a semelhança entre antagonistas, que acabam tomando um do outro todos os procedimentos eficazes.” No caso dos neopentecostais, embora haja a tentativa de cristalizar o máximo possível o *ethos* em modelos que deverão ser seguidos pelos outros pastores da denominação e até mesmo de outras denominações, a tensão se estabelece, pois não há fronteiras bem delimitadas.

Charaudeau (2011) afirma que o *ethos* coletivo corresponde a uma visão global, mas à diferença do *ethos* singular, ele é construído apenas pela atribuição apriorística de uma identidade que emana de uma opinião coletiva em relação a outro grupo. É preciso ainda lembrar que a questão da identidade do sujeito passa por representações sociais, uma vez que a visão que a sociedade tem depende dos imaginários coletivos que ela constrói para si. Assim, o *ethos* pode dizer respeito tanto a indivíduos quanto a grupos.

3.6 *Ethos* institucional e mídia

O *ethos* de credibilidade está sendo constantemente atingido e deve ser recuperado pelos pastores e bispos com estratégias para reabilitar a sua imagem e também a da instituição a qual representam. De acordo com Meyer (2007), o *ethos* efetivo do orador deve se amoldar às expectativas do auditório, ou seja, deve haver coincidência entre o *ethos* efetivo e o *ethos* projetivo. O *ethos* efetivo imagina um auditório (*pathos* projetivo). Existe adesão porque há identidade. O *pathos* efetivo

interessa-se pelo *ethos* projetivo. Identifica-se com os valores positivos e recusa os que são considerados negativamente.

O *ethos* da instituição Igreja Apostólica Renascer em Cristo é frequentemente afetado por vários escândalos veiculados pela mídia. Os pastores são então levados a produzir um discurso de justificação para se isentar das críticas ou das acusações que lhes são dirigidas, utilizando os cultos e também a própria mídia, como revistas semanais e programas televisivos. Muitas vezes negam as acusações, julgando-as improcedentes, passando a uma inversão de papéis e tornando-se vítimas (em muitos discursos, por exemplo, a Bispa Sônia afirma que tanto ela quanto o Apóstolo Hernandes foram vítimas de “cenários montados”). Assim, transforma-se o acusador em perseguidor e o acusado em perseguido.

Além disso, é comum as igrejas neopentecostais identificarem a mídia com a perseguição aos cristãos e com as forças demoníacas. Como exemplos, o embate entre a Igreja Renascer em Cristo e a revista *Época* e o embate entre a Igreja Universal do Reino de Deus e a Rede Globo.

Imagem 22

Fonte: Revista *ÉPOCA*- Edição nº 209 de 20.maio.2002.

Imagem 23

Fonte: Revista ÉPOCA. Edição nº 210, de 27 de maio de 2002

Segundo Carranza (2012), no atual campo religioso brasileiro, o demônio é o responsável por todas as mazelas pessoais e sociais, presentes e passadas. Figura central das sociabilidades propostas pela mídia religiosa, é responsabilizado pelas tragédias familiares, fracassos econômicos e pela ausência de milagres na vida cotidiana de todos os fiéis e cidadãos, estes últimos independentemente de acreditarem ou não nele. Nessa interpretação da realidade ligada ao passado, tendo o demônio como fio condutor, a culpa é transferida para um terceiro, ou seja, uma força maléfica sobrenatural. O mal, personificado no demônio, deflagra um discurso competitivo e concorrencial no campo religioso, mostra que se deve lutar contra o demônio.

Dessa forma, há, por um lado, uma evidente tensividade retórica entre essas instituições, minimizada, por outro lado, quando as igrejas neopentecostais utilizam-se da mídia para conquistar cada vez mais adeptos ou para recuperar a imagem. Em reportagem na revista *ISTOÉ*, a Bispa Sônia concede uma entrevista para esclarecer pontos em relação ao período em que esteve presa nos Estados Unidos:

Imagem 24

Fonte: Revista IstoÉ nº 2183, 2011.

Os argumentos dos bispos sustentam-se no *ethos* de honestidade, sua e da Igreja Renascer em Cristo, em contraposição à suposta desonestidade dos jornalistas, por extensão da mídia e até de outros pastores ou igrejas.

A vantagem de haver um grande inimigo a ser combatido é no tocante à unidade do grupo. Como é observável em qualquer situação de guerra, facções contrárias unem-se na luta contra um inimigo comum. [...]. Há a identificação do mal com um único grupo, sem se avaliar por um momento algum quaisquer outras causas da infelicidade humana (MARTINO, 2003, p.147).

Vejamos também, a seguir, trecho de uma matéria veiculada pela Folha IURD, em 9 de dezembro de 2012:

Combate à fé cristã

Uma de suas técnicas para desmoralizar publicamente um determinado homem de Deus, pregador do Evangelho, era criar uma mentira em relação a ele.

Hoje em dia, usam a mídia para acusar continuamente aquele servo de Deus, até que a mentira em relação a ele venha a se tornar verdadeira perante a opinião pública.

Embora a mídia muitas vezes seja considerada “mentirosa”, em outras ocasiões veicula o *ethos* positivo do bispo Edir Macedo:

O interesse da mídia pela Igreja Universal tem seu ápice em 1995, impulsionado por vários episódios: o “chute na santa”; antes dele, a exibição da minissérie “Decadência” (sobre um pastor e uma igreja calcados em Edir Macedo e na IURD); assim a IURD apontava como inimigos a Rede Globo e a Igreja Católica.

Imagem 25

Fonte: Revista IstoÉ, nº 2246, 2012.

3.7 *Ethos* institucional e internet

Como já foi exposto neste trabalho, no discurso neopentecostal, são constantes os testemunhos, ou seja, depoimentos de fiéis que alcançaram bênçãos com as estratégias preconizadas pela igreja, ou seja, são modelos a ser imitados. Os testemunhos valorizam o *ethos* institucional, colocando em relevo os aspectos internos das igrejas.

Testemunhos

Foi na Renascer que eu vivi a palavra liberada numa Ceia de Oficiais de que o Senhor estava liberando apartamentos. Hoje eu tenho meu primeiro apartamento e a minha primeira casa própria com a minha família. Também fui marcada com um voto que fiz ao Senhor de que lhe daria o primeiro salário quando tivesse um emprego e hoje eu trabalho numa multinacional.

Aline da Silva Ramos, Renascer Santos/site oficial testemunhos/ acesso 8 de março 14

Deus falou comigo

Cheguei na Renascer no dia 1º de Junho de 2005, convidado por uma galera. Eu fui e me batizei logo no primeiro dia. Me envolvi com o P.A., ministério do qual faço parte até hoje. Serei ungido diácono na próxima Ceia de Oficiais e o meu desejo é um dia ser um bispo. A Igreja Renascer representa tudo prá mim. Foi onde o Senhor realmente falou comigo, é a visão que verdadeiramente me completa e onde eu tenho pais espirituais.

Caio Felipe, Alto da Lapa

Palavra profética

Entrei na Renascer com 12 anos, hoje tenho 24. Me lembro como se fosse hoje do primeiro culto, do primeiro louvor... Desde aquele dia a minha vida não foi a mesma. Tudo que eu tenho, todos os meus sonhos, todos os meus pedidos de oração realizados, são cumprimentos das palavras proféticas que tenho recebido ao longo desses 12 anos. Uma dos milagres que vivi, foi a cura de fibromialgia, uma inflamação que atinge todos os nervos do corpo e impede os movimentos. Fiquei quase 1 mês sem andar, sem conseguir me movimentar e, numa Noite de Poder, o apóstolo teve a revelação do meu caso, fui à frente, ele orou, e a partir daquele dia meus movimentos começaram a retornar aos poucos, depois de 4 anos de sofrimento. Eu digo que essa é uma história de Amor, de uma aliança irrevogável.”
Letícia Isoni Ribas, Renascer Campo Grande.

A comerciária Ângela Maria Marques da Silva, 53, chega para a conversa e começa a contar sua história de três anos na Igreja Universal, onde, segundo ela, nunca recebeu “a bênção”. “Aqui, com o apóstolo, fui curada de uma hérnia de disco e um

mioma no útero. Quando ele chega, dá para sentir uma presença diferente no lugar”, acredita, reverente.

A mulher abre sua pequena Bíblia e lê a passagem de Mateus 24, onde Jesus afirma que derrubaria o Templo de Jerusalém e o reconstruiria em três dias, numa alusão à sua morte e ressurreição. “Sabe o que é isso? São os falsos profetas. Vê só a Renascer que desabou. Aqui, é diferente”, diz, com orgulho. A tragédia, ocorrida no dia 18 de janeiro, quando o templo-sede da Igreja Renascer em Cristo, também em São Paulo, veio abaixo, provocou a morte de nove crentes. A animosidade demonstrada pelos membros da Mundial é um eco do que é dito em seu púlpito. Em recente programa de tevê, Valdemiro se queixou que o “pastor educadinho” teria articulado com políticos maranhenses para que ele não pudesse usar o ginásio municipal da capital daquele estado, São Luís, para seus cultos. “Mas foi melhor, fizemos na praça e reunimos muito mais pessoas que caberiam no ginásio”, desdenha. Procurada por CRISTIANISMO HOJE para dar sua versão sobre o acontecido, bem como responder às insinuações do líder da Mundial, a Igreja da Graça não retornou os contatos da reportagem. Da mesma forma, a Igreja Universal, embora tenha solicitado que as perguntas fossem feitas por e-mail, não respondeu questionamentos acerca de suposta evasão de seus fiéis em direção à IMPD.

Para fortalecer o *ethos* institucional, os pastores da Renascer apresentam-se como incansáveis, o que é reforçado pelas constantes imagens que são repetidas em todos os meios de comunicação, em uma espécie de onipresença. Utilizam palavras inflamadas, mostram-se ativos, presentes em vários eventos.

Podemos verificar como a internet é um meio de atingir o *ethos* da Igreja de forma positiva ou negativa. Quando desabou o templo da IARC, na Av.Lins de Vasconcelos, na cidade de São Paulo, vários *blogs* emitiram opiniões sobre o episódio, criticando ou lastimando o episódio, inclusive com polêmicas sobre o fato de a tragédia ter acontecido com pessoas fiéis a Deus.

BLOG DO CIRO - **Ciro Sanches Zibordi**⁵⁰

Uma palavra sobre a tragédia na Igreja Apostólica Renascer em Cristo

Concordo que tem havido oportunismo de muitos ante a tragédia da Igreja Apostólica Renascer em Cristo. Ela, em seu espaço, afirma: “É incrível como em meio a tantas vítimas fatais e um sem-número de feridos, alguns em estado grave, no desabamento do teto da Igreja Renascer em São Paulo, a imprensa desvirtua o acidente para se dar lugar a críticas à Igreja e à sua liderança.

Num resgate profundo de matérias que acusam ‘a’ ou ‘b’, eles se esquecem de que pessoas, gravemente feridas, precisam com urgência de socorro médico.

*Já o **Anchieta Campos**, em seu blog, opina: “Olha, mesmo em meio às dores dos familiares que perderam seus entes queridos, não posso me negar de fazer uma pequena observação. A Renascer é uma igreja neopentecostal (a segunda maior deste segmento), e, como tal, dá muita ênfase aos dízimos e ofertas, sendo um fato incontestado que a mesma é uma igreja rica, frequentada majoritariamente por pessoas de consideráveis condições financeiras. Posto isto, não consigo compreender como os seus líderes deixaram tal fatalidade ocorrer. Uma estrutura como aquela que veio abaixo não cai do dia para a noite, mas em consequência de um considerável período de descaso para com a manutenção física.”* (<http://anchietacampos.blogspot.com>, 19.jan.2009).

[...]

Diante do exposto, desejo também propor algumas reflexões acerca da tragédia. Li, na grande rede, inúmeros artigos e comentários pelos quais se afirma, peremptoriamente, que o desabamento do teto da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, em 18 de janeiro de 2009, foi um juízo divino, por conta dos pecados cometidos pelos seus líderes — julgados e condenados pela justiça norte-americana, depois de tentarem entrar com dinheiro não declarado nos Estados Unidos. De fato, eu não descarto essa possibilidade, uma vez que a Palavra do Senhor prevê julgamento de líderes de igrejas e seus membros, nos casos de rebeldia e apostasia (Ap 2.5,16,20-22; 3.3,16; Pv 28.13; 29.1).

⁵⁰ Blog do Ciro de 21 de janeiro de 2009.

Eu, que tenho parentes e amigos congregando na Renascer, observo que muitos membros dessa igreja estão percebendo que alguma coisa está errada. Outrora encantados com a ousadia, o carisma e a versatilidade dos seus líderes, agora estão decepcionados. Por quê? Primeiro, porque, depois que começaram as perseguições (desencadeadas por erros da própria liderança da igreja), um lado idolátrico da igreja tornou-se patente. Bispos e membros se tatuaram com inscrições do tipo “Sou Renascer até morrer”, não observando o que está escrito em Apocalipse 2.10.

Outro fator que tem levado alguns crentes da Renascer a se decepcionarem com a igreja é o fato de os líderes se considerarem acima do bem e do mal. Isso ficou evidente a partir do momento em que eles — depois de tentarem ludibriar as autoridades norte-americanas, entrando com dólares não declarados naquele país - não reconheceram o seu erro. Pelo contrário, preferiram dizer que estão sendo perseguidos pela causa do evangelho.

Por ironia, digo isso com tristeza, a pregação triunfalista dos líderes da Renascer e a sua teologia da prosperidade agora depõem contra eles. Eu acredito que, para um membro dessa igreja — acostumado a ouvir clichês “proféticos”, como “2009 é o ano de muitas vitórias e prosperidade” ou “Este é o ano apostólico em que todas as bênçãos serão derramadas sobre a sua vida” —, é muito difícil aceitar essa terrível tragédia da noite de 18 de janeiro sem revoltar-se. Afinal, ela ocorreu logo no primeiro mês de “O Ano Apostólico de Davi.”

[...]

Outra reflexão. Ouço pregadores e cantores dizendo que o crente que tem promessa não morre. Pergunte aos crentes, em um culto, se eles têm promessas. Todos levantarão as mãos. E aqueles irmãos da Renascer que partiram para eternidade certamente acreditavam ter promessas... Também ouço expoentes triunfalistas afirmando que o crente não morre de forma violenta. Que engano! Embora os anjos do Senhor estejam acampados ao nosso redor para nos proteger (Sl 34.7), isso não significa que sejamos imortais ou que possamos escolher a maneira como partiremos para a glória.

Não cabe a nós dizer que as vítimas fatais da tragédia em apreço estavam em pecado contra Deus, em razão do tipo de morte que experimentaram. Isso é incorrer em erro, cometendo o julgamento calunioso constante de Mateus 7.1,2.

Ademais, Deus não estabelece a maneira como os seus servos morrerão; e nós, conquanto salvos, não somos à prova de bala e imunes a tragédias. De acordo com Hebreus 11, os santos do Antigo Testamento, pela fé, venceram reinos, fecharam bocas de leões, apagaram a força do fogo, escaparam do fio da espada, etc. Mas, por outro, também, pela mesma fé, foram torturados, mortos ao fio da espada, andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados(vv.33-37).

O que nos torna diferentes das pessoas do mundo, nesse caso? A nossa certeza de que pertencemos ao Senhor, quer nesta vida, quer na eternidade (Fp 3.20,21; 1 Jo 3.1-3). Sabemos que Ele está no controle de todas as coisas. Não podia Deus ter livrado da morte o santo Estêvão e os milhares de cristãos, martirizados no período das perseguições imperiais? Na verdade, enquanto Ele contar conosco nesta passageira vida, teremos oportunidade de evangelizar, desempenhar o ministério que Ele nos outorgou, cuidar da nossa família, da nossa profissão... Mas nunca nos esqueçamos de que somos peregrinos e forasteiros (1 Pe 2.11). Estamos hospedados nesta Terra (Hb 11.13).

Finalmente, deixo a minha palavra de condolência às famílias que perderam entes queridos no desabamento da Igreja Apostólica Renascer em Cristo. Não se esqueçam, amados irmãos, do que está escrito em Tessalonicenses 4.16-18: "...os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras."

Mas existem também os ataques de uma instituição à outra. Martino (2003) aponta que referências às demais concorrentes são explícitas, para deslegitimar as instituições paralelas, buscando o monopólio do campo religioso. A visibilidade que alcançam hoje os grupos pentecostais se deve à conjugação de todos esses fatores e também ao fato de existirem entre esses grupos aqueles que se dedicam com afinco a gerar imagens e produzir eventos político-religiosos que valorizam a presença evangélica como a alternativa para a gestão social e moral da sociedade.

Nesse sentido, veja-se o exemplo da transcrição a seguir referente a um vídeo do pastor Silas Malafaia em resposta ao Bispo Edir Macedo sobre a polêmica do “cai-cai” (2011) já citada, neste trabalho, no capítulo sobre o contexto pentecostal:

O bispo no seu blog colocou uma imagem de um pastor na manifestação do espírito Santo e gente caindo pelo poder de Deus ... e colocou um centro de macumba com pessoas caindo e disse... QUAL é a diferença?

[...] se o Diabo usa alguma coisa que se parece não significa que é dele ...porque o maior macaco de imitação é o diabo ...eu vou utilizar as palavras desse bispo... qual é a diferença do sal grosso da tua igreja com o centro de macumba... qual a diferença dos teus pastores vestidos de branco dando passe nos outros e com rosa e vela na mão...vocês são analfabetos em teologia ...não têm nem Mobral pra igreja pentecostal.

[...] há demônios que não incorporam em pessoas... em efésios 6 versículo 10 diz que Satanás comanda Principados ...esses não incorporam em pessoas... esses comandam a programação da rede de televisão de vocês [...] pega dízimo do povo de Deus e compra uma emissora de TV que ao invés de glorificar a Deus é o santo financiando o profano e o podre [...] é duro o que tô falando mas esses demônios vocês não expulsam [...] o lugar que era sítio de pastor pra recreação de pastor virou fazenda...

Alguns bispos da universal são contra o criticado programa “A Fazenda” da Rede Record. Diz-se que foi essa pressão que levou Edir Macedo, durante exibição de “A Fazenda 4”, a dizer aos fieis que fizessem *jejum de informação sem ter contato com nenhum tipo de mídia (TV, rádio, jornal, internet)*.

Por outro lado, a Igreja Universal deixa de ser inimiga (ethos negativo) e torna-se aliada (ethos positivo) para unir as denominações evangélicas contra a Igreja Católica e contra as denúncias do Ministério Público:

Vou comentar a denúncia do Ministério Público ... o grupo cometia estelionato contra os fieis... oferecendo falsas promessas e ameaças de que o socorro espiritual e econômico somente alcançaria aqueles que se sacrificaram economicamente pela igreja

Têm acusações contra eles... eu não tenho nada com isso...não vem querer tocar em igreja evangélica com isso não... que é perseguição religiosa... negócio de divisa... de remessa de dinheiro eu não falo sobre isso... agora isso aqui é um perigo ...vão mexer com a Igreja Católica? vão tocar ? que lá também têm campanhas... lá também tem medalhinhas de bênção...vai tocar? precisamos tá atentos e querem tocar em uma pra quê? Pra tocar nas outras? aí ... meu irmão...vai chamar todo mundo pra briga ...isso é perseguição religiosa⁵¹

Atualmente o argumento *ad hominem* designa qualquer forma de argumentação sobre a pessoa de um adversário. Contudo, no seu sentido mais corrente, um argumento *ad hominem* é um argumento contra o homem: um ataque à pessoa do adversário, mais do que às suas ideias, opiniões ou argumentos. Os principais debates sobre o argumento *ad hominem* centram-se nas questões da sua natureza lógica, do seu carácter falacioso e da sua tipologia.

A credibilidade do pastor ou bispo evangélico é aumentada quando há uma soma do *ethos* de autoridade religiosa com o *ethos* de *pop star*. Com relação ao chamado “argumento de autoridade”, deve-se focalizar certas relações existentes entre “ato” e “pessoa” e que acabam por gerar, por exemplo, situações como a de prestígio. E que seria o prestígio? Uma qualidade atribuída a alguém e cujos efeitos são valorizados e largamente aceitos. Os atos de uma pessoa que goza de prestígio são amplamente reconhecidos a ponto de serem imitados socialmente, quando não incorporados pelos auditórios como critério de valor e medida de julgamento. O argumento de autoridade baseia-se na força de ações e juízos “de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova em favor de uma tese”. Assim, temos a autoridade expressa por pessoas que podem ser tidas como sábias, inteligentes, belas, corajosas, famosas, idolatradas; há também a autoridade expressa por meio de entidades como: partido político, religião, ciência, doutrina.

Perelman analisa algumas das características específicas do discurso “como ato do orador”. Chama atenção para o fato de dificilmente se desligar o discurso da pessoa do orador; de se desligar a mensagem da figura do locutor. Surge, pois, a relação indissociável entre quem diz, o que se diz, a forma como se diz. A relação locutor-

⁵¹ Acesso em: 2.set.2012.

discurso se faz indissociável, portanto, seja em razão da característica pessoal do emissor, do orador, seja pela forma como é estruturada a linguagem em que esse discurso é expresso.

O orador deve “inspirar confiança” para que o discurso não corra o risco de perder a credibilidade. O orador deve assumir a função de mentor, cabendo-lhe aconselhar, dirigir, sem causar sensação de inferioridade no grupo. Conforme ensina a teoria de Perelman, o importante é que o auditório “tenha a impressão de decidir em plena liberdade”.

A pastora Aline Barros, da Igreja Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul, no Rio de Janeiro, desde 1995 já vendeu cerca de 6 milhões de cópias de 27 álbuns e ganhou 4 Grammys latinos (o último em 2011). Ela foi a primeira cantora gospel do país a conquistar um Grammy, em 2004.

No Facebook do Apóstolo Estevam, pode-se constatar que os fiéis postam mensagens enaltecendo o *ethos* do Apóstolo, como fazem os fãs de uma celebridade, enviando mensagens de carinho e admiração:

Andreia Rodrigues ESSE HOMEM É MUITO DE DEUS MEU POVOOOO
27 de março de 2012 às 18:25

Rita De Cassia BL Rondini Como sempre LINDO...
28 de março de 2012 às 16:02

Rita De Cassia BL Rondini VC E A BISPA SÃO UMA GRANDE FONTE DE ÁGUAS Q DESCE DO TRONO DE DEUS...TE AMAMOS BJS.
28 de março de 2012 às 16:04

Maciel Pereira da Silva o melhor progama da tv brasileira que nos edifica e nos poe em contato com Deus para mim e o de best
21 de junho de 2012 às 15:45

Imagem 26 ⁵²

Sophia Arruda Vasconcellos, Katita Herrera, Vanira Noronha e outras 386 pessoas curtiram isso.

Vinicius Reche te amooo paii lindo

5 de agosto às 03:37

Vera Rute Smerieri Silva paizão! t amo!

4 de agosto às 18:05

Suzana Alves Felix Apostolo o senhor está bem diferente nesta foto que senhor tenha uma noite de descanso fiquei com deus

4 de agosto às 14:56

Jairo Dos Santos Logo, logo digital, em nome de JESUS!

4 de agosto às 10:06

Cláudia Pampolini Ta sério demais e o sorriso

⁵² Fonte: Disponível em :<www.igospel.org.br>

[4 de agosto às 09:15](#)

Jeanne Silva Melo Avante Apóstolo!

[4 de agosto às 09:01](#)

João Batista Principe Ligado na gospel

[4 de agosto às 08:29](#)

Simone Patricia Carmo Lindoooooooooooooooooooo

[4 de agosto às 08:15](#)

Diogo Pinheiro Apóstolo sou o noivo da menina que falou de mim no instagram com o senhor...

[4 de agosto às 15:28](#)

Monica Furuno Apostolo faz uma Caravana Apostolica para Holly Land in Orlando!

[4 de agosto às 09:42](#)

No contexto católico, isso também vem ocorrendo. O padre Fábio de Melo já vendeu dois milhões de CDs e 700 mil DVDs e é o sexto maior vendedor de CDs do Brasil. Tem um programa de rádio e faz 100 shows anuais e pelo menos um lançamento de CD ou DVD por ano.

O Padre Marcelo Rossi escreveu o livro “Ágape” em 2010 e que já vendeu 8 milhões de cópias. O DVD “Ágape” é um desdobramento do sucesso do mercado editorial. Inclusive, os fiéis se comportam como fãs que perseguem seu ídolo, como se pode constatar no depoimento dado por Padre Marcelo em matéria “A Rotina dos popstars da fé” na revista ISTOÉ (30 de maio de 2012): “Uma vez, uma senhora me viu dirigindo e começou a me fechar até que eu tive que subir, literalmente, na calçada e parar o carro. Ela desceu, se ajoelhou e pediu uma bênção.” A matéria continua

explicando que, desde então, o padre não dirige mais e conta com um motorista para ajudá-lo a se deslocar.

De acordo com Carranza (2012), a literatura sobre o desenvolvimento do neopentecostalismo no Brasil registra a impressionante rapidez com que as igrejas como a Igreja Universal do Reino de Deus e a Renascer em Cristo se apropriaram do solo urbano. A maneira como disseminaram um imaginário de grandiosidade, de certa forma, revela uma retórica teológico-espacial, afirmando na arquitetura o *ethos* institucional que orienta sua prática proselitista, marcadamente emulatória e concorrencial. Os neopentecostais, ao tentarem construir socialmente seus espaços grandiosos nas cidades, parecem concorrer com a Igreja católica, assentada institucional e espacialmente no meio urbano há muito tempo, revelando-se então uma corrida para a visibilidade social iniciada por ambos segmentos religiosos, num descompasso histórico tradicional.

A vocação para o espetáculo presente nas concepções religiosas, sociais e políticas do pentecostalismo no Brasil, segundo Birman, afirmou-se, de início, pela preferência nunca desmentida em fazer de antigos cinemas, teatros e casas de shows espaços religiosos e ganhou mais alcance quando a conexão entre o palco, o púlpito e o espaço virtual se transformou definitivamente no seu modelo de atuação.

No caso da Renascer, mais do que grandes templos, há a Marcha para Jesus, em São Paulo, e em várias localidades, como a Marcha para Jesus em Johannesburgo e a Marcha para Jesus em Israel. Embora várias igrejas evangélicas participem do evento, a Renascer aparece como pioneira, organizando o evento e por tê-lo trazido da Inglaterra. Isso dá visibilidade à Renascer, enfatizando o *ethos* institucional de “pioneiria”.

Esse *ethos* institucional partilha de uma reapropriação de espaços urbanos na suntuosidade e grandiosidade, materializada nos templos e espaços ocupados, que produzem sentido.

Na interpretação de Campos (1999), os templos da igreja Universal do Reino de Deus (IURD) são na verdade lugares de espetáculo em que, com suas luzes e *performances*, tanto os pastores quanto os fiéis se unem para exteriorizar o sagrado: Recentemente a IURD inaugurou o “Templo de Salomão” cujo custo foi de 680 milhões de reais. De Hebron, em Israel, foram trazidos 40 mil metros quadrados de pedras. Doze oliveiras foram importadas do Uruguai para reproduzir o Monte das Oliveiras. Nas paredes, grandes menorás – candelabros de sete braços.

Imagem 27⁵³

Carranza faz reflexões sobre o *ethos* institucional dos neopentecostais e dos católicos :

Não é difícil deduzir que tanto o Santuário Bizantino quanto o neopentecostalismo são portadores, a sua maneira, de um *ethos* institucional configurador de subjetividades modernas; em seus espaços circulam formas de relacionamento social e orientam-se os “perdidos”, pois neles está a “verdade”, a qual pode ser encontrada pelos fiéis, frequentadores do templo-auditório. Ambos partilham de uma história de reapropriação de espaços urbanos outrora representantes de processos de industrialização, do lazer e da lógica de suntuosidade e grandiosidade, materializada nos templos e espaços fortes – que produzem sentido, que ordenam o caos metropolitano, canalizam certezas –, que se revelam imperativos da necessidade de se firmar socialmente. [...] O santuário Bizantino firma-se como um nítido esforço da Igreja Católica por retomar sua ameaçada representação de maioria cultural, que faz do Brasil o país mais católico do mundo. (CARRANZA, 2012, p.107).

⁵³ Fonte: Templo de Salomão. Disponível em: <www.universal.org>

Na disputa entre as várias denominações, diversos produtos são vendidos nos *sites* das instituições, personificando objetos e facilitando a identificação dos pastores e de bispos com o consumo dessas mercadorias. Os produtos da Renascer têm a marca da Bispa, com o nome “de bem com a vida, programa em que a bispa apresenta reflexões sobre o dia a dia. Inclusive causou polêmica a frase “é para exalar o bom cheiro de Cristo”, que foi veiculada para promover a linha de perfumes da instituição:

Imagem 28 ⁵⁴

Deus faz coisas extraordinárias na vida de quem tem fé

Mulheres adoram estar lindas e cheirosas, não é? Agora, Bispa Sonia Hernandes que sempre deixa as mulheres lindas e De Bem Com a Vida de dentro para fora traz uma grande novidade, a linha de cosméticos “Divinessence – Kit De Bem Com a Vida”.

⁵⁴ Fonte: As imagens 31 a 33 foram extraídas de: <www.igospel.org.br>

Imagem 29

Bispa Sonia Hernandez lança cosméticos para exalar o bom perfume de Cristo

O lançamento da linha aconteceu no último sábado (8) e trata-se de uma linha com perfume, creme hidratante e sabonete líquido. Durante o culto da manhã que Bispa Sonia ministra, ela falou um pouco sobre essa realização “essa linha de produtos vem da bênção da Ceia de Oficiais, que diz que sementes que você nem lembrava que havia semeado iriam frutificar. E não vamos parar por aqui, em breve lançaremos a linha de perfumes para homens, que será o kit do Apóstolo Estevam.

O Kit De Bem Com a Vida é uma ótima opção para presente de natal e já está disponível no site Gospel Bay, e-commerce projetado pela Igreja Renascer em Cristo, por um valor bem acessível. O site oferece embalagem para presente, entrega em qualquer lugar do Brasil e você pode comprar do conforto da sua casa.

Saiba um pouco mais sobre o kit De Bem Com a Vida

Em entrevista ao iGospel, a Bispa Fernanda Hernandez deu alguns detalhes exclusivos sobre o produto.

Veja abaixo:

Todas nos presentearmos no Natal com amor e com alguma lembrança especial, esse ano em destaque, a ideia é presentear nesse com o De Bem Com A Vida. Reunimos qualidade, essências especiais em embalagens exclusivas, para tornar essa comemoração uma celebração à vida.

O produto é de extrema qualidade, o hidratante possui uma textura ótima testada por mim e pela Bispa Sonia pessoalmente.

O perfume da Bispa tem as notas do perfume que ela ama! O fixador é um diferencial no nosso produto, comparado ao mercado nacional.

*Além de ser o presente perfeito esse perfume vem para que durante todo o dia possamos **exalar o bom cheiro de Cristo**, afirmou ela.⁵⁵*

De forma semelhante a Igreja Mundial do Poder de Deus personificou a linha de perfumes com a marca distintiva do Apóstolo Valdemiro : o chapéu de cowboy.

Valdemiro Santiago lança perfumes

Valdemiro assina colônia masculina e a esposa do apóstolo, bispa Franciléia, assina a colônia para mulheres⁵⁶

⁵⁵ Fonte: <www.igospel.org.br>

⁵⁶ Enviado por Michael Caceres, em 20.jan.2014.Disponível em: <www.gpsgospel.com.br>

Imagem 30⁵⁷

O apóstolo Valdemiro Santiago, líder da Igreja Mundial do Poder de Deus, está lançando uma linha de perfumes. O líder religioso já havia lançado toalhas e meias para "abençoar seus fiéis", agora o fundador da IMPD assina o "Essencial by Ap. Valdemiro Santiago", para o público masculino e "Essencial by Bp. Franciléia", para o público feminino, assinado pela esposa do apóstolo, a bispa Franciléia.

O perfume masculino tem na tampa um chapéu de cowboy, igual ao usado pelo religioso, além de ter na embalagem o mapa mundial, símbolo do ministério fundado em 1998.

Em 2012 os fundadores da Igreja Renascer em Cristo, apóstolo Estevam Hernandes e Bispa Sonia Hernandes, lançaram uma linha de cosméticos, incluindo colônias, cremes hidratantes e sabonete líquido.

O lançamento da IMPD faz parte da campanha "Sê Tu Uma Benção", que traz outros produtos além das colônias.

⁵⁷ Fonte:divulgação

Imagem 31

Nota-se que, por meio da publicidade veiculada pela internet, a IARC e outras denominações rompem ainda mais as fronteiras entre o sagrado e o profano, inserindo seus líderes no mercado de consumo, dessacralizando cada vez mais a oferta de objetos religiosos. Dessa forma, o *ethos* institucional religioso aproxima-se cada vez mais do *ethos* da sociedade de consumo, inscrevendo a religião na lógica do mercado.

Campos (2014) chama a atenção para a relação de imitação e padronização que existe entre as várias denominações e o lugar que o diálogo ecumênico ocupa nesse contexto:

A inserção neopentecostal na mídia e a sua presença na política são vistas como expressão de maior visibilidade na esfera pública, aponta para a existência de interesses econômicos e de disputas pelo poder. Assim, a nova mentalidade concorrencial arrasta todos os demais atores do campo religioso interessados na sobrevivência para uma padronização de seus produtos, interesses e estratégias (clonagem). Por tudo isso, nada mais antidialógico e antiecumênico do que a mentalidade ora em vigor no campo religioso contemporâneo. Até porque, se todos estão interessados em vencer a concorrência, que espaço resta para o diálogo ecumênico? (CAMPOS, 2014, p.226-227)

A Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual (ABEME) está lançando um livro que funciona como um guia para os empresários do setor que queiram atender ao público evangélico de forma específica. Uma das razões que explicam tamanha dedicação aos evangélicos está numa enquete realizada pela revista *Cristianismo Hoje*. De acordo com o levantamento, 28,1% dos casais evangélicos afirmaram usar assessórios durante a relação sexual. A média é amplamente superior à dos casais não evangélicos, que ficou na faixa dos 17%. “Para muitos pode ser surpreendente este assunto e para alguns pode parecer até mesmo chocante. Durante muito tempo a sexualidade, o prazer, a religião e Deus não se misturavam”, diz trecho do livro.⁵⁸

Neste capítulo, verificou-se que, em todos os textos selecionados do site da igreja, a visão profética não se encontra apenas nos pastores e bispos, representantes da Igreja, mas está presente também nos fiéis, que podem profetizar e trazer à existência o que não existe. Perelman (2000), ao apresentar os tipos de objetos de acordo, cita o “lugar do existente”, que afirma a superioridade do que existe, do que é atual, do que é real, sobre o possível, o eventual. Aliás, esta parece ser a tônica dos neopentecostais: concretizar o inexistente. Além disso, o capítulo demonstrou que o *ethos institucional* dessa igreja é multifacetado, apresentando, além dos aspectos religiosos, aspectos profanos.

⁵⁸ Texto disponível em: <noticias.gospelprime.com.br> Acesso em: 3.dez.2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os evangélicos não somente crescem em número mas crescem em visibilidade pelo modo como exercem a sua fé. Estão assim visíveis e performaticamente presentes na política, nas manifestações musicais, nos espetáculos religiosos e, por isto tudo, se encontram também na televisão e nos jornais laicos e religiosos do país.

Por meio da análise dos diversos elementos que compõem os textos extraídos do *site* da IARC, observaram-se estruturas sintáticas, seleção do léxico, recursos estilísticos e retóricos, nas funções pragmáticas para compreendermos o modo como o discurso que pesquisamos se textualiza.

Verificamos também que os gêneros textuais do *site* da igreja apresentam argumentos semelhantes que reforçam o posicionamento ideológico da IARC, embora em diversos gêneros, a finalidade seja evangelizar e tanto as técnicas argumentativas quanto o conteúdo apresentado se repitam. Note-se ainda que essas estratégias argumentativas assemelham-se às dos cultos da IARC estudados em minha dissertação de mestrado .

Buscando estabelecer uma tipologia do discurso publicitário, Van Dijk (1992) verifica que um anúncio tem uma forma arbitrária, ou seja, não apresenta um gênero bem delineado (superestrutura) clara e fixa. Ele explica que não se pode deduzir que todos os textos possuem uma superestrutura, mas todo texto coerente apresenta um tema global, quer dizer, uma macroestrutura, mesmo em apenas uma frase. Deduz que a macroestrutura, em alguns casos, é suficiente como estrutura global de um texto. Conclui que, embora os anúncios analisados sejam distintos em alguns aspectos, nota-se, em uma análise semântica global, a mesma proposição subjacente: a compra de um determinado produto.

Assim, segundo o teórico, uma tipologia do discurso não só se baseia nas superestruturas mas também na macroestrutura, nas estruturas estilísticas e retóricas, nas funções pragmáticas e sociais.

É bastante comum, também, que, no lugar próprio de determinada prática social ou cena enunciativa (MAINGUENEAU, 2001) se apresentem gêneros pertencentes a outras molduras comunicativas, com o objetivo de produzir determinados efeitos de sentido. Para tanto, o produtor do texto conta com o conhecimento prévio dos seus ouvintes/leitores a respeito dos gêneros em questão. É a intergenericidade ou intertextualidade genérica, denominada por Marcuschi de “configuração híbrida”, ou seja, um gênero que exerce função de outro gênero, o que dá ao gênero enorme capacidade de adaptação e ausência de rigidez (MARCUSCHI, 1999, p. 21).

Os vários gêneros analisados apresentam, em sua macroestrutura, muitas estratégias argumentativas semelhantes, numa relação isotópica. Nosso objeto de estudo – o discurso religioso em vários gêneros – demonstra que todos esses gêneros contribuem para a realização da mesma função ou propósito: a evangelização. Essa repetição não deixa de ser uma estratégia argumentativa, pois vários formatos de textos pretendem evangelizar, conseguir a adesão do auditório.

Jungblut (2010) comenta que a imensa maioria dos evangélicos que se tornam visíveis na Internet, quer seja em suas próprias comunidades virtuais, quer seja em espaços alheios, parecem fazê-lo com o intuito muito mais de divulgarem sua fé do que de discutirem intramuros seus fundamentos teológicos, litúrgicos etc..

O funcionamento da linguagem se fundamenta na tensão entre processos parafrásicos e processos polissêmicos. Os processos parafrásicos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços do dizer. Regida pelo processo parafrásico, a produtividade mantém o homem num retorno constante ao mesmo espaço dizível: produz a variedade no mesmo. (ORLANDI, 2001, p.28). Ainda segundo Orlandi, o discurso parafrásico repete uma fala já sacramentada pela instituição, o que é típico de um discurso autoritário.

No discurso autoritário, temos a polarização da paráfrase, do lúdico e da polissemia e o polêmico é aquele em que melhor se observa o jogo entre a paráfrase e a polissemia, entre o mesmo e o diferente. O discurso autoritário é o discurso do mesmo. É preciso lembrar que o movimento parafrásico não é o de semelhança

total, pois não há o mesmo no diferente, pois formas diferentes significam diferentemente. A mera repetição já significa diferentemente, pois introduz uma modificação no processo discursivo. Quando se diz a mesma coisa duas vezes, há o efeito de sentido que não permite identificar a segunda pela primeira vez, pois são dois acontecimentos diferentes.

Já no discurso polêmico deixa-se um espaço para a existência do ouvinte como “sujeito”, isto é, deixa-se vago um espaço para o outro (o ouvinte) dentro do discurso. Seria necessário deixar um espaço para a existência do “ouvinte” como sujeito, ou seja, se dispor à reversibilidade, à simetria, saber ouvir, explorar a dinâmica da interlocução, recusando a cristalização do dito e a fixação do seu lugar como ouvinte.

Em nossa análise, verificamos que, por meio do uso da “palavra profética”, também ocorre uma inversão no relacionamento homem-Deus. Nesse discurso, baseado na Teologia da Prosperidade, o homem ocupa o lugar de Deus, pois, por meio da “palavra profética”, emana o poder divino. No discurso da Renascer, o fiel, pela palavra profética, ocupa o lugar de Deus, mas não se instaura a polêmica, já que se repete o discurso sacramentado pela igreja.

Ao utilizar como instrumento a Análise Crítica do Discurso, Van Dijk (2008) conclui que as elites simbólicas, que têm acesso privilegiado aos discursos públicos, também controlam a reprodução discursiva de dominação na sociedade. Embora o autor cite o discurso político, da mídia, da ciência e da burocracia, estendemos ao discurso religioso, até mesmo porque também está muito presente na mídia, o que aumenta seu caráter controlador.

Van Dijk (2008), em suas reflexões sobre as dimensões do poder, considera que as grandes instituições de poder, tais como os governos, os parlamentos, os órgãos públicos, o judiciário, os militares, as grandes empresas, os partidos políticos, os meios de comunicação, os sindicatos, as igrejas e as instituições de ensino podem associar-se com seus “gêneros de discurso específicos, tópicos, estilo e retóricas”.

Em segundo lugar, há a hierarquia tradicional de posição ou *status* dentro dessas instituições e estas implicam diferentes atos de fala, gêneros ou estilos, por exemplo, os que sinalizam autoridade e comando.

No entanto, Van Dijk alerta para o preconceito em relação ao poder, mostrando que a sociedade não funcionaria sem ele:

É um mal-entendido comum dizer que o poder é inerentemente “ruim” e que a análise de discurso e poder é, por definição, uma análise “crítica”. Isso é, contudo, uma concepção bastante limitada, se não tendenciosa, de poder e de ECD. O poder, óbvia e trivialmente, pode ser usado para muitos propósitos neutros ou positivos, como quando pais e professores educam crianças, a mídia nos informa, os políticos nos governam, a polícia nos protege e os médicos nos curam – cada um com seus próprios recursos especiais. (VAN DIJK, 2008, p.27).

Verificamos no dia a dia que a mídia pode reproduzir o discurso religioso, porque o Evangelho deve ser transmitido a todos. Por exemplo, os fiéis compartilham conteúdos dos *sites* nas igrejas. Nessa perspectiva, também de certa forma não exercem o poder? Segundo Charaudeau (2005), a legitimidade é constituída em sua origem para justificar os feitos e os gestos daquele que age em nome de um valor que deve ser reconhecido por todos os membros do grupo. As crenças dão conta do mundo quanto à maneira de proceder à regulação das práticas sociais, ao se criarem normas efetivas de comportamento e também quanto aos discursos de representação produzidos no âmbito dos grupos sociais.

De acordo com Miklos (2012), há uma dupla contaminação entre a esfera do religioso e a midiática, isto é, os formatos midiáticos se apropriam de elementos do ritual religioso, submentendo-os a uma estética própria, e simultaneamente a religião midiatiza-se e a mídia é sacralizada.

Miklos, ao analisar a construção da religiosidade na cibercultura, afirma que “este é um ambiente ideal para a busca do *religare* perdido. Esse aspecto não pode ser desconsiderado quando tratamos da questão da migração da busca da experiência religiosa para o espaço dos meios de comunicação eletrônicos interativos, em especial, da cibercultura. Contrera, 2000) ao citar Miklos , considera que a busca da

experiência de transcendência e do divino se desloca para as outras formas de consumo dos produtos veiculados pela *web*, especialmente os religiosos.

No caso da Renascer, há flexibilidade na relação entre igreja e a mídia: ao mesmo tempo em que se utiliza da mídia para conseguir novos adeptos por meio de suas estratégias argumentativas, rechaça a mídia a partir do momento em que essa prejudica seus interesses, na maioria das vezes, utilizando a estratégia argumentativa de aproximá-la das forças demoníacas.

No contexto tecnológico atual, com objetivo de facilitar a divulgação e o conhecimento de mensagens, as entidades religiosas passaram a disponibilizar, em *sítes* na internet, serviços interativos, informação, agenda, e transmissão ao vivo de cerimônias religiosas. São cada vez mais frequentes missas, cultos, batismos, casamentos e até velórios transmitidos pela internet, comprovando que a rede mundial de computadores tornou-se uma ferramenta comunicacional fundamental de existência e manutenção de atividades religiosas da sociedade atual. No Natal de 1995, foi inaugurado o *site* do Vaticano, que está atualmente entre os mais frequentados do mundo (MIKLOS, 2012, p.42). Diariamente são colocados vídeos a respeito das atividades do Papa e acerca de eventos que acontecem no Vaticano, uma média de uma ou duas notícias por dia.

Jenkins (2012) explica que um número crescente de cristãos tem produzido e consumido sua própria mídia popular, na periferia da indústria de entretenimento comercial. Embora muitos cristãos tenham se sentido alijados dos meios de comunicação de massa, eles dotaram as novas tecnologias como vídeos, televisão a cabo, estações de rádio de baixa potência e a Internet. Decepcionados com a televisão, conservadores culturais criaram suas próprias séries animadas distribuídas em vídeo. Produziram seus próprios romances de ficção científica, terror, mistério, todos eles à venda na Internet. E, alarmados com os videogames modernos, produziram os seus próprios, por exemplo, em que jogadores lutam contra Satanás para resgatar os mártires .

O surgimento de novas tecnologias proporcionou aos evangélicos algum grau de autonomia da mídia comercial, permitindo-lhes identificar e desfrutar produtos mais alinhados à sua visão de mundo.

Na atualidade a tecnologia contribui para que narrativas sejam apresentadas em diversos gêneros nas mais diferentes mídias. Jenkins (2012, p.171), em seus estudos sobre a narrativa transmidiática,⁵⁹ aponta a fragmentação na estrutura narrativa no cinema e analisa que alguns filmes atuais, se comparados a filmes mais antigos, parecem mais fragmentados, ainda que esses fragmentos existam para que os telespectadores possam fazer as suas conexões à sua própria maneira.

Jenkins aponta também que o que se constata na atualidade é uma reelaboração de processos semelhantes em outros contextos espaciais e temporais. Veja-se a observação sobre as narrativas de cunho religioso que apareciam na Idade Média:

Apesar de todas as suas qualidades experimentais e inovadoras, a narrativa transmídia não é inteiramente nova. Veja, por exemplo, a história de Jesus, conforme contada na Idade Média. A menos que se soubesse ler, Jesus não era fundamentado em livros, mas algo que se encontrava em múltiplos níveis de cultura. Cada representação (um vitral, uma tapeçaria, um salmo, um sermão, uma apresentação teatral) presumia que o personagem e sua história já eram conhecidos de algum outro lugar. (JENKINS, 2012, p.172).

Nas narrativas transmídias, há uma intertextualidade de elementos de uma mesma narrativa fragmentada em diversos gêneros textuais e diversas formas presentes em diferentes mídias.

⁵⁹ **Narrativa transmídia** ou **narrativa transmidiática** é aquela que se desenrola por meio de múltiplos canais de mídia, cada um deles contribuindo de forma distinta para a compreensão do Universo narrativo. Mídias diferentes atraem nichos de mercado diferentes, e para atraí-los, o conteúdo se permite alterar um pouco o tom de acordo com a mídia, permitindo não apenas a criação de novos conflitos, histórias e personagens, como também novas maneiras de se consumir e interagir com esse universo. (JENKINS, 2009, p.62).

Nesse novo contexto da tecnologia, é necessário que se elaborem cada vez mais trabalhos que explorem as relações entre religião e mídia.

Nossa pesquisa mostrou que o discurso da IARC não apresenta fronteiras estanques, bem delimitadas: há muita flexibilidade nos gêneros textuais utilizados na evangelização; predomina o discurso da Teologia da Prosperidade, porém muitas vezes há submissão à vontade divina; não há uma relação definida com a mídia: ora é vista como inimiga, ora é vista como aliada. Isso mostra a complexidade do contexto neopentecostal brasileiro, repleto de idiosincrasias. Sugere-se evitar, portanto, análises simplificadoras e generalizantes, que não levem em conta as peculiaridades de cada denominação.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 7ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2001. [1999].

ALENCAR, Gedeon Freire. Pentecostalismo clássico: Congregação Cristã do Brasil e Assembleias de Deus – construção e identidade. In: DIAS, Zwinglio Mota; PORTELA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa (Org). *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, p.167-185, 2013.

AMOSSY, Ruth. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: _____(Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior *et al.* 3ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

_____. *Retórica das paixões*. Tradução de Isis Borges B.da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ARMENGAUD, Françoise. *A Pragmática*. Tradução de Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial 2006. [1985].

AUSTIN, John Langshaw. *Quand Dire, C'est Faire*. Paris, Seuil, 1970. (Título original: How to do things with words).

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, 26. Paris: Centre de Recherches de l'Université de Paris, VIII, p. 91-151, 1982.

_____. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos linguísticos*. Campinas: UNICAM, p. 25-42, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARILLI, Renato. *Retórica*. Lisboa: Presença, 1985.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Retórica, Pragmática e Semiótica. *Revista Linha d'Água*, p.63-71, 1988.

_____. *Teoria do Discurso*. Fundamentos Semióticos. São Paulo: Atual, 1988.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, Tipificação e Interação*. São Paulo: Cortez, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: J. Zahar: 2003.

_____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

_____. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

BENEDETTI, Luiz Roberto. *Templo, Praça, Coração: a articulação do campo religioso católico*. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP/CER, 2000.

BENVENISTE, Émile. O Aparelho Formal da Enunciação. In: *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. Natureza dos Pronomes e da Subjetividade na Linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Ed. UNICAMP/Pontes, 1995.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

BIRMAN, Patrícia. Imagens religiosas e projetos para o futuro. In: BIRMAN, Patricia (Org). *Religião e espaço público*. São Paulo: CNPQ-Pronex Attar Editorial, [s/d], p.235-254.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BRAIT, Beth (Org). Bakhtin. *Dialogismo e Construção de Sentido*. Campinas: Ed.Unicamp, 1997.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 7ª ed. Campinas: Ed. Unicamp, [s/d.].

BRETON, Philippe. *A argumentação na comunicação*. Tradução de Viviane Ribeiro. 2ª ed. Bauru: EDUSC, 2003.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de (Coord.). *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPOS, Leonildo Silveira. A identidade protestante tradicional: os desafios da secularização e do crescimento do pentecostalismo brasileiro. In: DIAS, Zwinglio Mota; PORTELA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa(Org) *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, p.40-60, 2013.

_____. *Teatro, Templo e Mercado*. São Paulo: Vozes-Simpósio Editora e UMESP, 1999.

_____. Protestantismo brasileiro e mudança social. In: SOUZA, Beatriz Muniz; SÁ, Luis Mauro (Org.) *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, p.106-136, 2004.

CARRANZA, Brenda. *Catolicismo Midiático*. Aparecida: Ideias e Letras, 2011.

CARVALHO, Nelly de. *Publicidade e Propaganda: a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática, 1996.

CASSIRER, Ernst. *A Filosofia das Formas Simbólicas*. São Paulo: Martins Fontes: 2004.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação - economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa, MG: Ultimato, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiana Komesu. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008 [2004].

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Tradução de Angela M.S. Correa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Discurso Político*. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Discurso das mídias*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2012.

CICERO. *Retórica a Herênio*. Tradução e Introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo: Ática, 1985.

CONTRERA, Malena Segura. *O mito na mídia: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação*. São Paulo: Annablume, 2000.

CUNHA, Magali do Nascimento. Religiosidade midiática e novos paradigmas de cristianismo e de culto em tempos de cultura gospel. In: DIAS, Zwinglio Mota; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo (Org). *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. 2ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

DECLERQ, G. *L'Art d'Argumenter. Structures Rhétoriques et Littéraires*. Paris: Éditions Universitaires, 1992.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

DUBOIS, Jacques et al. *Retórica Geral*. São Paulo: Cultrix, 1970.

DREHER, Martin Roberto. Protestantes evangélicos: buscando entender. In: DIAS, Zwinglio Mota; PORTELA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa.(Org). *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, p.27-72, 2013.

DUCROT, Oswald. *O Dizer e o Dito*. Campinas: Ed. Pontes, 1987.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P; H.S. Wiesner (Colaborador). *Dicionário das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *O Sagrado e o Profano - a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001. [1957].

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

FARIA, Ana Paula Celestino; SEABRA, Adriana. Introdução. In: CICERO. *Retórica a Herênio*. São Paulo: Hedra, 2005.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *Elementos de análise do discurso*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____.(Org.). A Linguagem em uso. In: *Introdução à Linguística*. I Objetos Teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FOERSTER, Norbert Hans Christoph .*Ciencias Sociales y Religión* (Ciências Sociais e Religião). Porto Alegre, nº 8, p.121-138,2006.

FOLHA UNIVERSAL. *Cansei quero mudar*. São Paulo: Ediminas, ano 20, nº.1029, p.9-15, dez 2012.

FONSECA, Ísis Borges Belchior da. A oratória epidítica na Grécia Antiga: o Evágoras de Isócrates. *Revista Letras Clássicas*, v.4. nº 4, p.51-61.São Paulo: Humanitas. FFLCH - Universidade de São Paulo, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2007.

FRANCISCO, Maria de Fátima Simões. Caráter, emoção e julgamento na retórica de Aristóteles. *Revista Letras Clássicas*, v.4, nº 4, p.91-108, São Paulo: Humanitas. FFLCH – Universidade de São Paulo, 2000.

FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: Da Constituinte ao impeachment*. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Unicamp, Campinas, 1993.

_____. *Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro, 1994.

GIRARD, R. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra - Unesp, 1990.

GRÁCIO, Rui Alexandre Lalandá Martins. *A interação argumentativa*. Coimbra/Braga: Pé de Páginas Editores, 2010.

_____. *Para uma teoria geral da argumentação: questões teóricas e aplicações práticas*. 2011, 446 f. Tese. (Doutorado em Ciências da Comunicação). Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Lisboa, 2011.

GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÈS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1989.

_____. FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: Dos Estados de Alma*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

GRIGOLETTO, Marisa. *A resistência das palavras: discurso e colonização britânica na Índia*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

HINN, Benny. *Rise and be healed*. Orlando (Flórida). USA: Celebration Publishers Inc, 1991.

ISTOÉ. *Como vivem os astros da fé*. São Paulo: Editora Três, nº 2220, 30 de maio de 2012.

JADON, José Carlos. *Sucesso e salvação - estudo semiótico e comparativo entre os discursos televisivos das igrejas Universal do Reino de Deus e Católica Apostólica Romana do Brasil*. 2009. Tese (Doutorado em Semiótica), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2012.

JÚNIOR, Manuel Alexandre. Introdução a Aristóteles. *Retórica*. 3ªed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KLEIN, A.C. A. *Culto e Mídia: os códigos do espetáculo religioso*. 1999. Dissertação. de Mestrado. PUC, São Paulo, 1999.

_____. *Imagens de Culto e imagens da mídia: interferências midiáticas no cenário religioso*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *Argumentação e linguagem*. 2ªed. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. 9ªed. São Paulo: Contexto, 1998.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago, The University of Chicago Press, 2003 [1980].

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida*. Ensaios de sociossemiótica. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC, 1992.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed.34, 1999.

LINDSTRON, Martin. *A lógica do consumo: verdades e mentiras sobre por que compramos*; tradução Marcello Lino. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LYOTARD, Jean- François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

LUCA, Tania Regina de. *Indústria e trabalho na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª ed. São Paulo: UNICAMP, 1997.

_____. *Termos-chave da análise do discurso*. Tradução de Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

_____. *Análise de textos de comunicação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do Ethos*. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Gênese dos Discursos*. Tradução de Sírío Possenti. São Paulo, Parábola Editorial. 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *A Análise da Conversação* São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3ªed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. *Análise Sociológica do Crescimento Pentecostal no Brasil*. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Mudanças no Campo Religioso Brasileiro no censo 2010. *Debates do NER* Porto Alegre, nº 24, ano 14, p.119-137, jul-dez, 2013.

_____. *Os neopentecostais e a teologia da prosperidade*. Revista *Novos Estudos* nº.44, CEBRAP, p.24-44, 1996.

MARTIN, Dreher. Protestantes-evangélicos: buscando entender. In: DIAS, Zwinglio Mota; PORTELA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa.(Org). *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, p.20-27, 2013.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia e Poder Simbólico*. São Paulo: Paulus Editorial, 2003.

_____. *Teoria das Mídias Digitais: linguagem, ambientes, redes*. Petrópolis: Vozes, 2014.

MATOS, Alderi Souza de. Raízes históricas da teologia da prosperidade. *Em Ultmato*, Viçosa, nº 313, p.46-48, julho-agosto de 2008.

MAZIÈRE, Francine. *A Análise do Discurso: história e práticas*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica. In: SOUZA, Beatriz Muniz; SÁ, Luís Mauro(Org.) *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, p.49-79, 2004.

MEYER, Michel. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Tradução de António Hall. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. *A retórica*. Tradução de Marly N. Pires. Apresentação e revisão técnica Lineide do L. S. Mosca. São Paulo: Editora Ática, 2007.

MILLER, Carolyn R. Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre. In: FREEDMAN, Aviva; MEDWAY, Peter (eds.). *Genre and the New Rhetoric*. London: Taylos; Fracis, p. 67-78, 1994.

MIKLOS, Jorge. *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na Cibercultura*. Aparecida, São Paulo: Editora Ideias e Letras, São Paulo, 2011.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Espaço tensivo da controvérsia: uma abordagem discursivo-argumentativa. *Revista de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH)/ Universidade de São Paulo, v. 9, p.293-310, 1997.

_____. Subjetividade e formação de opinião na mídia impressa. In: GHILARDI, M.I e BARZOTTO, V.H. (Org). *Nas telas da Mídia*. Campinas. Ed. Alínea/ALB, p.9-22, 2002.

_____. A vitalidade da retórica: atravessando os séculos. In: *Revista Língua e Literatura*. São Paulo: Departamento de Letras da Universidade de São Paulo - USP - São Paulo, n. 27, p. 147-167, 2003.

_____. O Estatuto das Palavras em Vieira na Expressão do Profetismo. In: *Revista do GEL* n3, p.9-23, 2004.

_____. *Retóricas de ontem e de hoje*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas, 2004. [1997].

_____. A teoria perelmaniana e a questão da afetividade. In: CHAGAS, Eduardo Oliveira.(Org.). *Chaïm Perelman: direito, retórica e teoria da argumentação*. Feira de Santana: Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia /Universidade Estadual de Feira de Santana, p.129-140,2004.

_____. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas, 2004.

_____. (Org.) *Discurso, argumentação e produção de sentido*. São Paulo: Humanitas, 2006.

MUHANA, ADMA. Elogio de Górgias. *Revista Letras Clássicas, São Paulo*, v.4, nº 4, p.33-50, Humanitas FFLCH/Universidade de São Paulo,2000.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. *O Discurso religioso Católico: um estudo linguístico do rito matrimonial*. São Paulo: EDUC, 1993.

NASCIMENTO,SAYEG-SIQUEIRA, João Hilton; FERREIRA, Luiz Antonio; NASCIMENTO, Edna Maria F.S. *A Parábola do Filho Pródigo*. São Paulo: LPB, 2009.

NICHOLS, Robert Hastings. *História da igreja cristã*. Tradução de J. Maurício Wanderley. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

OLIVA, Margarida. *O diabo no "Reino de Deus": por que proliferam as seitas?* São Paulo: Musa Editora, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as Formas do Discurso*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1984.

_____. (Org) *Palavra, Fé e Poder*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *As formas do silêncio: os movimentos dos sentidos*. 4ªed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 3ªed. Campinas: Pontes, 2001.

ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto. O comércio e o consumo de artigos religiosos no espaço público de Porto Alegre (RS). In: BIRMAN, Patrícia (Org). *Religião e espaço público*. São Paulo: CNPQ/Pronex Attar Editorial, [s/d], p.309-332,2003.

OWENS, Robert. O avivamento da Rua Azuza: o movimento pentecostal começa nos Estados Unidos. In: SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Editora Vida, 2009.

PASCAL, Blaise. *A arte de persuadir*. Pascal. Precedida de A Arte da conferência de Montaigne: Tradução de Rosemary Costhek Abílio e Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *L'Inquiétude du discours*, Textos de M,Pêcheux sel. Apresentação de Denise Maldidier. Paris: Éditions des Cendres,1990.

PERELMAN, Chaïm. *O império retórico*. Tradução de Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Lisboa: Edições Asa, 1993.

_____.OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*. A nova retórica. Trad. Maria Ermantina de A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1958].

_____.*Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, [1989].

PIERUCCI, Antonio Flavio. Secularização e declínio no Catolicismo. In: SOUZA, Beatriz Muniz; SÁ, Luís Mauro (Org.) *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, p.13-21,2004.

PLANTIN, Christian. *A argumentação: histórias, teorias, perspectivas*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PLEBE, Armando. *Breve história da retórica antiga*. Tradução de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU, 1988. [1968].

PORTELLA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa. *Protestantes, Evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. 2ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

PRANDI, R. Religião Paga, Conversão e Serviço. In:_____ *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1991].

ROMEIRO, Paulo. *Evangélicos em crise: decadência doutrinária da Igreja Brasileira*. São Paulo, Mundo Cristão, 1995.

_____. *Evangélicos em crise: decadência doutrinária da Igreja Brasileira*. São Paulo, Mundo Cristão, 1995.

SEARLE, John Rogers. *Os atos de fala*. Um ensaio de filosofia de linguagem. Coimbra: Liv. Almedina, 1981 [1969].

SELIVON, Márcia. *O discurso da Igreja Renascer em Cristo: uma abordagem dos valores e das estratégias argumentativas*. 2004. 193 p. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. Valores, ideologia e estratégias argumentativas no discurso religioso. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org). *Discurso, argumentação e produção de sentido*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, p.47-59, 2006.

SERAFIM, Maurício Custódio. *Sobre esta Igreja edificarei minha empresa: organizações religiosas e empreendedorismo*, 2008. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008.

SIEPIERSKY, Carlos Tadeu. Fé, marketing e espetáculo: a dimensão organizacional da Igreja Renascer em Cristo. *Revista de Ciências Sociais*, PUC-RS, Civitas, v.3, nº1, junho 2003.

_____. *O sagrado num mundo em transformação*. São Paulo: ABHR, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: _____ (Org.). *Identidade e Diferença*. Campinas: Pontes, 2000.

SILVEIRA, Marcelo. *O discurso da Teologia da Prosperidade em Igrejas Evangélicas Pentecostais: estudo da retórica e da argumentação no discurso religioso*. 2007, 221f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SYNAN, Vinson. As igrejas holiness Pentecostais. In: _____ *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Editora Vida, p.135-204, 2009.

_____. Raízes Pentecostais. In: _____ *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Editora Vida, p.30-58, 2009.

_____. O século do Pentecoste: visão geral. In: _____. *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Editora Vida, p.15-19, 2009.

SOUZA, Beatriz Muniz; SÁ, Luís Mauro (Org.). *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004.

STROHL, Henri. *O pensamento da reforma*. Tradução de Aharon Sapsezan. 2ª ed. São Paulo: ASTE, 2004.

_____. *Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

TRINGALI, Dante. *Introdução à Retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e Poder*. Judith Hoffnagel e Karina Falcone (Org.) Tradução de Judith Hoffnagel et al. São Paulo: Contexto, 2008.

WAGNER, Peter. *Por que crescem os Pentecostais?* São Paulo: Ed. Vida, 1988.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Blog do Ciro. Disponível em: < www.cirozibordi.blogspot.com.br > Acesso em: 25.nov.2014.

Igreja o Brasil para Cristo em Parque São Jorge. Disponível em: <www.obrasilparacristo-psj.com.br> Acesso em: 20.nov.2013.

Igreja Internacional da Graça de Deus. Disponível em: <www.ongrace.com> Acesso em: 25.nov.2014.

Marcha para Jesus. Disponível em: < www.marchaparajesus.com.br > Acesso em: 28.nov.2014.

Notícias Gospel- *Canal do Portal Gospel Prime sobre o mundo cristão*. Disponível em: <www.noticias.gospelprime.com.br> Acesso em: 27.dez.2014.

Portal Gospel de Notícias Evangélicas. Disponível em: < www.noticiasgospel.com > Acesso em: 25.nov.2014.

Portal da Igreja Mundial do Poder de Deus. Disponível em: <www.impd.org.br> Acesso em: 25.nov.2014.

Portal da Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em www.universal.org Acesso em: 31.mar.2014

Primeira Igreja do Evangelho Quadrangular. Disponível em: <www.quadrangular.com.br> Acesso em: 24.set.2013

Site oficial da Igreja Renascer em Cristo. Disponível em: <www.igospel.org.br> Acesso em: 22 de março de 2014.

Revista Época. Edição nº 209 de 20 de maio de 2002.
Disponível em <<http://epoca.globo.com>>

_____.Edição nº210 de 27 de maio de 2002.
Disponível em <<http://epoca.globo.com>>

Revista ISTOÉ. Edição nº2293 de outubro de 2013. Disponível em
<www.istoe.com.br>

TOLEDO, José Roberto de. *Evangélicos turbinam projeto de “terceira via” com Marina*. Política Eleições. São Paulo, 28.ago.2014 Disponível em
<www.estadao.com.br> Acesso em: 12.out.2014.

ANEXO A - NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO – NURC

Ocorrências	Sinais	Exemplificação*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh:: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	eo Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	{ ligando as linhas	A. na { casa da sua irmã B. sexta-feira? A. fizeram { lá... B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	""	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRRElra entre nós"....

Observações

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, ta* (não por *está: tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (*alongamento e pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido na *Introdução*.